



**O SER E O ESTAR CATADOR:
EXPERIÊNCIAS SOCIAIS NO TRABALHO E NAS TRAMAS URBANAS**



ARI ROCHA DA SILVA

2018

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
NÍVEL DOUTORADO**

ARI ROCHA DA SILVA

**O SER E O ESTAR CATADOR:
experiências sociais no trabalho e nas tramas urbanas**

São Leopoldo

2018

Ari Rocha da Silva

O SER E O ESTAR CATADOR:
experiências sociais no trabalho e nas tramas urbanas

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Marília Verissimo Veronesse

São Leopoldo

2018

S586s Silva, Ari Rocha da.

O ser e o estar catador: experiências sociais no trabalho e nas tramas urbanas / Ari Rocha da Silva. – 2018.

345 f. : il. color. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, São Leopoldo, 2018.

“Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marília Verissimo Veronese.”

1. Catadores de lixo – Passo Fundo (RS). 2. Trabalho. 3. Lixo – Eliminação – Aspectos sociais. I. Título.

CDU 3-058

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Bruna Sant’Anna – CRB 10/2360)

Ari Rocha da Silva

O SER E O ESTAR CATADOR:
experiências sociais no trabalho e nas tramas urbanas

Tese apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Doutor, pelo
Programa de Pós-Graduação em Ciências
Sociais da Universidade do Vale do Rio
dos Sinos - UNISINOS.

Aprovada em 16 de março de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Marília Veríssimo Veronese (Orientadora)
Universidade do Vale do Rio dos Sinos / UNISINOS

Prof. Dr. Luiz Inácio Germany Gaiger
Universidade do Vale do Rio dos Sinos / UNISINOS

Prof. Dr. José Rogério Lopes
Universidade do Vale do Rio dos Sinos / UNISINOS

Prof. Dr. Marco André Cadoná
Universidade de Santa Cruz do Sul / UNISC

Prof^a. Dr^a. Adriana Facina Gurgel do Amaral
Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ – Museu Nacional

Aos catadores de materiais recicláveis,
representados pela pessoa do
“Seu” Chicão (*in memoriam*),
catador de livros e de possibilidades,
nos lugares ordinários, vividos e transpassados.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é compartilhar experiências, é fazer ligações, é exaltar trajetórias conjuntas ... é saber a dimensão daquilo que se fez e ter a certeza de que não se fez nada sozinho. Foram muitas pessoas que participaram do processo de construção desta tese e, obviamente, fica impossível nomear a todos. Porém, formalmente, gostaria de agradecer:

A importante ajuda no repasse de informações do Projeto Transformação na pessoa de Volnei Fortuna, Anna Caroline Ferrari e Lizione Dal’Piazi. Sem o apoio dessas pessoas e pela “abertura de portas” das cooperativas de catadores de Passo Fundo, este trabalho teria muitas lacunas e dificuldades de ser apresentado na forma em que foi configurado.

Ao geógrafo e funcionário da Secretaria do Meio Ambiente de Passo Fundo, Glauco Polita, por sua atenção e disponibilidade em acompanhar-me nos primeiros campos desta pesquisa, adentrando comigo em comunidades em que havia muitos catadores e apresentando-me a trabalhadores que foram fundamentais para este estudo.

Ao amigo e camarada Prof. Dr. João Carlos Tedesco, por seu olhar metódico e suas críticas sempre construtivas, na hora certa. A ele também devo o sentimento de sentir-me mais integrado a Passo Fundo, pois foi sempre uma pessoa acolhedora, generosa e incentivadora de minhas capacidades como pesquisador e docente.

Aos Professores do PPG em Ciências Sociais / Unisinos, Prof. Dr. José Rogério Lopes, Prof^a. Dr^a. Adriane Ferrarini e Prof^a Monika Dowbor por suas excelentes aulas, diálogos nos corredores e compartilhamento de experiências investigativas. A todos os mestres que ajudaram a forjar minha constituição intelectual, sempre guardarei um especial carinho e gratidão.

Aos colegas do PPG em Ciências Sociais / Unisinos, pares de uma mesma aventura de trabalho e estudo, pela troca de ideias e companheirismo, aqui representados pelos amigos Anelise Gregis Estivalet e Rodrigo Leistner.

Aos meus queridos irmãos de sangue Ana Maria Rocha da Silva e Marcelo Rocha da Silva e ao meu querido irmão que a vida nos conectou, Luiz Cláudio da

Roza Silva, por me acolherem em suas casas e pelos múltiplos apoios e ensinamentos recebidos ao longo de minha trajetória de vida.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelas bolsas de estudos no Brasil e do doutorado sanduíche na Espanha, que proporcionaram a minha integral dedicação ao estudo e à produção deste trabalho (*processo número 88881.132736/2016-01*).

Ao *Centre d'Estudis Sociològics sobre la Vida Quotidiana i el Treball* (Quit), da *Universitat Autònoma de Barcelona* (UAB), pelo acolhimento e pela atenção recebida durante meu período de estudos do doutorado sanduíche nos meses de abril a julho de 2017, em especial aos professores Dr. Joan Miquel Verd Pericàs (diretor) e Joel Martí Olivé (supervisor do estágio).

À disponibilidade e ao carinho dos professores Horácio Capel (Universitat de Barcelona), Carme Bellet Sanfeliu e Pere Enciso (Universitat de Lleida), por me receberem em suas universidades e compartilharem seus estudos, questionando e promovendo a minha reflexão.

A minha caríssima orientadora Prof^a Dr^a. Marília Veríssimo Veronese, por dividir comigo esta grande aventura em busca da compreensão daquilo que nos importa, a força das práticas e do singelo da humanidade.

A professora Adriana Facina Gurgel do Amaral e aos professores José Rogério Lopes, Luiz Inácio Gaiger, Marco André Cadoná, integrantes da banca de defesa da tese por suas estimadas contribuições ao trabalho defendido.

Aos meus queridos pais, Ari Teixeira da Silva e Iolanda Rocha da Silva (*in memoriam*), que não estão mais entre nós, mas estão dentro daquilo que sou e ainda posso ser, corpo, símbolo, reflexão, transpiração. Obrigado meus velhos, este trabalho ficará para sempre, assim como vocês, na essência de quem o produziu.

Em especial, à minha família, ao meu querido filho Max Cardoso da Silva e a minha querida filha Alana Luiza Spinelli da Silva, pela confiança, pelo amor e incentivo incondicional. E, igualmente, a minha companheira, Juçara Spinelli, por seu exemplo de amor pelo que faz e sonha ainda em realizar. Sem eles este trabalho não seria possível.

Blowin in the Wind
(Bob Dylan – versão: Zé Ramalho)

Quantos caminhos se têm que andar
Antes de tornar-se alguém?
Quantos dos mares temos que atravessar
Pra poder, na areia, descansar?
Quantas mais balas perdidas voarão
Antes de desaparecer?

Escute o que diz
O vento, my friend
O vento vai responder.

RESUMO

Esta tese tem por objetivo compreender as lógicas das ações sociais de atores que participam da execução do trabalho da reciclagem do lixo na cidade de Passo Fundo (RS), especificamente catadores de materiais recicláveis, sejam eles associados a empreendimentos cooperativos ou trabalhadores individuais que catam nas ruas dessa cidade. A proposta de pesquisa fundamenta-se na possibilidade de estudar experiências concretas de trabalhadores no sentido de exemplificar dinâmicas relacionais em uma sociedade complexa. Os sujeitos em questão são definidos como atores sociais tendo em vista construir suas relações a partir de suas ações, entre Ser e Estar catador, nos espaços-tempos que integram e nos quais negociam suas práticas e interesses. O aporte teórico relativo a esta reflexão tem interface com a Sociologia das Experiências de François Dubet e dos conceitos analíticos de disposição social e tática, de Bernard Lahire e Michel de Certeau, respectivamente. Condensamos, assim, um teor analítico consubstanciado numa praxiologia dos atores sociais em suas lógicas de integração, estratégias/táticas e subjetivação social, pois determinados eventos e processos sociais podem ser também compreendidos frente a atitudes e disposições que amejam ao longo da vida. Nosso levantamento empírico foi constituído mediante a aplicação de 120 questionários socioeconômicos junto a este público de trabalhadores urbanos, com vistas a traçar um panorama exploratório do campo de estudo e, diante disso, da observação de determinadas características que igualam e diferenciam os indivíduos em questão. Num segundo momento, realizamos 22 entrevistas narrativas com atores selecionados desse estrato, visando compreender suas ações sociais frente as suas lógicas e trajetórias de vida. O estudo também nos possibilitou realizar observações diretas com o intuito de compreender as condições e realidades vivenciadas no interior desse segmento social. Coube-nos considerar, enfim, que os catadores em Passo Fundo são sujeitos muito heterogêneos em suas práticas e atitudes. Ao mesmo tempo, os consideramos como sujeitos eminentemente mutáveis do ponto de vista de seus deslocamentos e de como desenvolvem ajustes a fim de integrar-se à sociedade abrangente que os acolhe em determinados momentos e os diferencia e os afasta em outros.

Palavras-chave: Trabalho. Atores Sociais. Vida Cotidiana. Catadores. Passo Fundo.

ABSTRACT

The purpose of this thesis is to understand the logic of the social actions of actors who participate in the execution of garbage recycling work in the city of Passo Fundo, RS, specifically collectors of recyclable materials, whether they are associated with cooperative enterprises or individual workers who collect on the streets of the city. The research proposal is based on the possibility of studying tangible experiences of workers in order to exemplify relational dynamics in a complex society. The individuals concerned are defined as social actors in order to build their relationships from their actions, between to be a collector and being a collector, in the spaces-times that integrate and negotiate their practices and interests. The theoretical contribution related to this reflection has an interface with the Sociology of Experiences by François Dubet and the analytical concepts of social and tactical provision, by Bernard Lahire and Michel de Certeau, respectively. Thus, it was condensed an analytical content embodied in a praxisology of social actors in their logics of integration, strategies / tactics and social subjectivation, since certain social events and processes can also be understood in the face of attitudes and dispositions that affect throughout life. This empirical survey was constituted through the application of 120 socioeconomic questionnaires along this public of urban workers, with a view to tracing an exploratory panorama of the study field and, on the face of it, the observation of certain characteristics that equal and distinguish the individuals concerned; in a second moment, it was carried out 22 narrative interviews with selected actors of this stratum in order to understand their social actions in face of their logics and life path. The study also allowed us to make direct observations in order to understand the conditions and realities experienced within this social segment. It should be considered, at last, that the collectors in Passo Fundo can be considered very heterogeneous individuals in their practices and attitudes, however, it is also necessary to consider them, overall, as subjects eminently changeable from the point of view of their displacements and how to develop adjustments in order to integrate themselves into the comprehensive society that welcomes them at certain moments and differentiates them and distances them in others.

Keywords: Work. Social Actors. Everyday Life. Collectors. Passo Fundo.

RESUM *

La tesi té com a objectiu comprendre la lògica de les accions socials d'actors que participen en l'execució del treball de reciclatge de les escombraries a la ciutat de Passo Fundo / RS, concretament de les persones que recullen materials reciclables, tant si estan associats a empreses cooperatives o siguin treballadors individuals que operen pels carrers d'aquesta ciutat. La proposta d'investigació es va fonamentar en la possibilitat d'estudiar experiències concretes de treballadors, exemplificades a través de dinàmiques de relacions en una societat complexa. Els subjectes en qüestió es defineixen com a actors socials amb l'objectiu de construir les seves relacions a partir de les seves accions, entre ser operador i estar operant, en els espais-temps que integren i negocien llurs pràctiques i interessos. L'aportació teòrica relativa a aquesta reflexió té una interfície amb la sociologia de les experiències de François Dubet i dels conceptes analítics de disposició social i tàctica de Bernard Lahire i Michel de Certeau, respectivament. Per tant, condensem un contingut analític consubstancial en una praxeologia dels actors socials en les seves lògiques d'integració, estratègiques/tàctiques i de subjectivació social, ja que alguns esdeveniments i processos socials també poden ser entesos en funció d'actituds i disposicions mantingudes al llarg de la vida. La nostra investigació s'ha basat en l'aplicació de 120 qüestionaris socioeconòmics a un grup de treballadors urbans, per tal d'elaborar un panorama exploratori del camp d'estudi i, davant d'això, de l'observació de determinades característiques que igualen i diferencien els individus en qüestió; en un segon moment, vam realitzar 22 entrevistes narratives a actors seleccionats d'aquest estrat per tal de comprendre les seves accions socials davant la lògica de les seves accions i les seves trajectòries de vida. L'estudi també va fer possible realitzar observacions directes per intuir i comprendre les condicions i realitats viscudes en l'interior d'aquest segment social. Tot això ens ha portat, en definitiva, a concloure que, a Passo Fundo, les persones que recullen les deixalles poden ser considerades com a subjectes molt heterogenis en les seves pràctiques i actituds, malgrat que també puguin ser vistes, en general, com a subjectes eminentment canviants des del punt de vista dels seus desplaçaments i de com desenvolupen estratègies per integrar-se a la societat que els acull en moments determinats, o els diferencien i els allunyen en d'altres.

Paraules clau:

Treball. Actors Socials. Vida Quotidiana. Col·lectors. Passo Fundo.

* Tradução em Catalão. Em homenagem ao povo da Catalunha e as vítimas do ataque terrorista no dia 17 de agosto de 2017, em "Las Ramblas", Barcelona, treze dias após meu retorno ao Brasil e da conclusão do meu estágio de Doutorado Sanduíche na Espanha. *Barcelona, local de passagem, fixação e sentimentos.*

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Idade dos catadores, em números absolutos e em percentuais	131
Gráfico 2 – Divisão por sexo, em números absolutos e em percentuais	132
Gráfico 3 – Estratificação por etnia autorreferenciada pelos catadores, em números absolutos e em percentuais.....	134
Gráfico 4 – Estratificação por escolaridade dos catadores, em números absolutos e em percentuais.....	135
Gráfico 5 – Estratificação por estado civil dos catadores, em números absolutos e em percentuais.....	136
Gráfico 6 – Estratificação por número de filhos dos catadores, em números absolutos e em percentuais.....	137
Gráfico 7 – Estratificação por número de pessoas na família, em números absolutos e em percentuais.....	138
Gráfico 8 – Estratificação em idade dos catadores, em números absolutos e em percentuais.....	139
Gráfico 9 – Estratificação por principais atividades que os catadores executam, em números absolutos e em percentuais.....	140
Gráfico 10 – Estratificação por média de ganhos por catador, em números absolutos e em percentuais.....	141
Gráfico 11 – Estratificação por principais materiais reciclados pelos catadores, em números absolutos e em percentuais.....	144
Gráfico 12 – Estratificação por participação em ‘grupos da sociedade’, em números absolutos e percentuais	145
GRÁFICO 13 – Origens sociais e atividades executadas, por número da ordem de entrevistas	165

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – População total, urbana e rural, de Passo Fundo (1940-2015).....	113
Tabela 2 – Associações e cooperativas de catadores e número de associados em Passo Fundo – 2012-2017 (novembro – mês de referência)	122
Tabela 3 – Sexo e integração a um trabalho associativo formal, em percentual	146
Tabela 4 – Integra associação formal de trabalho e média de ganhos financeiros em reais com a reciclagem, por mês, em números percentuais	148
Tabela 5 – Sexo e idade, em números absolutos	150
Tabela 6 – Sexo e escolaridade, em números absolutos	150
Tabela 7 – Ouviu falar do MNCR e escolaridade, em números absolutos	151

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 – Localização do município de Passo Fundo no Estado do Rio Grande do Sul e na Microrregião de Passo Fundo	80
Mapa 2 – Localização das moradias dos catadores que responderam ao questionário socioeconômico, por setores, em Passo Fundo	125

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Sujeira na Av. Independência / Centro de Passo Fundo – abril de 2015	89
Fotografia 2 – Sofá e estrados de cama jogados na calçada no Centro da cidade de Passo Fundo	90
Fotografia 3 - Entulho de material da construção civil descartados em mata ciliar próxima do rio Passo Fundo.....	91
Fotografia 4 – Habitações irregulares às margens da ferrovia em Passo Fundo – vila Beira-trilho – bairro Victor Issler	109
Fotografia 5 – Ocupação habitacional recente em área periférica da cidade de Passo Fundo - bairro José Alexandre Zachia	110
Fotografia 6 – Produção agrícola, agroindústria e vila periférica da cidade de Passo Fundo com depósito de materiais recicláveis.....	112
Fotografia 7 – Crianças fazendo a catação de materiais recicláveis na cidade de Passo Fundo	120
Fotografia 8 – Exemplificação da variação do padrão residencial em uma rua de Passo Fundo	127
Fotografia 9 – Catador em seu terreno diante do material que separa para reciclagem.....	128
Fotografia 10 – Antigo galpão de armazenagem da CESA, destinado à Associação de Catadores Tropeiros de Passo Fundo.....	168
Fotografia 11 – Casa em terreno ocupado, representação do espaço rural no meio urbano, ao fundo prédio da CESA e trilho de trem desativados.....	172
Fotografia 12 – Ocupações habitacionais em área pública (CESA), continuidade da Vila Sétimo Céu.....	174
Fotografia 13 – Catadora na Av. Brasil, principal via da cidade de Passo Fundo ...	177
Fotografia 14 - Material organizado no pequeno espaço nos fundos da casa da catadora	182
Fotografia 15 – Materiais selecionados e depositados no pátio da casa para serem vendidos.....	183
Fotografia 16 – Imagem do antigo aterro de Passo Fundo após 5 anos de seu fechamento.....	188

Fotografia 17 – Cooperativa de catadores Recibela, instalada no antigo aterro de lixo da cidade.....	189
Fotografia 18 – Galpão idealizado para o trabalho da reciclagem na Vila Entre Rios	197
Fotografia 19 – Catador e a edificação de sua igreja evangélica	201
Fotografia 20 – Vista do material reciclável em via pública na frente da casa do catador	208
Fotografia 21 – Casas de catadores de materiais recicláveis	209
Fotografia 22 – Carrinho do catador estacionado no centro da cidade	215
Fotografia 23 – Catadores de materiais recicláveis moradores de rua	226
Fotografia 24 – Conjugação da reciclagem e do trabalho rural na cidade	253
Fotografia 25 – Primas catando juntas nas ruas de Passo Fundo – associação informal	259
Fotografia 26 – Catadoras de uma cooperativa de reciclagem	260
Fotografia 27 – Acesso e terreno onde reside a família e afins de Dona Ana.....	272
Fotografia 28 – Casa de oração evangélica da Congregação Cristã Remanescente, no pátio da família	277
Fotografia 29 – Interior da casa de oração e o carrinho de reciclagem ao fundo....	283
Fotografia 30 – Participantes do culto evangélico	283
Fotografia 31 – Fotos da Associação Passo-fundense de Papeleiros	287
Fotografia 32 – Seu Chicão exibindo seu título de Honra ao Mérito oferecido pela Academia Passo-Fundense de Letras	289

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Prefeitura não recolhe lixo em rua de área central de Passo Fundo, ano de 1970	88
Figura 2 - Moradores da Rua Morom reclamam da sujeira em via pública – ano de 1970	88

LISTA DE SIGLAS

ABEP	Associação Beneficente Ensine a Pescar
AREVI	Associação dos Recicladores Esperança da Vitória
ASECMAR	Associação Ecológica dos Catadores de Santa Cruz do Sul
AVC	Acidente Vascular Cerebral
CESA	Companhia Estadual de Silos e Armazéns
CETAP	Centro de Tecnologias Alternativas Populares
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
COAMA	Cooperativa Amigos do Meio Ambiente
CODEPAS	Companhia de Desenvolvimento de Passo Fundo
COOTRAEMPO	Cooperativa Mista de Produção e Trabalho dos Empreendedores Populares da Santa Marta
COOTRAPAF	Cooperativa dos Trabalhadores de Passo Fundo
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FEE	Fundação de Economia e Estatística
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INSS	Instituto Nacional de Seguridade Social
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LOAS	Lei Orgânica de Assistência Social
MNCR	Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis
MP	Ministério Público
ONG	Organização Não Governamental

PAC	Programa Apoiar e Comprometer
PETROBRAS	Petróleo Brasileiro S.A.
PMPA	Prefeitura Municipal de Porto Alegre
PMPF	Prefeitura Municipal de Passo Fundo
PNRS	Política Nacional de Resíduos Sólidos
PNSB	Pesquisa Nacional de Saneamento Básico
PRF	Programa de Regularização Fundiária
Recibela	Cooperativa de Recicladores Parque Bela Vista
RS	Rio Grande do Sul
SEMCAS	Secretaria de Cidadania e Assistência Social
SINE	Sistema Nacional de Empregos
SMAM	Secretaria do Meio Ambiente do Município de Passo Fundo
SOCREBE	Sociedade Cultural Recreativa Beneficente São João Bosco
SUS	Sistema Único de Saúde
UPF	Universidade de Passo Fundo

SUMÁRIO

A NECESSIDADE DE ANDAR E A PULSÃO PELA RELAÇÃO	21
1 INTRODUÇÃO	33
2 VERTENTES DE ESTUDOS DAS AÇÕES E FLUXOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS	45
2.1 INCERTEZAS, ESPAÇOS DE FLUXOS E RELAÇÕES SOCIAIS	47
2.2. LÓGICAS DAS AÇÕES E DISPOSIÇÕES SOCIAIS	58
2.3. DIMENSÕES E ESTUDOS SOBRE A ATUAÇÃO DOS CATADORES	68
2.3.1 Reflexões sobre o contexto de ações e movimentos sociais	68
2.3.2 Dimensão dos estudos sobre catadores no Brasil	75
3 PROBLEMATIZAÇÃO DO ESTUDO E O PERCURSO METODOLÓGICO.....	79
3.1. CAMINHOS QUE SE ENCONTRAM NAS DÚVIDAS E INDAGAÇÕES	79
3.2. LIXO COMO FENÔMENO SOCIAL	87
3.3. A PESQUISA E SUAS CONFIGURAÇÕES METODOLÓGICAS	96
3.3.1 Desenho Metodológico da Tese.....	105
4 ESPAÇO SOCIAL DE TRABALHO E O PERFIL DO CATADOR EM PASSO FUNDO	106
4.1. ADENSAMENTO E ACELERAÇÃO URBANA NA REGIÃO DA PRODUÇÃO	107
4.2. O CONTEXTO E O PERFIL DO CATADOR	116
4.2.1 Características básicas dos catadores	130
4.2.1.1 Dados pessoais	130
4.2.1.2 Informações familiares e parentais.....	135
4.2.1.3 Formas de trabalho e ganhos com a reciclagem	138
4.2.1.4. Participação em grupos organizados.....	145
4.2.2 Variáveis relacionadas.....	146
4.2.3 Questões abertas	152
5 ORIGENS, PERCURSOS E DISPOSIÇÕES SOCIAIS	161
5.1 ASSOCIAÇÃO FAMILIAR NO CAMPO E LUTA ASSOCIATIVA NA CIDADE ..	166
5.2 TRABALHAR E CUIDAR DOS OUTROS.....	176

5.3 COMPOSIÇÃO ASSOCIATIVA E NOVO ESPAÇO DE CONQUISTA.....	184
5.4 PARTICIPAÇÃO POLÍTICA, DIREITOS SOCIAIS E VIDA PRIVADA.....	193
5.5 “DAR O GIRO”: CREDO RELIGIOSO E RACIONALIDADE ECONÔMICA	200
5.6 PRECARIIDADE, TRABALHO E MORADIA.....	206
5.7 ENXADA, FIRMA E PARALELEPÍPEDO PARA QUEM OS VÊ.....	213
6 NAS TRAMAS URBANAS E CONJUNÇÕES DAS DISPOSIÇÕES.....	221
6.1 PROCESSOS DE AJUSTAMENTOS E MEDIAÇÕES.....	222
6.1.1 Espaço da casa e primeiros horizontes associativos.....	228
6.1.2 Arruar e as conexões de trabalho e vida cotidiana.....	238
6.2 “VAI INDO, VAI INDO” – MOVIMENTO COMO RECURSO CONSTANTE E TOTALIZANTE.....	248
6.2.1 Mobilidade como recurso.....	250
6.2.2 Associação e individualização estratégica.....	257
7 REDES E AUTENTICIDADES NAS DINÂMICAS CULTURAIS.....	266
7.1 “UM DIA É DA CAÇA, O OUTRO DO CAÇADOR”: FALATÓRIO “CHATO” E ESPONTÂNEO	269
7.2 LIVROS E BUGIGANGAS PARA SER MAIS QUE UM RÓTULO.....	284
7.3 EXPRESSÕES E A CONFORMAÇÃO DA CULTURA AUTÊNTICA	289
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	295
9. REFERÊNCIAS.....	304
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO.....	311
APÊNDICE B – TÓPICOS TEMÁTICOS SINTETIZADOS DAS ENTREVISTAS NARRATIVAS.....	314
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	316
APÊNDICE D – HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS DAS ASSOCIAÇÕES E COOPERATIVAS DE CATADORES MATERIAIS RECICLÁVEIS DE PASSO FUNDO	317

APENDICE E- RESPOSTAS ABERTAS – ‘POR QUE TRABALHA NA ATIVIDADE DE CATAÇÃO’ (POR SEXO)	320
APÊNDICE F – RESPOSTAS ABERTAS – ‘OUTRAS ATIVIDADES REALIZADAS’ (POR SEXO E ESCOLARIDADE)	327
APÊNDICE G – RESPOSTAS ABERTAS – MAIORES DESEJOS PARA O FUTURO (POR ESTADO CIVIL)	329
APÊNDICE H – RESPOSTAS ABERTAS – FACILIDADES NA EXECUÇÃO DO TRABALHO (POR ASSOCIADO E NÃO ASSOCIADO A COOPERATIVA).....	333
APÊNDICE I – RESPOSTAS ABERTAS – DIFICULDADES NA EXECUÇÃO DO TRABALHO (POR ASSOCIADO E NÃO ASSOCIADO A COOPERATIVA).....	335
ANEXO A – ATA DE AUDIÊNCIA PÚBLICA	338

A NECESSIDADE DE ANDAR E A PULSÃO PELA RELAÇÃO

O esforço físico é apenas um dos elementos da pulsão pelo devir, pela necessidade de produzirmos nossas vidas e de sentirmo-nos agentes de nossas relações, partícipes de um mundo que integramos. Pois, ansiamos pelo movimento, pela condição de querer sentirmo-nos vivos e produtivos. Ao implementarmos um movimento constante e repetitivo, nossos batimentos cardíacos e a pressão arterial se alteram, produzindo a transpiração e a fadiga. Coadunado a isso, está a percepção dos sentidos do quanto somos finitos no espaço que ocupamos; embora, ao mesmo tempo, observamos o quanto somos parte de um processo perene de relações à medida em que estendemos nossos corpos e pensamentos às trajetórias que nos elevam a tempos e a espaços múltiplos, condição essa circunscrita à nossa própria condição humana, em suas diferentes expressões.

Somos parte de um conjunto de relações e deixamos sempre nossas marcas por onde passamos. Daí a concepção de que o andar se torna uma arte humana e que não é algo simplesmente natural e casual. Trato como arte a ação de andar nesse momento porque a identifico como obra variável e relacional, construída em suas formas, em seus trajetos e em suas experiências que elaboram o conhecimento humano vivenciado em sociedade, mesmo quando saímos sem destino. O que é o destino? Como o construímos em nossa mente? A própria ideia de futuro é uma construção social, desejo social, e o andar está amparado por nossas disposições e nossos sentimentos constituídos relacionalmente, como algo que também se sente de forma imaterial, subjetiva, criativa e inconsciente. Ligado, enfim, por aquilo que somos, queremos ou deixamos de ser; por aquilo que nos transforma a partir de processos contínuos de experiências adquiridas e abertas a acontecerem.

Uma mera caminhada percorrida por um indivíduo pode ser arrasadora, descomunal e o levar à morte, mas também pode dirigi-lo, mesmo que momentaneamente, ao êxtase ou a um “porto seguro”, tábua de sua salvação ou remissão de todos os seus pecados, sejam eles os mais ocultos ou malditos. Dito isso, há que jogar-se, muitas vezes, o jogo do imponderado, do estranhamento e da aposta por qual esquina escolher para iniciar ou continuar o percurso. Nossas experiências nos apontam que devemos, ora ou outra, fazer escolhas, ponderar nossos desejos e os riscos que podemos ou queremos assumir ao nos submeter a

uma jornada incerta. Porque, em verdade, todas as jornadas são incertas, desde sempre, seja daqueles que olham para as imagens refletidas nas paredes da caverna ou daqueles que apontam para as estrelas.

A arte de andar pelas ruas de uma cidade torna-se em si uma experiência à parte; ela nunca é a mesma de uma pessoa para a outra, nem mesmo para o indivíduo que anda todos os dias o mesmo percurso. Avenidas e ruas de uma cidade são reconfiguradas a todo o momento. Ah, se as ruas e as pedras falassem! Os trajetos, geralmente, sinuosos e não retilíneos, entrecortados por inúmeros elementos que nos interpõe, são ora disfarces e esconderijos, ora vitrines casuísticas e exibicionistas. De qualquer forma, é perigoso parar, faz parte da condição social humana o movimento, assim como da condição natural e instintiva de outras espécies animais. É prudente ser razoavelmente dinâmico, não ser alvo estático, não ficar estagnado e fragilizado perante as ações e os lances alheios, de quem pode atingir-nos ou prestigiar-nos com sua “normalidade”. A circulação sempre foi algo fundamental, era e é condição essencial aos povos caçadores e coletores, assim como é para os interesses dos artífices do telescópio Hubble que o colocaram em funcionamento no espaço sideral.

Com ações táticas e estratégicas, grupos sociais antigos promoviam migrações em busca de alimento e de sua autopreservação frente aos avanços do inimigo ou das intempéries que estavam por chegar. Da mesma forma, na Era Contemporânea, o movimento é algo elementar ao Ser Humano em sua aficcionada necessidade de inovação e de conhecimento, em sua busca incisiva por dominar os elementos da natureza e de sua astúcia em acumular poder frente a seus pares, seja nas esferas do trabalho, seja nas dimensões econômicas, seja nos enquadramentos culturais de forma geral.

Muito embora as condições de escassez e depreciação material criem a necessidade de busca por novos contextos e possibilidades de inovação, partimos do pressuposto de que essa condição humana não explique por inteiro o que nos remete ao movimento. Há que pensar-se na complexidade do que somos e na pluralidade de nossas diferenças, incluindo o próprio contexto do andar e das relações que se formam a partir dessa ação. Seja vivenciando os harmoniosos cheiros que nos fazem parar para apreciar o jardim florido da casa oculta ou dos odores que nos fazem “arremeter” ou estigmatizar aquele que nos repele com sua presença e seu suor fétido e vulgar.

De forma figurada, poderíamos dizer que o movimento do andar seja um sexto sentido humano que tem por aptidão articular os outros cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato) na medida em que, ao implementar a ação do caminhar, potencializamos os outros sentidos pela diversidade de estímulos que absorvemos ao longo de nossos percursos. Mais do que tudo isso, há que se salientar que a experiência de transitar pelos lugares e estabelecer uma sinuosa possibilidade relacional entre as pessoas pode possibilitar, de certa forma, um mote para o autoconhecimento e a construção de identidades, sejam as nossas próprias, sejam as daqueles que diferenciamos e nomeamos. Somos ávidos em classificar e ordenar nossos ambientes e os indivíduos com quem compartilhamos os espaços que percorremos, e isso nos dá um senso de ordem e maior segurança. A pulsão pelo desconhecido é, de algum modo, a pulsão pelo ordenamento, pela ânsia ontológica de uma certeza que resolva nossas indagações e medos mais prementes. Nesse sentido, acreditamos que, assim como Dumont (1985), existem duas maneiras de considerar um conhecimento qualquer, ou seja, uma maneira superficial que deixa fora de questão o sujeito conhecedor e outra maneira profunda que o inclui. Em nossa perspectiva, em grande parte de nossas experiências, transitar significa burlar a ordem própria e alheia dos fluxos instituídos, das políticas do estado ou dos solavancos de poderes privados discricionários, o que nos leva a estarmos incluídos no próprio processo do conhecimento e no questionamento das convenções.

Com grande profusão, talvez seja o espaço urbano o ambiente mais pródigo e aberto às experiências relacionais. Por sua amplitude e diversidade de elementos que se concentram em uma determinada localidade, o espaço urbano proporciona aos indivíduos a oportuna ou a inoportuna possibilidade de estabelecer relações múltiplas e diferenciadas no rol das diferentes escalas culturais e demográficas. Trilhar caminhos é adentrar nos horizontes alheios e, com certa definição, compartilhar momentos que nos habilitam ao vínculo social, ou seja, às ligações que estabelecemos com o Outro e com nós mesmos, compondo construções e formas identitárias, valores morais e econômicos e todo um rol de possibilidades construídas socialmente que coordenam e amparam desejos e hábitos dos indivíduos.

Esse trabalho científico que iniciamos aqui trata disso, do fenômeno do movimento, essencialmente. Para isso, começamos a tratar de nós mesmos, de

nossos próprios movimentos e aprendizados, de como somos semelhantes e diferentes em nossa condição humana. Ao tratar de grupos de trabalhadores urbanos de uma cidade específica que habitamos, podemos compreender um pouco de nós mesmos e dos caracteres que nos definem e nos fazem ser o que somos, mediante nossas práticas e relações. Começamos este trabalho por nós mesmos e por nossos próprios movimentos à medida que revigoramos nosso jeito de ser na junção entre elementos normativos e autênticos que nos fazem exercer nossas capacidades como atores sociais que somos.

O autor nas tramas de sua trajetória

O ambiente urbano para mim é sempre um ambiente a ser desbravado, no sentido de ser reconhecido em seus detalhes e singularidades, mesmo que nele habite há muitos anos, pois não há perenidade, nem nas formas das pedras que pisamos, pois sempre haverá transformações e caminhos novos a trilhar. A cidade é a forma impressa e, ao mesmo tempo, inacabada das práticas dos sujeitos que nela vivem ou viveram determinadas experiências. É a confluência de gerações, dos que ali ficaram ou dos que ali simplesmente passaram. Frustro-me quando percebo que alguma particularidade de um lugar que me desperta curiosidade ainda não foi explorado pelos meus passos, ainda sem oportunidade de dar a devida atenção a sua geometria e a sua história acumulada. Desperdiçar a experiência é, para mim, sempre algo frustrante, seja ela uma boa experiência, no sentido de nos trazer prazeres e felicidade, seja a má experiência, atrelada à tristeza ou a indignação em relação a algo que considero injusto ou desagradável. Experiência, *lato sensu*, é incorporação de saber, ou seja, é ação com conhecimento acumulado. É também força propulsora das nossas futuras escolhas, de nossos hábitos, do nosso jeito de ser ou estar, de nossas disposições sociais.

Pareço um tanto nostálgico, mas geralmente olho para trás por onde passo. Isso diz um pouco do que sou e evoca em mim o desejo de retornar ou estabelecer novas possibilidades de estar em um determinado local. Penso nas experiências do que vivi e daquilo que talvez possa viver, e isso me traz certo conforto de perceber uma totalidade do meu ser, de uma trajetória calcada em sentimentos, desvios, conquistas, percalços; enfim, alegrias e tristezas. O refinamento nostálgico talvez faça parte do ofício do cientista social, abnegado a entender os processos de vida e morte, o que o rodeia, a compreender as relações que constrói com os que o

cercam. Assim, sem querer desperdiçar as experiências que vivi e observei, pois são nelas que posso entender a mim mesmo e ao Outro, tenho o hábito de caminhar, de andar grandes distâncias, de ser curioso pelas dobraduras das esquinas e do horizonte que pode ser descoberto a cada instante, de forma inesperada, muitas vezes.

Olhar para trás é também buscar entender a própria caminhada como um processo físico-químico, mas, fundamentalmente, subjetivo e relacional. Esse fenômeno é, muitas vezes, surpreendente, e escavo na arqueologia da caminhada cenas inusitadas, cenas que de alguma forma projetam meus desejos e minhas utopias.

Por tudo isso, meu movimento nunca é construído apenas por minha voluntariedade. Frequentemente sou desviado da rota e levado a lançar-me a experiências nunca imaginadas, fazendo contatos com grupos e sujeitos que me marcam e influenciam. A título de exemplo, guardo em minhas lembranças o dia em que fui à Vila Cai-Cai em Porto Alegre, no início dos anos 90, como estagiário do Programa de Regularização Fundiária (PRF), implementado pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA), capital do estado do Rio Grande do Sul (RS). Aquela vila, dentro das ações da Prefeitura, estava destinada a ser transferida para outro local da cidade, como efetivamente foi anos mais tarde, pois estava localizada numa área definida como de risco para os moradores que ali habitavam, num espaço estreito entre uma avenida de grande fluxo de automóveis e as margens do rio Guaíba. Lá iniciado no ofício acadêmico de pesquisador social, o entusiasmado jovem estudante universitário de Ciências Sociais teve seus primeiros contatos com uma comunidade popular. Minha função era aplicar um questionário socioeconômico com a perspectiva de subsidiar o entendimento posterior sobre as condições e características da população local, além de cadastrá-los na política municipal de habitação, embora minha curiosidade transcendesse a esses objetivos e me fizesse transitar naquele espaço mais do que o trabalho exigia.

Percebi *in loco* e aos poucos, com certo espanto, evidentemente, que existiam determinadas formas de organização social dos moradores que transcendiam meu modelo de organização familiar e vínculos de vizinhança. Aquilo que estudava nos livros e nas aulas de Sociologia e Antropologia se materializava à minha frente. Não que eu desconfiasse de meus professores e dos livros que lia na Universidade, mas o impacto a “olhos vistos” é sempre mais chocante. Fiquei muito

deslumbrado com as vivências e atitudes alheias. Num segundo momento, também percebi que a realidade vivida é sempre mais rica que a nossa própria interpretação. Tive acesso a um mundo novo, distante daquele mundo que conhecia, de camada média emergente. Observei, porém, as palafitas e as crianças trancadas em seus barracos à espera de seus pais que saíam para trabalhar e via isso como uma afronta a minha própria condição humana. “Ainda existem palafitas em Porto Alegre?”, perguntei a mim mesmo, embaraçado. Pobre jovem estudante, “santa” ingenuidade!

À medida que o tempo foi passando, também percebi outros elementos das relações comunitárias, como os vínculos, as estratégias e as táticas de trabalho e de determinadas condições de vida impostas pelas desigualdades sociais vividas por aquela população de moradores. Tudo isso apreendido de forma intensiva e que me deixou atônito e até mesmo bestializado perante o feixe de imagens e relações que eu buscava entender. O ponto-chave de minhas vivências foi perceber ali um espaço de interação política do grupo comunitário frente à política municipal de reforma fundiária que estava sendo gestada pela Prefeitura, particularmente na Vila Cai-Cai e em outras vilas populares da cidade. Um dos aspectos sempre destacados pela população era a insegurança gerada pela possibilidade de a vila ser transferida de seu local original. Uma grande parte dos moradores da Cai-Cai era de catadores de materiais recicláveis e tinha uma grande preocupação pela manutenção do seu trabalho, na medida em que poderia perder o acesso que tinha aos materiais recicláveis que costumeiramente catava próximo da vila. Pensei junto com meus colegas estagiários sobre o tempo que se poderia levar para construir toda uma lógica de vida e trabalho em uma comunidade e o quanto determinadas mudanças, por mais bem-intencionadas que pudessem ser, poderiam ferir o âmago das relações instituídas pelos grupos sociais alvo das políticas públicas. Será que uma política social pode, até mesmo de forma fortuita, empreender ainda mais desigualdade social e dificuldades a uma população de indivíduos? Essa pergunta foi algo determinante em minha trajetória acadêmica e me faz sempre refletir ao avaliar determinados movimentos e propósitos de políticas públicas e sociais.

Por essa fórmula, tive a oportunidade de questionar a própria ideia do movimento humano e o quanto uma cidade deve ser pensada por seus habitantes, diante de suas circunstâncias, seus interesses e desejos. Afinal, não é qualquer

movimento, por si mesmo, que acarretará uma melhor e adequada condição de vida em um ambiente já combalido pela pobreza e pela desigualdade social.

Alguns anos depois, em outro contexto, no município de Santa Cruz do Sul, região central do estado do Rio Grande do Sul, já mais amadurecido pelas experiências profissionais e acadêmicas, também pude observar outros fenômenos ao participar como coordenador executivo de projetos sociais de uma Organização Não Governamental (ONG), a Associação Ecológica de Desenvolvimento Social e Econômico Ecos da Natureza. A ONG era bastante engajada na mobilização de catadores de materiais recicláveis. Nossa proposta fundamental era a educação ambiental vinculada às práticas dos catadores, tendo como eixo a luta social por um ambiente mais justo e sustentável do ponto de vista social, ambiental e econômico. Realizávamos muitas mobilizações em cidades do Vale do Rio Pardo. A Ecos da Natureza estava sediada no município de Rio Pardo (RS), o que nos dava um caráter de engajamento regional e mobilizava alguns atores locais em diversas cidades da região. Uma de nossas iniciativas foi manter ligações com vários grupos de catadores, inclusive com algumas lideranças do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), de Porto Alegre. Considero que esta experiência de trabalho também foi muito importante para constituir o sociólogo que sou hoje. Tínhamos o ímpeto de chamar para o debate e dialogar com diferentes segmentos da comunidade, embora nos faltasse capacidade de articulação como equipe, assim como recursos técnicos adequados e recursos financeiros para poder amparar efetivamente nossas ações.

Um dos momentos inesquecíveis desse trabalho foi quando eu e outra colega fomos com alguns catadores do município de Santa Cruz do Sul até um galpão de reciclagem reivindicar aquele espaço de trabalho. Ele tinha sido tomado por uma única pessoa para fins de seus próprios interesses de compra e venda de materiais recicláveis, tornando-se um intermediário da cadeia produtiva desses materiais. Com muita luta e mobilização, os catadores conseguiram reaver aquele espaço, embora não cessassem os conflitos internos e externos àquele coletivo.

Observava efetivamente a dificuldade de mobilizar aquelas pessoas de forma a somar esforços que os levassem a ter foco em ações determinadas. Mera apologia ao trabalho cooperativado e organizado em células de produção. Muitas vezes o jargão organizacional e de regulação do trabalho nos impregnava e fazia alguns

catadores “torcerem o nariz”, ou seja, os discursos de gestão organizacional e as práticas sociais do público-alvo não “casavam”, eram estranhas a eles.

Ficamos na dependência de projetos institucionais para mobilizar um trabalho que até então era informal e só tínhamos formalmente o Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) do grupo, que se chamava Associação Ecológica dos Catadores de Santa Cruz do Sul (Asecmar); o resto parecia um caos. Em um determinado momento, acabamos percebendo nossas próprias limitações como ONG e abrimos caminhos para que as lideranças desse grupo buscassem entre seus pares do MNCR maior apoio e ressonância. Hoje alguns participantes dessa associação de catadores ainda se encontram atuantes na cidade, com história para contar. A Ecos da Natureza não existe mais, mas ficamos inseridos, creio, na memória daqueles que ainda lutam por melhores condições de trabalho na reciclagem na cidade de Santa Cruz do Sul.

Oportunidades pessoais e novas trajetórias profissionais e acadêmicas me levaram, assim como outros colegas, para campos de relações e de trabalhos diferentes, mas nunca deixei de pensar, olhando retrospectivamente, naquelas vivências construídas na Vila Cai-Cai e na Asecmar, via Prefeitura de Porto Alegre e Ecos da Natureza, respectivamente. Lembro-me daquelas pessoas que buscavam articular suas vidas mediante trajetórias e entendimentos próprios da realidade. Trago isso em minha memória até hoje!

Mais tarde desenvolvi minha pesquisa de Mestrado na área de concentração em Desenvolvimento Regional, que foi desenvolvida junto a pequenos proprietários familiares rurais, também no município de Santa Cruz do Sul. Basicamente, queria investigar o significado do trabalho entre gerações de agricultores que conviviam com a atividade agrícola de produção de fumo (SILVA, 2008). Sabia que os processos de reestruturação do trabalho tinham chegado à área rural a partir de uma nova lógica de uso intensivo de tecnologia da produção. Fundamentalmente, baseava-se em produtos químicos (secantes, pesticidas, fertilizantes, etc.), assim como em técnicas relacionadas ao controle e à gestão da unidade da planta e ao cuidado da manutenção da lavoura em todos os seus estágios da produção. Tais tecnologias e conhecimentos eram liderados, não sem resistências e afeições controversas por parte dos agricultores, por grandes conglomerados oligopolistas internacionais que dominam o mercado do fumo mundialmente.

Fui perceber mais tarde que, independentemente do âmbito, da problemática e do local com que se relacionavam minhas abordagens investigativas, meus exemplos didáticos como professor de Sociologia no ensino superior estavam sempre relacionados aos pequenos trabalhadores urbanos e rurais. Percebi o quanto o Mundo do Trabalho faz parte da minha trajetória e abordagem intelectual, principalmente em relação a pequenos grupos de trabalhadores que dividem um determinado espaço de produção e atividade laboral. Quando frequentemente penso nisso, lembro-me dos grupos que tive o privilégio de conhecer e que afloraram minha perspectiva de entendê-los em suas particularidades, rompendo com as dimensões meramente estruturalistas da análise sociológica clássica. Evidentemente que existem múltiplas dimensões que os articulam como grupos e indivíduos vivendo em sociedade. Aspectos culturais e estruturas de poder são sempre perspectivas fundamentais para serem analisadas, mas nunca tenho por perspectiva descartar as singularidades dos sujeitos e suas formações; caso contrário, entendo, correria o risco de jogar fora as experiências calcadas na vida prática e cotidiana dos sujeitos, experiências que lhes tornam atores sociais em suas lógicas e práticas sociais.

O autor e a posição investigativa

O trabalho de tese a partir desse prólogo retoma minhas experiências e preocupações como cientista social em compreender a realidade de grupos de trabalhadores. Talvez esta escolha venha religar o elo perdido de uma curta, mas intensa convivência que tive com determinados sujeitos que realizavam o trabalho de catação pelas ruas das cidades em que vivi. Sujeitos que certamente também falam por si, diante de suas experiências ao percorrerem diferentes dimensões físicas e identificações urbanas. Também me sinto um catador quando imprimo meu ritmo andarilho pelas vias urbanas – somos todos um pouco catadores de sentimentos e boas práticas – na fragilidade de querer estar junto e, simultaneamente, realizar uma arqueologia do inusitado, do novo, daquilo que possa capacitar-nos a renovar pontos de vistas, desejos e esperanças. Os efeitos disso, conforme já deixamos claro, podem trazer uma sensação de prazer e mobilizar-nos a fomentar outras experiências; por outro lado, também podem remeter-nos a um lado obscuro, de sofrimento, de incompreensão e lançar-nos à violência e à desesperança. De qualquer forma, ambas as possibilidades nos fazem sentir mais

humanos, sendo os “dois lados de uma mesma moeda”. Acho que vale sempre a pena arriscar e eleger nossas capacidades para dinamizar nosso próprio ser.

Como tudo na vida contemporânea pode ser considerado um risco, ou quase tudo, à medida que promovemos transformações constantes em diferentes âmbitos da natureza e de nosso conhecimento, este trabalho flerta com as incertezas de modos de vidas que mal conhecemos. Vidas que ultrapassam suas fronteiras, chegam até nós e depois retornam aos seus ambientes mais intimistas, nunca incólume às mudanças e variações. Tenho certeza que também sou outra pessoa com a conclusão desta investigação. Pesquisa que se torna para mim mais um capítulo de minha trajetória para a compreensão das lógicas dos trabalhadores. Mais um passo, enfim, nessa aventura que investi em trilhar ao longo de minha história andarilha, recheada de observações, dúvidas e aprendizados.

Produzir um trabalho científico é, de certo modo, refinar metodologicamente a nossa percepção do mundo. A Ciência nos permite aprofundar nossos conhecimentos sobre aquilo que nos envolve e que estamos em condições de compreender em determinado momento, embora entendamos que as respostas de nossas indagações nunca sejam definitivas e nossas percepções devam estar sempre abertas a gerar novos enfoques e dimensões epistêmicas. Acredito que a possibilidade de aproveitarmos nossas próprias experiências e percepções mais imediatas, sobre determinada gama de fatores e condições da realidade, possa ser uma condição *sine qua non* para estabelecermos as primeiras relações entre fenômenos que queremos compreender, tendo em vista nossa própria sensibilidade e os marcos científicos a que estamos vinculados.

O conhecimento se produz a partir daquilo que nos sensibiliza e altera a nossa atenção e, por isso, cabe-nos perceber a importância subjetiva e contextual do ambiente em que o pesquisador está imerso. Ou seja, há a necessidade, muitas vezes, de buscar-se uma melhor compreensão do lugar de onde o próprio pesquisador fala e significa. Nesse sentido, a capacidade da construção e disseminação de um saber é sempre política e pautada por referências sociais e visões de mundo do autor. De certa forma, somos aguçados a entender uma realidade de fenômenos, sendo que esses fenômenos são fontes sugestivas das nossas vivências e de nossa formação humana, visto comporem integralmente ou em parte nossas existências e relações.

Acreditamos que o objeto de estudo e as questões envolvidas que se apresentam ao pesquisador sugerem possibilidades de novos entendimentos, instigam o interesse e forçam a busca por respostas em meio a relações e aspectos que também se tornam cruciais à vida do investigador, remetendo-o às próprias experiências cotidianas e de trabalho.

Esta tese de Doutorado pretende ser um trabalho que tenha esse foco de entendimento. Ou seja, busca tornar-se o traçado de experiências, embora, em alguns momentos, tal traçado possa estar mal definido, até mesmo apagado, pois nem tudo é perfeitamente visível. E, em outros níveis, talvez possa estar tracejado com muita intensidade, revolvendo as cores de sentimentos e aguçando percepções ainda mais profundas em relação ao objeto que se pretende compreender.

Assim, buscamos em todos os momentos deste trabalho a manutenção da coerência teórica e analítica, mesmo que os fenômenos e as circunstâncias analisados nos remetam a reavaliar nossas hipóteses. O que é algo sempre instigante, por sinal, à medida que percebemos que o conhecimento nunca é definitivo. Então, não devemos sacralizar velhas abordagens, convictos que possamos estar em perceber de forma imediata as relações complexas que nos fazem significar nossas próprias representações sociais, num mundo em permanente transformação.

A experiência do pesquisador não é, portanto, uma experiência isolada, mas se configura na relação com outras experiências e assim possibilita-lhe transcender os nexos próprios e mais intimistas. Esse aspecto é uma assertiva de suma importância epistemológica, pois nos fundamenta a pensar que, invariavelmente, uma abordagem científica é originalmente sempre bem construída quando está respaldada nas experiências concretas de quem as produz. Isso não exclui que a própria *performance* investigativa possa inserir uma gama de novos elementos de pesquisa e transformar-se em um mote investigativo fulgurante, sendo configurada a partir de novas percepções, contextualizadas em função de um olhar metódico e preparado a perceber outros ângulos do que se vive na realidade. O olhar investigativo, portanto, embora fundamentado por experiências vividas pelo investigador, também é um olhar que evoca múltiplas dimensões à medida que abarcamos múltiplas possibilidades do vivido em seus contornos contextuais e a partir da maleabilidade das relações estabelecidas pelos atores em questão. O conhecimento nunca é algo pronto a ser colhido em um determinado momento do

amadurecimento investigativo, mas algo a ser construído permanentemente em suas diferentes formas analíticas e enquadramentos teóricos, nunca perfeitamente ajustados, mas, ao contrário, sempre dando margem a novas indagações e ao contraditório de novas ideias e práticas.

Dentro dessa concepção, nos convém expor nossas experiências e o que produzimos a partir delas, incluindo nossas vivências, percepções e representações do mundo. Não acreditamos num conhecimento neutro voltado às Ciências Sociais; não acreditamos na equidistância entre pesquisador e objeto de estudo nas Ciências Humanas. Quem pesquisa também faz parte daquilo que é pesquisado, muito embora não devemos perder a dimensão analítica e a objetividade epistemológica crítica dos atos e propósitos éticos e epistemológicos. Há a necessidade de sempre nos recompor e analisar nossas experiências, pois os fluxos de nossas vivências se cruzam e se comunicam com outras vivências continuamente. Por isso, cabe ao cientista social, ao buscar entender uma dimensão da realidade, buscar os elos que o ligam a outras dimensões existenciais, pois sua capacidade analítica terá maior possibilidade de ser ativada para entender o outro, entendendo a si próprio e aos grupos dos quais faz parte.

Ironicamente, a título de esboço de uma dimensão integrada entre trabalho investigativo e objeto investigado, podemos sugerir que não nos basta entender um horizonte “distante” e “estranhado”, mas também aquilo que nos relaciona a ele. O que nos possibilita pensar que nada é inquestionável em nossas vidas e que não tenha relação com aquilo encarado, a princípio, como diferente e/ou exógeno ao nosso lar, à nossa condição. O “distante” e o “estranho” estão logo ali, dentro de nós mesmos.

1 INTRODUÇÃO

A ênfase às nossas próprias vivências foram fontes primárias para fundar nossa reflexão e implementar o projeto investigativo que introduzimos aqui. Para isso, coube-nos, em primeiro lugar, perceber o lugar no qual nos encontramos no mundo e quais são os grandes temas tratados na atualidade, os fenômenos mais gerais e abrangentes manifestados nas sociedades contemporâneas e as ligações que podemos fazer entre esses temas e os âmbitos mais restritos dos ambientes familiares e das relações de vizinhança de trabalhadores urbanos, visando compreender as ações e os aspectos da vida cotidiana que os caracterizam.

Podemos observar, *grosso modo*, que são muitas as questões que entram ou se mantêm em pauta de discussão nas primeiras décadas deste século. Em termos gerais, cabe destacar a sensação de insegurança em contextos muito dinâmicos, matizada por aceleradas e permanentes transformações que deslocam os indivíduos dos parâmetros outrora centrais da orientação e da organização social, como a predominância das injunções dos estados-nação, dos movimentos sindicais, da ordem para o trabalho, da ideia hegemônica do desenvolvimento e do progresso econômico. Nesse sentido, volvemos a dimensões mais complexas do ponto de vista das trocas e correspondências culturais entre atores sociais à medida que o mundo se torna mais interligado em suas múltiplas dimensões territoriais no espaço e no tempo.

Em função disso, neste mundo complexo, em que relações e influências se estreitam e se expandem diante de mecanismos e anteparos variados que interligam sociedades e indivíduos, reverberam confabulações integrativas, bem como estranhamentos e tensões diante de encontros múltiplos e referências dialógicas cada vez mais abertas. Assim, este trabalho de cunho sociológico vem pautar as ações dos atores sociais com referência às suas trajetórias individuais, promotoras de ideias e posicionamentos. E, da mesma forma, compreender fenômenos e dimensões interativas cada vez mais autênticas aos que percorrem ambientes e propugnam sua liberdade e o seu jeito de ser sem apartar-se, por suposto, dos fenômenos que os integram à sociedade ampla da qual participam.

Ao ter como objeto de estudo catadores de materiais recicláveis e ao relacioná-los a esta dimensão interativa que matiza consciências e amplifica as linguagens e comunicações entre sujeitos, percebemos questões que entram de

forma original na pauta das problemáticas ambientais e do mundo do trabalho. Essas questões, em certo sentido, consubstanciam um debate transdisciplinar permanente, haja vista os rumos que os processos de trabalho e do desenvolvimento econômico geram, tornando mais acirradas as relações sociais contemporâneas e as mudanças em termos de paisagem e do uso dos recursos naturais e humanos.

Intensas transformações produzidas em esfera global, como as novas interfaces do mercado, do crescimento das desigualdades sociais e das mudanças das características ambientais em termos planetários, ganham uma conotação relevante e original. Tais transformações são corroboradas pela reestruturação produtiva e pelos efeitos das inovações tecnológicas no mundo globalizado, como os elevados índices de desemprego e o enfraquecimento do poder reivindicativo dos trabalhadores organizados, resguardadas, evidentemente, as características e conjunturas econômicas de cada país, inclusive em países periféricos à economia mundial, como o Brasil (ANTUNES, 2001).

Acreditamos, nesse sentido, na possibilidade de que esta tese possa nos sinalizar em que medida os catadores de materiais recicláveis se tornam protagonistas, atores sociais ativos, em um mundo em permanente transformação e intensa insegurança em suas definições e prospecções. No caso desta pesquisa, tratamos de sujeitos que sofrem realmente uma condição de vulnerabilidade social frente a situações de trabalhos precários que executam, embora nossa hipótese seja de entender que esses “vulneráveis sociais” também são sujeitos dinâmicos e reflexivos, que buscam através de suas táticas, estratégias e dimensões culturais encontrar possibilidades de vida e integração social capazes de manipular diferentes recursos materiais e simbólicos ligados a domínios distintos, permitindo-lhes mover-se entre vários planos sociais e territoriais.

Embora seus espaços na sociedade sejam ambíguos, pois eles estão situados numa condição entre ser um trabalhador imprescindível à própria sociedade – na medida em que recolhem materiais descartados, muitas vezes, de forma irregular nos espaços públicos por grande parte da sociedade – e numa condição desqualificada e estigmatizada socialmente por exercerem uma atividade tão mal valorizada e conceituada simbolicamente, esses sujeitos atuam e desenvolvem práticas a partir de suas próprias lógicas e condutas. Aspectos esses que consideramos importantes de serem entendidos em uma sociedade dinâmica como

a nossa, caso queiramos compreender os fenômenos complexos e certas referências desta categoria de trabalhadores, naquilo que geralmente – ou circunstancialmente – idealizam e desprezam.

Em função disso, este trabalho tematiza as condições de vida e o caráter reflexivo, prático e estratégico de sujeitos que exercem a atividade de catação de materiais recicláveis (para serem vendidos e reutilizados, uma vez que esse trabalho é um dos meios necessários para manutenção econômica e social de suas vidas). Nossa questão-chave é compreender como este segmento de trabalhadores se movimenta e vai constituindo relações sociais no espaço de trabalho e na vida cotidiana. Elegemos para isso a cidade de Passo Fundo como local desta investigação. Tal localidade caracteriza-se por ser um polo regional emergente no norte do estado do Rio Grande do Sul. Historicamente, o município possui as condições básicas de aceleração reconfiguracional de sua população, renovando sua matriz produtiva nos últimos 50 anos ao absorver amplos contingentes populacionais e reestruturar lógicas de trabalho.

Isso nos remete a pensar na amplitude de relações que estão envolvidas na órbita das esferas locais e globais que se interligam. Em relação ao Brasil, em meados do século passado, tínhamos projetos de desenvolvimento vinculados ao fortalecimento da indústria nacional e a criação de um contingente de trabalhadores sob a batuta do Estado, com vistas a um patamar de crescimento econômico sustentado. Hoje perdemos certos horizontes e certezas, visto a *performance* de um capitalismo globalizado fluído e condescendente com a reestruturação produtiva permanente, com a fragilização da classe trabalhadora e com as mudanças extemporâneas que ele provoca em termos cotidianos, como os níveis de consumo e as correntes migratórias, alterando índices populacionais em escalas locais e regionais.

Relacionado a questões de ordem produtiva e de novos vínculos sociais que alteram as dinâmicas espaciais, encontra-se também a problemática do lixo urbano das cidades que se adensam mediante correntes migratórias e novas escalas de produção e consumo. Observamos um grande contingente de trabalhadores na atualidade vivendo do trabalho de catação do lixo urbano em diferentes cidades do país e do mundo. Esses trabalhadores urbanos, em primeira análise, podem ser considerados um contingente de pessoas que encontra no trabalho informal da catação uma oportunidade de seu sustento econômico, embora com poucas

garantias sociais, exercendo um trabalho eminentemente precário e desgastante. Pois, majoritariamente, estão presentes em grandes aterros de lixo urbano ou trafegando pelas ruas catando materiais no lixo doméstico de residências, expostos a contaminantes, objetos de riscos e intempéries climáticas.

Dessa forma, a discussão do lixo urbano também perpassa um debate na sociedade que traz à tona a noção de insegurança e ambivalência a respeito tanto do apelo pela diminuição dos níveis de desperdício de matéria-prima retirada da natureza, diante de formas predatórias do uso dos recursos naturais, quanto do desenvolvimento das condições de trabalho de uma parcela da população à margem de empregos formais, que executa atividades laborais a partir de materiais considerados fora de uso em determinado momento da cadeia de produção e consumo.

No mesmo sentido, percebemos que este momento é decisivo para fomentar uma discussão relacionada aos dejetos que criamos em meio aos recursos que possuímos na natureza e na sociedade. Os processos de globalização e democratização no Brasil – não sem revezes, dificuldades e tensões – vêm provocando o redimensionamento de estratégias e de ações de diversos atores, abrindo possibilidades de comunicação e arregimentando poderes na proposição e fomento de políticas públicas e sociais na área do gerenciamento de resíduos sólidos. Há que salientar-se o quanto é decisiva a organização de grupos formais e informais de trabalhadores que vão se estabelecendo como elementos econômicos, políticos e identitários nesse contexto. E, assim, vão emoldurando espectros de possibilidades criadas frente às estruturas e instituições já constituídas, na medida em que outros grupos tradicionais de trabalhadores, a exemplo de operários industriais e agricultores, vão se fragilizando como força econômica e política propositiva. Podemos perceber, diante disso, na complexidade das sociedades atuais, o nascedouro de possíveis mobilizações sociais a partir da formação de novos grupos profissionais e identitários, com perfis diversos e capacidades de mobilizações singulares às existentes até então, em diferentes formas e dimensões sociais.

Há que dar-se determinada atenção, enfim, aos catadores de materiais recicláveis como sujeitos que reagem e interagem no contexto social do qual fazem parte. Mesmo que essas reações sejam indeterminadas, ainda muito tênues e

dependentes, na composição de táticas e estratégias capazes de levá-los a adquirir certo protagonismo nas formas de fazer seu trabalho e buscar sua autonomia.

Da mesma forma, é possível que também estejam acontecendo avanços na condição de determinados grupos sociais à medida que descobrem a noção de direitos humanos amparada na sua própria racionalidade cultural e na sua intervenção social específica, dentro de um contexto heterogêneo de ideias e manifestações públicas observadas nas sociedades. O Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), por exemplo, surge, sobretudo, pela desenvoltura de ações de grupos de catadores que visavam enfrentar coletivamente alguns desafios sociais e econômicos. Dentre esses desafios, encontram-se: a própria falta de trabalho formal; as péssimas condições dos aterros de lixo municipais; o descaso das autoridades do Estado a uma parcela da população que busca seu sustento através de um trabalho com poucas garantias econômicas e sociais, integrada de forma precária à lógica da cadeia do trabalho da reciclagem de lixo.

Geralmente os catadores, vinculados ou desvinculados de formas de organizações cooperativas de trabalho, passam várias horas diárias pelas ruas das cidades acumulando materiais (papéis, latas, plásticos, metais etc.) em seus carrinhos ou em suas carroças (materiais que serão vendidos a intermediários do setor da indústria da reciclagem). Os intermediários, “sucateiros” ou “atravessadores”, como alguns costumam denominar, revendem à indústria da reciclagem a “produção” do catador para que ela seja processada e recondicionada para outra ou mesma finalidade de consumo. Como a acumulação de materiais por parte dos catadores é, geralmente, reduzida, em baixa escala, o trabalhador acumula pouca margem de negociação para garantir melhores preços pelo material que seleciona nas ruas e em outros espaços, tornando-se “presa” fácil dos agentes intermediários na cadeia econômica em que está inserido (BOSI, 2008).

Nesse caso, tratar a mobilidade do ator nas relações (tramas) que estabelece nos fluxos urbanos é uma estratégia epistemológica interessante, pois, assim, buscamos a vantagem de compreender ações sociais de indivíduos concretos, em plena execução do trabalho, não arrolando como único e fundamental aspecto o modo de inclusão social precária imposto a eles. A perspectiva desta pesquisa social é acionar um aporte teórico para respaldar cognitivamente uma interpretação sobre a fluidez das ações sociais em um espaço urbano, em um espaço de práticas e

entrelaçamento social construído cotidianamente pelos atores sociais implicados numa dimensão de trabalho. Entendemos, mediante esta proposta, que o que se pode generalizar frente aos fenômenos sociais são as possibilidades de ação dos atores a partir de suas experiências concretas. As particularidades atitudinais e representacionais, por sua via, certamente enriquecem a análise contextual e ampliam a leitura (interpretação) da realidade neste trabalho de pesquisa.

Assim sendo, propomos que os catadores devam ser entendidos por uma metodologia de pesquisa também reflexiva do ponto de vista de abarcar suas experiências sociais, suas trajetórias e relações de trabalho, visto vislumbrarmos nuances dos processos e da pluralidade que os caracterizam, a exemplo de todos nós, envoltos em necessidades, mudanças e ajustes realizados no dia a dia.

O meio urbano, conforme Lefebvre (1969) nos aponta, talvez seja o espaço mais dinâmico da vida social. São nas artérias e nas vias de acesso de uma cidade que se estabelecem muitos encontros, lugares de consumo comum, em que o valor de uso dos objetos produzidos resiste ao mero valor de troca. É no espaço público das trajetórias dos atores sociais que repercute a arte e a criatividade para “ganhar a vida”. Nada mais sensato, ao estudar os atores no seu espaço urbano, que dar relevância às suas trajetórias e tramas desenvolvidas.

Dessa forma, pesquisar aqui o sujeito catador faz parte da possibilidade de ir além da ideia de ver os sujeitos catadores como naturalmente precarizados, pois se busca compreender suas mobilidades e sociabilidades nos espaços de suas práticas e racionalidades. Buscamos entender, assim, a própria ação reflexiva de sujeitos que executam determinadas atividades na catação, analisando suas formações e ideias. Enfatizamos, para isso, da Sociologia das Experiências proposta por François Dubet (2003, p.48):

Cada um de nós age também em diferentes “mercados” em que dispõe de recursos e “capitais” e, mesmo se o poder não é definido por um jogo com soma nula, acontece que o poder se adquire por uma capacidade estratégica própria, que não é unicamente imposto pela estrutura das posições. A heterogeneidade dos registros da ação determina a natureza de um jogo das desigualdades sem fixá-lo totalmente, e os atores são também obrigados a construir uma parte de sua igualdade, ou daquilo que eles consideram como tal, através da defesa de sua face, de sua dignidade e de sua honra.

Particularmente, na medida do possível, acreditamos ser imprescindível dar relevância aos aspectos culturais de diferentes grupos que se entrecruzam nas sociedades, rompendo fronteiras culturais pela possibilidade de maior comunicação

em um universo de mais abertura de mobilização política e interação institucional e cultural. Assim podemos observar as diferentes formas de vida e apreensões dos espaços-temporais por diferentes segmentos das sociedades, em suas assimilações, adaptações e resistências, mediante o encontro e as relações entre poderes instituídos. Dessa forma, deve-se buscar entender uma fatia do mundo concreto das relações sociais hoje existentes (MARTINS, 2012), observando suas próprias ações e condicionamentos frente a questões amplamente discutidas, como o trabalho e a vida cotidiana em sociedade.

Conforme o processo de construção objetiva deste trabalho, nossa concepção geral é descrever ações e trajetórias concretas de indivíduos que percorrem uma determinada cidade e integram diferentes escalas de participação social, onde expressam suas capacidades estratégicas e táticas, assim como suas subjetivações calcadas em suas próprias definições culturais, representacionais e éticas. Em verdade, essa reflexão busca compreender ações de atores sociais de forma que estabeleça um argumento de interdependência entre eles e a sociedade como um todo, sem exclusão das tensões e dos conflitos inerentes às relações sociais. Por esta dimensão, entendemos que o ator social não é um produto individual, mas uma vida com trajetória que se entrelaça e forma tramas sociais, culturais, econômicas e políticas, incorporando interesses, valores, ideais e práticas. Abdicamos da ideia, de forma geral, de que somos socializados homogeneamente pelas estruturas sociais, respaldados, como poderíamos supor, por um sistema fechado e articulado por funções definidas, distribuidora de papéis sociais a serem assumidos pelos sujeitos. De forma semelhante, não ratificaremos a noção de que os indivíduos são elementos racionalmente independentes e desconexos das relações sociais que estabelecem. Pelo contrário, buscamos realçar a complexidade do que somos, das interações que construímos e das quais participamos e, por outro lado, da capacidade de articulação subjetiva que formamos, incluindo os processos de rompimentos e desvios praticados frente aos entraves e conflitos que nos intercedem em diversos momentos de nossas experiências relacionais.

Tivemos, enfim, a preocupação de estabelecer um plano investigativo que tem como aspectos fundamentais as disposições culturais, econômicas e valorativas de determinados catadores de materiais recicláveis. Disposições amalhadas como registros das experiências que vivenciam e, por consequência, consubstanciam processos lógicos de integração, de estratégia, de tática e de subjetivação social por

parte desses mesmos atores, executores do trabalho-base da reciclagem do lixo urbano em uma determinada cidade. Buscou-se entender, enfim, como são sempre renovadas as formas e práticas de trabalho em uma *sociedade complexa* (VELHO, 2013; MELUCCI, 2001), envolvendo múltiplas relações e conhecimentos, o que também induz a uma maior margem de reflexividade por parte dos atores, condição *sui generis* em sociedades de *alta modernidade* (GIDDENS, 1991; 2002).

A dimensão política nesse processo de trabalho investigativo também teve algum destaque, pois os interesses sociais e econômicos envolvidos com a dinâmica do trabalho de reciclagem de resíduos constituem-se como tema relevante ao se perceberem novas formas de trabalho de setores ligados à economia. Um exemplo disso são os próprios catadores que buscam coordenar suas ações frente a uma sociedade que os classifica e os estigmatiza, provocando, conforme Sawaia (2010), um sofrimento ético-político, fenômeno salientado muitas vezes pelos próprios catadores. Sofrimento oriundo da própria divisão hierárquica socioeconômica e cultural estabelecida ao longo da história, em uma sociedade que se constitui por suas *múltiplas desigualdades e injustiças sociais* (DUBET, 2003).

Para que pudéssemos investigar as lógicas das ações sociais dos catadores de materiais recicláveis em Passo Fundo, a partir de suas experiências amparadas em suas trajetórias de trabalho e práticas cotidianas, tivemos que estabelecer um rol de ações que pudessem dar conta do objetivo geral em questão. Buscamos para isso concatenar os seguintes objetivos específicos:

- a) Descrever processos de mobilidade socioespacial dos catadores perante as oportunidades de trabalho encontradas nos espaços de fluxos urbanos;
- b) Interpretar ideias, valores e práticas que compõem as experiências de vida e de trabalho dos catadores;
- c) Compreender as lógicas desses trabalhadores em relação às suas práticas e estratégias de trabalho, nas interfaces com outros atores sociais, públicos e privados;
- d) Analisar interações dos trabalhadores em seus espaços de sociabilidade (associações, igrejas, locais de trabalho e moradia, entre outros) e a constituição de seus aportes culturais e manifestações políticas;

- e) Identificar a constituição de vínculos identitários e manifestações entre catadores, seja na organização do trabalho cooperativo ou no trabalho individual informal.

Em síntese, nossa preocupação foi relacionar os trabalhos e os fluxos urbanos de uma categoria de atores que percorre a cidade, estabelecendo contatos múltiplos com outros atores sociais com os quais mantêm correspondência. Basicamente, em suas trajetórias de vida e do momento presente, os catadores adquirem o patamar de viverem diversas experiências em ser ou estar catador, o que buscaremos demonstrar aqui mediante cenas descritas por eles mesmos. Utilizamos, ao andarmos pela cidade, o aporte técnico do registro fotográfico nos momentos da pesquisa de campo ou em meio a momentos fortuitos em que nos deparávamos com certas imagens pela cidade. Em nenhum momento, porém, buscamos estabelecer uma dicotomia entre trabalho e vida cotidiana, mas relacionar os âmbitos da vida desses trabalhadores. Entendemos, ainda, que as lutas travadas para serem reconhecidos como trabalhadores são fatores determinantes para a autorrealização dos sujeitos e, nesse sentido, compõem suas disposições sociais, tornando-se balizadores das lógicas e das práticas sociais que exercem.

Este trabalho está dividido em seis capítulos, além desta **Introdução** e das **Considerações finais** que sintetizam as principais reflexões, análises e contribuições desta tese, por vez indicando possibilidades de novas abordagens do tema aqui exposto.

O primeiro capítulo propriamente dito, **Vertentes de estudos das ações e fluxos nas sociedades contemporâneas**, destaca uma reflexão teórica centrada na dinâmica do mundo contemporâneo e dos fluxos das ações sociais. Traz à tona, sobretudo, o debate sobre o fenômeno das aceleradas transformações sociais nas sociedades contemporâneas e o aspecto da insegurança pela falta de certezas e definições sobre o futuro individual e coletivo dos sujeitos. Ligado a isso, busca refletir sobre os aspectos do trabalho e das questões ambientais emergentes. É elaborado também um debate sobre os pressupostos voltados à ação dos atores sociais contemporâneos, suas lógicas e possibilidades de serem protagonistas em sociedades complexas. Ligado a esse debate, introduz as primeiras apreensões sobre o objeto de pesquisa, os catadores de materiais recicláveis, abordando, predominantemente, a mobilização política dos catadores na medida em que se

destacam como atores coletivos e força política de indução das políticas públicas na área de gerenciamento de resíduos sólidos no Brasil. Ainda coloca em relevo, na última parte do capítulo, as referências de alguns estudos sobre catadores no Brasil, suas abordagens e pressupostos analíticos.

O capítulo 3 tem o título ***Problematização do estudo e o percurso metodológico***. Esse capítulo tem como proposta mostrar o percurso metodológico que empreendemos, o qual destaca o próprio ambiente de pesquisa e os rumos que foram percorridos por este estudo. A importância da cidade como elemento dinâmico e concreto para a implementação do estudo é justificada, o que torna nossas próprias experiências um ponto chave de nossa inserção no campo de pesquisa e análise dos dados. Elabora, ainda, uma reflexão eminentemente teórica da relação sujeito pesquisador e objeto investigado, problematizando uma discussão sobre o alcance de interpretações de certas modalidades de ação de catadores de materiais recicláveis. Em sintonia a isso, explica os procedimentos metodológicos elaborados e implementados pelo estudo, definindo a pesquisa como sendo de cunho qualitativo como norte preponderante da investigação.

Espaços sociais de trabalho e o perfil do catador em Passo Fundo é o quarto capítulo, mas se caracteriza por ser um capítulo-início do ponto de vista da análise empírica. Tem como objetivo ampliar a apresentação do município de Passo Fundo, mediante uma exposição que nos faça perceber os níveis de importância dessa configuração territorial para o entendimento de alguns aspectos da realidade de um conjunto particular de catadores. Aborda certas condições estruturais do desenvolvimento da cidade, certas condições de vida e aportes relacionais circunscritos em suas particularidades e especificidades históricas. Este capítulo traça, de forma mais pormenorizada e metódica, o perfil dos catadores de Passo Fundo. Busca iniciar um debate, visando salientar os aspectos que os tornam semelhantes em certos aspectos e heterogêneos em outros, na medida em que se distribuem de forma variada pela cidade, esboçando um conjunto de disposições pregressas e práticas sociais pontuais.

O capítulo 5, ***Origens, percursos e disposições sociais***, traz à tona sete exemplos representativos de trajetórias de catadores de materiais recicláveis. Caracteriza-se por ser um capítulo-ponte, inserido entre dados empíricos de diferentes dimensões, quantitativos e qualitativos. O objetivo desta parte do texto é elaborar quadros de referências empíricas para que possamos refinar as análises

anteriores e subsequentes a partir de experiências concretas de vida dos atores sociais. Ou seja, busca aprofundar panoramas (quadros) sociais a partir de exemplos de trajetórias de vida. Organiza, assim, quadros de relações, hábitos e disposições dos atores em seus microcontextos e maleabilidades sociais, diante de vivências e práticas particulares e singulares.

O penúltimo capítulo, ***Nas tramas urbanas e na conjunção das disposições***, destaca-se por ser o capítulo-chave da tese, pois conforma o estudo na perspectiva de estabelecer congruência entre as partes do trabalho, ligando definitivamente as argumentações teóricas e os arcabouços empíricos que fundamentamos. Consoante a isso, frisa os processos de ajustamentos e mediações que acontecem nos espaços da casa e horizontes associativos, bem como concentra sua análise no trabalho desenvolvido na rua e de seus reflexos nos ambientes da vida cotidiana. Além dessas abordagens, o capítulo fundamenta a ideia do movimento e como ele emerge das lógicas sociais e acontece na prática do dia a dia dos trabalhadores. Destaca a mobilidade como um recurso social e se propõe pensar os processos de individualização e associação como, fundamentalmente, processos estratégicos dos catadores.

O último capítulo, ***Redes e autenticidades nas dinâmicas culturais***, caracteriza-se como um capítulo-terminal-fundacional, pois realça uma discussão final que tem por objetivo sintetizar alguns temas tratados na tese, buscando atingir outras dimensões da realidade e da composição dos grupos e das lógicas dos atores. Por outra parte, abre novos focos de discussão expondo possíveis fundamentações investigativas futuras e essenciais para compreender-se outros fatores que compõem a complexidade do objeto de estudo. Frisamos, dessa forma, dois casos de organização para o trabalho, mediante contatos e reciprocidades em que determinados atores se inserem e adquirem ao longo de suas vidas, formando redes mais densas de âmbito familiar e mais abertas com ligações construídas por intermédio de uma gama diversa de atores e instituições locais, respectivamente.

Cabe ainda esclarecer que a proposta estrutural deste trabalho é de entrar, sair e retornar aos universos de estudo. Buscamos entender os sujeitos em seus locais mais íntimos e mais abrangentes a partir das modulações e das diferentes escalas de relacionamentos que possuem. A própria forma em que foi organizada esta tese atesta nossa opção, sem submeter âmbitos da realidade a níveis maiores

ou menores de importância, mas, como um pêndulo, transitar em diferentes lados e dimensões do espaço que nos acolhe e faz refletir sobre o vivido.

2 VERTENTES DE ESTUDOS DAS AÇÕES E FLUXOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Este capítulo tem por objetivo consubstanciar teoricamente a investigação, levando em consideração questões conceituais que julgamos imprescindíveis à análise do contexto histórico e da participação laboral de catadores de materiais recicláveis, segmento de trabalhadores que ganhou relevância nas últimas décadas em diferentes partes do mundo. A importância dos catadores, na atual fase de nossas sociedades, transcende a dimensão econômica, pois suas presenças, ao trilharem espaços em diversas cidades, trazem em si, em suas figuras, em seus corpos, em suas práticas, um campo de questionamentos que nos remete a pensar como as próprias sociedades se organizam e se dinamizam em seus aspectos sociais, culturais, políticos e, entre todos esses aspectos, como há a ressignificação de valores e aportes éticos relacionados à própria dimensão do consumo, da busca por autonomia e da ampliação dos níveis de liberdade que determinados sujeitos buscam adquirir no seu dia a dia.

Ao conduzirmos este trabalho científico, coube-nos, então, aprofundar alguns conceitos que servirão de pilares a nossa investigação. Esses conceitos condicionam as primeiras análises no sentido de compreendermos trajetórias de sujeitos que, de forma muito significativa, circulam por diferentes planos urbanos, culturais e projetos específicos ao se comunicarem e reivindicarem espaços de trabalho e visibilidade na sociedade.

Este capítulo se divide em três seções articuladas com o intuito de focar reflexivamente a importância das ações de sujeitos sociais. Sujeitos que se relacionam e vão produzindo ajustamentos e mediações a partir dos aportes que a sociedade lhes transfere, mas que não se resumem a tal influência, pois, a partir das múltiplas experiências vivenciadas, os indivíduos fazem suas escolhas, criam possibilidades e renovam seus estoques recursais e disposições que os fazem atuar na sociedade.

Na primeira seção deste capítulo, *Incertezas, espaços de fluxos e relações sociais (2.1)*, buscamos contextualizar historicamente o atual momento de incertezas vivenciadas pela totalidade dos indivíduos em sociedade. Incertezas nas quais o conjunto das sociedades está imerso na medida em que estamos inseridos em ambientes de profundas e constantes transformações sociais, causando-nos certas

dúvidas e ansiedades em nossa forma de ser e de atuar. Transformações propulsionadas pelos espaços de fluxos criados entre a diversidade de lados comunicantes, na mudança conotativa das linguagens, das práticas e dos usos dos espaços e tempos, provocadores de múltiplas oportunidades de contatos e cruzamentos entre sujeitos. Em consequência disso, existe um maior dinamismo em torno das influências, das possibilidades e dos bloqueios explorados por cada um. Essa ideia se insere a partir das propostas teóricas representadas aqui, inicialmente, por Manuel Castels, Anthony Giddens e Vera Telles, sociólogos contemporâneos que buscam entender o processo de globalização mundial e de como este fenômeno opera na órbita das relações sociais concretas, seja no âmbito dos grandes fluxos relacionais globais ou daqueles que se revigoram – ressignificam – nos fluxos dos espaços locais.

A segunda parte, *Lógicas das ações e disposições sociais* (2.2), refinará a abordagem teórica precedente, buscando dar vazão à possibilidade de entender-se a ação social de atores singulares, em seus espaços de atuação mais imediatos e intimistas, embora façam a interface com as dimensões macroestruturais, seja direta ou indiretamente. Nesse sentido, aqui fica exposta a ideia de pensar os indivíduos como elementos que também traçam suas *performances* e estabelecem suas próprias diretrizes e conhecimentos. As referências básicas dessa abordagem estão vinculadas aos autores François Dubet, Michel de Certeau e Bernard Lahire, cada um com suas abordagens e contribuições teóricas.

Na última seção, *Dimensões e estudos sobre a atuação dos catadores* (2.3), particularizamos a abordagem, sem desconsiderar os elementos anteriores que nos servem de suporte, como os próprios fenômenos das redes e lógicas sociais que se tornaram o mote inicial de nossa reflexão. Essas redes, de certa forma, também se “pulverizam”, se transformam e se restringem, pois são nítidas as hierarquias nas redes sociais e nos espaços de fluxos. Existem redes hegemônicas que transcendem o espaço local e redes contra-hegemônicas que dizem mais respeito à condição de convivência territorial, regional ou local, embora estas não estejam alheias ao mundo, evidentemente. Nesse segmento, serão referendadas algumas questões sobre a própria origem de determinadas lutas de movimentos sociais e, em específico, a condição dos catadores organizados coletivamente ou daqueles que executam a ação de trabalho de forma individualizada ou em pequenos grupos, geralmente familiares. Além dessa abordagem, num segundo momento dessa

seção, apontamos algumas linhas de estudos científicos realizados no Brasil sobre catadores de materiais recicláveis e temas conexões.

A ideia de estruturar esses temas segue a diretriz precípua de nossa abordagem ao embasar o material empírico organizado nos capítulos subsequentes, nos quais se busca mostrar a dinâmica de atores sociais concretos em um ambiente que os inclui e os restringe, nas relações complexas provenientes das diferenças sociais que os próprios indivíduos carregam e os caracterizam no espectro das relações sociais que estabelecem.

2.1 INCERTEZAS, ESPAÇOS DE FLUXOS E RELAÇÕES SOCIAIS

A constatação de que atualmente vivemos num ambiente calcado pelas incertezas dos fenômenos sociais e materiais, consubstanciando a insegurança como tônica permanente de nossas vidas, tornou-se algo de certa forma consensual. Faz parte da percepção comum dos indivíduos certa sensação de insegurança como algo sentido no dia a dia, na prática das relações estendidas que são desenvolvidas nos diferentes âmbitos das relações sociais. Processo de insegurança tão bem dimensionado por Giddens ao refletir sobre as sociedades atuais e sobre a consistência dos contatos e relações sociais desenvolvidas (GIDDENS, 2007). Segundo esse autor, a imprevisibilidade torna-se elemento característico das sociedades contemporâneas, inserida pela complexidade da dinâmica societal; visto ser a própria insegurança, em certa medida, um dos potentes fatores do próprio e constante revigoramento dos fenômenos sociais, políticos, econômicos e culturais.

Diante de tais considerações, cabem-nos as seguintes indagações: o que podemos entender por incertezas e inseguranças nas sociedades contemporâneas? Qual a origem desse sentimento? Como hoje este fenômeno se manifesta? Quais são as suas dimensões e importâncias para entendermos aquilo que nos cabe, aquilo que nos impacta como seres humanos? Acreditamos que certa digressão histórica seja fundamental para refletirmos sobre estas indagações.¹

¹ Mesmo que não seja diretamente o objetivo final desse estudo, tais reflexões nos permitirão acionar uma gama de questões que devem ser postas para que seja entendida as ações daqueles que qualificaremos como atores sociais, em um universo que se caracteriza por permanentes transformações e ajustes realizados por esses atores.

Para darmos conta de tais questionamentos, partimos da ideia de que as sociedades atuais se configuram por apresentar um volume de disposições às mudanças sem precedentes na história da humanidade. Vivemos, em grande parte, em sociedades muito dinâmicas em suas interações, nas quais o caráter inovador é recorrente e compõe um forte elemento de impulso às mudanças. Isso estabelece uma condição de ajustes e adaptações variáveis e constantes diante dos fluxos relacionais que se criam e recriam em um espaço e tempo que se dinamizam, causando nos indivíduos certo desconforto pela falta de prospecção de sua existência e uma “natural” ansiedade na definição dos processos dos quais possam fazer parte.

A frase antológica de Karl Marx e Friedrich Engels (1988, p. 79), no Manifesto do Partido Comunista, escrita em meados do século XIX e por diversas vezes referenciada em trabalhos históricos e sociológicos, ainda reflete toda a magnitude de abertura de um tempo histórico que não se dá por encerrado, qual seja: “tudo o que era sólido e estável evapora-se, tudo que era sagrado é profanado e os homens são, finalmente, obrigados a encarar com serenidade suas condições de existência e suas relações recíprocas”. Em consonância com uma nova perspectiva social em seus atributos econômicos, políticos e culturais, a assertiva de Marx e Engels é categórica para pensar-se os aspectos revolucionários da sociedade de sua época e de como se desenvolvia uma nova dinâmica relacional que rompia barreiras do sagrado e da pessoalidade relacional, estabelecendo uma nova órbita de relações coordenadas pela lógica do capital e pelas relações de mercado, aspectos estes subjacentes à frase em destaque.

Novas injunções de exploração do trabalho e da organização da produção corromperão de forma importante as lógicas das sociedades medievais e de suas tradições. No turbilhão das mudanças, segundo Marx e Engels, cria-se um novo homem, de fundamentação social e econômica, regido por novas relações de produção e circunscrito numa nova concepção de conflito de classes, entre burgueses e proletários. Mais que mera mudança das relações de exploração econômica e de troca, considerava Marx e Engels, por sua contingência, a existência de um novo momento histórico com profundas mudanças sociais e alterações nos ditames da superestrutura ideológica e valorativa.

Em realidade, sem tergiversarmos, os últimos dois séculos são emblemáticos na história da humanidade, visto a capacidade existencial de uma nova lógica

relacional, não apenas estampada pelos meios físicos das mudanças ambientais que provocam em todo o planeta, mas também pela capacidade de ressignificação dos nossos próprios aparatos comunicativos e, por conseguinte, de nossos ajustes nas sociabilidades que produzimos.

George Simmel (1979), de certa forma, contribuindo com o debate que analisa as novas circunstâncias do Homem moderno e com o teor da análise marxiana, demarcará, no início do século XX, que vivemos numa profunda ambiguidade. Segundo Simmel, essa profunda ambiguidade refere-se à condição da sociedade moderna que, embora estabeleça um padrão normativo de fundamentação econômico-restritiva, ao criar critérios de troca e de conformidades universalizantes às dinâmicas impessoais e concorrenciais pela via do dinheiro e dos contratos, também estabelecerá uma condição de certa liberdade ao indivíduo, que lhe possibilita estender suas escolhas a uma dimensão própria das suas capacidades individuais. A metrópole, a grande cidade, particularmente, é um facilitador da impessoalidade e do trânsito de subjetividades humanas, rompendo as amarras dos “grilhões” pessoalizados das formas de sociabilidades tradicionais e homogêneas de períodos precedentes – as relações restritamente territoriais e circunscritas ao espaço local, em seus vários exemplos.

As relações que estabelecem a sociabilidade não se circunscrevem mais de forma única e predominante pelas relações presenciais, ou seja, pelas relações face a face. É nesse sentido que Giddens (1991) observará que contatos se ampliam entre indivíduos em sociedades. Indivíduos não refratários aos novos meios de comunicação estabelecidos até hoje (televisão, Internet, telefone celular e seus aplicativos) e que estendem múltiplas influências às trocas sociais, culturais, econômicas e políticas. A dimensão das correspondências tem o caráter de ampliar-se, globalizando os contatos, confrontando práticas, noticiando acontecimentos, aglutinando sujeitos a organizações de cunho político e cultural, seja a movimentos sociais ou a um mero debate político não presencial, a distância, utilizando as novas redes sociais informacionais e interativas. Haja vista as formas de comunicação massificadas que estabelecem na atualidade contatos permanentes ou fracionados (inconstantes) que não se limitam ao caráter presencial e direto entre as partes comunicantes.

Nessa perspectiva, realmente as estruturas tecnológicas ampliaram as ligações entre mundos e práticas diversas. Por consequência, alteraram padrões de

tempos e espaços diversos, com conexões que interligam produção, consumo, modismos sociais e diversidades culturais, interferindo nas próprias trajetórias atitudinais e idealizadas pelos sujeitos. Ou seja, os novos aparatos técnico-informacionais das últimas três décadas amplificam a dimensão performática dos indivíduos, tornando o dinamismo relacional ainda mais proeminente, rompendo barreiras territoriais e redimensionando o espaço e o tempo de encontros nas sociedades. Com isso, criam-se tendências culturais e valores comuns ao mesmo tempo em que se observa a diversidade no interior do conjunto, conformando grupos e forças associativas de diferentes matizes políticas, ideológicas e culturais, sendo a própria diversidade uma matriz recursal que distingue e apodera determinados indivíduos e grupos, mas que, ao mesmo tempo, é um fator de permuta e de conflito entre partes que se classificam e se relacionam.

São, nesse sentido, verdadeiramente emblemáticos os teores das mudanças, elevando nossa capacidade de nos tornarmos atores (indivíduos ativos) em sociedades cada vez mais complexas, caracterizadas por contatos irregulares, nuances, incertezas e influências múltiplas. Qualificadas, em suma, por matizes relacionais que amplificam e possibilitam uma maior *performance* de trocas e correspondências entre sujeitos (YÚDICE, 2006).

É nesse sentido que, aliando-se à perspectiva de certa maleabilidade das ações sociais, Gilberto Velho (1981, p.32) incorpora a seus estudos antropológicos um teor de subjetivação dos sujeitos em sociedades urbanas, espaço esse que recobre em seus estudos.

Quanto mais exposto estiver o ator a experiências diversificadas, quanto mais tiver de dar conta de ethos e visões de mundo contrastantes, quanto menos fechada for sua rede de relações ao nível do seu cotidiano, mais marcada será a sua autopercepção de individualidade singular.

O indivíduo não pode mais ser entendido, dentro dessa perspectiva que envolve diferentes abordagens e perspectivas teóricas, como um elemento encapsulado em determinados desígnios e funções, dentro de uma dimensão territorial unidimensional e fechada sistemicamente. Por isso que a própria noção de indivíduo nas Ciências Sociais ganha novo impulso, frente à perspectiva de que as fronteiras entre as noções de indivíduo e ator social se tornam tênues. Entendemos, dessa forma, que as trajetórias dos indivíduos se compõem na rede de relações e experiências que são conformadas no seio das sociedades complexas, mediante

fluxos e contrafluxos das manifestações e relações sociais desenvolvidas. Dessa forma, as experiências de determinados indivíduos são partes e disposições das relações sociais estabelecidas e por eles vivenciadas, na interface de múltiplas experiências vividas. Os indivíduos, dessa forma, não são socializados de maneira homogênea, pois isso é algo impossível, visto as características das sociedades atuais e do rol de possibilidades e atributos que se formam na teia relacional que se reconfigura constantemente. O que os torna sujeitos ativos, ou seja, atores investidos de disposições sociais criadas e demarcadas ao longo de suas trajetórias de vidas específicas (LAHIRE, 2001), o que os torna protagonistas em diferentes escalas de seus relacionamentos.

O sociólogo Manuel Castells, em sua trilogia, *A era da informação: economia, sociedade e cultura*, busca compreender as sociedades atuais dentro de um teor analítico que evoca o desenvolvimento material das relações sociais imbricadas na conformação entre *espaços de fluxos* e *espaços de lugares*. Cabe considerar, dentro da perspectiva deste sociólogo contemporâneo, o quanto se torna complexa a interação entre tecnologia, sociedade e espaço. Se em toda a humanidade o tempo e o espaço foram fatores fundantes dos modos de vida e das estratégias dos sujeitos vivendo em coletividade, pois é no espaço e no tempo determinado que são realizadas nossas ações concretas, a alteração de forma tão radical dessas dimensões certamente gerou verdadeiras “revoluções” do ponto de vista transformativo de nossas capacidades e realizações, minimizando certos esforços e maximizando potencialidades de comunicação e influências múltiplas, destituindo poderes centrais e operações conexas que davam orientação aos indivíduos.

No volume 1 da Trilogia, *A sociedade em rede* (1999), Castells dedica-se à concepção do espaço de fluxos. Assevera que na contemporaneidade vivemos socialmente amparados por fluxos conectivos que dinamizam toda a dimensão e capacidade social.

[...] nossa sociedade está construída em torno de fluxos de capital, fluxos da informação, fluxos de tecnologia, fluxos de interação organizacional, fluxos de imagens, sons e símbolos. Fluxos não representam apenas um elemento da organização social: são a expressão dos processos que dominam nossa vida econômica, política e simbólica. Nesse caso, o suporte material dos processos dominantes em nossas sociedades será o conjunto de elementos que sustentam esses fluxos e propiciam a possibilidade material de sua articulação em tempo simultâneo. Assim proponho a ideia de que há uma nova forma espacial característica das práticas que dominam e moldam a sociedade em rede: o espaço de fluxos. O espaço de fluxo é a organização

material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos (CASTELLS, 1999, , p. 501).

O espaço de fluxos seria, dessa forma, os corredores dinâmicos da sociedade, as vias de acesso que separam os nós de uma rede de relações que interligam interesses diversos. Dentro dessa perspectiva, Castells (1999) dá importância à ambiguidade que se estabelece entre a dispersão e a concentração de instituições, organizações e atores sociais. Uma questão importante nesse processo, em voga em Castells, é de que as sociedades e os grupos sociais se libertam das amarras de uma territorialidade descontínua e se tornam mais interdependentes em função de outras territorialidades. Um fator que elucida melhor esse processo é o âmbito do uso dos aparatos tecnológicos, pois eles são, em grande parte, novos meios que instrumentalizam instituições e organizações, além de pessoas físicas, a quebrarem as barreiras das distâncias e se conectarem a redes interativas de informações, logísticas empresariais, poderes e interesses particulares. A globalização torna-se, dessa forma, um processo concreto de “compressão do espaço e tempo” (HARVEY, 1999), embora versátil, pois as redes que operam interesses são maleáveis e estendidas. E tais redes se formam a partir de determinadas estruturas e ações estratégicas, ligando e desligando pontos de contatos, estabelecendo mecanismos de cooperação, exploração e exclusão entre atores e locais determinados.

[...] a direção e a arquitetura dessas redes estão sujeitas às constantes mudanças dos movimentos de cooperação e concorrência entre empresas e locais, algumas vezes historicamente cumulativos, outras, revertendo o modelo estabelecido mediante deliberada iniciativa empreendedora institucional. O que resta como lógica característica da nova localização industrial é sua descontinuidade geográfica, paradoxalmente formada por complexos territoriais de produção. O novo espaço industrial é organizado em torno de fluxos da informação que, ao mesmo tempo, reúnem e separam – dependendo dos ciclos das empresas – seus componentes territoriais. E, à medida que a lógica da fabricação da tecnologia da informação vai passando dos produtores de equipamentos da tecnologia da informação para os usuários desses dispositivos em toda a esfera da indústria, também a nova lógica espacial se expande criando uma multiplicidade de redes industriais globais, cujas interseções e exclusões mudam o próprio conceito de localização industrial de fábricas para fluxos industriais (HARVEY, 1999, p. 483).

Nesse processo, os espaços locais não se tornam lugares estanques e “pavimentados” por sua solidez, mas se convergem ainda mais como dimensão interativa de conexões e mecanismos relacionais. Determinadas cidades,

principalmente as grandes metrópoles, tornam-se espaços globais dentro de um processo nodal que as interliga a uma rede conectada com outros pontos do planeta, recebendo múltiplas influências e proposições, de forma que também se tornem componentes de relativo poder, proponente no fluxo da dimensão espacial. Assim,

[...] o fenômeno de cidade global não pode ser reduzido a alguns núcleos urbanos no topo da hierarquia. É um processo que conecta serviços avançados, centros produtores e mercados em uma rede global com intensidade diferente e em diversas escalas, dependendo da relativa importância das atividades localizadas em cada área vis-à-vis a rede global (CASTELLS, 1999, p. 470).

Uma posição a ser considerada a tudo o que já foi demarcado até aqui é de que o tempo e o espaço não podem ser entendidos independentemente da ação social. Como referenda Castells, o espaço não é um simples reflexo da sociedade; ele é a “*cristalização da sociedade*”. Ou seja, é a própria sociedade manifestando-se na cooperação e no conflito, nos problemas sociais e nas soluções e adaptações do cotidiano.

Em realidade, também podemos observar um jogo de forças e interesses abertos. Evidentemente, os pesos dos poderes e das influências sociais são desiguais na definição das escolhas, das possibilidades e dos bloqueios de integração nos espaços de fluxos e locais. A formação de redes, ao mesmo tempo em que integra regiões, cidades e sujeitos, também estabelece relações de dependência e de hierarquias dos interesses e das decisões instituídas, por consequência. Alguns pontos, em cidades globais, irradiam a tomada de posições que se refletirão nos aportes e nas logísticas de outras localidades, hegemonizando práticas e saberes. A ligação de pontos e confluências nunca é natural, mas faz parte do jogo dos mercados e das decisões estratégicas de uma elite ou de um movimento global que se concentra em postos-chave da escala planetária. Dessa forma, a ideia de concentração e dispersão de poderes fica caracterizada, dentro do teor de ambiguidade que caracteriza os movimentos de negócios, produções e consumos, assim como manifestações políticas e culturais, nos canais sempre versáteis das redes de conexões que se estabelecem.

Enfim, depreende-se nesse processo a maleabilidade de contatos e conexões criados e recriados na esfera global na atualidade, induzindo a mesma perspectiva dinâmica a outras escalas, sejam elas regionais ou locais. Os contatos são

dinâmicos, pois os aportes técnicos permitem essa condição de interatividade em tempos instantâneos e locais diversos, rompendo a perspectiva de única e exclusiva forma de contato àquelas intervenções que se caracterizam pela presença entre as partes comunicantes. Essa instantaneidade que matiza aceleradas perspectivas de transformação é que, em nosso conceito, assim como em Giddens (2007), estabelece uma sensação de incerteza e insegurança por parte dos sujeitos integrados nessas conexões. Tal sensação não é apenas algo aparente ou abstrato, pois os fluxos de interações que fundam novas formas de gerir o tempo e o espaço trazem implícita determinada ligação relacional, haja vista que os fluxos são cristalizados por permutas entre atores, as quais são redefinidas constantemente, gerenciadas a partir de suas particularidades. Isso, sem dúvida, proporciona aos atores envolvidos em suas relações o estabelecimento de uma gama de reflexividade, fomentada pelas próprias circunstâncias das operações que desenvolvem nas redes fluidas em que estão conectados. A reflexividade necessária, gerada pela dinâmica, traz embutida a necessidade de reconversão da insegurança para um novo estágio de segurança, condição ontológica para que consigamos viver em sociedade, embora seja sempre conjuntural e parcial tal segurança em contextos tão mutáveis (GIDDENS, 1991).

Múltiplos contatos em redes dinâmicas de interação, em diversas escalas de manifestações, geram uma capacidade de ações e confluências variadas que, de certa forma, permitem aos atores calcarem trajetórias a partir de suas múltiplas experiências e registros sociais. Experiências, nesse sentido, nunca são idênticas entre os indivíduos, pois as possibilidades de trajetórias são inúmeras. Os registros não são inteiramente congruentes e guardam um teor de singularidade pelas particularidades em que os indivíduos são socializados de diferentes formas e âmbitos das sociedades.

É nesse sentido que acreditamos ser importante retratar a relação dialética entre os espaços de fluxos, que dizem mais respeito às interseções dinâmicas representadas pela globalização, com os espaços de lugares, com ligações mais fortes com as singularidades e performatividades dos atores circunscritos a um local e que se adaptam e/ou resistem àqueles fluxos que os interpõem em seus próprios campos de atividades e de vidas cotidianas.

A cidade nas fronteiras do legal e ilegal, trabalho de Vera Telles (2010), é um estudo bastante elucidativo nesse sentido, pois destaca as “trilhas” (trajetórias) e

“*tramas*” (relações) urbanas que determinados atores sociais locais estabelecem para viver, para trabalhar e para consumir. Observa a autora que o espaço urbano é um espaço pródigo de práticas e relações sociais múltiplas, avalizando, de alguma forma, segundo nosso entendimento, os argumentos de Castells (1999, p.21).

Cada situação é atravessada por processos transversais nas trilhas muito concretas das diversas formas de conexão e interconectividade, seja pelas mediações sociotécnicas e seus artefatos (os cartões de crédito, por exemplo...), seja pelas redes socioeconômicas, aí incluindo os circuitos obscuros dos mercados informais, o tráfico de drogas e o comércio de bens ilícitos. Colocadas lado a lado, elas se comunicam pela transversalidade das questões postas em cada uma, fazendo perfilar realidades urbanas contrastadas, apreendidas a partir de suas diversas angulações, jogo de perspectivas lançadas sob diversos prismas.

Na abordagem de Telles (2010), de forma semelhante à anterior, dá-se importância à ideia de fluxos e redes locais. Retrata mais detidamente, portanto, o âmbito da esfera urbana cotidiana, embora ele não deixe de estar em correspondência com outros fluxos, exógenos ao espaço local.

A autora deixa claro seu problema de estudo ao dar ressonância às questões do trabalho e dos modos de vida atuais que determinados atores buscam para adquirir renda e sobreviver numa condição em que as atividades laborais fordistas, eminentemente caracterizadas pelo modelo fabril e pela produção em massa, já arrefeceram em grande parte sua força de desenvolvimento de produção e geração de lucro às empresas capitalistas. Nesse panorama, a pesquisa de Telles, referindo-se a fenômenos da cidade de São Paulo, centro industrial brasileiro, descreve determinadas trajetórias de trabalhadores em busca de ocupações alternativas de geração de renda, observando e classificando as atividades que restaram para determinadas categorias de trabalhadores. Na maioria das vezes, um trabalho temporário e precário, sem direitos trabalhistas, mediante o que sobrou e está hoje distante daquilo que sempre foi idealizado por muitos trabalhadores progressos, ou seja, trabalho regular e seguro, características que fizeram parte de atividades laborais e senso ético de gerações anteriores de trabalhadores (SENNETT, 2009). Circunstâncias essas encontradas até mesmo em países como o Brasil, país periférico do sistema econômico mundial, onde a classe operária não teve as mesmas condições de absorver todas as vantagens do desenvolvimento econômico fordista tão característico do Estado de Bem-Estar Social, estruturado historicamente

nos países centrais da economia capitalista, em países da Europa e dos Estados Unidos da América.

Assim se eleva, segundo Telles (2010, p.17), sua proposta de estudar a multiplicidade de detalhes e do transcurso dos atores que buscam ocupações que lhes garantam suas condições de sobrevivência econômica e social. Nesse sentido a autora vai além da simples constatação da ideia de exclusão e pauperização social de parte de quem se vê alijado da atual forma de desenvolvimento econômico. Busca retratar a pluralidade e a performance dos sujeitos trabalhadores em um espectro de luta e mudanças drásticas.

Apreender os bairros, em particular os chamados bairros desfavorecidos, ..., a partir da cidade é pensá-los no plural, "situados em um plano de consistência que lhes autoriza a permanecer urbanos", já que atravessados por uma teia de redes e circuitos em escalas diversas, pontos de conexão entre territórios diversos, transversalidades de experiências feitas em seus limiares e nos quais pulsa a vida urbana e seus problemas.

Na descrição que faz, adentra nas características das atribuições e funções estabelecidas de novos postos de trabalhos criados pelas empresas; atividades que exigem, constantemente, reacomodações do núcleo familiar para conseguir atender as exigências estabelecidas por um novo plano funcional de atribuições laborais. Além do trabalho formalizado, Telles (2010) acessa informações ligadas aos trabalhos informais e/ou ilegais, como o tráfico de drogas e o transporte clandestino de pessoas na periferia de São Paulo. Segundo a autora, pode-se dizer que o legal e o ilegal estão muito próximos e se coadunam pela incerteza e precariedade do trabalho. O trabalho legal e o ilegal, em muitos casos, são executados pelos indivíduos como sendo atividades complementares uma da outra, com o intuito de incremento da renda familiar de quem os pratica.

Por essas contingências próprias e contextuais, percebe-se o quanto se deve dar a devida importância às ações dos atores sociais em seus espaços de relações múltiplas, mediadas por suas racionalidades possuidoras de sentidos que visam superar condições de vida e trabalho que vêm sendo, constantemente, transformada nas últimas décadas. Exige-se dos trabalhadores maior flexibilidade, seja na estrutura corporativa empresarial do emprego formal, seja no próprio modo de vida e dos arranjos informais de trabalho que se estabelecem no conjunto das relações sociais. Para isso, cabe entender a própria territorialidade urbana como um espaço

privilegiado de atitudes e atividades laborais, já que é nesse espaço que os atores vão forjando suas relações e construindo as características do lugar.

Segundo Lefebvre (1969, p.78), cujo posicionamento está relacionado com o que foi até aqui exposto,

A “socialização da sociedade”, mal compreendida pelos reformistas, barrou o caminho para a transformação urbana (na, pela, para a cidade). Não se compreendeu que essa socialização contém por essência a urbanização. O que é que foi “socializado”? Os signos, ao entrega-los ao consumo: os signos da cidade, do urbano, da vida urbana, bem como os signos da natureza e do campo, os da alegria e da felicidade, sem que uma prática social efetiva faça com que “o urbano” entre para o cotidiano. A vida urbana só entra nas sociedades de marcha a ré, através da pobreza das necessidades sociais da “sociedade socializada”, através do consumo cotidiano e de seus próprios signos na publicidade, da moda, no estetismo. Assim é que se concebe, nesse novo momento da análise, o movimento dialético que leva as formas e os contornos, os determinismos e as coações, as servidões e as apropriações na direção de um horizonte conturbado.

As descrições das atividades, problemáticas e contingências urbanas e locais são, por isso, muito elucidativas no que pese entendermos a sociedade em suas estruturas e singularidades. O elemento humano, assim, reverbera suas nuances instrumentais, valorativas e emocionais, ocupando-se de um jogo dinâmico de poder em sua vida cotidiana e cultural, perfazendo um fluxograma das posições e disposições estritamente complexas e Intercambiantes. Para que possamos entender os movimentos nas sociedades de forma criteriosa, mais do que tudo, devemos compreender os sentidos voltados à ação e suas contribuições relacionais embasadas nas múltiplas experiências vividas pelos indivíduos que se fazem atores sociais.

Cabe ratificar que os movimentos dos indivíduos nas sociedades se dão em múltiplas escalas. Seja na órbita dos deslocamentos físicos territoriais permanentes ou transitórios, como a troca de local de moradia ou na circulação que realizam catando materiais pela cidade, seja na condição dos acordos e das posições que assumem mediante as relações sociais que estabelecem e os fazem incorporar e ajustar hábitos e exigências de comportamentos na sociedade ampla e em seus vínculos comunitários e familiares. Tais movimentos são expressões das possibilidades e obstáculos com os quais os atores se deparam em suas relações, contornando e assimilando práticas, bem como esboçando e implementando

reações frente a pressões de múltiplos poderes, lógicas e interesses que o intercedem e em que estão inseridos.

2.2. LÓGICAS DAS AÇÕES E DISPOSIÇÕES SOCIAIS

As últimas décadas do século passado e as primeiras do século XXI estampam, conforme sugerimos anteriormente, transformações consideráveis não apenas na órbita das relações dos poderes hegemônicos da economia mundial, mas que extrapolam tais dimensões e repercutem nas dimensões locais e internas de grupos sociais. Cabe considerar aqui o horizonte de novos fluxos de comunicações e influências mútuas entre princípios valorativos e culturais, antes resguardados por certo distanciamento entre espaço e tempo. No atual contexto, as relações sociais tornam-se mais intensas do ponto de vista da facilidade em que se podem estabelecer os vínculos entre entes sociais, provocando ligações e reações singulares e de difíceis previsões e de entendimentos imediatos, por seus caracteres complexos e, muitas vezes, inéditos.

O fenômeno da globalização, caracterizado pela expansão das relações sociais em âmbito mundial, da mesma forma que libera forças econômicas que se tornam hegemônicas no mercado mundial, provoca a possibilidade de movimentação e de manifestação de outros segmentos sociais para a comunicação e a interatividade. E, com isso, provoca uma maior margem à reflexividade e à ressignificação de saberes e práticas. É fundamental perceber como o alcance das relações, nesse processo, pode ser estendida e como o nível de influências recíprocas entre grupos e culturas podem tornar-se eloquentes.

À medida que ganha importância a expansão dos contatos e das trocas materiais, simbólicas e culturais, abrem-se brechas ao desenvolvimento de ações coordenadas. Tais ações tanto podem ser estratégicas ou táticas em suas variações propositivas, adaptativas, assimilatórias e resistentes às influências que se conectam entre partes que estabelecem ligações, sem descaracterizar, em tese, as relações de poderes desiguais e hierarquias de valores e dimensões ideológicas.

Conforme a antropóloga Cláudia Fonseca (1994; 2000), inexistente um hibridismo tão resoluto e equânime entre culturas, mas processos de trocas culturais permeadas por formas de disputas e hierarquias de valores, guardadas, em certa parte, as especificidades de grupos e segmentos sociais que se relacionam. Cabe

frisar também que as relações se caracterizam mediante vieses de processos relacionais em conflito, em que podem ser inclusive pautadas ora por lutas abertas, ora por lutas dissimuladas, visando reconhecimento e legitimidade social, à medida que contatos entre indivíduos e/ou grupos distintos são estabelecidos e confrontados, visando cada um o seu estabelecimento e nível de importância que os próprios sujeitos valorizam. Segundo Honneth (2003, p.280),

[...] as transformações socioestruturais nas sociedades desenvolvidas ampliaram objetivamente a tal ponto as possibilidades da autorrealização que a experiência de uma diferença individual ou coletiva se converteu no impulso de uma série inteira de movimentos políticos; certamente, suas exigências só podem ser cumpridas a longo prazo quando ocorrem mudanças culturais que acarretam uma ampliação radical das relações de solidariedade.

De forma análoga, Touraine (2006; 2007) escreve sobre as possibilidades de novos relacionamentos serem criados pelos encontros de indivíduos que mutuamente vão estabelecendo compatibilidades a partir de suas próprias subjetivações, ou seja, vão se tornando promotores de ações coletivas e desenvolvendo práticas que dinamizam processos e compõem novos e/ou renovados fenômenos. Os indivíduos imprimem em suas práticas, na equação com o diálogo com o outro, a possibilidade de criação, de confrontação, de ser sujeito ativo de transformação dos espaços em que participa efetivamente. Essa perspectiva abre um campo de investigação ainda mais instigante às Ciências Sociais, em que se observa, num contexto muito mais interativo e dinâmico, manifestações de toda ordem de expressões, compondo agregações complexas pela presença de indivíduos que se tornam atores sociais por suas ligações em comum ou divergentes, compondo projetos, espaços de identificações e diferenças, ou seja, consensos e dissensos.

Frente às novas redes de interações e influências, indivíduos se tornam mais performáticos, obrigando-se a tornar-se mais reflexivos em suas ações, o que promove, inclusive, o redirecionamento do foco de atenção de parte da teoria sociológica, ao perceber o vigor de novos canais de interação e de maleabilidade do elemento humano frente a novos contatos e interações que os envolve. Norbert Elias (1994) pontua que, por certa maleabilidade e adaptabilidade das funções relacionais humanas existentes em um determinado momento histórico, o teor da individualização também se caracterizará como um fenômeno social,

circunscrevendo uma composição entre liberdade e integração por parte dos sujeitos envolvidos. Por outro enfoque, elucida também Yúdice (2006, p. 53-4), que a própria cultura se tornou um recurso a ser explorado pelos indivíduos, visto que “[...] à medida que a globalização se aproxima de culturas diferentes para contato mútuo, ela aumenta o questionamento das normas e, com isso, instiga a performatividade”. Ou, ainda, nas palavras de Giddens (1991) ao tratar da ação dos indivíduos, a globalização gera maior reflexividade dos indivíduos. Impelidos a traçar ações e agir sobre a ação dos outros a medida em que transcendem valores e práticas antes geralmente circunscritas a um único território e a uma única dinâmica cultural.

Em síntese, pelo teor de importância que ganha a reflexividade por parte de indivíduos que se tornam atores sociais por suas convivências mútuas, abrem-se campos de investigação para observar-se as margens de *performance* que se estendem via mecanismos de instituições e do Estado.

A concepção moderna de Estado-nação, como arcabouço político-territorial representativo da sociedade – instituição que muitas vezes é a projeção da própria sociedade – todavia, entra em relativa letargia. Maior reflexividade e *performance*, nessa perspectiva, promovem, ao mesmo tempo que são promovidas, um teor de liberdade e “descolamento” das sociedades tradicionais² (ou eminentemente institucionalizadas). Buscando entender esse processo e transferindo o debate para o acolhimento da Sociologia Contemporânea, com o propósito de pensar as novas possibilidades de buscar-se entender as dinâmicas e as lógicas das ações dos atores sociais, Dubet (1994, p. 90-91) considera:

[...] a reflexão sobre a ação social parece estabelecer hoje um princípio de unidade do pensamento sociológico para além da diversidade dos paradigmas. É esta diversidade, precisamente, que constitui o problema e, melhor do que ver nela os elementos desmembrados de um modelo “original” e mítico, dado que é criador, preferirei interpretá-la como o desnudamento de lógicas de ação separadas pouco a pouco pela história das nossas sociedades. De fato, o tema central é o do próprio esgotamento da ideia clássica de sociedade, por pouco que se aceite dar a esta noção um sentimento preciso. Se a “sociedade” deixou de ser uma representação adequada, se já não é identificável com um sistema, se já não tem um centro e unidade, então é preciso pensar que a dispersão de lógicas de ação passa a ser a regra. A multiplicidade dos paradigmas de ação resulta

² Sociedades tradicionais aqui classificadas como aquelas que possuem um maior teor de rotinização das condutas dos sujeitos, cujo horizonte da ação é relativamente fixo e comum, ao contrário de sociedades de alta modernidade em que o âmbito de conexões e relações se intensificam e se tornam mais imprevisíveis as rotinas e dinâmicas sociais.

desta mutação. Ela convida “empiricamente” a que se oponha a noção de experiência à da ação da sociologia clássica.

Em outros termos, quer dizer que as ferramentas da Sociologia Clássica, que analisam grandes sistemas e estruturas de poder, se tornaram exclusivamente frágeis para entender ações e fenômenos sociais concretos. As ações sociais desenvolvidas por atores, em sociedades muito complexas e dinâmicas, devem ser o foco das atenções caso queiramos entender a dinâmica relacional e a heterogeneidade de elementos que se estabelecem nas próprias relações desenvolvidas. Em certo sentido, o ator nunca é totalmente socializado porque a ação não tem unidade, não é redutível a um programa único, a um sistema fechado de valores. Ao contrário, podemos destacar múltiplos registros culturais que se cruzam, não havendo mais conduta social que não seja interpretada pelos próprios atores.

Cabe esclarecer, por sua vez, que os atores não vivem num vazio cultural, mas são elementos que carregam suas disposições sociais construídas mediante suas experiências e trajetórias de vida. O que os torna plurais na profundidade de suas próprias vivências e socializações desenvolvidas, naquilo que aprendem, que desenvolvem e que incorporam como valores e insígnias das sociedades e grupos que mantêm contatos (LAHIRE, 2001). Dessa forma, realmente podemos constituir um profundo processo de confluências epistemológicas que não se circunscreve apenas à dimensão infraestrutural e dos conflitos no âmbito do trabalho e da forma de “ganhar a vida”. Mas que pode ser entendido na seara das ações sociais e dos circuitos de sentidos dados pelos atores a partir de seus aportes contextuais, relacionais e de suas movimentações.

Segundo Dubet (1994), há três condições lógicas básicas para se entender as ações dos atores vivendo em grupos e em sociedades. Os atores sociais perfazem suas ações a partir das lógicas da integração, da estratégia e da subjetivação, todas independentes uma das outras. Essas lógicas se manifestam em diferentes âmbitos da participação dos atores sociais na medida em que estabelecem relações sociais, seja mediante experiências em grupos religiosos, escolares, comunitários, no trabalho, enfim, onde há possibilidade de manifestação social por parte daqueles que atuam e formam vínculos e experiências mútuas. Ações que perfazem a lógica da integração possuem características assimilatórias às convenções dos grupos e dos arcabouços institucionais que estruturam comunidades e sociedades. Ao atuar

em sociedade, nos diz Dubet, buscamos estar inseridos em um ambiente relacional, haja vista necessitarmos estar integrados a um ritmo de convivência e compartilhamento de hábitos, formas e percepções da vida e do mundo. Enfim, para sentirmo-nos integrados a um ambiente e seguros de nossos movimentos, necessitamos identificar-nos com quem nos acolhe e com quem podemos conviver confluindo entendimentos e compartilhando espaços coletivamente.

Por outro lado, não menos importante, está a capacidade, como seres reflexivos que somos, de traçarmos cálculos estratégicos no jogo de possibilidades da realidade em que vivemos e nos relacionamos. Podemos ser proponentes de ideias e atuar de forma pragmática no campo de relações. Dubet destaca em seu trabalho que não podemos descartar o cálculo lógico de nossas ações, racionalizando-as, visto que em determinados momentos buscamos nossos interesses e manipulamos práticas voltadas a fins projetados por nós mesmos. Somos seres estratégicos em nossa reflexividade arguta ao explorar os meios para se atingirem fins, embora eles possam não ser tão nítidos e conscientes, num primeiro momento.

Em consonância em entender o caráter mais complexo das ações dos indivíduos, descartando qualquer tipo de determinismo e apriorismo, Dubet também observará as razões subjetivas do elemento que faz a ação. A lógica da subjetivação dos atores sociais, em sua manifestação, está condicionada às próprias experiências históricas dos sujeitos e de sua busca por autonomia; amparada, por conseguinte, na cultura e em formas que marcam a condição humana, como reações e resistências ao *status quo* e a poderes constituídos. Tal lógica caracteriza-se pelo aspecto da resistência à homogeneização social e aos aportes hegemônicos que tentam normatizar a realidade social. Por esta lógica, a referência ao Eu se constrói pela experiência e pelos registros singulares do indivíduo, mas que estão amplamente relacionados à trajetória tensionada em relação a outros indivíduos e a instituições normatizadoras.

Observamos, a partir desses elementos conceituais dispostos por Dubet, que a ação dos atores é possibilidade fundamental para perceber os próprios condicionamentos e as práticas dos indivíduos, bem como os arcações contextuais e movimentos reflexivos executados pelos atores vivendo em sociedades. O que torna fundamental isso tudo para entender-se a própria sociedade e suas múltiplas conformações. Ou seja:

O fato de o ator se afirmar como sujeito, naquilo que é essencial, na crítica, na distância ou no empenhamento, e de ele, em todos os casos, se demarcar da evidência e da ordem das coisas mediante o recurso a princípios cuja a generalidade é suficiente para permitir a crítica, não deve, no entanto, levar a crer que esta espécie de autodeterminação nada deve à sociedade. (DUBET, 1994, p. 151)

Nesse sentido é que podemos considerar as experiências dos indivíduos nas tramas das relações sociais, observando uma composição de elementos em constante processo, incluindo confluências e embates, jeitos de ser ou estar, à medida que as ações praticadas também são pensadas e entendidas por aqueles que as executam. Os sujeitos não são simples reflexos de sistemas unitários. Todavia, a ação em si é uma forma de interação, de uma ação proveniente da relação com o outro e com tudo aquilo que historicamente foi ou é produzido no presente. A ação do ator, por seu turno, pode ser considerada também como um reflexo de uma *gestão relacional de si*, expressão cunhada por Guy Bajoit (2006), em que os atores fazem escolhas, permutam suas práticas, desafiam e entram em conflitos mediante o desenvolvimento de suas socializações e trocas. E, assim, estabelecem consensos e dissensos em momentos iguais e diversos, nos transursos de suas trajetórias e contatos.

Ao abordar a perspectiva de estudar as tramas urbanas, mantendo de certa forma a abertura para entender-se a ação do sujeito, Telles (2010, p. 13) enfatiza que: “no curso de suas vidas, indivíduos e suas famílias atravessam espaços sociais diversos, transitam entre códigos diferentes, seus percursos passam através de diversas fronteiras e são esses traçados que podem nos informar sobre a tessitura do mundo urbano”. Assim, temos a possibilidade de perceber, mediante as trajetórias e tramas sustentadas pelas lógicas e práticas dos atores, as confabulações relacionais e mobilizações dos sujeitos, as relações e os desenvolvimentos que se estabelecem na sociedade e por ela são também definidos. Com este intuito, Telles (2010, p. 21) também dirá que:

Se é verdade que o cenário urbano vem sendo alterado em ritmos muito acelerados, os vetores dessas mudanças operam em situações de tempo e espaço. Processos situados, portanto. E agenciados por um jogo multiforme de atores, de redes sociais e mediações de escalas também variadas. Por isso mesmo, só podem ser bem compreendidos nessas constelações situadas. Este é o pressuposto que orienta nosso trabalho: não se trata de partir de objetos ou entidades sociais tal como se convencionou definir de acordo com os protocolos científicos das ciências sociais (o trabalho, a família, a moradia), mas, sim, de situações e configurações sociais a serem tomadas como “cenas descritivas”, que permitam seguir o traçado dessa

constelação de processos e práticas, suas mediações e conexões. E, no contraponto entre cenas descritivas diferentes, a transversalidade das questões que se colocam.

Por essa perspectiva analítica, no contraponto de cenas que possam ser descritas, a Sociologia pode também trafegar e dar ênfase às ações dos atores quanto às suas buscas por se manterem integrados a uma sociedade de alta modernidade, mesmo que a insegurança e as incertezas dominem o quadro atual dos relacionamentos. De mais a mais, os atores também atuam a partir de lógicas do cálculo estratégico, de acordo com suas disposições culturais que os tornam também seres subjetivos no encaminhamento de suas escolhas e meios para solução de conflitos. Cabe aos cientistas sociais, segundo esse arcabouço epistemológico, também percorrer e descrever trajetórias, transcrevendo a heterogeneidade do ator e de suas expressões, nunca os tornando autômatos daquilo que definimos *a priori* o que seja a sua realidade.

Essa é a ideia constituidora de nosso trabalho. Não temos, em função disso, a intenção de dicotomizar as ações dos sujeitos, separando, por exemplo, esferas do trabalho e da vida íntima, mais especificamente, da vida laboral e do espaço da casa e da família. É primordial, nesse enfoque, no qual nos filiamos a Telles, perceber o trabalho e a moradia como elementos interconectados. E, do mesmo modo, com outros que compõem a complexidade da vida e da totalidade das experiências dos atores sociais em suas práticas e hábitos, como o espaço da religiosidade, da educação, das relações comunitárias e das manifestações políticas e reivindicativas frente aos poderes constituídos do Estado. O ideário de uma sociedade planejada pela relação bipolar do mundo do trabalho e da moradia tornou-se frágil como forma de interpretação da realidade. O mundo ordenado da concepção do trabalho fordista, articulado ao consumo, e da reprodução social sistemática do trabalhador, ruiu diante de novas frentes e concepções do trabalho, da reflexividade produtiva, das recorrentes mudanças e exigências que os circuitos do trabalho nos impõem e são também ajustados por nós mesmos. Diante disso, a interface entre a Sociologia e a Antropologia está posta neste trabalho e nos indica a possibilidade de um trabalho interdisciplinar e envolvente teoricamente.

Uma ressalva, porém, deve ser feita nessa reflexão, que entendemos ser importante esclarecer para a continuidade deste trabalho. O historiador e antropólogo Michel de Certeau, autor do livro *A invenção do cotidiano: a arte de*

fazer (1998), chama a atenção a um aspecto que se torna fundamental para o entendimento da dimensão da ação dos sujeitos em sociedade, que queremos frisar. Ele discutirá a diferença entre a ação estratégica comparada à dimensão da ação tática dos sujeitos sociais. Segundo Certeau, a ação estratégica, em linhas gerais, é condicionada pelo sujeito em seu campo de domínio. O sujeito da ação é estrategista porque planeja seus objetivos, pois tem o poder de indução das ações dos outros elementos sociais com os quais se corresponde ou mantém contato em seu ambiente de força. Dessa forma, a ação estratégica tem um teor de propulsão reflexiva respaldada no planejamento e pelas relações de dominação de quem executa o movimento. Já o movimento tático, esclarece ao embasar a sua teoria, caracteriza-se pela ação predominantemente reativa dos sujeitos “ordinários”, isto é, dos sujeitos comuns, fora de sua esfera de domínio. Esses sujeitos comuns, por sua vez, seriam suscetíveis a atores com poderes mais substantivos e hegemônicos na sociedade. Mas nem por isso deixam de usar de sua astúcia e da arte de fazer as coisas que lhe são impostas de seu jeito próprio de atuação, usando recursos táticos e adaptando-se ao movimento alheio ao seu. Ou seja, na operação tática os sujeitos são reativos aos movimentos dos outros, embora deem algo de si ao processo de fazer o movimento, ajustando a ação ao processo imposto, no campo de atuação alheio ao seu.

A astúcia na arte de fazer, a bricolagem desenvolvida, esboça a ação dos sujeitos que se encontram no ambiente de domínio do outro, estabelecendo, de certa forma, uma condição própria de atuação, mediante as relações e os mecanismos de outras forças estabelecidas. O sujeito fora de sua área de maior poder, age, assim, mais pela astúcia que desenvolve, aproveitando as brechas e possibilidades no como fazer, dando determinados termos ao imprimir seus hábitos no que é condicionado pelos agentes que detêm predominantemente as diretrizes do poder ou de determinada feitura das coisas.

Nesse sentido, a reflexão de Certeau também contribuirá com o debate teórico que respalda as ações dos atores sociais e de sua maleabilidade histórica e cultural adquirida e dinamizada, dentro da dimensão das atividades dos sujeitos e da complexidade social. Com ele podemos ponderar e buscar entender qual o local em que o sujeito se encontra ao fundar determinadas ações e como desenvolve processos de atualização e de atuação por si mesmo à medida que executa ações e cruza espaços sociais próprios ou condicionados pelos outros.

Considerando os aspectos táticos ao tratar do sujeito comum, Certeau (1998, p.88-89) afirma:

A ordem efetiva das coisas é justamente aquilo que as táticas “populares” desviam para fins próprios, sem a ilusão que mude proximamente. Enquanto é explorada por um poder dominante, ou simplesmente negada por um discurso ideológico, aqui a ordem é representada por uma arte. Na instituição a servir se insinuam assim um estilo de trocas sociais, um estilo de invenções técnicas e um estilo de resistência moral, isto é, uma economia do ‘dom’ (de generosidades como revanche), uma estética de ‘golpes’ (de operações artísticas) e uma ética da tenacidade (mil maneiras de negar à ordem estabelecida, o estatuto de lei, de sentido ou fatalidade). A cultura ‘popular’ seria isto, e não um corpo considerado estranho, estraçalhado afim de ser exposto, tratado e ‘citado’ por um sistema que reproduz, com os objetos, a situação que impõe aos vivos.

Por essa concepção, não deixa de haver resistências nas “táticas populares” frente a lei e aos poderes dominantes, ao que se define como certo ao participarem de um sistema de ideias e de exploração que não os favorece. A ação de determinados sujeitos, dessa forma, também é igualmente referenciada pelo discernimento tático em relação ao movimento planejado do outro.

Nossa percepção, problematizando certa rigidez dessas contribuições teóricas ao tratar das possibilidades estratégicas e táticas das ações dos atores sociais, é de que o conjunto de ações não deve ser fixado por intermédio de uma polaridade tão estanque. Se assim fosse, acreditamos correr o risco de adentrarmos num imbróglio epistemológico que vê o poder emanar de uma centralidade apenas, sob o feixe de uma luz unidimensional, não havendo trocas e negociações possíveis entre atores de dimensões sociais, políticas, econômicas e culturais diversas e/ou opostas. Buscamos entender os processos mediante uma perspectiva mais plural do indivíduo, que pode acessar um campo de relações diferente ao seu. Mas nem por isso circunscrever-se a ser apenas reativo aos elementos impostos a si, tendo em vista apropriar-se de alguns pressupostos deste mesmo campo e construir determinadas práticas estratégicas no decorrer do processo. Ou seja, agindo com maior profusão na dinâmica social. Da mesma forma, em sentido contrário, o elemento mais dominante do espaço social pode deixar de agir de forma tão impositiva e ser mais aderente a novos conceitos implantados em seu domínio por quem o acessa mesmo transitoriamente.

Transitamos, muitas vezes, em zonas cinzentas (RIZEK, 2012), que todos povoam, mas não sabemos, muito frequentemente, até que ponto se estabelece a

predominância de alguma parte de valores ou poderes econômicos. Pois os cruzamentos e as fronteiras culturais são porosos ao ponto de estabelecer possibilidades de contatos entre diferentes enquadramentos culturais, políticos e econômicos. Embora tais contatos não sejam algo hibridamente perfeito na medida em que as tensões e os conflitos matizam assimilações e resistências, nem por isso só atendem a um lado do poder.

Nesse processo é que pode ser produzido um espaço de negociação, até mesmo de modo informal, a partir do tensionamento dos encontros, em que os expedientes estratégicos e táticos são acessados por todos os lados e na confluência dos encontros entre poderes e perspectivas valorativas e ideológicas diversas. É dessa forma que são estabelecidos os entre-lugares, espaços além das fronteiras da unidade cultural ou da tentativa de criar-se uma unidade cultural, sempre ilusória e inacabada. É nos entre-lugares, nos espaços cinzentos onde não se pode definir a unidade regimental e muito menos quem as define de forma absoluta, que ganha clareza a complexidade das forças e culturas em ação, enaltecendo de forma mais límpida apenas os quadros múltiplos de referências sociais.

Acreditamos que o ator que transita em diferentes campos sociais – em diferentes espaços de atuação e desenvolvimento de relacionamentos – tenha mais possibilidade de dinamizar as suas ações. Seja em seu próprio ambiente relacional originário, no ambiente valorativo, prático e simbólico no qual está mais afeito a entender as relações que se estabelecem, seja em ambientes mais inóspitos a sua presença ou nos entre-lugares. Ambientes esses em que os atores exercem uma capacidade de negociação e de apropriação de certos elementos e hábitos que não são seus ou usam a criatividade para condensá-los. Pois os sujeitos que transitam e codificam tramas na medida em que trafegam por diferentes ambientes relacionais podem notabilizar-se por portar mais recursos e disposições sociais táticas e estratégicas, somatizando disposições que lhes permitam entender o outro e incidir, nesse outro, maior margem de poder. Parâmetros descritivos, nesse sentido, são salutares para entender os fluxos dos atores em suas trajetórias e sobre como percorrem os ambientes e fazem a gestão de suas urgências e necessidades cotidianas.

Por essas reflexões, podemos constatar os avanços de uma teoria praxiológica das experiências sociais, em que a ação dos atores sociais fica mais

evidente e nos ajuda a operacionalizar interpretações sociológicas mais consistentes.

2.3. DIMENSÕES E ESTUDOS SOBRE A ATUAÇÃO DOS CATADORES

Antes de adentrar a base do levantamento empírico e da análise desta pesquisa, cabe-nos, embora ainda de forma tangencial, contextualizar determinadas direções e capacidades de atuação de atores sociais e ações coletivas. Nosso intuito aqui é traçar um panorama de arcabouço teórico e avançar na direção da possibilidade de entender os arranjos e condições às movimentações coletivas referentes à organização política e social dos catadores no Brasil. Só assim poderemos, posteriormente, entender determinados avanços e problemáticas que são próprias e singulares das formas de expressão e práticas que tomam uma parcela desse segmento ao perpassarem e fixarem-se em determinado espaço local.

2.3.1 Reflexões sobre o contexto de ações e movimentos sociais

A ideia de que novos ou novíssimos movimentos sociais se estruturam e lançam suas estratégias por suas próprias, não exclusivas, capacidades de organização é acolhida por teóricos dos movimentos sociais no Brasil, dos quais se destacam as pesquisadoras Maria da Glória Gohn (2010) e Ilse Scherer-Warren (2011), com uma intensa e interessante produção acadêmica. Tais análises, cada uma enfocando perspectivas teóricas e empíricas próprias, buscam entender o fenômeno de certas ligações e reivindicações que consubstanciam lastros de ações coletivas, formando redes de interação, mais ou menos duradouras, embora diversas e com perspectivas de atuação particulares.

A percepção da existência de novos ou novíssimos movimentos sociais e ações coletivas são possíveis de serem observadas por suas manifestações, a exemplo dos movimentos feministas, indigenistas, ambientalistas, catadores de materiais recicláveis. Incluem-se a esses, a diversificada teia de movimentos comunitários, como os movimentos pela moradia, contra a violência no trânsito, pela melhoria do sistema de atendimento à saúde, contra a corrupção dos agentes públicos, pela melhoria do transporte urbano, entre outros. Por essa tendência, constroem-se, em uma malha de manifestações e formas de expressões, redes de

práticas, ideias e significados que reforçam identidades locais ou, simplesmente, reúnem manifestantes que reivindicam uma solução a um problema conjuntural em âmbito local ou mais abrangente. Algumas vezes o volume das manifestações ganha aporte de importância significativa e conecta-se a outras reivindicações, compondo estratégias mais amplas e de grande monta em suas articulações políticas e sociais; outras vezes os movimentos são transitórios ou desfeitos ao sabor dos fatos ou perda de propósito.

É interessante frisar, então, que o perfil reivindicativo dos movimentos e das manifestações sociais mudou nas últimas décadas, seguindo o patamar da diversidade e do caráter qualitativo dos manifestantes, saindo do círculo eminentemente formulado pelas reivindicações trabalhistas e sindicais de períodos anteriores, que davam certa unidade de classe às reivindicações econômicas e trabalhistas de períodos precedentes.

Na interpretação de Santos (2001), a possibilidade de movimentos contra-hegemônicos, ligados a culturas e a mecanismos identitários, torna-se aspecto em prol da arregimentação de esforços de segmentos muitas vezes abafados pelos poderes do Estado e de grupos privados discricionários, como poderes econômicos e políticos locais. Assim, o ambiente comunitário também ganha nova importância, possibilitando novas dinâmicas e entrecruzamentos de interesses que, em muitos aspectos, não ficam restritos somente ao ambiente comunitário, mas, de forma constante, podem fazer a interface dialógica com outros movimentos e com organizações que atuam nas mesmas ou em outras esferas territoriais.

Importante ressaltar, portanto, que uma maior abertura à interação global possibilita também alavancar a desenvoltura de estratégias contra-hegemônicas locais na direção de se expandirem frente à composição interativa dos encontros e diálogos produzidos em diferentes espaços. Assim, a importância do território, do espaço local, não é enfraquecida pela dinâmica da globalização. Pode-se pensar hoje numa perspectiva que enfoca a *multiterritorialidade* e a importância da articulação dos espaços em que atuam os atores sociais (HAESBAERT, 2010). Provavelmente os territórios também são reconstruídos mediante novas dinâmicas de interação. Atores sociais justapõem os espaços de seus alcances, interagem com outros planos dimensionais e revigoram-se politicamente ao enfrentarem outras forças que os interpõem, reformulando ações e redefinindo formas expressivas e identitárias.

Dessa forma, como afirma Gohn (2010, p. 124), o território local torna-se um “espaço ambíguo”, fragmentado em determinado ponto de vista pela complexidade dos múltiplos interesses, mas por outro lado reúne saberes e identifica pessoas, possibilitando frequentemente o esforço conjunto voltado à ação:

Consideramos que o território local é uma estrutura que oportuniza aos Sujeitos potencializar suas ações, porque é no território que surgem novas relações sociais, novas estruturas produtivas, alternativas à crise do modelo fabril aliada ao Estado Providência, até então vigentes. O território local das cidades é um espaço ambíguo: de um lado, fragmentado, objeto de disputas políticas, apropriações particularistas; mas, de outro lado, é também espaço de produção de saberes, registro de memórias e *locus* de identificações. Os movimentos sociais são fontes e processos de construção desses saberes sistematizados.

Observa-se neste contexto globalizado, de novas conectividades ligadas à conformação de novos grupos e movimentos que se estruturam para encaminhar suas demandas e propostas, a possibilidade de reações táticas e estratégicas com vistas à participação no cenário dos confrontos e das decisões políticas. A diversidade da formação e organização de novos grupos e movimentos sociais torna-se saliente, visto a heterogeneidade de formas e variedades de ações que acabam fazendo parte das relações de forças representadas na sociedade.

Algumas questões são realmente fundamentais para se entender esse fenômeno, como o viés relacional dos grupos que se somam para fortalecer ideias visando expressar maior capacidade política frente a outros poderes constituídos. Por outro lado, pode-se perceber que também a busca por segurança e conservação identitária e/ou de poder político podem provocar o confronto de tal maneira que leve certos grupos a se afastarem da própria arena do diálogo. Esse fenômeno provoca, em muitos casos, um relativo isolamento de segmentos sociais, reproduzindo características eminentemente comunitaristas e essencialistas (fundamentalistas) em seu modo de adicionar adeptos e constituir forças discricionárias. Apartados aparentemente do todo, pois, embora ideologicamente demarquem seus territórios restritos, fazem o contraponto a outros grupos, a outros movimentos sociais e/ou à sociedade abrangente, mantendo-se, paradoxalmente, ligados a eles como contraponto e diferenciação (BAUMAN, 2003, 2009; TOURAINE, 2003).

De qualquer forma, o espaço da cultura é estendido em contraposição a certa homogeneidade dos períodos anteriores, de arcabouços políticos e centralidades produzidas por projetos de unidades. Uma das formas desta nova condição é a

possibilidade de maior expressão dos indivíduos para poderem vincular-se a diferentes grupos sociais, podendo suas experiências relacionais se coadunarem a outras ações e atravessarem vários campos e horizontes de manifestações políticas e sociais. Em síntese, perante esse último aspecto, as condições de diálogos e afastamentos vão forjando novas práticas e ideias que se inserem a determinados contextos, dinamizando os relacionamentos e as ações dos atores sociais.

O MNCR, no Brasil, faz parte deste processo de certa divisão do poder do Estado e do apoderamento de um segmento da sociedade que busca reivindicar determinadas condições de trabalho na sociedade. Por essa condição, não podemos declarar que seja um movimento homogêneo e que não se funda a partir de realidades e culturas locais. Consoantes a esses aspectos, o Movimento Social dos Catadores internacionaliza-se e visa construir fóruns de discussão sobre a própria condição social dos catadores pelo mundo, buscando formular cartas de intenções e organizar estratégias de ações para tal segmento.³ Assim, em paralelo a outros movimentos, como o Movimento Ambientalista, nascido na década de 1970, o MNCR busca também margem de manobra e possibilidade de pautar seus interesses no fluxo das relações entre poderes que se entrecruzam, embora, particularmente, suas concepções e algumas práticas sejam diferentes de outros movimentos sociais em suas formas de organização e de atuação política.

Na trajetória deste processo, pode-se entender que a preocupação pelas questões ambientais do planeta também foi um fator desencadeante do próprio Movimento dos Catadores, angariando maior ascendência e legitimidade política por sua relevância ligada ao tema Meio Ambiente. Por conseguinte, os papéis das comunidades científicas e da sociedade civil foram fundamentais para chamar atenção aos gravíssimos problemas oriundos da industrialização acelerada e das ações de mercado desordenadas pelo mundo. Diferentes grupos, de distintas matizes ideológicas, destacam problemas ambientais e grandes desastres ecológicos pelo manuseio e exploração irregular dos ecossistemas, bem como produzem prognósticos quanto às condições futuras do planeta em relação aos seus

³ O Primeiro Congresso Latino-Americano de Catadores(as) aconteceu em Caxias do Sul / RS em 2003; o Segundo Congresso em São Leopoldo / RS, em 2005; e o Terceiro Congresso em 2008 em Bogotá / Colômbia, este último com representantes da Argentina, Chile, Peru, Brasil, Bolívia, México, Porto Rico, Costa Rica, Guatemala, Equador, Paraguai, Venezuela, Nicarágua, Haiti e Colômbia. Disponível em: <<http://www.mncr.org.br/sobre-o-mncr/sua-historia>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

limites e prazos de regeneração dos sistemas ecológicos já abalados pela ação antrópica (FERREIRA, 2006).

A possibilidade de mudar o paradigma do desenvolvimento, levando em consideração as alterações e os limites dos ecossistemas do planeta, conservando o meio ambiente para as gerações futuras, pautou os discursos e ajudou a cunhar a concepção de *Desenvolvimento Sustentável* (LENZI, 2006), embora as concepções e os discursos tenham seus limites para generalizar práticas realmente eficazes.⁴

O processo de aplicação da proposta por um desenvolvimento sustentável, de certo modo, embora ainda se ressinta de maior efetividade, provoca ações e tem repercutido na sociedade. Alguns avanços das políticas públicas são visíveis, bem como algumas práticas são observadas nas sociedades. Um dos elementos importantes que chama atenção é a discussão da problemática do lixo urbano, algo que nos remete novamente a quem depende e trabalha selecionando e vendendo produtos descartados pela população em geral. A Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), no Brasil, através da Lei nº 12.305/10, vem contribuir para disseminar práticas e promover uma melhor equação de um dos grandes problemas da humanidade, o descarte de rejeitos (WALDMAN, 2010). A Lei “desafia” a todos os agentes da sociedade a pensarem na questão do descarte de materiais sólidos e a promoverem ações nesse sentido. Em relação aos municípios, a Lei institui em suas resoluções que eles deverão possuir um plano de gerenciamento (manejo) dos seus resíduos (prazo constantemente prorrogado para a sua implantação), sob pena dos municípios perderem repasses de recursos financeiros do governo federal. Observa a Política, também, que a inclusão de catadores nesse processo é fundamental, buscando, com isso, promover maior igualdade e melhoria nas condições de vida desse segmento da população que já trabalha diretamente com materiais descartáveis de forma precária do ponto de vista logístico e material.

Essa reflexão que concatena globalização, movimentos sociais, maior diálogo e abertura à participação social, organização política de atores em diferentes modulações relacionais e políticas públicas multiterritoriais, indica-nos maior espaço

⁴ A expressão Desenvolvimento Sustentável irá aparecer com maior ênfase, inserindo um teor moral e ético, na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, conhecida também como ECO-92, Rio-92, Cúpula da Terra. O Evento, realizado em junho de 1992, na cidade do Rio de Janeiro / Brasil, reuniu mais de 100 chefes de Estado, além de representantes da Sociedade Civil, visava buscar meios de conciliar desenvolvimento socioeconômico com conservação e proteção dos ecossistemas existentes.

de liberdade e autonomia dos indivíduos vivendo em um panorama mais expandido e de novas possibilidades de interação. Panorama que reflete experiências múltiplas dos indivíduos que se tornam sujeitos frente a um mundo mais interativo, com novas ofertas e demandas, prazeres e desafios, muito embora eles já tragam em si atributos de subjetivação e participações sociais oriundos de seus meios culturais mais restritos, de seus valores e aprendizados talhados na história local e particular, ou seja, em suas experiências cotidianas.

Realça-se aqui, mais uma vez, a possibilidade de perceber os catadores de materiais recicláveis como atores sociais dinâmicos. Dessa forma, rechaçamos a perspectiva de observá-los apenas como elementos passivos em suas condições de excluídos socialmente e empobrecidos economicamente. Visto que o próprio conceito de exclusão social se torna algo muito relativo, pois é um conceito produzido na própria sociedade e que guarda uma série de ambiguidades e interpretações. Temos por perspectiva entender a exclusão como um elemento em permanente definição, ligado à própria ideia de inclusão, visto que determinados atores ora são incluídos e ora excluídos das relações que participamos direta ou indiretamente. Segundo Sawaia (2010, p.9),

[...] a exclusão é processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. É processo sutil e dialético, pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela. Não é uma coisa ou estado, é processo que envolve o homem por inteiro e suas relações com os outros. Não tem uma única forma e não é uma falha do sistema, devendo ser combatida como algo que perturba a ordem social, ao contrário, ele é produto do funcionamento do sistema.

Entenda-se, aqui, “produto do funcionamento do sistema” como produto das interações que envolvem ações e estruturas sociais, aspectos complementares e relacionais que constituem uma realidade dinâmica e em permanente mudança. Não como uma ordem “calcificada”, monolítica ou natural.

A complexidade das relações entre atores sociais, de forma geral, e as dinâmicas por eles circunscritas e expandidas se dá, assim, pelo

[...] feixe de códigos, de procedimentos e protocolos, não normativos, não categoriais, sempre situacionais, práticos, relacionais e dos quais depende a passagem por essas fronteiras incertas, ao mesmo tempo em que, em cada situação, se negociam, se definem e redefinem os critérios do “certo” e do “errado”, do justo e injusto, os parâmetros do aceitável e os limites do tolerável (TELLES, 2010, p. 31).

Pelas linhas teóricas aqui salientadas e pelas observações que tivemos oportunidade de empreender no campo de pesquisa e que serão melhor sistematizadas nos capítulos posteriores, salientamos o quanto as práticas de catadores podem ser heterogêneas, seja em suas formas pontuais de trabalho e vida cotidiana ou naquilo que aspiram e idealizam. Uma questão importante que pode nos ajudar a entender determinadas lógicas e condições de trabalho dos catadores é a própria divisão entre aqueles que trabalham de forma individual (ou organizam a divisão do trabalho na esfera das relações domésticas) e aqueles que congregam esforços e se organizam formalmente em caráter associativo (cooperativas de trabalho). Esses dois âmbitos de organização do trabalho certamente podem ser relacionados a uma gama de outros elementos que dizem respeito a fatores que há algum tempo vêm recebendo atenção de pesquisas sociais, envolvendo aspectos que dizem respeito, direta ou indiretamente, às crenças religiosas, às relações de gênero, ao clientelismo, às origens e ao status de classes sociais (BRITES, 2000; MENAFRA, 2011), não se resumindo apenas ao caráter técnico do aprendizado e da importância do que seja o cooperativismo em sua forma clássica. Por si mesmo esta divisão já nos mostra um montante de questões que se relacionam às capacidades de trabalho e aos referenciais táticos/estratégicos, culturais e ideológicos das camadas populares. Assim como pode nos ajudar a perceber as manifestações e políticas públicas que intercedem nas ações e nas necessidades dos trabalhadores.

Evidentemente, nem tudo é distinção no âmbito da categoria social dos catadores. Os sujeitos, de uma forma geral, não são socializados de forma absolutamente igual, conforme buscamos deixar entendido anteriormente. Todavia, também podem ser classificados como um estrato social que possui características comuns, sendo uma delas a baixa formação escolar que os desqualifica para o mercado de trabalho formal, além do estigma que carregam, de forma muitas vezes não tão velada, de serem sujeitos de segunda classe, serem tachados como pessoas que trabalham com o lixo, com aquilo que outros sujeitos descartam e que não tem o menor valor de uso ou de troca.

Este é um espaço de trabalho que pode ser considerado aberto e ativo às capacidades dos atores em promoverem suas ações e construir aportes sociais que lhes revertam em um maior respeito e importância no espaço social em que vivem. Por outro lado, também pode tratar-se de um espaço potencial de fragilização

do indivíduo, de maior opressão e estigma (GOFFMAN, 1988), de desigualdades multiplicadas (DUBET, 2003). Os caminhos nunca são de mão única, mas ambíguos, como já destacamos e como ficará mais reforçado ao longo deste trabalho de pesquisa, o que faz os atores serem, de certa forma, mais maleáveis do que possamos imaginar para suportar abalos relacionais e esboçar reações.

Dentro desse arcabouço teórico, somos levados a crer na heterogeneidade dos atores sociais em seus relacionamentos. E chamamos a atenção sobre a existência de fluxos e tramas relacionais variáveis que diversificam as ações sociais dos sujeitos mediante suas experiências, em suas trajetórias de vida cotidiana e de trabalho. Tal perspectiva é tratada também por um longo debate sociológico que busca entender a relação entre atores, sociedade e Estado (CORTES; LIMA, 2012). Particularmente, o Estado também deve ser visto como uma estrutura organizacional multifacetada e composta por sujeitos diversos, compondo um campo de conflitos de interesses e de fluxos dinâmicos de convergências e divergências. É por esta mesma fórmula que atores constroem redes de relacionamentos formais e informais, trazendo consigo seus hábitos sociais, perpassados ao longo de suas vivências, nas diferentes posições que assumem em lugares e fluxos sociais distintos em que atuam, construindo e reconstruindo práticas ao longo do tempo.

2.3.2 Dimensão dos estudos sobre catadores no Brasil

Nas últimas décadas foram pródigos os estudos científicos ao tratarem da relação de temas vinculados ao Trabalho e ao Meio Ambiente. Principalmente aqueles que não deixaram de focar o trabalho da catação, das representações e das práticas de segmentos de trabalhadores da reciclagem de materiais, sejam eles associados a cooperativas de trabalho ou não. Embora tenhamos observado que geralmente as ênfases dos estudos visam entender as organizações formais dos trabalhadores associados ou a constituição de processos de coletivos urbanos de trabalho informal.

Nos deparamos, assim, com uma farta literatura, principalmente dissertações de mestrado e teses de doutorado, que abordam uma variada gama de percepções e problematizações de estudo envolvendo os catadores de materiais recicláveis.⁵

⁵ Grande parte da literatura sobre catadores que tivemos contato foi por intermédio do Banco de Teses da Capes <<http://bancodeteses.capes.gov.br/>>. Quase duas centenas de trabalhos

Tais estudos, por sua vez, não se circunscrevem apenas as áreas das Ciências Sociais, mas abarcam um montante de disciplinas e áreas de estudos (Administração, Saúde Coletiva, Engenharias Civil, Ambiental e Sanitária, Economia, Planejamento Urbano e Regional, Direito, entre outras) com aportes investigativos diversos a respeito de modelos e práticas de administração, cuidados com a saúde, desenvolvimento urbano e regional, legislação ambiental, gestão dos resíduos sólidos nas cidades e demais temas e abordagens que se fazem relevantes na atualidade (ABREU, 2011; BATISTA, 2014; FLORES, 2012; NETO, 2013; OLIVEIRA, 2012)

Porém, estudos voltados à área das Ciências Sociais são a maioria dos trabalhos apresentados, em grande parte, vinculados aos temas de educação popular, condições de vida, organização do trabalho, discursos identitários, conflitos e embates dos catadores na sociedade, envolvendo dinâmicas com o Estado, organização cooperativa, movimento e luta social nas definições de políticas públicas, participação política, melhores condições para o exercício da atividade de catação, representações simbólicas e linguísticas, além de outros interessantes temas à compreensão de problemáticas e questões que envolvem estes atores e seus cenários sociais.

O trabalho de Ribeiro (2011), por exemplo, ajuda-nos compreender o significado de um aterro de lixo na região metropolitana do Rio de Janeiro para um conjunto de catadores. Em seu texto, podemos perceber o teor de importância de um espaço de trabalho que possibilita a determinados sujeitos viverem com uma renda monetária oriunda dos materiais retirados do lixo urbano, embora façam parte deste panorama muitas tensões, vulnerabilidades e incertezas. Nesta perspectiva, a autora percorre duas associações que exercem atividades no aterro sanitário Jardim Gramacho, na cidade de Duque de Caxias, buscando compreender como se forjam as identidades dos grupos e como se dimensionam as relações familiares locais, em um contexto previsto de fechamento do aterro por parte das autoridades públicas locais.⁶

defendidos com a palavra-chave de busca, **Catador**. Acesso em diferentes momentos ao longo deste trabalho (2014-17).

⁶ O Aterro sanitário Jardim Gramacho, maior aterro de lixo da América Latina até sua extinção (fechado em 2012), foi local de trabalho de muitos catadores informais e seu fechamento gerou muita apreensão e incertezas no montante das pessoas que dependia dele para trabalhar e sobreviver com os materiais que encontravam no lixo (Jornal O Dia, Rio de Janeiro, 11.09.2016).

Semelhantes ao trabalho acima, vários trabalhos de pesquisadores sociais trazem o tema da construção identitária de grupos de trabalhadores catadores como enfoque preferencial para abordar a congruência de grupos de trabalhadores, como o trabalho de Nascimento (2012) que enfoca a questão identitária dentro de uma perspectiva de busca por reconhecimento social atrelada ao consumo. Tal problemática torna-se emblemática e vinculada às escolhas dos atores em suas investidas relacionais e resistências aos estigmas que sofrem na sociedade. Tal enfoque, ganha ainda mais importância ao percebermos que a luta por reconhecimento é uma condição contínua por parte dos catadores, observando que os materiais achados no lixo, muitas vezes, é o único meio que determinados indivíduos dispõem para ostentar minimamente o que consomem e serem visíveis à sociedade.

Relacionado ao tema da construção identitária de grupos de trabalhadores, são inúmeros os trabalhos a respeito da organização política e do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis, visto tal enfoque abordar uma dimensão estruturante de um novo sujeito histórico que se organiza e reivindica seu espaço social de trabalho nas últimas décadas. O trabalho de Alves (2016), seguindo esta perspectiva, trata especificamente da construção pedagógica elaborada no e pelo MNCR, com o sentido de compreender como se consubstancia um processo de educação popular que se constitui pela construção de um método político-pedagógico que se denomina “de catador para catador”. Segundo a autora, o método tem sido a proposta popular gestada pelo movimento e compõe as bases para a construção de sua pedagogia e atuação política.

O que se observa, ratificando observações anteriores, é que os trabalhos referentes a catadores de materiais recicláveis, de forma geral, retratam a constituição de grupos, os aspectos identitários e apreensões simbólicas e representacionais de uma camada de trabalhadores diversos que se organizam predominantemente em coletivos de trabalho. As ênfases, de certo modo, enlaçam importantes questões e contextualizam este sujeito histórico, político, programático, reflexivo, associativo, dinâmico, que se aglutina a partir de problemáticas concretas e localizadas territorialmente, nos lugares em que vivem. Não obstante, alguns trabalhos referendam percepções individuais e mecanismos de consumo de determinados sujeitos, em suas práticas de trabalho e luta por visibilidade social (MIURA, 2004; ALVES, 2015).

Por nossa parte, cabe considerar a necessidade de aprofundar a ideia do ator social catador na perspectiva do indivíduo em suas trajetórias, experiências e disposições sociais, contribuindo com este importante marco intelectual que dá voz aos sujeitos sociais e elabora uma percepção refinada das configurações sociais matizadas pelas relações concretas desenvolvidas nas sociedades. A contribuição dos vários enfoques relacionados a um determinado sujeito que se insere na história é de fundamental importância para se perceber a complexidade a qual está envolvido. Nesse sentido, cabe, constantemente, localizá-lo no espaço e no tempo, atualizando abordagens e procurando outros vieses de entendimento.

3 PROBLEMATIZAÇÃO DO ESTUDO E O PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo objetiva estruturar uma relação entre uma problemática de fatores que busca perceber um território urbano e o engajamento do pesquisador em seu ambiente de estudo. Para isso, enlaça o âmbito local como aspecto determinante para pontuar circunstâncias sociais definidas pelas ações sociais estabelecidas por catadores de materiais recicláveis.

Em sua primeira seção, *Caminhos que se encontram nas dúvidas e indagações (3.1)*, aborda a perspectiva da cidade e dos sujeitos concretos que nela atuam. Constitui um debate problematizando o objeto de estudo e enaltecendo a possibilidade de melhor compreendê-lo em suas ações, o que aprofunda o debate quanto às esferas do trabalho e da vida cotidiana dos pesquisados.

Na segunda, *Lixo como fenômeno social (3.2)*, discute o problema do lixo urbano da cidade de Passo Fundo e adentra num debate a respeito das posições e ideias de atores quanto ao gerenciamento e tratamento dos resíduos urbanos na cidade de Passo Fundo.

Já a terceira seção, *A pesquisa e suas configurações metodológicas (3.3)*, elucida os caminhos metodológicos implementados pelo estudo. Dá referências sobre as preocupações epistemológicas e das técnicas utilizadas para compor o trabalho de investigação. Para isso, esclarece as escolhas e definições estabelecidas para os contatos *in loco* do objeto de estudo, seus principais enfoques, dimensões e etapas estratégicas implementadas na pesquisa.

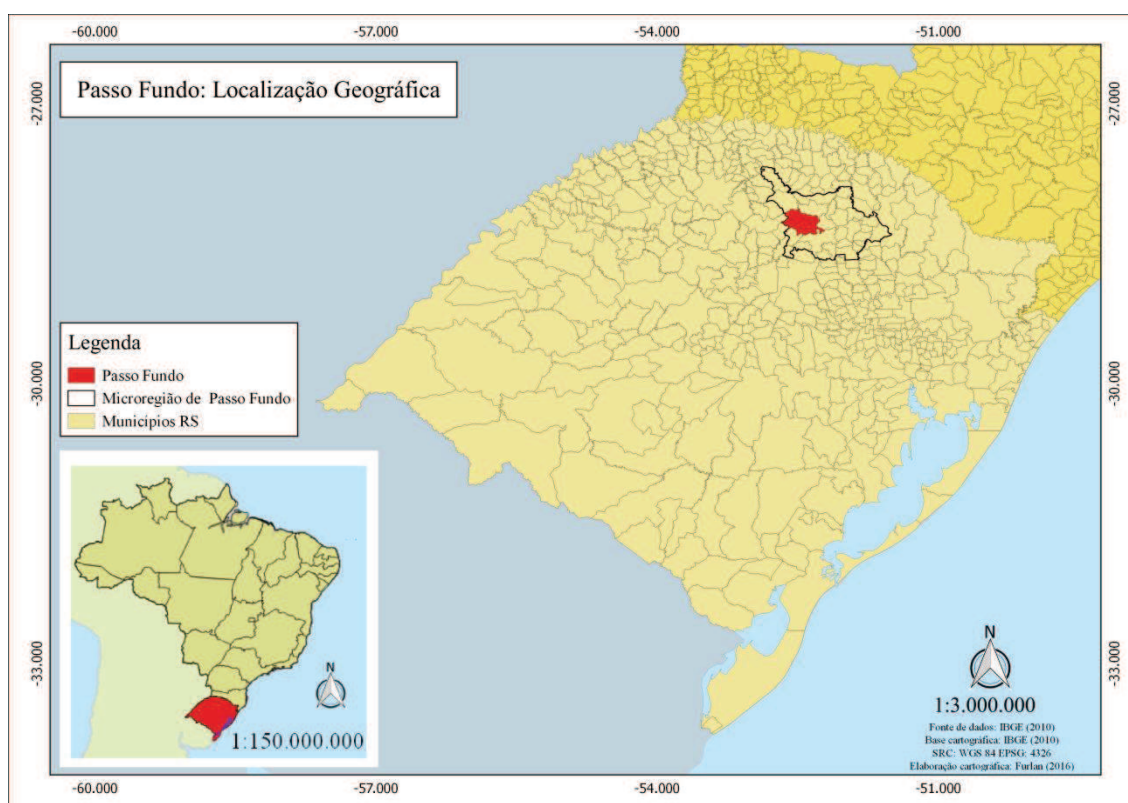
Enfim, este capítulo foi estruturado, eminentemente, para configurar as problemáticas e indagações do campo de pesquisa, bem como para pautar o enquadramento metodológico das escolhas e etapas que definiram a abordagem da investigação.

3.1. CAMINHOS QUE SE ENCONTRAM NAS DÚVIDAS E INDAGAÇÕES

A perspectiva de elaborar aqui uma composição de fatores buscando perceber a dinâmica de catadores de materiais recicláveis em uma cidade específica, Passo Fundo (Mapa 1), localidade do interior do estado do Rio Grande do Sul (RS), pareceu-nos de grande importância. Isso porque, ao elegermos um espaço específico de trabalho, buscamos inserir-nos em determinado contexto e observar sujeitos concretos como mote de nosso trabalho de investigação. Assim,

mais do que qualquer outro aspecto, nossa atenção será desmistificar o caráter meramente dependente, residual e normativo que possa caracterizar os catadores no desenvolvimento de seus trabalhos vinculados aos rejeitos urbanos da cidade em destaque.

MAPA 1 – Localização do município de Passo Fundo no Estado do Rio Grande do Sul e na Microrregião de Passo Fundo



Fonte: IBGE, 2010.

Nesse momento da reflexão, o que desponta em nossa capacidade de raciocínio é, justamente, perceber *in loco* a dinâmica dos atores sociais, buscando, conforme destacado anteriormente, compor com originalidade uma análise que se estrutura a partir das ações e narrativas dos indivíduos, mediante suas experiências de vida e de trabalho. Diante dessa proposta, nossa percepção de pesquisador na confabulação das relações teóricas e empíricas estará em jogo por meio de nossas próprias disposições e experiências no campo de estudo, visto termos por perspectiva questionar as aparências e condicionarmos nosso olhar crítico na ordem da desconstrução do senso comum atrelado às trajetórias e aos trabalhos dos catadores.

Num primeiro momento, pode-se avaliar que a escolha da pesquisa se dê de forma aleatória ou sinalize apenas nossa intenção em otimizar recursos para sua investigação, visto que o campo de pesquisa se circunscreve a um determinado local em que habitamos, proporcionando maior acesso e constância à implementação do trabalho de investigação. Esse tipo de observação, porém, não alude às facetas, aos desafios e às armadilhas epistemológicas a que possamos estar sujeitos ao fazermos uma escolha por um objeto de investigação apenas de forma aleatória ou para melhor otimizar os recursos de pesquisa.⁷ No caso deste estudo, é muito importante entender os nexos entre nós (pesquisador), nossa história e nosso ambiente atual. Esses fatores, que podem ser encarados como singelas circunstâncias de uma pesquisa, são elementos que, em verdade, delineiam a abordagem da investigação, pois promovem a reflexão constante de uma pessoa que se coloca dentro de um processo social, participante nos diferentes âmbitos e relações que compõem a vida cotidiana em um município brasileiro, muito embora investigue um segmento social que não integra diretamente, mas que, por intermédio deste trabalho, busca compreender metodologicamente as relações que estabelecem mutuamente e na interface com a sociedade abrangente.

O estar longe e ao mesmo tempo perto do objeto investigado não é apenas um jogo de palavras lançadas ao acaso, mas uma possibilidade de intuição dos processos, ensejando de forma diferenciada a construção do conhecimento e o rompimento, na medida do possível, das pré-noções.

Embora Passo Fundo não seja nossa cidade de origem, vivemos nela um pouco mais de uma década, foi onde amadureceu nossa percepção em relação aos catadores de materiais recicláveis, percebendo neles aspectos importantes e relevantes ligados ao local em que se movimentam, principalmente na observação das formas expressivas vinculadas ao jeito de trabalhar, de ser e estar envolvido com a atividade da reciclagem, seja em sua forma integral ou esporádica. Aspectos esses, tratados mais adiante nesta tese, e que nos instigam a perceber como os

⁷ Pode parecer bastante cômodo investigar o local onde se vive. Realmente, algumas facilidades de observação e constância na atividade são elementos importantes para um pesquisador sempre atento aos fenômenos que o cerca. Porém, não esqueçamos da necessidade de afastamento e estranhamento que o pesquisador deve passar a ter, do cuidado que deve observar para implementar e focar sua análise, dirimindo sua atenção a ideias pré-concebidas ou a eventuais processos normatizadores. Isso envolve a necessidade do pesquisador se colocar perante e entre os fatos, buscando questionar-se permanentemente a respeito de suas ideias preconcebidas e formas de interpretação da realidade, o que sempre deve gerar o máximo cuidado epistemológico na análise dos fenômenos observados.

sujeitos se tornam heterogêneos e merecem ser levados em consideração a partir dos processos por eles incorporados e por eles dinamizados.

Nesse ponto, a cidade é um elemento de suma importância por possibilitar a esta pesquisa social uma visão mais integradora do universo dos catadores em suas vidas cotidianas e nos trabalhos que desenvolvem. Os catadores são atores em seus domínios mais restritos, no ambiente familiar e na comunidade onde moram. Mas também são sujeitos ativos que rompem suas fronteiras comunitárias e se articulam a outros espaços da localidade em que vivem, percorrendo as vias e artérias de um complexo estrutural e viário que podemos definir como espaço urbano. Em verdade, nosso propósito, desde o início da elaboração deste trabalho, foi romper a dicotomia entre espaço de moradia e trabalho, comunidade e sociedade. Âmbitos, caso divididos, cindem o ator em vez de promovê-lo em sua integralidade.

Nas vias desse urbano, enfim, é que nos reencontramos com a figura do catador e percebemos como esse ator emblemático, que transita nessa e em outras diferentes cidades do Brasil, torna-se um sujeito complexo e atento ao seu tempo e às circunstâncias das quais participa efetivamente.

Percebemos, dessa forma, mediante nossas vivências no local em que foi implementada esta pesquisa, uma gama de aspectos interessantes para serem analisados em relação aos catadores. Aspectos que talvez já tenham sido tratados de diferentes formas em outros trabalhos, relacionados a determinados grupos de catadores, inclusive. Porém, este trabalho, por sua perspectiva, busca articular seu interesse de pesquisa social envolvendo catadores de forma a endossar questões mais amplas relativas à própria história desses sujeitos em um determinado território de atuação, estabelecendo, por conseguinte, relações que digam respeito à própria origem social desses indivíduos. Estabelece, assim, uma articulação que retrata, por exemplo, a influência da cultura rural no meio urbano, a relação comunitária dos diversos grupos de catadores, bem como a relação dinâmica de ser catador ou estar provisoriamente exercendo esta profissão em um período determinado ou indeterminado de tempo. Ou seja, buscamos com este trabalho, essencialmente, construir uma análise das disposições dos atores catadores que tenha como pressuposto a compreensão de suas práticas locais, definidas culturalmente a partir de estruturas, fatos, circunstâncias, gostos, crenças, relações de gênero e gerações; enfim, mediante os aspectos que digam respeito às experiências sociais e

características apreendidas, sem buscar traçar um entendimento com tendência a homogeneizar a figura do trabalhador da catação nessa cidade. Como se poderá perceber, o estudo atravessa várias questões sem se fixar exclusivamente a uma delas, mas faz um recorte multifacetado, buscando entender suas articulações na composição das vivências dos atores envolvidos.

Um aspecto importante de nossa análise foi ressaltar os próprios aspectos que constituem e particularizam as múltiplas territorialidades de relações desenvolvidas pelos catadores, o que, sem dúvida, pode ainda possibilitar futuras comparações com outras realidades de trabalho dos catadores. Isso nos faz supor a importância de perceber-se a diversidade dos espaços, ambientes e, obviamente, dos próprios atores em contextos semelhantes e distintos. Assim nos parece ser possível entender como sujeitos se constituem parte das relações mais íntimas, por um lado, e mais abrangentes, por outro, em suas múltiplas modulações de relacionamentos.

Evitamos, outrossim, formular grandes generalizações quando nos reportamos às características dos catadores na localidade de Passo Fundo.⁸ Apesar de que elas possam existir, os catadores, evidentemente, pertencem a uma categoria de trabalhadores, principalmente urbana, que nos enseja a traçar elos que os qualifiquem e nos permitam entender seu trabalho e o rol de atividades executadas por eles. O que propomos aqui, todavia, é uma análise que vá além das grandes generalizações e nos diga algo a mais a respeito dessa categoria de trabalhadores, saindo das equações meramente estatísticas ou descrições abstratas, embora essas sejam, muitas vezes, fundamentais para estabelecer certas percepções a respeito dos sujeitos em destaque.

Nesse sentido, o trabalho do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), *Situação Social das Catadoras e dos Catadores de Material Reciclável e Reutilizável* (2013), já nos traz uma importante sistematização de dados e informações a respeito dos catadores no Brasil e em regiões.⁹ Dentre os dados e informações reunidas, pontua-se, através dos dados censitários de 2010 (IBGE), a

⁸ Características do município de Passo Fundo, particularidades e especificidades, serão melhores descritas e analisadas no Capítulo 4.

⁹ O trabalho do IPEA estrutura-se em três eixos básicos para demonstrar a situação de catadores e catadoras de materiais recicláveis e reutilizáveis, assim divididos: 1. A cadeia da reciclagem e os desafios da coleta seletiva; 2. Os catadores de material reciclável no Brasil: organização econômica, mobilização social e políticas públicas; 3. Situação social dos catadores no Brasil.

existência de 387.910 catadores no Brasil, embora este dado seja autorreferenciado pelos entrevistados no Censo e, segundo o próprio estudo, pode expressar parcialmente a realidade, haja vista que os catadores podem omitir tal atividades pelo fato de não considerarem esta profissão como sendo a principal atividade que executam, por possuírem formalmente outra profissão, embora não a exerçam efetivamente, ou, até mesmo, por trabalharem de forma sazonal ou esporádica na atividade de catação, não a incluindo como atividade profissional regular.

Um aspecto importante do estudo do IPEA, que se baseia também em estudos de outros autores que trabalham com a temática, é frisar a heterogeneidade dos catadores, observar as regiões onde existem maior fluxo de catadores e as formas associativas e cooperativas que os reúnem. Perceber a heterogeneidade desses atores é um aspecto fundamental para qualquer trabalho que tente explorar esta temática, pois traz a possibilidade de ver os catadores como reflexos e como protagonistas das mais diferenciadas possibilidades de relacionamentos em contextos que os integram as suas atividades.

Igualmente, o trabalho do IPEA demonstra ser de suma importância ao destacar outros dados e informações. Traça um importante histórico dos principais processos e políticas implementadas no País que buscam reconhecer o trabalho dos catadores e sua distribuição em diferentes regiões da Federação. O caráter das questões levantadas pelo trabalho é bastante sintético e resumido, o que cumpre o propósito da equipe, pois situa de forma ampla o espectro da participação desse público e das suas principais problemáticas ligadas à questão ambiental e aos valores da sociedade ampla em que estão inseridos.

Por outro lado, embora tenhamos consciência de que o propósito do estudo e a sistematização de trabalhos incorporados por este quadro traçado pela *Situação dos Catadores* não visa aprofundar detidamente as particularidades, muito menos as singularidades das condições dos catadores, algumas afirmações nos parecem demasiadas pelo pouco aprofundamento do levantamento empírico empregado por esta pesquisa. Como exemplo, a pesquisa ratifica outro estudo do IPEA (2012) que declara que os motivos para a baixa adesão ao trabalho coletivo (associativo) dos catadores deveria ser creditado aos seguintes fatores: suposta autonomia daqueles que preferem trabalhar de forma individual, independentemente do trabalho em grupo; a desinformação quanto às exigências para constituírem uma cooperativa de trabalho; a falta de conhecimento técnico especializado; e por enxergar as

cooperativas como um agente externo a sua própria condição de catador. Inclui nesses aspectos a falta de relação de confiança e reciprocidade entre participantes de associações de trabalho, além da falta de tempo para esperar a maturação do empreendimento e de seus resultados econômicos. Isso porque os catadores passam por condições de extrema vulnerabilidade social e suas necessidades econômicas são muito prementes, devendo ser resolvidas de forma imediata.¹⁰

Acreditamos que esses são aspectos indicativos e possíveis de serem analisados e colocados em pauta; todavia, também acreditamos que tais aspectos respaldam apenas parcialmente a questão, não explicando definitivamente e completamente a falta de uma maior disseminação e aderência ao trabalho cooperativado por parte dos catadores. O que nos dá margem para que sejam encontradas maiores explicações sobre esses fenômenos.

Acreditamos que é importante problematizar algumas indagações em relação a essas afirmativas, para que possamos compreender de forma mais substantiva estes e outros processos de organização do trabalho dos catadores, sejam eles associados a grupos de trabalho ou que exerçam atividades de forma independente a qualquer estrutura formal associativa.

Alguns questionamentos por nós formulados relacionam-se às explicações ratificadas pelo IPEA ou são de cunho próprio e original que vão se somando e problematizando as primeiras indagações: será que a autonomia da gestão do tempo e do resultado do trabalho do catador é apenas uma suposição que o faz manter-se apartado de experiências associativas ou é algo relativo às próprias exigências de vida e de trabalho? Ou seja, vincular-se a uma estrutura de trabalho, em certo momento de sua trajetória, não seria algo demasiado e impróprio ao seu estilo de vida, mesmo que estejam vinculados a uma cadeia produtiva de trabalho que os explore de forma aviltante individualmente? O que pode gerar esta percepção de autonomia, mesmo que restrita, e que leva a maioria dos catadores a trabalharem de forma independente, desligados de ações associativas? Ou melhor, será mesmo que, independentemente do trabalho associado formal, o catador trabalha sozinho, isolado de outros catadores e de uma lógica voltada ao trabalho coletivo? Como o catador divide o seu tempo de trabalho em relação aos demais

¹⁰ Segundo a fonte, apenas 10% de catadores trabalham de forma associada no Brasil, ou seja, 30.390 associados (IPEA, 2011), em 1.175 Cooperativas / Associações em todo o território nacional (PNSB, 2008).

aspectos de sua vida cotidiana e obrigações familiares? A família pode integrar-se ao trabalho de catação e existir certa divisão de atividades de trabalho a partir das características dos seus participantes? Quais os vínculos e as formas de trabalhos alternativos que os catadores executam e conjugam com o trabalho da catação? Os catadores são pessoas desinformadas quanto às exigências para integrar uma cooperativa / associação de trabalho? Por outro lado, quais os principais aspectos que podem influenciar os catadores a procurarem realizar o trabalho de forma associada? Como se relacionam e usam de suas táticas e estratégias para aproveitar ou determinar oportunidades nas ruas da cidade e nos grupos de trabalho associados? Como se desenvolve a noção de liberdade e de status social no lugar onde vivem e executam atividades laborais? Os catadores realmente não possuem conhecimento técnico e especializado para lidar com materiais recicláveis de forma mais organizada, dentro dos padrões exigidos pelas indústrias? Como se relacionam e buscam vantagens econômicas perante seus pares e aqueles que vendem o produto de seus trabalhos? Quais são suas dificuldades e facilidades para lidar e desenvolver a forma de atividade que executam? Falta mesmo tempo para os catadores articularem-se e desenvolverem uma atividade comum ou este tempo é fracionado com outras atividades que executam, além da catação? Não existem canais de confiança e reciprocidade entre os catadores ou são mínimos esses canais? O trabalho em família não estabelece relações de confiança e reciprocidade no trabalho? Qual a importância da família e das relações parentais para constituir-se um grupo de trabalho, formal ou informal?

Essas são algumas questões que destacamos a partir do estudo do IPEA e, de forma mais sistemática, com as quais pretendemos questionar certos pressupostos mediante nossas observações junto aos catadores em diferentes momentos de nossas experiências com este público. O que sempre nos faz pensar sobre o quanto é complexa a dimensão das relações humanas e de que não há explicações fáceis e infalíveis para entender determinados fenômenos sociais, muito menos que essas explicações estão desarticuladas entre si e de seus contextos.

Ligada a essas indagações, enfim, buscamos compreender, de forma mais sistemática, como estes sujeitos catadores se constituem e se movimentam no fluxo urbano e em suas relações. Por essa perspectiva, temos como prioridade estudar os fatores e as disposições dos quais os sujeitos se utilizam para buscar sua integração no espaço social que, geralmente, os renega e os estigmatiza por serem pessoas

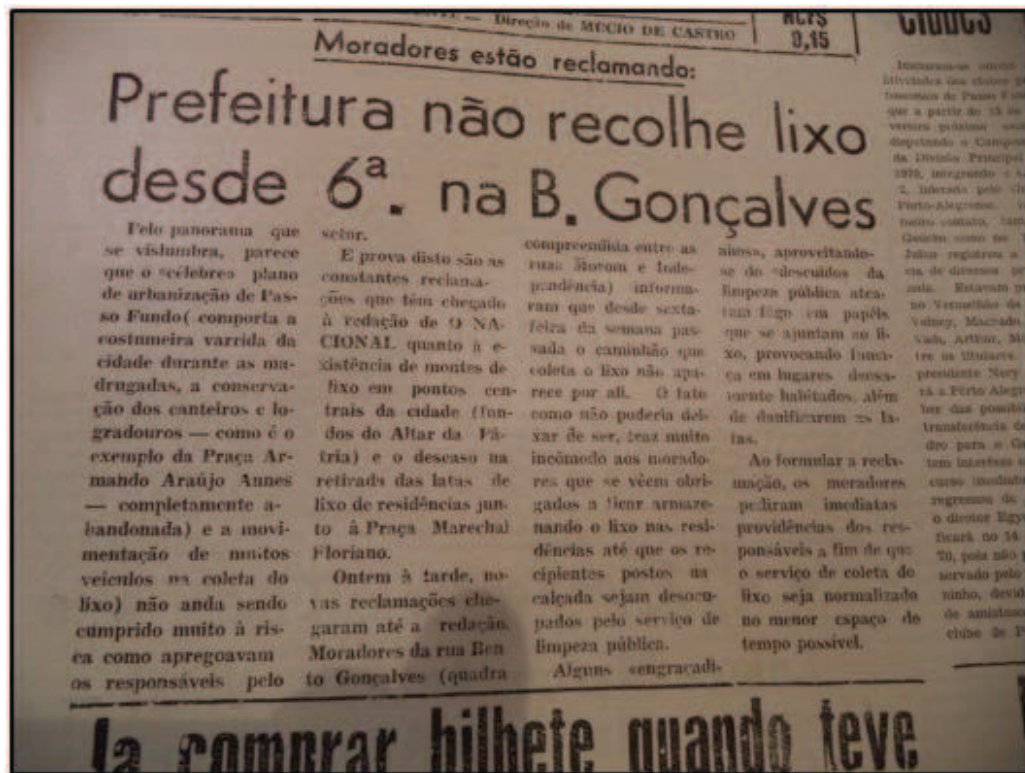
que trabalham no lixo (MIURA, 2004). Por nossa ênfase, também buscamos compreender suas capacidades reflexivas, táticas e estratégicas, bem como interpretar suas lógicas subjetivas, plasmadas em seus contornos culturais construídos ao longo de suas experiências sociais. Podemos adiantar que grande parte dos catadores do município de Passo Fundo tem forte influência do meio rural, baixo nível de ensino formal (à semelhança do estudo do IPEA nesse quesito) e busca adaptar-se ao espaço urbano de uma cidade que possui um histórico bastante conflituoso ao lidar com seus dejetos e com a forma como eles são descartados em diferentes circunstâncias e épocas.

3.2. LIXO COMO FENÔMENO SOCIAL

Conforme tivemos a oportunidade de observar, o problema da má gestão do lixo e seu gerenciamento na cidade de Passo Fundo é bastante antigo, atravessando décadas, tendo em vista os descartes irregulares pela cidade e serviços públicos deficientes constatados na linha do tempo. Observamos e exemplificamos isso realizando pesquisa no Arquivo Histórico da Universidade de Passo Fundo (UPF), em jornal comercial de grande circulação pela cidade, mediante reportagens realizadas a respeito da limpeza urbana das ruas centrais do município, no início dos anos 70 (ruas Morom e Bento Gonçalves), como ilustram as manchetes jornalísticas das figuras 1 e 2. Tal problemática aludida em reportagens através de décadas ainda perduram até hoje, como também pudemos visualizar e retratar pessoalmente, conforme foto (Fotografia 1) produzida na Av. Independência, também no Centro da cidade.¹¹

¹¹ A Av. Independência é uma importante via da cidade de Passo Fundo, paralela à rua Moron até certo ponto e em posição perpendicular à rua Bento Gonçalves no Centro da cidade, locais de grande fluxo de pessoas, onde comporta edifícios residenciais e comerciais, além bares, restaurantes, lojas de diferentes portes e uma completa rede bancária e demais serviços.

Figura 1 - Prefeitura não recolhe lixo em rua de área central de Passo Fundo, ano de 1970



Fonte: Jornal O Nacional, 13 de janeiro de 1970.

Figura 2 - Moradores da Rua Morom reclamam da sujeira em via pública – ano de 1970



Fonte: Jornal O Nacional, 16 de fevereiro de 1970.

Fotografia 1 - Sujeira na Av. Independência / Centro de Passo Fundo – abril de 2015



Fonte: acervo do autor – 3 de abril de 2015.

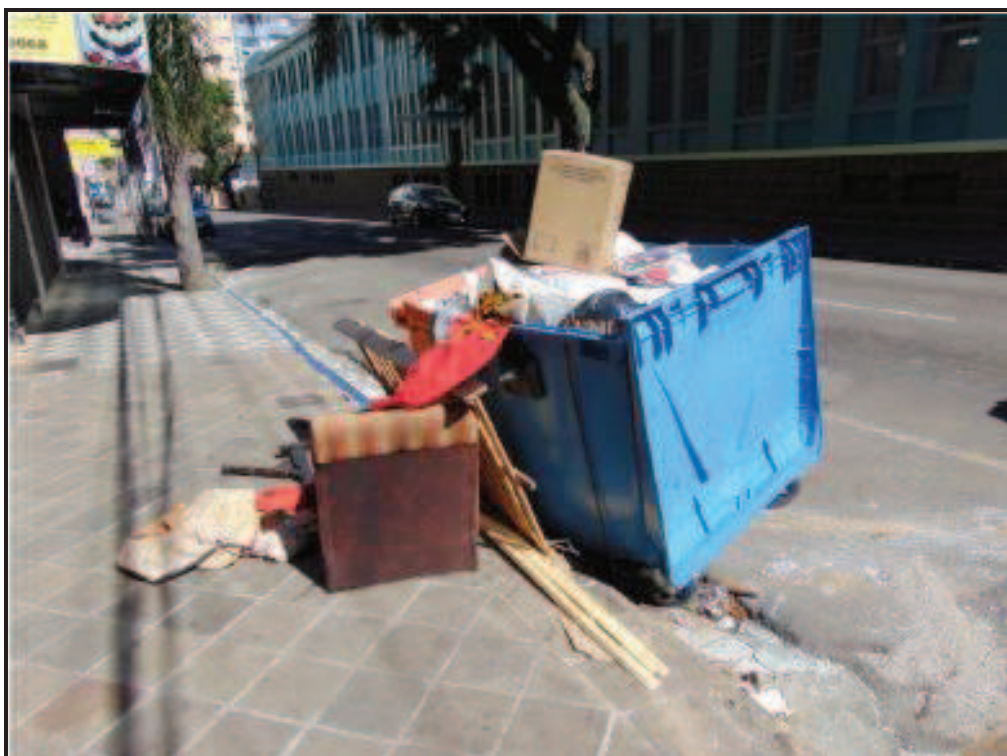
Observamos manifestações de indignação, protestos e reivindicações de segmentos da população de forma recorrente ao longo de décadas em relação à poluição sonora e à destinação de forma irregular do lixo urbano, inclusive como mote para impetrar pedidos de esclarecimentos e ações do Ministério Público, visando regular determinadas práticas no Centro da cidade, local onde há maior capacidade de articulação política dos moradores para tratar dessas e de outras questões que dizem respeito ao ordenamento urbano, como a alta incidência sonora e lixo disposto a céu aberto diante da intensa vida noturna em determinados espaços da cidade (ver ata de audiência pública no Anexo A).

Diante desse aspecto, os catadores dividem um espaço urbano que tem aflorado discussões sobre o regramento ambiental da cidade, principalmente no que concerne ao descarte de materiais jogados irregularmente nas vias públicas e de seus recolhimentos pelo poder público. Embora possamos avaliar que tais discussões possuam ainda um poder relativo em sua efetividade, pois perdura ao longo do tempo uma baixa preocupação por parte de uma variada gama de indivíduos que são descomprometidos com a limpeza e o ordenamento da cidade e de suas vias públicas, podemos verificar, ao transitar pela localidade e em seu

entorno, muitos descartes irregulares, seja de lixo orgânico ou de utensílios domésticos, como móveis, camas e eletrodomésticos (Fotografia 2). Da mesma forma, restos de materiais originários da construção civil, principalmente descartados em zonas mais afastadas dos bairros centrais da cidade (terrenos baldios, margens de cursos d'água, várzeas, etc.), abandonados provavelmente por empresas e profissionais do ramo da própria construção civil (Fotografia 3).

Alguns reflexos importantes dessa situação são a degradação ambiental de algumas áreas da cidade e o desconforto da própria população por esse impacto ambiental, tanto pela poluição dos cursos d'água como pelo lixo mal acondicionado ou espalhado de forma irregular em vias públicas.¹²

Fotografia 2 – Sofá e estrados de cama jogados na calçada no Centro da cidade de Passo Fundo



Fonte: acervo do autor – 3 de abril de 2015.

¹² Alguns depoimentos dos catadores registram que já encontraram aparelhos eletrônicos com plena possibilidade de funcionamento nas lixeiras da cidade, como notebooks, assim como roupas novas (com a etiqueta da loja), sapatos, utensílios para a casa. Esses materiais achados nas lixeiras ou largados nas ruas são, geralmente, aproveitados pelos catadores ou vendidos por eles, compondo, sistematicamente, a renda familiar do trabalhador. Uma catadora nos contou que abriu um brechó de roupas usadas encontradas no lixo ou doadas a ela para que uma de suas filhas trabalhe em casa, já que cuida dos filhos pequenos e não pode ausentar-se do lar. Ou seja, com o seu trabalho na rua, a catadora emprega sua filha em outra atividade, sem que essa deixe de dar atenção a seus próprios dependentes.

Fotografia 3 - Entulho de material da construção civil descartados em mata ciliar próxima do rio Passo Fundo



Fonte: acervo do autor – 27 de março de 2015.

Assinalamos, com isso, a possibilidade de pensar-se o quanto é ambíguo o processo de descartes de materiais numa cidade, da degradação ambiental à reutilização dos materiais descartados pelas pessoas, da valorização, desvalorização e revalorização das coisas (produção-uso-descarte-reuso).¹³ O que nos faz repensar a respeito do valor da materialidade econômica dos objetos e o quanto possa existir desperdício e aproveitamento dos recursos em função das práticas dos sujeitos e dos órgãos públicos. Percebemos, por parte dos poderes públicos atuantes no município e até mesmo por parte de instituições privadas e ONGs, um teor de propostas meramente reativas, paliativas e descontínuas frente aos problemas ambientais da localidade, principalmente no que diz respeito diretamente aos catadores de materiais recicláveis e o que envolve o gerenciamento do lixo urbano da cidade.

¹³ Entre outras possíveis fórmulas que estabelecem níveis de importância diferenciadas que dizem respeito às relações consoantes ao valor de uso e troca em sociedades e culturas distintas, sejam elas com maior viés no trato dos objetos pela dimensão mercadológica ou concernente a relações que prezam âmbitos de reciprocidade e distribuição de produtos e materiais disponíveis. Para este debate, dentro de um ponto de vista cultural, ver APPADURAI (2008).

Participando de alguns encontros e algumas reuniões de trabalho, na UPF, no Ministério Público (MP) e no Conselho do Meio Ambiente Municipal, observamos, por parte de representantes da Sociedade Civil e do Estado, um discurso que classifica, de uma forma geral, o segmento dos catadores como um contingente “problema” que deve ser “tratado” de forma específica e técnica pelas políticas públicas. Esses discursos trazem implícita uma noção de assepsia, de purificação do local, além de uma concepção assistencialista e de tutela com os segmentos mais fragilizados da população, inclusive de punição a determinadas práticas dos catadores.¹⁴ Para alguns segmentos da população ou representantes institucionais que atuam na cidade, os catadores deveriam ser retirados das ruas e tratados como elementos meramente residuais do modelo ideal de trabalho (empresa / funcionário). Tornar as ruas mais limpas e com fluxo dinâmico maior de veículos e pedestres deve compor a lógica do desenvolvimento econômico e social da municipalidade.

Nesse sentido, os catadores são resíduos de uma sociedade que produz resíduos. Essa é a lógica e a origem das práticas que os poderes públicos configuram junto com determinados segmentos da sociedade civil que pensam a cidade.

Diversas manifestações com esse teor de análise preconcebida homogeneízam a figura daqueles que trabalham com a catação na cidade, com pouca preocupação para buscar entender as circunstâncias que levam a maioria dos catadores a trabalhar nas ruas, pois se contextualizam parcialmente as condições e necessidades das pessoas. Os órgãos públicos da administração municipal desenvolvem, em seus atributos, o tratamento do “problema” sempre em caráter emergencial.

¹⁴ Há um debate direcionado na cidade quanto ao uso, por parte de catadores e outros profissionais, de carroças puxadas por tração animal para o transporte de materiais. Inclusive, segundo depoimentos de alguns catadores, já houve apreensão de carroças na cidade pela Prefeitura Municipal. Hoje os cavalos são observados e usam um *chip* inserido em seu corpo para identificá-los. Outra questão muito em voga é o acúmulo de “lixo” por parte dos catadores em suas residências. Isso é identificado pelos órgãos municipais como uma prática irregular, ou seja, de produção de pequenas áreas de lixo. Usando a rádio da UPF, a Prefeitura pede para que a população denuncie o lixo irregular acumulado nas áreas do município, tal chamada tem apoio do Ministério Público Especial e do Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas. Evidentemente que esta preocupação da Prefeitura transcende o acúmulo daqueles materiais reunidos e guardados pelos catadores em suas residências para a sua posterior venda, mas pelos discursos proferidos em reuniões, há uma preocupação bastante específica em relação a estas práticas, por aquilo que denominam “pequenos depósitos de lixo espalhados pela cidade”, o que, de certa forma, culpa os catadores por esta ação irregular, devendo serem denunciados quando a esta prática.

Percebemos, em síntese, desde o início de nossa inserção no campo de estudo, a composição de dois grandes universos representacionais da realidade em voga: o dos catadores e daqueles que se acham atingidos pelas práticas “irregulares” da catação. O que nos possibilita pensar nas relações entre poderes formuladas por esferas conceituais e valorativas diversas, que se configuram nas relações sociais, práticas e no jogo enunciativo que se constrói entre os sujeitos em suas alusões e enfrentamentos cotidianos, na base das sociedades.

A referência à questão do lixo urbano e do trabalho relacionado ao próprio lixo enseja, assim, duas posições de argumentação que ora se tensionam, ora se complementam, criando em determinados momentos um terceiro lugar de negociação, pois não há uma única dimensão expressiva de poder, seja ela física ou simbólica. Nesse sentido, as referências a Gilberto Velho (2013) também são sempre importantes a partir de seus estudos antropológicos pelas cidades, observando as relações entre poderes e dinâmicas particulares entre grupos com os quais manteve contato. Ao tratar de entender as trajetórias e vivências específicas por parte de indivíduos urbanos, Velho (2013, 82-83) afirma:

A possibilidade de partilharmos patrimônios culturais com os membros de nossa sociedade não nos deve iludir a respeito das inúmeras discontinuidades e diferenças provindas de trajetórias, experiências e vivências específicas. Isto fica particularmente nítido quando fazemos pesquisa em grandes cidades e metrópoles onde a heterogeneidade provinda da divisão social do trabalho, a complexidade institucional e a coexistência de numerosas tradições culturais expressam-se em visões de mundo diferenciadas e até contraditórias. Sob uma perspectiva mais tradicional poder-se-ia mesmo dizer que é exatamente isto que permite ao antropólogo realizar investigações na sua própria cidade.

O discurso mais hegemônico, enfim, é aquele que trata a problemática dos rejeitos urbanos e da própria condição do catador mediante uma concepção técnico-instrumental, ordenadora de práticas administrativas das instituições que estão à frente da coordenação das ações municipais ou com grande margem de influência junto aos poderes administrativos do agente público municipal. Tal racionalidade prioriza a eficiência das manobras para retirar os dejetos das vias públicas da cidade. Para isso, algumas práticas são de suma importância, como o fornecimento de serviços terceirizados de empresas privadas ou por meio de iniciativas públicas, como o recolhimento e o transporte do lixo, afastando-o do meio da população.

Há poucos anos a estratégia da administração municipal de Passo Fundo era levar os materiais recolhidos das ruas para um aterro sanitário próprio, em Passo Fundo, ou de uma cidade vizinha (Marau / RS). Esse transporte acontecia pelo intermédio de empresas privadas contratadas pelo poder executivo municipal. Porém, com o esgotamento dos aterros sanitários locais e do embargo do Ministério Público em permitir que esses aterros continuassem recebendo o lixo da cidade, a Prefeitura Municipal de Passo Fundo (PMPF) organizou um mecanismo logístico que utiliza ainda o antigo aterro da cidade apenas como entreposto para que determinado volume de materiais seja triado por catadores de uma cooperativa local – Cooperativa de Recicladores Parque Bela Vista (Recibela). O que sobra da triagem ou aquilo que não teve a oportunidade de ser triado pelos catadores é alocado em caminhões maiores e levado para Minas do Leão / RS, município a 300 Km de distância, que possui um aterro privado que recebe lixo de diferentes municípios do RS, inclusive da capital gaúcha, Porto Alegre. Dessa forma, os catadores são funcionais a este sistema, pois separam materiais que não precisarão ser transportados até Minas do Leão, diminuindo o peso do transporte e, por consequência, seu custo. Nessa perspectiva, esses catadores (45 no total – novembro de 2017) são importantes para a eficácia da política municipal de gerenciamento do lixo urbano, assim como outros catadores que exercem atividades em outras três associações com as quais a PMPF também se articula para apoiar o transporte de materiais recicláveis para serem processados nessas associações.¹⁵

Nessa lógica, percebemos que também os catadores que trabalham de forma independente, sem associação formal de trabalho, são funcionais à limpeza da cidade e ao trabalho de gerenciamento do lixo executado pelo poder público, pois exercem autonomamente a subtração do lixo das ruas da cidade e, em última

¹⁵ Nas estruturas de trabalho, denominadas Cooperativa Amigos do Meio Ambiente (COAMA), Cooperativa Mista de Produção e Trabalho dos Empreendedores Populares da Santa Marta (COOTRAEMPO) e Associação dos Recicladores Esperança da Vitória (AREVI), a PMPF incentiva a atividade de seleção dos resíduos sólidos mediante uma cota em dinheiro para pagamento do transporte de materiais que são doados às associações por empresas, entidades e população em geral. Basicamente essas doações são agendadas diretamente com os catadores das associações, que vão buscar o material doado. Até pouco tempo atrás, a Prefeitura encaminhava alguns contêineres de lixo seco que estão dispostos na área central às associações, mas geralmente chegavam aos empreendimentos com muito material orgânico, o que dificultava o trabalho dos associados. A Cooperativa RECIBELA, todavia, recebe todos os tipos de resíduos domésticos encontrados nas lixeiras das residências e dos estabelecimentos, visto localizar-se no antigo aterro e ser um entreposto de materiais. Alguns desses materiais são selecionados pelos catadores e outros são realocados em outros caminhões e transportados para o aterro sanitário em Minas do Leão / RS. Descrevemos de forma sintética no Apêndice D algumas características das associações formais e um pouco de suas histórias.

instância, diminuem o peso do caminhão do lixo destinado ao aterro em Minas do Leão.

A ideia sempre em voga, segundo esta proposta hegemônica, é de que há necessidade de realizar-se um trabalho eficiente à população que paga seus impostos, não onerando demasiadamente os custos da operação. O custo e o benefício, assim, são sempre referências importantes para os agentes públicos, mas as referências aludidas aos benefícios do gerenciamento dos resíduos estão restritamente vinculadas à ideia do seu recolhimento e afastamento do meio social. Poucas são as referências que se preocupam efetivamente com o reaproveitamento desses materiais e o que ele pode gerar de rendimento levando em consideração o seu reuso e a geração de renda aos catadores. Ou seja, o lixo, segundo essa noção, é algo a ser gerenciado do ponto de vista de seu recolhimento, com relativa preocupação com o seu destino e reutilização.

Esta visão é sempre reativa às legislações ambientais e as possibilidades de ver-se livre do problema do lixo de forma mais imediata possível. Dessa forma, a “matéria-prima” do trabalho do catador é um problema, o catador também o é, embora sua relativa funcionalidade e ambivalência estejam sempre presentes, apesar de não ser ele que gerou o “problema” de resíduos no município.

A outra dimensão lógica conceitual de destaque deve ser aludida ao próprio catador, sujeito que faz o contraponto à dimensão anterior, meramente técnica-instrumental e voltada para os resultados de recolhimento do lixo. A dimensão racional dos catadores está mais vinculada ao caráter da vida prática cotidiana e dos valores circunscritos a seus grupos familiares e/ou comunitários. Este trabalho dará maior ênfase a essa última perspectiva à medida que formos destrinchando as fronteiras que nos separam e irmos buscando entender o trabalhador da catação. Não por sua simples funcionalidade vinculada ao sistema de gerenciamento do lixo de uma cidade, mas a partir do entendimento de que ele é elemento social dinâmico e heterogêneo, como referência social mediada por um cabedal de valores e disposições culturais amalhadas de suas próprias vivências e experiências de vida. Essas são as coordenadas epistemológicas que pretendemos produzir aqui e, de certo modo, nos ajudam a questionar percepções do mundo que nos cerca, comparando-as e relativizando-as para responder nossas indagações e permitir percebermos mais nitidamente a complexidade de nossa sociedade e o que nos envolve.

De qualquer forma, já podemos sinalizar que os catadores realmente buscam galgar o seu espaço na sociedade, vinculando seus próprios pressupostos e assimilando outros. Podemos constatar que, de fato, um terceiro campo de negociação e luta se forma, compondo e interligando as perspectivas que destacamos.

3.3. A PESQUISA E SUAS CONFIGURAÇÕES METODOLÓGICAS

Conforme exposto até aqui, buscamos compreender, por intermédio deste trabalho, certas condições objetivas e subjetivas que estão relacionadas às diferentes disposições e ações sociais de catadores de materiais recicláveis. Eles devem ser considerados atores sociais na medida em que perfazem uma rede de relações e participam da composição de fenômenos que fazem parte do ambiente de uma sociedade complexa.¹⁶ Tais atores sociais, ao desenvolverem suas atividades de trabalho e se corresponderem com os demais segmentos da população em Passo Fundo, em sua comunidade e família, atuam mediante valores e representações construídas a partir de suas experiências de vida. Assim, damos ênfase, nesta pesquisa, às disposições e às lógicas das ações sociais criadas por indivíduos concretos que trabalham diretamente na catação de materiais recicláveis, os quais, nessa condição, dinamizam suas vidas e suas relações sociais a partir das interações desenvolvidas em espaços de trabalho e ambientes da vida cotidiana.

Em correspondência com a dimensão da vida cotidiana e os aportes de uma abordagem de pesquisa qualitativa, à qual nos filiamos de forma predominante, Melucci (2005, p. 29) elucida:

[...] dimensão crucial da sociedade contemporânea é a importância da vida cotidiana como espaço no qual os sujeitos constroem o sentido do seu agir e no qual experimentam as oportunidades e os limites para a ação. Esta atenção para a vida cotidiana estende o foco sobre a **particularidade dos detalhes e a unidade dos acontecimentos que dificilmente servem para ser observados, contidos e organizados dentro dos modelos de**

¹⁶ Sociedades complexas, segundo Velho (2013), são aquelas sociedades caracterizadas por um nível alto de concentração da população, típico de sociedades que sofreram o processo de centralização do trabalho, geralmente a partir do desenvolvimento industrial e/ou urbano, iniciado nos últimos séculos nas sociedades contemporâneas. O mesmo autor não descarta um certo nível de complexidade dos fenômenos sociais em sociedades mais diminutas, como sociedades tribais que possuem uma menor margem de trocas e contatos diante da diversidade cultural e de outras organizações societais, embora utilize a qualificação de sociedade complexa para caracterizar unicamente as sociedades modernas e mais dinâmicas do ponto de vista das múltiplas interações culturais e diversidades de ações que nelas ocorrem e se reproduzem.

análise unicamente quantitativos. Na vida cotidiana, os indivíduos constroem ativamente o sentido da própria ação, que não é mais somente indicado pelas estruturas sociais e submetido aos vínculos da ordem constituída. O sentido é sempre mais produzido através de relações e esta dimensão construtiva e relacional acresce na ação o componente de significado na pesquisa. Isso muda a atenção para as **dimensões culturais da ação humana** e acentua o interesse e a importância da pesquisa de tipo qualitativo. [grifos nossos]

Com esta ênfase, mediante uma *abordagem predominantemente qualitativa de pesquisa social*, os procedimentos técnico-metodológicos consistiram no estabelecimento de contatos *in loco* com os catadores de materiais recicláveis, seja aqueles organizados em associações e cooperativas de trabalho ou aqueles que trabalham de forma individual / autônoma, geralmente catando materiais diretamente nas ruas e lixeiras da cidade. Para abordarmos estes trabalhadores nas ruas, nas suas residências e/ou nas associações e cooperativas a que estão vinculados, elegemos diferentes técnicas de pesquisa, em diferentes momentos de nossa investigação, como a aplicação de questionário socioeconômico, a entrevista-narrativa e a observação direta no trabalho e na vida cotidiana deles. (As etapas da pesquisa em diferentes momentos estão especificadas sinteticamente no final desta seção – 3.3.1 Desenho metodológico da Tese).

A análise dos dados e das informações, coletados em diferentes momentos, foi precedida do registro e da sistematização das informações a fim de facilitar a descrição de regularidades, mudanças e reflexividades subjacentes às ações sociais dos catadores. No jogo relacional entre pesquisador e atores sociais, a alteridade foi parte fundamental como fórmula de investigação e de processo cognitivo (RANCI, 2005). Por essa concepção, as análises das falas dos sujeitos e das observações diretas que foram realizadas no campo de pesquisa também foram analisadas em suas situações análogas e discrepantes. O caráter da dúvida e do estranhamento pôde deslocar nosso senso comum e possibilitar outros vieses de interpretação relacionados ao objeto de pesquisa. O próprio fato (a ação) também foi algo não definido e explicado por si mesmo, mas como parte das lógicas intrínsecas e das condições próprias de determinados contextos da realidade e lógicas subjacentes às experiências dos catadores. Em relação a essa perspectiva de análise social, Lefebvre (1969, p.84) nos consubstancia epistemologicamente apontando uma dimensão importante em relação aos aspectos reais e imaginados:

A reflexão que prolonga (em termos novos) a longa mediação e a problemática dos filósofos pode elaborar um quadro das formas. É uma espécie de crivo que serve para decifrar as relações entre o real e o pensamento. Este quadro (provisório, passível de ser revisto) vai do mais abstrato ao mais concreto e, por conseguinte, do menos imediato ao mais imediato. Cada forma se apresenta em uma dupla existência, mental e social.

Nessa condição, na relação com aquilo que se quer compreender, buscamos ressaltar as lógicas sociais integradas aos processos relacionados às histórias e à vida cotidiana dos catadores, perpassando por condicionamentos valorativos e a possíveis conflitos que se estabelecem dentre as condições de organização do trabalho. Desde o início, pretendíamos, assim, compreender a diversidade dos catadores de materiais recicláveis, sujeitos que compõem uma rede de relações envolta na problemática do lixo urbano da cidade de Passo Fundo e que faz o contraponto a outras realidades de trabalho e de sociabilidades, por suas posturas, práticas e visões de mundo.

Por parte desta pesquisa qualitativa, a ênfase foi dada à perspectiva biográfica e interpretativa das condutas dos atores sociais, para que pudéssemos compreender as formas e lógicas das ações de integração social, de estratégia e tática racionalizada, bem como de subjetivação nos processos de configuração de seus trabalhos. Assim, buscamos estudar os processos lógicos e atitudinais que, de alguma forma, estão imbricados aos nexos relacionais entre os catadores envolvidos.

O número de entrevistas narrativas¹⁷ fixou-se em 22 abordagens. Tal número de entrevista estabeleceu-se condicionado a nossa percepção de observador e o

¹⁷ Fundamentalmente, o arcabouço teórico-metodológico das entrevistas foi baseado no texto *Pesquisa social interpretativa: uma introdução*, de Gabriele Rosenthal (2014). Com grande ascendência à Sociologia Fenomenológica de Alfred Schütz, a autora aborda a técnica da entrevista que tem na narrativa dos acontecimentos e trajetórias dos entrevistados o mote do levantamento do aparato empírico utilizado pelo pesquisador social. Nesse trabalho, as entrevistas narrativas tornam-se referências interpretativas para que o pesquisador possa perceber as possibilidades e obstáculos da ação existente de um sujeito vivendo em uma determinada sociedade. O procedimento básico da entrevista narrativa, dessa forma, constitui-se na possibilidade de oportunizar a fala do sujeito pesquisado, e, com isso, reconstruir o ambiente do ator e de suas relações instituídas, observando a sequencialidade dos fatos e as trajetórias que determinado indivíduo vivenciou e produziu. Ou seja, busca-se interpretar o ambiente social mediante a reconstrução dos significados sociais, observando os sentidos construídos ao longo do tempo pelo indivíduo que se expressa no presente. Esta metodologia nos possibilita estabelecer o procedimento abduutivo como referência, visto que podemos criar hipóteses de pesquisa ao longo das próprias entrevistas, tornando a pesquisa aberta aos direcionamentos que o próprio campo de análise nos indica. Não organizamos perguntas antes de irmos a campo, apenas um quadro de referência temático que estava em consonância aos nossos propósitos teóricos, para que os

quanto se tornou satisfatório esse número de entrevistas para representar um quadro analítico das condições e percepções do segmento pesquisado. Dessa forma, determinamos, no decorrer da pesquisa, o grau necessário de material analítico a compor o quadro empírico, de forma que se consubstanciasse um *corpus* satisfatório de informações para a sua efetiva interpretação sociológica.

Para que isso acontecesse, dimensionamos também certa composição de entrevistas em diferentes lugares do campo de investigação, por entendermos, *a priori*, ser possível encontrar no segmento de catadores aspectos que os igualem e os diferenciem mediante os diversos grupos e relações que instituem. Assim, para poder contemplar de forma ponderada uma distribuição de entrevistas desse segmento social, tivemos, como estratégia, o cuidado de entrevistar esses trabalhadores em diferentes locais da cidade de Passo Fundo, ou seja, abordando os catadores em diferentes grupos, espaços geográficos e com características pessoais das mais diversas possíveis (gênero, condições de trabalho, estado civil, escolaridade, origem rural ou urbana, etc.).

Para auxiliar e aprofundar esses encaminhamentos, realizamos um levantamento prévio de informações mediante questionário (APÊNDICE A – Questionário Socioeconômico), com perguntas abertas e estruturadas (*fase 1 da abordagem metodológica – Levantamento exploratório*). Esse levantamento de informações teve a função precípua de possibilitar-nos organizar informações e características socioeconômicas gerais dos trabalhadores em destaque. Assim, tivemos melhores condições de observar, em conjunto, as características básicas dos catadores do município, percebendo sua dispersão territorial, bem como dados relativos às relações familiares, entre outros aspectos que nos ajudaram a conhecer determinadas características desse público e referendar nossas escolhas para o desenvolvimento das etapas seguintes do trabalho.¹⁸

Os catadores que nos concederam as entrevistas-narrativas saíram, então, da lista dos 120 catadores que questionamos na forma exploratória e foram localizados pelo intermédio das informações previamente produzidas pela aplicação do questionário socioeconômico. A escolha dos entrevistados foi feita por nós,

próprios elementos estudados direcionem nossa atenção para entendermos a dinâmica e complexidade da vida social.

¹⁸ Tal levantamento se deu entre os meses de abril a julho de 2015. Foram contatados 120 catadores em diferentes locais da cidade.

respeitando certa variedade dos casos, características pessoais dos catadores, assim como a disponibilidade deles em conceder a entrevista, embora nenhum tenha se negado taxativamente a receber-nos para que pudéssemos realizar a entrevista, muito pelo contrário.¹⁹

Essas informações somaram-se a outras adquiridas através de dados estatísticos consolidados por instituições, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), entre outros estudos e bibliografias pertinentes e disponíveis sobre os estudos contextualmente mais amplos em relação aos catadores. Isso nos permitiu descrever e analisar a própria dinâmica socioeconômica do município de Passo Fundo em suas formas particulares e específicas.

Selecionamos alguns trabalhos acadêmicos que nos ajudaram a entender as histórias, as dinâmicas e os processos em que foi e está sendo configurada esta localidade (BATISTELLA, 2007; TEDESCO, CARINI, 2010; TEDESCO, 2015; SPINELLI, 2015), bem como identificar outros atores que fazem parte das correlações de forças sociais e políticas que se inserem ao contexto territorial, como os poderes públicos, os movimentos sociais, as organizações não governamentais, etc. Também levantamos informações relevantes para o entendimento da constituição e do desenvolvimento social e econômico da região, mediante documentos e jornais de ampla circulação no município.

Temos como perspectiva de pesquisa armazenar e organizar informações que provenham de diferentes fontes e veículos de comunicação, para que possamos formular, sempre que for pertinente, outros questionamentos e hipóteses no decorrer do processo investigativo, sistematizando e comparando informações acerca da realidade estudada.

Além dessas técnicas investigativas, foram realizadas observações diretas em diferentes momentos da pesquisa. Realizamos algumas incursões nos trajetos e nas práticas realizadas por estes trabalhadores. Eles também foram escolhidos do rol de contatos preestabelecido mediante o levantamento socioeconômico, com o intuito de ajudar-nos a compreender a variedade de ações que desempenham cotidianamente

¹⁹ Ocorreram mais de um contato com alguns catadores à medida que observamos ser necessário continuar a entrevista em outro momento. Também realizamos contatos em outros momentos com aqueles que construímos uma relação de maior empatia e proximidade, encontrando-os casualmente pelas ruas, quando executavam a catação, ou em eventos religiosos nas comunidades em que vivem.

na execução de suas atividades. Essa técnica foi utilizada como último expediente do trabalho de pesquisa para que pudéssemos aprofundar alguns dados coletados anteriormente. Buscamos, dentro das dimensões das experiências práticas que definem as disposições sociais dos sujeitos, entender os processos de trabalho de forma presencial e nas diversas relações vivenciadas na prática pelos entrevistados, assim como compreender, através de suas experiências, características assimiladas e ressignificadas ao longo de seus percursos pela cidade.

Da mesma forma, a identificação e a observação direta dos espaços de sociabilidade dos trabalhadores, como associações, igrejas, festas, etc., também foram realizadas com o objetivo de auxiliar nossa interpretação das relações e problemáticas próprias de cada lugar. Assim como servir de aporte para estabelecermos as ligações entre as relações sociais espontâneas da vida cotidiana e das práticas do trabalho, além de problematizar referenciais teóricos e discursivos dos sujeitos com os quais mantivemos contato direto.

Assim, a partir de contatos presenciais com atores sociais em diversos locais e com a classificação dos grupos formais e informais de catadores, compreendemos, basicamente, a partir da análise de suas condições objetivas e projeções reflexivas, o que idealizam e, por oposição, o não ideal que abstraem das situações concretas de vida e trabalho. Do mesmo modo, buscamos entender como se movimentam pelo espaço urbano da cidade de Passo Fundo, formando redes próprias de relações em suas trajetórias, e como lutam para serem reconhecidos em suas formas de participação social.

Como estratégia que reportou a entender as dinâmicas de integração, de estratégia, de tática e de subjetivação no trabalho e na vida cotidiana, buscamos analisar os seguintes eixos tópicos que foram abordados nas entrevistas-narrativas (APÊNDICE B – Tópicos Temáticos Sintetizados das Entrevistas Narrativas): 1) *a origem social e disposições sociais do catador*; 2) *processos de ajustamentos, mediações e conflitos*; 3) *ações sociais, táticas e estratégias desenvolvidas*. Esses três eixos caracterizaram-se como referências investigativas fundamentais no sentido de facilitar o entendimento de como o catador se integra socialmente a outros trabalhadores e à população em geral, às atividades de trabalho e a outras experiências de vida coletiva e vida íntima. De qualquer forma, esses tópicos nos serviram apenas como referências iniciais para a investigação, na medida em que privilegiamos entrevistas abertas que tinham por base possibilitar a construção de

hipóteses a partir delas mesmas. Privilegiamos, conforme salientado, as narrativas dos indivíduos buscando compreender como se constituem em suas trajetórias, como direcionam vivências, laços de sociabilidades, dinâmicas laborais, reações e conflitos.

Nossa intenção foi, em diferentes momentos de nossa inserção no campo de pesquisa, estabelecer um fio condutor entre as experiências vividas dos catadores e a lógica de suas ações atuais. Nesse sentido, Rosenthal (2014, p.183) nos ajudou a perceber que:

[...] relatos de experiências próprias nos oferecem, sobretudo, a possibilidade de reconstruir estoques de conhecimento e perspectivas que têm ações como referência, assim como sua gênese. Por essa razão, sugerimos que a pergunta inicial – a qual deve motivar o relato de uma fase da vida específica – siga as regras de uma entrevista narrativa que a todo o tempo instigue o relato dos acontecimentos vivenciados pelo entrevistado.

Dessa forma, os três grandes eixos de análise pré-elaborados puderam ser desdobrados em outros tópicos retratados pela pesquisa. Assim, o eixo 1, *a origem e disposições sociais do catador*, permitiu discorrer, entre outros enfoques que surgiram durante a investigação, sobre a gama de disposições e características sociais que são adquiridas e utilizadas por determinados catadores. O que nos possibilitou ainda entender a relação entre o trabalho desenvolvido no presente e suas referências e dispositivos familiares, educacionais e culturais que estão vinculados à percepção do mundo e dos eventos que fizeram parte de suas histórias de vida. Outros temas, relacionados aqui diretamente ao eixo 2, *processos de ajustamento, mediações e conflitos*, foram mais direcionados a fazer-nos interpretar as condições operativas daquilo que os catadores executam, as dificuldades e as potencialidades que incidem em suas capacidades e os fazem reagir e identificar-se com outros catadores, bem como buscar, a partir dos recursos que dispõem, suas mobilidades, seja no trabalho e/ou no espaço territorial em que atuam. O eixo 3, *ações sociais, táticas e estratégias desenvolvidas*, por sua vez, remeteu-nos a observar os espaços de obstáculos e possibilidades de ação dos catadores, bem como suas experiências ocupacionais envolvendo a convivência comunitária presente; do mesmo modo, o universo mais íntimo dos indivíduos, ou seja, de como compõem suas histórias e transitam entre o trabalho e os aspectos lúdicos do entretenimento, do descanso e da religiosidade.

Tais estratégias metodológicas, dessa forma, buscaram auxiliar tecnicamente uma interpretação de aspectos que estão direta e indiretamente relacionados ao trabalho. Possibilitaram, da mesma forma, que pudéssemos entender a importância da atividade laboral, remetendo-nos ao campo dos processos sociais construídos, das motivações e dos sentidos reflexivos, calcados nas possibilidades criadas por esses mesmos atores sociais, em relações entre si e frente às estruturas instituídas pela sociedade abrangente. Ou seja, nossa intenção foi compreender este ator social de forma reconstrutiva e sequencial, procurando retratar sua integralidade o mais concretamente possível, não fragmentado por uma temática de pesquisa arbitrária, compartimentada e a-histórica.

Dessa forma, assim como Melucci (2005, p.33), ao realçar um dos pontos que considera de grande importância à pesquisa social, acreditamos que:

Os comportamentos nos dizem alguma coisa sobre como os autores interpretam a própria ação. A pesquisa produz interpretações plausíveis que buscam dar sentido aos modos nos quais os atores buscam, por sua vez, dar sentido às suas ações. Trata-se de relatos de sentidos, ou, se queremos, de narrações de narrações. A narração de plausibilidade representa um ponto crítico do desafio metodológico introduzido pela pesquisa qualitativa, que hoje caracteriza ...a pesquisa social no seu conjunto. **Trata-se de um conceito que abre questões ao invés de fechá-las** e que certamente inaugura uma nova fase, talvez mais advertida, da reflexão epistemológica contemporânea. **[grifos nossos]**

A capacidade do indivíduo de estabelecer reflexividade e sentidos lógicos em suas ações fica apreendida pelos recursos técnicos e analíticos da modalidade de pesquisa social qualitativa, com que buscamos compreender as ações dos sujeitos pela prática do ser concreto, pelas experiências e trajetória do ator à medida que as margens daqueles que atuam socialmente se tornam recursivas e variáveis em sociedades dinâmicas. As atuações dos indivíduos, dessa forma, em suas múltiplas relações estabelecidas, permitem ser percorridas em suas trajetórias ao serem observadas em suas consistências contextuais e sentidos empregados, entendendo as ações dos indivíduos que as executam como manifestações das relações que empreendem socialmente. O estudo tem por prioridade, por conseguinte, organizar uma reflexão que trate da constituição desses trabalhadores urbanos, sujeitos considerados *a priori* extremamente vulneráveis economicamente e dependentes das políticas sociais do Estado e de grupos organizados da Sociedade Civil. Indaga-se, porém, se este segmento social é também protagonista em seus ambientes de atuação e domínios culturais, conformando anteparos de projetos próprios e

relacionais, embora se evidencie que façam parte de um contexto de vivências ainda maior, de um arcabouço estrutural constituído historicamente.

Finalizamos esta seção citando uma passagem do livro de Dumont (1985, p.196), em que o autor, ao fazer referências a outros eminentes cientistas sociais, destaca:

Existe, provavelmente, no 'compreender', algo mais, algo que já encontramos... a compreensão do interior, essa faculdade extraordinária que promana da unidade da humanidade e pela qual podemos identificar-nos, em certas condições, com pessoas que vivem em outras sociedades, e pensar de acordo com as categorias delas, essa faculdade pela qual, como diz Lévi-Strauss, o observador torna-se parte do observado.

Enfatiza, enfim, a importância de observamos as relações no interior das sociedades, revigorando a ciência mediante as práticas sociais, não dispensando aspectos universais e específicos que compõem as sociedades, mas produzindo mediações entre esses termos, ênfase que empreendemos, aqui, do início ao fim.

3.3.1 Desenho Metodológico da Tese

Abordagem **QUALITATIVA** – método biográfico descritivo – voltada à compreensão das experiências e trajetórias de vida de atores que trabalham com a coleta e/ou reciclagem de materiais descartados pela população em geral (trabalhadores independentes ou associados a grupos de trabalho no município de Passo Fundo / RS).

1ª FASE – LEVANTAMENTO EXPLORATÓRIO DO CAMPO DE PESQUISA – Questionário com perguntas objetivas (única e múltipla escolha) e subjetivas (abertas a respostas). Aplicado junto a 120 catadores em quatro meses, de abril a julho / 2015. Tratamento das respostas: sistematização em bancos de dados (Sphinx e Excel); análise estatística e conteúdo das informações. Traço do perfil geral dos catadores, entendimento de algumas de suas problemáticas e apreensões.

2ª FASE – ENTREVISTAS NARRATIVAS – Realizadas 22 entrevistas escolhidas do conjunto de questionários aplicados na 1ª fase. Temas orientadores: trajetórias de vida e condições do trabalho do catador; estratégias e alianças; vida cotidiana; oscilação entre trabalho e busca de outras oportunidades de vida; sazonalidade da atividade; exploração no trabalho e o conflito com outros segmentos interessados na cadeia produtiva da reciclagem. As entrevistas foram gravadas e, com o aval dos entrevistados, transcritas na íntegra e sistematizadas para posterior análise das informações.

3ª FASE – OBSERVAÇÕES DIRETAS – Acompanhamento do trabalho de alguns catadores, assim como de suas atividades em espaços de sociabilidades e convivências. Questões a serem investigadas: trajeto de trabalho e relacionamentos investidos pelo catador na cidade, suas dissimulações e estratégias utilizadas para a formação de contatos e minimização das dificuldades do trabalho. Resistências às violências e aos estigmas sofridos. (Uso de diário de campo e equipamento fotográfico, inclusive para registrar as ações nos espaços de convivências, como festas, atividades religiosas e comunitárias.)

Etapas do trabalho de sistematização e análise: a) observação do fenômeno pesquisado – construção de corpus analítico e bancos de dados; b) descrição das observações e dos bancos de dados (ponderação da diversidade e heterogeneidade do objeto de estudo); c) relação entre diversidades e variáveis (tipificação do objeto de análise); d) compreensão das lógicas sociais, análise da unidade das experiências sociais. (Baseado em: Houle, 2008)

4 ESPAÇO SOCIAL DE TRABALHO E O PERFIL DO CATADOR EM PASSO FUNDO

Até esta parte do trabalho referendarmos uma abordagem teórica que nos possibilita pensar os indivíduos como atores sociais, fundamentalmente, pois, segundo nossa argumentação, as práticas dos sujeitos são compostas por trajetórias relacionais passadas e presentes, consubstanciando percursos e ideários, todos eles ligados a um conjunto e a universos de valores e disposições sociais. Inserimos, com isso, certas problemáticas quanto à questão do lixo urbano da cidade de Passo Fundo, salientando processos e configurações de descartes de rejeitos urbanos por parte da população local, bem como as preocupações e intervenções das políticas públicas de poderes constituídos que visam observar a regularidade e o ordenamento da limpeza urbana da cidade.

Tal ambiente, acreditamos, ajuda-nos a compreender como um panorama de relacionamentos e processos sociais vai se construindo e se sofisticando, ao ponto de percebermos as diversas conexões e os ajustamentos que vão sendo criados ao longo da história do lugar e das problemáticas configuradas pelos atores sociais.

Este capítulo, em sequência, iniciará de forma mais sistemática a tratar de certas problemáticas e características da cidade de Passo Fundo. Elenca alguns parâmetros ao salientar características e diferenças dos catadores de materiais recicláveis dessa localidade. Na primeira parte, *Adensamento e aceleração urbana na região da Produção (4.1)*, buscamos, enfim, mostrar certas características gerais da cidade de Passo Fundo, principalmente seu processo constitutivo e organização de alguns espaços de convivência social. Para isso, damos maior ênfase ao aspecto populacional da cidade e do processo de concentração urbana constituída ao longo das últimas décadas. Visamos, com isso, estabelecer uma relação entre o processo de urbanização constituído e os precípuos condicionamentos do trabalho dos catadores nesta localidade.

Na segunda parte deste capítulo, *O contexto e o perfil do catador (4.2)*, damos maior foco às particularidades dos catadores que habitam o município, observando o perfil (ou perfis) desses atores que trabalham com a catação na cidade, organizando, a partir dessas observações, algumas informações para que possamos visualizar de forma pontual certas características do objeto de nossa investigação, o que servirá para dar maior consistência analítica a nossa abordagem

quando formos tratar mais especificamente das trajetórias desses sujeitos em capítulos subsequentes a esta seção.

Algumas características básicas e pontuais dos catadores, então, retratamos aqui, como a própria divisão por sexo, idade, nível de instrução, locais de moradia, estado civil, número de filhos, etc. Assim como destacamos alguns dados relativos ao âmbito do trabalho do catador, “*para quem vendem o que catam*”, “*qual a margem de rendimento financeiro*”, “*quantas pessoas da família trabalham na catação*”, etc.

Todos os dados da segunda parte deste capítulo foram levantados mediante pesquisa exploratória projetada e desenvolvida conforme apresentado na terceira seção do capítulo 3 *A pesquisa e as configurações metodológicas (3.3)*. Nessa fase, foram aplicados 120 questionários a catadores em diferentes locais da cidade, ou seja, nas ruas da cidade, quando estavam desenvolvendo o trabalho de catação, em suas residências, à medida que identificávamos suas moradias, ou em empreendimentos associativos de trabalho (identificamos cinco empreendimentos associativos formais no município de Passo Fundo).

4.1. ADENSAMENTO E ACELERAÇÃO URBANA NA REGIÃO DA PRODUÇÃO

A cidade de Passo Fundo,²⁰ base territorial do estudo, é um polo regional do RS, visto constituir-se em uma centralidade social e econômica da região norte do Estado. Com uma população estimada, em 2015, de 196.739 habitantes (IBGE), não pode ser considerada uma cidade grande, muito menos pequena, comparada aos padrões de outras cidades da região ou do País, mas como localidade de porte médio e com capacidade de articulação econômica, envolvendo setores regionais importantes vinculados à agricultura e ao setor de serviços, principalmente nas áreas da Saúde e da Educação.²¹

²⁰ O município de Passo Fundo, emancipado em 28 de janeiro de 1857, teve sua formação a partir de 1827, como resultado da ocupação do Planalto Médio e do Alto Uruguai, e seu território original hoje abriga 107 municípios do Rio Grande do Sul. Leva esse nome em razão de um rio de mesmo nome utilizado pelos tropeiros que levavam o gado das charqueadas da Província até outras regiões do Brasil, desde o século XVIII.

²¹ Segundo dados do Censo Demográfico de 2010 (IBGE), a população de Passo Fundo tem a marca de 184.825 habitantes, dos quais 4.705 são residentes na zona rural e 180.120 na zona urbana, com uma densidade demográfica de 235,92 hab./Km².

Por essas dimensões, ficamos interessados em relacionar aqui uma gama de aspectos que nos permitiu respaldar nosso teor investigativo de forma a ressaltar a originalidade de nosso trabalho de pesquisa, haja vista que encontramos poucas referências a catadores de materiais recicláveis exercendo atividades em cidades médias brasileiras.²² Um desses aspectos é a própria constituição do espaço urbano deste município, pois a formação histórica e demais aspectos do desenvolvimento econômico e das transformações sociais ocorridas no município nos vincula a problemáticas que convergem para que possamos buscar entender os atores sociais concretos e suas dinâmicas laborais.

Podemos destacar, inicialmente, o processo de urbanização acelerado que produziu grandes impactos na localidade de Passo Fundo nas últimas décadas, seja pela grande leva populacional que acessou seu território, seja pela forma desordenada que os espaços urbanos foram sendo ocupados na cidade,²³ o que nos reporta a fenômenos mais amplos em relação à constituição da cidade e de seu desenvolvimento político, econômico e cultural ao comparar tal localidade com outras escalas ligadas a região e ao país como um todo.

Fenômenos como ocupações de espaços voltados para a moradia popular foram e são ainda muito salientes em diversos bairros dessa localidade, até mesmo em lugares muito impróprios para a habitação, como espaços de várzeas e áreas de riscos, como à beira de trilhos ferroviários (Fotografia 4). O que dramatiza ainda mais as condições de vida e segurança de uma parte significativa da população que busca nos perímetros do espaço urbano uma nova condição de vida, mediante serviços sociais, bem como oportunidades de trabalho e renda, entre outros aspectos.

Tais mudanças e formas de ocupações de espaços, assim como acontecem de forma semelhante em outras cidades brasileiras, compõem determinadas possibilidades e condições concretas encontradas por um expressivo número de

²² Em geral, a maioria dos trabalhos, mesmo aqueles vinculados a entender as relações estabelecidas por catadores de materiais recicláveis em localidades médias ou pequenas, está vinculada a temáticas fundamentadas na análise do cooperativismo e da gestão e organização do trabalho formalizado dos catadores; outros trabalhos abordam mais detidamente as problemáticas ambientais vinculadas ao lixo urbano, desenvolvimento de políticas públicas de geração de renda ou ao que diz respeito, especificamente, à saúde e à segurança alimentar e do trabalho dos profissionais que atuam nessa área.

²³ Grande porção da população da cidade possui origem rural, principalmente estratos sociais populares, conforme pudemos constatar diante de nossos entrevistados.

sujeitos que visam atingir novos “recursos”.²⁴ Compõem esse processo, dessa forma, ações eminentemente táticas de mobilidade social por parte de determinados atores sociais, em que a saída do espaço rural esgotado é uma alternativa imediata para certos trabalhadores do campo que perderam suas garantias econômicas diante do modo tradicional de trabalho que desenvolviam no meio rural.

Fotografia 4 – Habitações irregulares às margens da ferrovia em Passo Fundo – vila Beira-trilho – bairro Victor Issler



Fonte: acervo do autor – 29 de agosto de 2014.

Compreendemos, ainda, que este processo de êxodo rural e de uma forma desordenada do uso do solo urbano, do ponto de vista das políticas públicas, não foi concluído. A cidade de Passo Fundo ainda recebe um fluxo de pessoas em seus domínios, vindas de diferentes regiões da macrorregião Sul do Brasil, preponderantemente de municípios próximos. São visíveis novas frentes de ocupações habitacionais sendo criadas na cidade – a exemplo da ocupação representada pela Fotografia 5 – e reposicionadas no espaço urbano, pressionando

²⁴ A possibilidade de atingir-se novos padrões de consumo e utilização de serviços de saúde pública são fenômenos nada desprezíveis e que se ligam a outros para entender-se a lógica de acesso à cidade, conforme nossos entrevistados.

os poderes públicos a se manifestarem em relação às urgências de atendimento à população e ao déficit habitacional existente na localidade.²⁵

Fotografia 5 – Ocupação habitacional recente em área periférica da cidade de Passo Fundo - bairro José Alexandre Zachia



Fonte: acervo do autor – 29 de agosto de 2014.

Historicamente, a região em que está localizado o município de Passo Fundo tem base econômica agrícola²⁶ e, de certa forma, isso ainda se mantém nos arredores do núcleo urbano da cidade, embora hoje as características do meio rural sejam muito distintas daquelas da metade do século passado. O processo de modernização compulsória no campo, atrelado a políticas públicas indutoras de uma nova estratégia do uso do solo rural, sem dúvida, foi um importante condicionante

²⁵ Spinelli (2015), em seu Doutorado, identifica 52 áreas de ocupação habitacional na cidade de Passo Fundo; entre essas ocupações algumas são bastante recentes, ainda acolhendo famílias e estruturando-se.

²⁶ A cidade de Passo Fundo tem forte influência do meio rural e esteve sempre ligada às atividades-meio e fim da economia agrícola, como a extração da madeira, produção de trigo e soja, máquinas e implementos agrícolas e da agroindústria de transformação (indústria moageira, matadouros e frigoríficos).

para o afastamento de uma parcela significativa da população do meio rural dos municípios próximos a esta cidade (TEDESCO et al., 2007).²⁷

A dificuldade de manutenção de famílias tradicionais no meio rural foi uma resposta aos delineamentos de políticas públicas implantadas, principalmente daquele público mais vulnerável do espaço rural, pequenos agricultores, arrendatários, meeiros ou agregados de propriedades rurais que se autossustentavam diante de uma lavoura eminentemente manual e de diversidade produtiva agrícola. Tal público, em geral, foi dispensado ou expulso²⁸ mediante a reversão de suas atividades de produção e das formas de subsistência econômico-produtiva tradicionais, embora ainda perdure uma estrutura fundiária polarizada a partir daqueles que resistem às implicações do novo estágio de desenvolvimento econômico no campo.

A estrutura fundiária regional, devido aos aspectos de formação histórica, políticos, econômicos e de ordem físico-geográfica, resultou em maiores propriedades nas porções de lavouras temporárias e menores propriedades nas porções de lavouras diversificadas. Esse fato aponta para uma agricultura familiar, nas áreas de menor propriedade, e uma agricultura empresarial, com alta tecnologia e de precisão, voltada ao agronegócio, nas granjas de cultivos temporários (médias e grandes propriedades) (SPINELLI, 2015, p. 70).

Do ponto de vista dos grandes agentes econômicos do mercado, representantes da lavoura em larga escala empresarial, o mote do ideário produtivo e do desenvolvimento dinâmico da “Região da Produção”, como é denominada a parte Norte do estado do Rio Grande do Sul, suprime as formas tradicionais do trabalho no campo, as quais estariam condenadas a desaparecer.

A cidade de Passo Fundo vivenciou um processo de mudança sociocultural muito importante nas últimas décadas, originário da própria desenvoltura do meio rural que a circunda e que lhe faz tomar outros formatos em sua divisão

²⁷ Principalmente a partir da década de 70, a lógica do desenvolvimento rural teve como emblema operativo a prática de capitalização da produção agrícola em alta escala produtiva, favorecendo grandes empreendimentos rurais pela forma de financiamento da lavoura de alta precisão e eficiência técnica, geradora de altos rendimentos financeiros atrelados a uma lavoura extensiva, voltada a alavancar as exportações e gerar *commodities* para financiar as ações do Estado brasileiro.

²⁸ Grande parte de nossos entrevistados relataram que seus pais foram forçados a saírem de suas terras de forma repentina por determinadas famílias locais. Segundo um deles, a expulsão se deu de forma violenta após a morte do pai, momento em que a família se encontrava muito vulnerável pela perda do “chefe da família” que “deixou a mãe criando quatro crianças”, uma delas o próprio entrevistado, que tinha 12 anos de idade na época.

socioespacial. Em termos estritamente populacionais, a inversão do contingente populacional rural e urbano da década de 50 para o atual é muito saliente. E configura toda uma possibilidade de análise que venha a entender os fatores disposicionais dos atores que fizeram essa “travessia” de ambientes culturais *a priori* tão díspares, do rural ao urbano, estabelecendo ajustamentos na vida cotidiana e, particularmente, no trabalho.

Fotografia 6 – Produção agrícola, agroindústria e vila periférica da cidade de Passo Fundo com depósito de materiais recicláveis



Fonte: acervo do autor – 29 de agosto de 2014.

Nesse sentido, podemos observar paisagens no perímetro urbano que retratam a complexidade histórica dos meios produtivos e de novas divisões dos espaços geográficos. Esses espaços são caracterizados pela dubiedade entre o tradicional e o moderno, geradores de novas imagens. É o caso da *Fotografia 6*, que retrata a divisão espacial entre a lavoura, a agroindústria e o adensamento urbano na periferia da cidade (a parte indicada com a seta na fotografia mostra um espaço de reciclagem organizado por um morador). Ou seja, características clássicas de uma paisagem rural confundem-se com expressões eminentemente urbanas, inclusive aquelas que retratam o consumo de uma sociedade a partir dos dejetos

que produz, classificados e levados à reciclagem, gerando renda a uma parcela de trabalhadores que não se ocupam mais do trabalho estritamente rural.

Segundo dados do Censo Demográfico, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apresentados, a seguir, na *Tabela 1*, a população urbana do município de Passo Fundo variou de modo constante e ascendente nas últimas décadas. Os dados do Censo nos ajudam a considerar que a reversão do contingente rural para o urbano aconteceu anteriormente ao próprio período de regime autoritário (1964-85) e da introdução seletiva de alta tecnologia induzida pelas políticas públicas dos governos militares deste período no Brasil. O que nos faz compreender que o processo de mobilidade rural-urbano é ainda anterior a esta conjuntura, intensificado pelas políticas de capitalização do meio rural através de financiamentos e tecnificação das lavouras em períodos variados, principalmente com características que privilegiavam as monoculturas temporárias (trigo e soja) ligadas ao comércio internacional.

Tabela 1 – População total, urbana e rural, de Passo Fundo (1940-2015)

Anos	População Urbana	População Urbana (%)	População Rural	População Rural (%)	População Total
1940	20.584	25,68	59.554	74,31	80.138
1950	31.229	30,65	70.658	69,34	101.887
1960	50.559	54,26	42.620	45,73	93.179
1970	70.869	75,51	22.981	24,48	93.850
1980	105.468	87,05	15.688	12,94	121.156
1991	137.288	93,19	10.030	6,80	147.318
2000	163.764	97,21	4.694	2,78	168.458
2010	180.120	97,45	4.705	2,54	184.825
2015	–	–	–	–	196.739

Fonte: IBGE. Censo demográficos 1950-2010 e Estimativa 2015.

Relacionados a esses dados, estudos sobre migração e êxodo rural na região confirmam a tendência de adensamento populacional e ajudam-nos a contextualizar os deslocamentos de trabalhadores de origem rural para os territórios urbanos, especificamente para a cidade de Passo Fundo.

Percebe-se a evidente tendência de aumento da população urbana do município. Não há dúvida em afirmar que grande maioria das pessoas que migraram para as cidades da região de Passo Fundo veio da zona rural, em consequência da situação de miséria em que se encontram, ou melhor, da desorganização econômica da sociedade rural em meio ao processo de modernização, de concentração e de valorização das terras (TEDESCO et al. 2007, p. 359).

Por outra parte, outras informações também nos indicam uma segmentação de vulnerabilidade social preocupante na localidade, dando continuidade ao processo de miserabilidade da zona rural para o território urbano. O Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, que congrega índices de ocupação profissional e grau de escolarização da população dos municípios do País, possibilita-nos constatar que o percentual de pessoas de 18 anos ou mais, sem o ensino fundamental completo e exercendo ocupação informal, corresponde a 21,62% em Passo Fundo. Ou seja, mais de um quinto da população total do município encontra-se em condições agregadas de vulnerabilidade profissional e educacional, maior que o índice percentual da capital do Estado, Porto Alegre, que é de 17,34%. Aspecto emblemático, visto que o percentual de vulnerabilidade à pobreza também tem maiores índices em Passo Fundo que a Capital Gaúcha – 13,63% e 12,51%, respectivamente. Dados como esses nos ajudam a identificar que existem níveis de vulnerabilidade social muito importantes do ponto de vista de sua magnitude neste município, aspectos esses que são determinantes para entendermos o conjunto da sociedade e as trajetórias dos atores sociais ali inseridos, a exemplo daqueles que possuem baixa escolarização e se submetem a atividades e empregos precários, com poucas garantias econômicas e sociais.

Esses dados, de uma cidade média, atratora de contingentes populacionais oriundos, predominantemente, de territórios rurais de sua própria região de influência e, em menor número, de outras regiões do estado e do País, exemplificam, certamente, as formas em que foram constituídas nas últimas décadas algumas cidades brasileiras. Assim, compreendemos ser fundamental agruparmos as especificidades e condições objetivas ao contexto local e regional em que se está dando foco à análise. Inclua-se a isso a própria dinâmica dos atores sociais no espaço geográfico urbano à medida que formam novos espaços que condicionam outras manifestações e políticas para a cidade em suas partes e em seu todo. Segundo Tedesco et al. (2007, p. 360):

O fenômeno da urbanização provocou alteração no espaço geográfico do município de Passo Fundo, contribuindo para a ocupação de novos espaços, distantes do centro da cidade, modificando o sentido inicial leste-oeste ao longo da rua do comércio, para norte-sul, ao longo da via férrea. A ocupação de áreas não centrais da cidade levou à instalação de estabelecimentos comerciais e industriais e de assentamentos em vilas e bairros.

Nesse sentido, constata-se a própria mudança dos eixos de desenvolvimentos da cidade, bem como novas características territoriais que vão sendo criadas e/ou modificadas de maneira muito rápida ao longo do processo do adensamento populacional. Tal fenômeno provoca outras manifestações, como a própria especulação imobiliária e a criação de zonas restritas a determinados públicos e poderes econômicos (SPINELLI, 2015). Nessas circunstâncias, bolsões de extrema pobreza e áreas “nobres”, voltadas a um estrato social com maior poder aquisitivo, distinguem-se e, frequentemente, mesclam-se num ambiente urbano parcialmente ordenado pelas políticas públicas municipais e iniciativas do mercado imobiliário. E, assim, configuram o território a partir de suas transformações “espontâneas” e práticas dos sujeitos envolvidos.

Evidentemente que a ampla paisagem modificada não é o único sinal das mudanças de um lugar. Aspectos sociais e econômicos conformam os cotidianos de vida de uma população e são elementos centrais para entender-se os modos de vida dos elementos e das possibilidades e os obstáculos que encontram em seus cotidianos, muitas vezes recônditos e de difícil percepção. Dessa forma, os aspectos populacionais e o adensamento urbano são, ao mesmo tempo, fenômenos a montante e a jusante de outros fenômenos que configuram o local e circunscrevem as práticas e experiências adquiridas.²⁹ Esses últimos fenômenos podem ser elencados, enfim, numa lista de aspectos que dizem respeito ao transcurso do movimento populacional e de seu ajustamento em uma determinada sociedade. Fenômenos a montante do adensamento urbano, como a expulsão do homem do campo para a cidade, a modernização da lavoura e a internacionalização dos mercados são aspectos relativos que explicam as características dessa localidade como parte de uma rede de ações; assim como a conformação do nível de

²⁹ Descartar macro fenômenos sociais é tão problemático cientificamente quanto, no sentido inverso, não levar em consideração o movimento humano e as escolhas dos sujeitos, conforme buscamos deixar claro na introdução deste trabalho. Nossa intenção é sempre destacar a dialeticidade dos processos e fenômenos sociais. Questões macro e microssocial, podemos dizer assim, estão em permanente fricção conjuntiva e contraditória, promovendo transformações e estabelecendo os efeitos complexos que fazem o todo e suas partes, suas partes e seu todo.

empregabilidade formal e informal da população, da mobilidade interna e das condições de moradia da população, aspectos a jusante do próprio fenômeno de adensamento urbano identificado num primeiro momento.

De qualquer forma, tais fenômenos ajudam a estruturar uma interpretação histórica das condições de vida de determinados segmentos sociais que, por seu turno, se integram a sociedade urbana e ajustam suas táticas e estratégias de ações frente a novas condições e relacionamentos delineados por poderes múltiplos que compõem esta mesma sociedade.

Certamente, mais adiante, teremos condições de pontuar formas de vidas mais acabadas e a pluralidade de práticas encontradas por sujeitos que participam desse processo de acelerada urbanização e adensamento populacional. Pelo estudo dos catadores de materiais recicláveis poderemos visualizar melhor determinados fenômenos e circunstâncias criadas e estabelecidas por eles mesmos diante de suas histórias comuns. Para isso, há que estruturar-se uma primeira avaliação de suas características e problemáticas que os inserem no campo de estudo para que possamos ajustar ainda mais o foco de nossa investigação.

4.2. O CONTEXTO E O PERFIL DO CATADOR

As informações e análises que seguem, conforme já mencionado, são o resultado da fase exploratória desta pesquisa, mediante a aplicação do *Questionário Socioeconômico* que se encontra na íntegra no Apêndice C. Tal aplicação representa o primeiro contato formal do levantamento de informações junto aos catadores de materiais recicláveis. A iniciativa deste levantamento exploratório, segundo nossa percepção, foi de fundamental importância na medida em que nos possibilitou uma maior e sistemática aproximação do campo de pesquisa e, por consequência, um maior e substantivo aporte de conhecimentos a respeito do público-alvo que tínhamos intenção de investigar. Sendo assim, buscamos identificar, particularmente, o perfil socioeconômico do catador de materiais recicláveis na cidade de Passo Fundo à medida que íamos nos introduzindo nas rotinas e problemáticas da catação nessa cidade. Assim, tivemos a oportunidade de estreitar relações com os catadores e iniciar nossa investida na compreensão dos meandros e especificidades concernentes à cidade e aos locais em que determinados atores executam suas atividades de trabalho.

Acreditamos que, realmente, tais dados nos permitiram uma primeira aproximação do campo de pesquisa e nos ajudou, inclusive, a refletir sobre possíveis enfoques delineadores desta tese. A intenção aqui foi trazer dados concretos que nos facilitem perceber, na continuidade do trabalho, como se desenvolvem as ações sociais dos sujeitos em destaque, seja nos seus ambientes de trabalho ou em sua vida cotidiana, de forma geral. E, assim, dar ênfase às problemáticas locais e aos aspectos concretos à nossa abordagem investigativa, embora saibamos que os dados organizados nesta fase da pesquisa não se esgotam em si mesmos e devem ser, no escopo do trabalho, melhor analisados e relacionados com outras informações e narrativas dos sujeitos, principalmente pelos próprios atores observados ao falarem de si e de suas circunstâncias de vida e trabalho.

O caráter exploratório deste levantamento caracteriza-se desde sua concepção, pois tínhamos poucas informações específicas sobre a dinâmica da catação de materiais recicláveis em Passo Fundo, ou melhor, tínhamos, geralmente, informações contraditórias, permeadas de julgamentos e preconceitos quanto a esta atividade laboral, principalmente relacionadas àqueles catadores que trabalham de forma independente pelas ruas da cidade. Uma primeira preocupação, assim, foi percorrer os diferentes bairros da cidade e estabelecer relações diretas com esses trabalhadores.

Nossa iniciativa em andar pelas ruas de Passo Fundo tornou-se uma experiência interessante e alentadora, pois nos fez perceber o quanto são complexas e dinâmicas as relações desenvolvidas no lugar em que assentamos a base de nossa investigação. Ao percebermos as práticas dos atores e as dinâmicas que a cidade proporciona, dávamos cada vez mais importância ao teor reflexivo e aberto por esta pesquisa, visto a multiplicidade de lugares, manifestações, aspectos arquitetônicos, vias de encontros e fundamentações viárias que contribuem para tornar a cidade intrigante em seu processo configuracional.

De início, nessa fase da pesquisa, a condição de andar e conhecer incidentalmente a cidade teve a importância de fustigar nossas dúvidas e sentimentos, embora tenhamos a noção de que não começamos a andar de forma tão aleatória como se poderia achar num primeiro momento. As ideias do simples acaso ou do planejamento exemplar voltado à ação objetivada são duas dimensões que podem desfigurar toda a complexidade correspondente ao ator social. Somos

mais do que nossas intenções conscientes ou meras ações fortuitas. Nesse sentido, as primeiras incursões que realizamos no campo de pesquisa tiveram como mote o estranhamento de nossas próprias ações; tivemos, assim, o cuidado peculiar de não nos deixarmos contaminar com nossas primeiras impressões e nossos julgamentos. Isso ajudou a perceber nossa própria reflexividade perante uma circunstância nova para nós. Buscamos perceber como somos suscetíveis ao que vivenciamos e como podemos ser transitórios e mutáveis ao longo de nossas próprias experiências. Isso demonstra que nossa capacidade racional é algo em permanente constituição e amparada pelo próprio ato de andar (aqui com sentido de movimento e apreensão de novas experiências), motivados que somos por nosso jeito de ser ou estar no mundo, num determinado tempo e espaço.

As primeiras quadras em que andei, com a intenção de um encontro com algum catador que nem ao menos conhecia, já me despertava a condição de entendê-lo sem ao menos o avistar. Para onde vai este homem, esta mulher, quais as esquinas que os atraem e que modulam suas trajetórias, quais os luminares mais instigantes a sua *performance* e que lhes podem dar, além do que procuram de forma imediata, o imponderável ou o sentido de pertença, algo que lhes possa ser oferecido em seu percurso.

Mais que um propósito aparente e totalmente definido, acreditamos que guardamos em nós o desejo de algum bem, não necessariamente material ou algo abstrato objetivado por nossa consciência. O desejo humano não se circunscreve a um plano único, pois é movido pelas relações sociais históricas, pelo processo que nos configura em sujeitos de nossas ações. Por mais singelos que possam parecer, os locais em que aportamos e transitamos redefinem nossas experiências, mesmo que essas permanências sejam breves e acionem poucos sentidos aparentes nos códigos de condutas e valores.

Foi dessa forma que pensamos em dar os primeiros passos. Da porta da casa para um relativo mundo novo, onde se induz o estranhamento de tudo o que se vê, buscando entender outras visões de mundo e descrever de forma mais densa as práticas sociais. A perspectiva foi interagir num ambiente que é nosso e, ao mesmo tempo, não é, pois, se as ruas, as esquinas e as calçadas são vivências múltiplas e simultâneas, a diferença de percepções de como as coisas são vistas e vivenciadas nos torna diversos. Essa condição foi a base de sustentação de nossa investigação, não apenas neste momento, mas em outros subsequentes.

Ao nos depararmos com um catador na rua, tínhamos o cuidado de analisar o cenário brevemente para que não causássemos nenhum embaraço àquele que estava circulando e realizando a sua tarefa de catação. Tínhamos o objetivo de demonstrar tranquilidade e sermos claros ao interpelá-lo e ao esclarecer-lhe o propósito do contato. Era bastante comum o próprio catador estranhar nossa aproximação, mas logo em seguida ser receptivo à abordagem. Ficamos com a impressão que sempre esperam ser abordados por alguém e, nesse sentido, são excelentes ouvintes. Apenas um catador, ao longo de nossas abordagens, decidiu suspender os questionamentos, ficando, de certa forma, irritado com o teor de nossas indagações, embora num primeiro momento tenha colaborado e demonstrado curiosidade com a nossa presença.³⁰

Os outros catadores que encontramos pelas ruas se mostraram muito receptivos em responder, parando suas atividades e nos dando total atenção, embora em alguns percebêssemos a preocupação em retornar ao trabalho logo em seguida, após finalizarmos nosso encontro. Nas associações e nas residências, os catadores também se mostraram muito receptivos, casos muito isolados de rejeição à participação do questionamento foram registrados nesses ambientes. Observavam detidamente nossas explicações sobre os objetivos de tal estudo, mostrando-se interessados em entender nossa proposta de trabalho, alguns, inclusive, se sentiram lisonjeados em participar e serem efetivamente escutados por alguém que pretende compreendê-los.

Dessa forma, buscamos deixá-los à vontade quanto a decidirem sobre a colaboração, ou não, em participarem de nosso estudo. Quisemos deixar claro também que suas participações eram voluntárias e que seu anonimato seria preservado. Tivemos a preocupação, nos primeiros instantes das abordagens, em salientar que a iniciativa do estudo era meramente acadêmica e que não éramos representantes do Estado ou de algum grupo em particular, sendo a iniciativa da

³⁰ Percebemos depois que algumas perguntas de fórum mais íntimo e relacionadas sobretudo com as condições familiares puderam ter abalado tal catador em nossa abordagem. Quando começamos a falar de sua família e das circunstâncias de seu trabalho atual, tivemos a impressão que ele começou a ser reativo aos nossos questionamentos. Momentos antes tinha dito que era viúvo há pouco tempo e que, no mesmo período da morte de sua companheira, tinha perdido o emprego formal que possuía junto a uma construtora para sustentar a sua família de 7 filhos (vestia uma calça do uniforme desta construtora). Também pode ser incluído junto a esse catador, no sentido de não dispensar interesse em responder a pesquisa, uma catadora que ficou um pouco desconfortável em responder nossas perguntas, pois estava com pressa e respondeu de forma pontual as perguntas à medida que continuávamos a andar em seu trajeto de trabalho. Acreditamos que estava com pressa de chegar em casa.

pesquisa de responsabilidade do pesquisador a sua frente. Algumas senhoras catadoras que eram acompanhadas por adolescentes ou crianças ficavam, num primeiro momento, bastante reticentes em participar. Mostravam-se preocupadas de serem identificadas como responsáveis pelos menores que participavam dos trabalhos de catação com elas (Fotografia 7 – representação do trabalho infantil na catação). Do mesmo modo, alguns catadores que trabalhavam com tração animal (com cavalos) também se mostravam mais desconfiados e justificavam prontamente que o seu animal era diferenciado, pois eram muito bem cuidados, ou seja, não eram maltratados, não trabalhavam muito e eram devidamente alimentados. Quando percebíamos este tipo de desconfianças, reforçávamos de forma direta ou sutil aos nossos interlocutores que não tínhamos a intenção de identificá-los em nosso trabalho. Caso desejassem, não precisariam nem ao menos dizer o seu nome, muito menos o seu local de moradia.

Fotografia 7 – Crianças fazendo a catação de materiais recicláveis na cidade de Passo Fundo



Fonte: acervo do autor – 3 de dezembro de 2015.

Esse tipo de expediente, em não designar o nome por parte do pesquisado, foi usado apenas uma vez ao todo. Foi o caso de uma senhora aposentada por invalidez que ficou muito preocupada em declarar que estava trabalhando de forma

informal pela rua, pois tinha medo de perder seu benefício previdenciário caso fiscais do INSS a identificassem com totais possibilidades de voltar ao mercado de trabalho. Nesse sentido, em nenhum momento insistimos em saber seu nome, sendo que uma certa desconfiança inicial de alguns ia se dissipando ao longo do questionamento e, no final de cada abordagem, em geral, a relação entre catador(a) e pesquisador tornava-se muito franca e cordial, ao ponto de perguntarmos o endereço deles para uma eventual entrevista no futuro, o que forneciam sem ressalvas, explicando detalhes para que pudéssemos encontrar suas residências, inclusive externando a vontade em nos recepcionar e participar da fase seguinte deste estudo.

Para ter acesso às associações / cooperativas de catadores, utilizamos outra estratégia (associações estão listadas abaixo na Tabela 2 e no Apêndice D). Para tal intervenção, pedimos o apoio de pessoas que nos conduziram até os grupos organizados para que pudéssemos explicar a finalidade de nossa pesquisa. Realizada essa operação de apresentação de nosso estudo, aplicamos individualmente o questionário a quem se dispôs a participar. Isso foi feito em espaços reservados no próprio galpão de reciclagem, escritório ou refeitório das associações. Tal forma de abordagem foi um facilitador para conseguirmos um número substantivo de trabalhadores questionados nas associações de reciclagem, quase a totalidade do número de associados em Passo Fundo.

A coordenação do Projeto Transformação,³¹ ligado a um grupo de instituições da Igreja Católica, acolheu nosso pedido e nos apresentou aos associados em quatro empreendimentos em que o Projeto presta assessoria técnica aos cooperados.

³¹ O projeto Transformação é uma proposta local que envolve várias entidades de Passo Fundo (entidades fundadoras e colaboradoras), em sua maior parte vinculadas à Igreja Católica. Iniciou suas atividades mediante a Campanha da Fraternidade de 2007, que tinha por tema a questão Ambiental do Planeta. O Projeto Transformação tem por objetivo “proporcionar processos de formação, conscientização e participação da sociedade na questão ambiental e social, promovendo a geração de trabalho e renda aos recicladores. Também visa amparar crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, atender e assessorar os beneficiários da Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS), mobilizar pessoas, entidades, empresas, organizações e veículos de comunicação a fim de atender os objetivos sociais da Associação, além de celebrar parcerias, contratos e convênios”. As ações contemplam cinco programas de trabalho, estruturados dentro do Projeto que vem construindo sua atuação desde 2007: educação socioambiental; associativismo e cooperativismo; atividades com crianças e adolescentes; participação na construção de políticas públicas; fortalecimento e sustentabilidade do Projeto Transformação.

Fonte: Blog do Projeto Transformação. Disponível em:

<<http://transformacaopassofundo.blogspot.com.br/p/objetivo.html>>. Acesso em: 03 maio 2016.

Tabela 2 – Associações e cooperativas de catadores e número de associados em Passo Fundo – 2012-2017 (novembro – mês de referência)

Associações e Cooperativas	Ano / Associados						Ano de Fundação
	12	13	14	15	16	17	
<i>AREVI</i> Associação dos Recicladores Esperança da Vitória	5	4	0	4	5	6	2002
<i>COOTRAEMPO</i> Cooperativa de Trabalhadores da Reciclagem da Santa Marta	11	9	13	6	10	12	2004
<i>COAMA</i> Cooperativa de Trabalhadores Amigos do Meio Ambiente	10	8	9	11	12	14	2008
<i>Recibela</i> Cooperativa de Trabalhadores da Reciclagem Parque Bela Vista	22	27	27	29	22	45	2010
Processo de reformulação							
<i>Tropeiros de Passo Fundo</i>	-	-	-	2	1	-	2013
<i>Associação das Mulheres Buscando a Vitória</i>	-	-	-	5	5	5	-
Associações desativadas							
<i>Associação Passo-fundense de Papeleiros</i>	2	2	2	2	-	-	1992
<i>RECIDONÁRIA</i> <i>Associação de Recicladores da Vila Donária</i>	12	0	-	-	-	-	2010
<i>COLETIVO URBANO</i>	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Levantamento e elaboração do autor (nov. 2012-17).

Tivemos também a ajuda de um funcionário da Secretaria do Meio Ambiente de Passo Fundo que nos apresentou para a principal liderança de outra cooperativa que busca arregimentar associados e para a montagem de sua infraestrutura de trabalho. Outras associações, existentes ou fechadas, foram sendo reconhecidas e mapeadas por indicações de catadores ao longo desse levantamento, existindo muitas controvérsias sobre associações que não existem mais, seja na composição do grupo, de suas lideranças e de seus conflitos e dissoluções.³²

Percorremos, desse jeito, todos os setores da cidade de Passo Fundo e quase a totalidade de bairros que compõem esses setores (*ver Mapa 2, na sequência*),

³² Disponível no Apêndice D uma breve descrição histórica e de algumas características das associações e cooperativas de materiais recicláveis na cidade de Passo Fundo.

assim como fomos em todas as associações de catadores atuantes no município. Nossa ideia, em síntese, foi percorrer todos os setores identificando o máximo possível dos catadores que avistávamos, assim como conhecer a totalidade de todos os empreendimentos associativos para que pudéssemos aplicar o instrumento de pesquisa a quem se dispusesse a colaborar com o estudo. Tínhamos por metodologia, assim, não descartar nenhum catador que avistássemos quando saíamos a campo. Acreditamos que, dessa forma, não correr o risco de influenciar a amostra de respondentes, pois todos seriam abordados da mesma forma, sem nenhum viés de escolha arbitrária feita *a priori*, excetuando-se aqueles que, eventualmente, não quisessem ou não se sentissem à vontade em participar, conforme já mencionado.

Não podemos considerar nossa amostra de catadores estatisticamente representativa do conjunto de catadores da cidade de Passo Fundo,³³ muito menos realizamos um censo de tal segmento; o que nos propomos foi identificar setores importantes que adensam um contingente desses trabalhadores pela cidade, bem como ter uma fundamentação relativa ao perfil desses trabalhadores, suas problemáticas e trajetórias pela cidade. Em apenas dois setores da cidade não foram identificados catadores residentes: o setor 1 – composto pelos bairros Centro e Vergueiro, locais com alto valor do solo urbano e residentes com alto poder aquisitivo³⁴ – e o setor 22 composto por quatro bairros residenciais de estratos

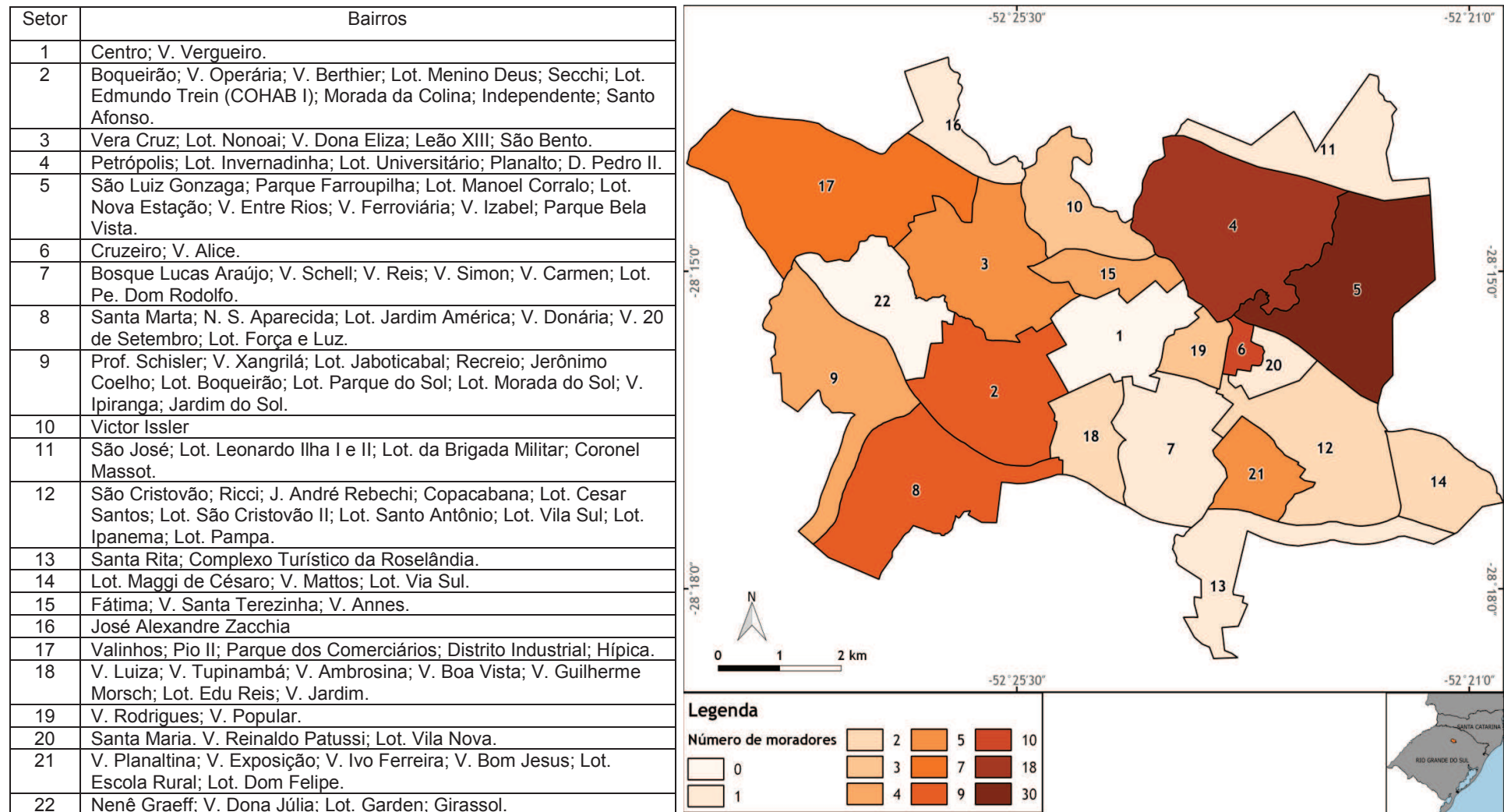
³³ Estabelecemos como parâmetros algumas informações que nos permitiram estimar o número de catadores existem em Passo Fundo. Este não é um cálculo seguro, apenas suposição, pois os dados são controversos. O IPEA, por exemplo, referencia o Censo Demográfico (IBGE, 2010) que aponta que há no Brasil 387.910 pessoas que se autodeclararam catadores ao exercer a catação como atividade principal de trabalho. O MNCR, por sua vez, afirma que há 800 mil catadores no país exercendo tal função. Em projeção, traçando um paralelo com a população total do país e da cidade de Passo Fundo, teríamos segundo a proporcionalidade dos números que nos indica o IBGE, 375 catadores na cidade; já a referência do MNCR indica que há em torno de 775 pessoas exercendo a catação em Passo Fundo. Estabelecendo uma média entre estes dois polos de informação, subentendendo que possa existir uma subestimação por parte do IBGE pela forma com que os dados foram coletados (autoreferência dos pesquisados) e uma eventual superestimação dos dados provenientes do MNCR, nossas projeções são de que existe em Passo Fundo uma população por volta de 600 catadores. Já que questionamos 120 destes possíveis catadores, tivemos contato com 20,6% deste segmento de trabalhadores. Tal estratégia metodológica, porém, não teve pretensão de configurar uma amostragem estatisticamente representativa dos catadores, muito menos questionar os dados aludidos pelo IBGE e pelo MNCR, mas apenas auxiliar os demais procedimentos metodológicos seguintes da pesquisa, conforme justificado no escopo do texto acima.

³⁴ O Centro da cidade é o local com maior incidência de catadores exercendo a atividade, o que observamos por aplicarmos grande parte dos questionários neste espaço da cidade, onde se geram muitos resíduos e objetos descartáveis que podem ser reutilizados, como caixas de papelão, garrafas pet e latas de alumínio.

médios da população, embora esse setor, especificamente, possua bairros com as mesmas características de outros bairros nos quais identificamos catadores residentes.

Os setores 4, 5 e 6, por sua vez, chamaram nossa atenção a respeito do volume de catadores residentes, o que foi observado a partir da abordagem de catadores nas associações e nas zonas mais centrais da cidade. Um aspecto a ser levado em consideração é que as vias de acesso desses setores ao Centro são vias diretas, o que certamente facilita o trajeto desses catadores às áreas mais adensadas da população. Esse aspecto pode influenciar diretamente no encontro de tantos catadores destes setores no Centro urbano. Outra particularidade em relação ao maior volume em nosso levantamento de catadores desses setores fica condicionada à relação que existe entre associações e bairros de catadores residentes. Duas das cooperativas visitadas possuem forte influência da localidade residencial dos catadores: a COAMA, particularmente, está sediada no setor 6, onde os associados possuem residência; a outra, a Recibela, embora esteja distante do bairro onde reside a maioria de seus associados, possui um grande contingente de associados residentes nos setores 4 e 5, pois sua constituição como cooperativa está muito ligada às relações de parentesco entre os integrantes do grupo. Tais relações parentais constituem-se também pela proximidade e pelo local de moradia.

Mapa 2 – Localização das moradias dos catadores que responderam ao questionário socioeconômico, por setores, em Passo Fundo



Fonte: questionário socioeconômico aplicado pelo autor – abril a julho / 2015.

De qualquer forma, percebemos igualmente que a distribuição de moradias dos catadores, embora em nosso levantamento tenha aparecido com uma maior incidência em três setores, observa-se uma distribuição relativa entre as áreas estabelecidas, com a presença de catadores residentes em quase todos os setores. Uma das particularidades que observamos a respeito da cidade de Passo Fundo é de que, salvo alguns poucos locais de residências de estratos econômicos com poder muito alto e, no sentido oposto, de vilas populares segmentadas e afastadas do plano central da cidade, há uma interação de diferentes padrões de habitação e poderes aquisitivos na maioria dos bairros da cidade. Ou seja, podemos encontrar residências muito luxuosas dividindo o mesmo espaço do bairro ou, até mesmo, da mesma rua, com pequenas casas com construções antigas e/ou casebres muito degradados, perfazendo um verdadeiro “mosaico” de formas de habitação e ocupação do espaço urbano, conforme frisado por Spinelli (2015). De forma recorrente, deparamo-nos com uma cidade mista e variada de manifestações arquitetônicas e públicos distintos que se relacionam e dividem o mesmo espaço urbano, principalmente às margens dos dois grandes eixos viários que a cidade possui (Avenida Brasil e Avenida Presidente Vargas).

Podemos observar na Fotografia 8, na sequência, um exemplo de plano urbano que corresponde ao mosaico a que acabamos de referir-nos. A imagem retrata, em seu conjunto, formas diferenciadas de ocupação do espaço e de estilo residencial. Em muitos casos, essas distintas formas retratam o antagonismo das relações de classes, o que nos faz pensar a cidade como um processo histórico de apreensões, de conflitos urbanos e de diferenças sociais que vão se interligando e tornando os relacionamentos complexos entre diferentes segmentos e disposições sociais, econômicas e culturais.

O *ponto 1*, da Fotografia 8, retrata um fenômeno interessante e exemplar das cidades atuais, independentemente das diferentes dimensões territoriais que as caracterizam: a especulação imobiliária. Podemos encontrar em diferentes lugares da cidade de Passo Fundo muitos pontos “em branco”, espaços vazios, mesmo em áreas de maior adensamento urbano e que provavelmente teria maior procura para sua utilização, seja residencial ou comercial. Esses espaços cumprem a função, geralmente, em servir a especulação imobiliária de investidores ou a poupança de determinadas famílias que reservam uma parte do seu patrimônio como fundo de reserva econômica para ser disponibilizado quando considerarem necessário. Há

diferentes espaços desocupados pela cidade, com placas de “vende-se” esperando uma melhor proposta financeira ao capital ali imobilizado.

Fotografia 8 – Exemplificação da variação do padrão residencial em uma rua de Passo Fundo



Fonte: acervo do autor – 5 de maio de 2016.

De outra parte, num terreno mais estreito, ao lado desse primeiro, o *ponto 2* da imagem, encontra-se uma faixa estreita de um lote que agrega quatro casas muito simples de um mesmo grupo parental. São casas bastante pequenas e que se diferenciam pelo acabamento e forma da manutenção construtiva. A casa que fica mais ao fundo (Fotografia 9) abriga um catador de materiais recicláveis e está em piores condições de moradia, feita de restos da construção civil e em processo permanente de acabamento, inclusive com muito material de reciclagem no pátio que lhe cabe na divisão do terreno entre os parentes.

No centro da Fotografia 8, *ponto 3*, por outro lado, encontramos uma construção de alto padrão predial, finalizada recentemente (ano de 2015), num terreno que era desocupado e que abriga uma família de alto poder aquisitivo. Ao seu lado, casa azul, *ponto 4*, podemos observar outro padrão discricional da

representação das formas residenciais da cidade, pois ali, de esquina, encontramos a casa mais antiga da imagem, dentro de um padrão tradicional de casas que eram construídas há algumas décadas. Em estilo colonial e com forte semelhança às estruturas residenciais vinculadas ao meio rural, conta com pátio funcional às tarefas da casa e árvores frutíferas ao fundo do terreno.

Tal imagem, enfim, “espelha” a diversidade e o processo de constituição de uma cidade que vai sendo estruturada ao longo do tempo, compondo diferentes dinâmicas e aportes sociais, econômicos e culturais. Cabe-nos, nesse contexto, entender algumas de suas dinâmicas para melhor compreender determinados atores que nela vivem e organizam suas vidas.

Fotografia 9 – Catador em seu terreno diante do material que separa para reciclagem



Fonte: acervo do autor – 10 de abril de 2016.

Percorremos, assim, de forma geral e exploratória, algumas áreas de moradia, os principais lugares de acesso aos materiais que servem para a reciclagem e, principalmente, algumas características imanentes ao catador no sentido de observarmos um determinado perfil desses sujeitos. Com esse subsídio,

apresentamos no item seguinte determinadas características dos 120 interlocutores que foram questionados na primeira fase deste estudo.

Organizamos os dados do levantamento em três blocos de questões. O primeiro bloco diz respeito a tabelas e gráficos simples (diretos), que buscam ressaltar informações e características pessoais dos catadores, como faixa de idade, sexo, etnia e escolaridade. Nesse grupo também dispomos de informações que dizem respeito a aspectos de ordem familiar - estado civil, número de filhos, número de pessoas na família. Outras informações, como formas de trabalho, ganhos na reciclagem, principais materiais que cata e participação em grupos organizados são consideradas pela importância fundamental na ordem de entendimento de como essa atividade se realiza no território específico.

Num segundo bloco de sistematização dos dados, buscamos cruzar determinadas informações, basicamente as do primeiro bloco, para que pudéssemos refinar nossas percepções a respeito das problemáticas e características atinentes ao elemento catador. Foram lançados certos cruzamentos, como sexo e associação a uma cooperativa de trabalho, sexo e escolaridade, escolaridade e associação a uma cooperativa de trabalho, conhecimento a respeito do MNCR e escolaridade, etc. Tais cruzamentos foram fundamentais para estabelecermos parâmetros que nos auxiliassem a construir problemáticas e hipóteses de trabalho ao longo de nosso refinamento de informações.

Numa terceira e última parte, organizamos e analisamos as questões abertas do questionário, cruzando-as com os outros quesitos analisados anteriormente. Foram considerados quesitos como sexo do catador e razão por que trabalha na atividade de catação, sexo, escolaridade e execução de outras atividades de trabalho, estado civil e maiores desejos em relação ao futuro, estado civil e maiores facilidades e dificuldades na execução de suas atividades de catador'.

Tais blocos seguem com comentários que não esgotam nossa análise, mas, como já foi definido, ajudam a melhor compreender o ator social e determinadas relações e dinâmicas protagonizadas por eles. O fator preponderante nesse momento é a sistematização dos dados, organizados em gráficos e tabelas, assim como determinados cruzamentos que entendemos ser importantes considerar para desenvolver outras possíveis apreensões no campo de estudo.

Acreditamos, assim, dar início a um formato mais sistemático às informações, relacionando dados que nos ajudam a concatenar hipóteses e parâmetros analíticos.

Novas abordagens e elementos devem inserir-se na continuidade deste trabalho, buscando compreender um mundo social que está, ao mesmo tempo, próximo e distante de nós, pois as fronteiras são porosas e maleáveis. Em alguns momentos, estamos juntos, dividindo um certo espaço e questões que nos impactam mutuamente; em outros, há a repulsa e o estranhamento entre aqueles que se cruzam nas esquinas. Condições, essas, daqueles que transitam e se relacionam numa cidade que se modela e remodela constantemente.

4.2.1 Características básicas dos catadores

Nesta seção destacamos elementos básicos da constituição de algumas características dos catadores de materiais recicláveis passo-fundenses, como dados pessoais agrupados, além de informações que indiquem certas formas do ambiente familiar e parental, além do desenvolvimento das atividades laborais e a participação social dos catadores em grupos organizados de trabalho.

4.2.1.1 Dados pessoais

Este bloco de dados retrata as variáveis Idade, Sexo, Etnia e Escolaridade dos catadores.

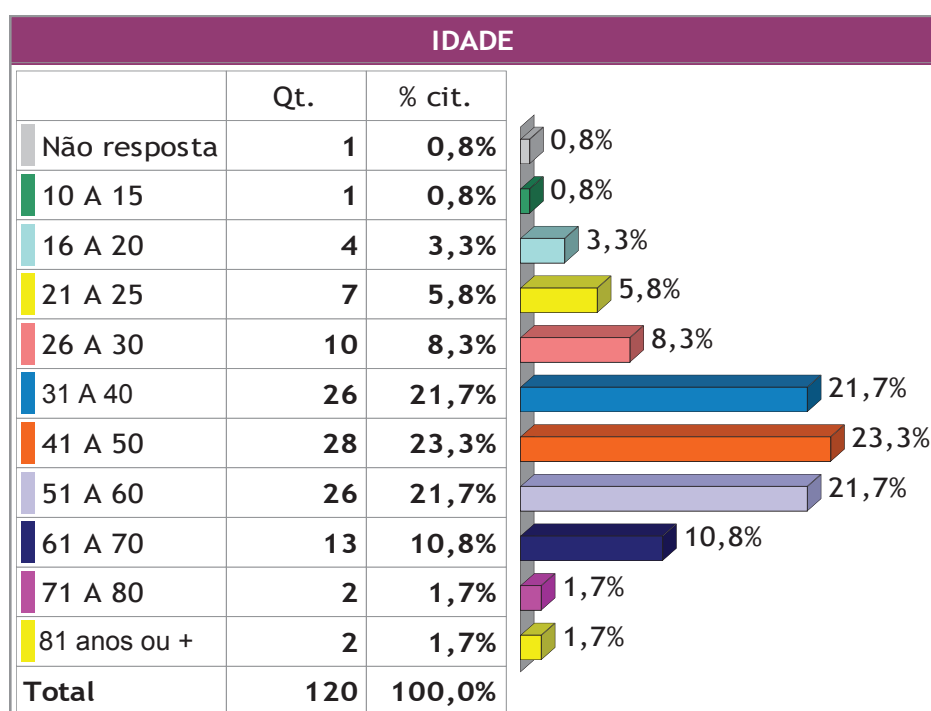
a) Faixa etária dos catadores de materiais recicláveis

Mediante amostra aleatória, não representativa, que tivemos a oportunidade de constituir, conforme Gráfico 1, podemos observar que o maior índice etário se fixou na faixa de idade dos 41 a 50 anos, com percentual de 23,3% do total do público questionado. Seguindo, com o percentual imediatamente menor, outras duas faixas de idade (31-40 e 51-60) com valor igual a 21,7%. Se agruparmos as três faixas etárias, temos o indicativo de 66,7% (dois terços da amostra) dos casos pertencentes a um estrato etário correspondente a pessoas de meia-idade, ou seja, em fase adulta constituída, não considerados jovens, nem idosos.

Por tratar-se de faixas etárias limítrofes, podemos compreender que existe uma indicação de que uma grande parte dos sujeitos que desenvolvem a atividade de catação pela cidade de Passo Fundo possui uma idade superior a 30 anos de idade. Ou seja, é um público com considerável experiência de anos vividos, embora tenhamos identificado catadores em todas as faixas de idade, desde um adolescente

com idade de 15 anos até aqueles muito idosos – uma senhora que faz o trabalho de catação na rua nos declarou que sua idade era de 99 anos. Também observamos, em outros momentos, fora desse levantamento quantitativo, crianças fazendo o trabalho de catação, seja acompanhando os pais e/ou parentes ou realizando o trabalho com outras crianças da mesma idade.

Gráfico 1 – Idade dos catadores, em números absolutos e em percentuais



Fonte: questionário socioeconômico elaborado pelo autor (2015).

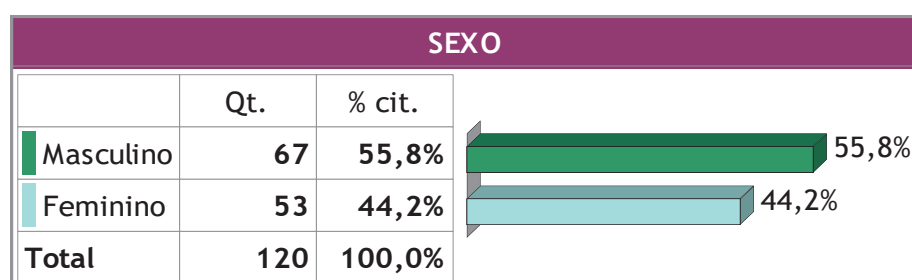
A partir desse levantamento, podemos, enfim, perceber, em nossa amostragem, uma segmentação substantiva de pessoas pertencentes a uma condição etária adulta, de meia-idade, embora haja extremos, pessoas muito jovens e idosas realizando o trabalho de reciclagem.

b) Divisão por sexo

Em relação ao sexo dos pesquisados (Gráfico 2), 55,8% da amostra identificaram-se como sendo homens e 44,2% mulheres. Diante de nossas evidências de pesquisa, observando os empreendimentos associativos e pelos relatos de catadores em diferentes momentos de nossas incursões a diferentes locais da cidade, existem mais mulheres compondo os ambientes associativos de

trabalho. Ou seja, as mulheres desenvolvem de forma predominante suas atividades nas associações e os homens nas ruas e avenidas da cidade (*ver dados na sequência*). Embora, conforme sugerido, isso não seja absolutamente uma regra, depende da própria estrutura e das condições de trabalho das associações e das circunstâncias e possibilidades dos sujeitos, de como julgam ser mais apropriado seu trabalho em relação às demais atividades que executam e às responsabilidades que administram em suas vidas cotidianas.

Gráfico 2 – Divisão por sexo, em números absolutos e em percentuais



Fonte: questionário socioeconômico elaborado pelo autor (2015).

Identificamos, ainda, que há certa divisão de tarefas por sexo nas associações e em menor grau entre aqueles que trabalham na rua, “*de forma autônoma*”, como costumam referir-se. Nas associações, o trabalho voltado à classificação dos materiais fica mais a cargo das mulheres, que fazem a separação do material dentro de uma rotina de identificação, separação e destinação dos recicláveis mediante suas características. Esse trabalho é o mais meticuloso de todo o processo de reciclagem dos catadores, uma vez que os indivíduos devem conhecer a denominação dos materiais e a prática de classificação para que seja dado o destino correto ao produto, validando os encaminhamentos e as orientações dos compradores. Materiais mal classificados perdem o valor na hora de sua venda, pois necessitam de uma nova triagem e reclassificação do produto para que seja disposto adequadamente ao seu destino final. As pessoas de sexo masculino, nas associações, por sua vez, ficam mais direcionadas à prensagem e ao enfardamento dos materiais que foram classificados anteriormente, bem como realizam o trabalho mais operacional ligado ao transporte e à alocação dos fardos de materiais. Geralmente, os homens também vão buscar os materiais que são doados e que

exigem maior esforço físico no transporte ou desmonte do que lhes foi disponibilizado.

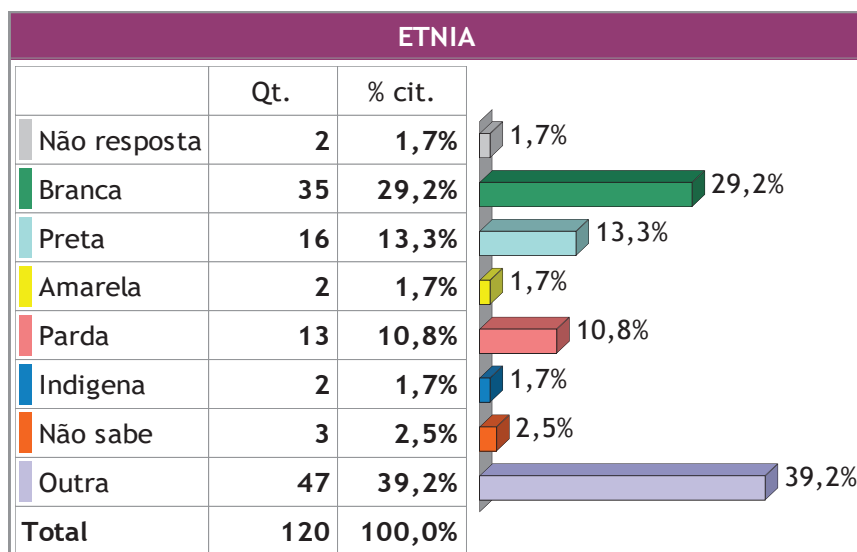
Quando o trabalho é desenvolvido de forma autônoma, por uma família de catadores, o trabalho é praticamente igual entre homens, mulheres e até crianças. A catação na rua é feita, geralmente, por todos. Há casos, porém, que os homens catam na rua e as mulheres se prontificam a classificar o material coletado na residência da família, já que elas executam o trabalho extra de cuidar da casa e dos filhos e/ou desenvolver outras tarefas e trabalhos fora da residência. Há muitos casos de mulheres “chefes de famílias” que, em algumas circunstâncias, recebem ajuda dos(as) filhos(as) para a execução das atividades, mas, na grande parte desses casos, elas trabalham rigorosamente sozinhas, executando todos os processos, da catação à venda de sua “produção”, conforme verificamos nos contatos estabelecidos com essas catadoras.

c) Identificação étnica

Quanto à dimensão étnica, 39,2% dos entrevistados se identificam como morenos e outras denominações semelhantes dentro do quesito “Outra Etnia”, contemplada no questionário e representada no Gráfico 3, apresentado a seguir.

Em segunda posição, 29,2% identificam-se como “Branco”. Cabe destacar que há muitos catadores de origem italiana, como observamos quando faziam questão de dizer todo o seu nome quando perguntávamos como gostariam de ser chamados. A cidade de Passo Fundo possui um grande contingente de pessoas de origem italiana, muitas provenientes das áreas rurais de antigas colônias de imigrantes no Estado do RS.

Gráfico 3 – Estratificação por etnia autorreferenciada pelos catadores, em números absolutos e em percentuais



Fonte: questionário socioeconômico elaborado pelo autor (2015).

d) Formação escolar

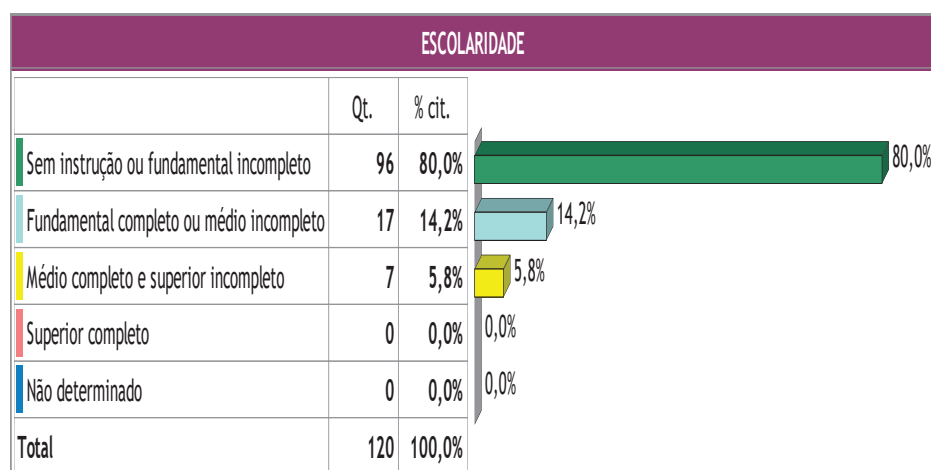
Quanto à escolaridade, destacamos a homogeneidade das respostas encontradas. Oitenta por cento (80%) da amostra, representada no Gráfico 4, não têm instrução ou possui apenas o ensino fundamental incompleto, ou seja, estudaram até a segunda ou terceira série do ensino básico. Culturalmente e por necessidade das suas famílias, as crianças e os adolescentes, principalmente em décadas atrás e no meio rural, começavam a trabalhar cedo com os pais, seja na lavoura ou já na cidade, o que os fazia abandonar os estudos. Alguns entrevistados destacaram também o pouco acesso às escolas no interior das cidades, seja pela distância ou pelos obstáculos físicos encontrados, seja pela falta de valorização e senso prático, inviabilizando a assiduidade e importância escolar nesse meio.

Como mencionamos, uma grande parte pertence a uma faixa de idade de 40 a 60 anos, isso nos indica que, realmente, as oportunidades de estudos sempre foram precárias na medida em que a universalização do ensino no Brasil ainda é bastante recente, condição de apenas algumas décadas atrás.

Não apenas em função disso, mas existe ainda no seio de determinados estratos populares uma relativização da importância da formação escolar (FONSECA, 1994), já que as oportunidades de trabalho e melhores rendimentos ligados às atividades desse segmento possui pouca interface com a melhoria da

formação escolar dos indivíduos, aspecto muito difundido entre os jovens de estratos populares, como podemos constatar nas abordagens que fizemos, o que torna pouco atraente o investimento à capacitação escolar, priorizando-se o acesso ao trabalho e a manutenção imediata das condições de vida desse segmento social. Apenas sete (7) catadores (5,8%), conforme Gráfico apresentado na sequência, responderam que tinham o ensino médio completo. Um deles destacou que começou a fazer a faculdade de jornalismo quando era jovem, mas teve que desistir do curso quando ainda morava em Porto Alegre e trabalhava na Cia. Jornalística Caldas Junior.

Gráfico 4 – Estratificação por escolaridade dos catadores, em números absolutos e em percentuais



Fonte: questionário socioeconômico elaborado pelo autor (2015).

4.2.1.2 Informações familiares e parentais

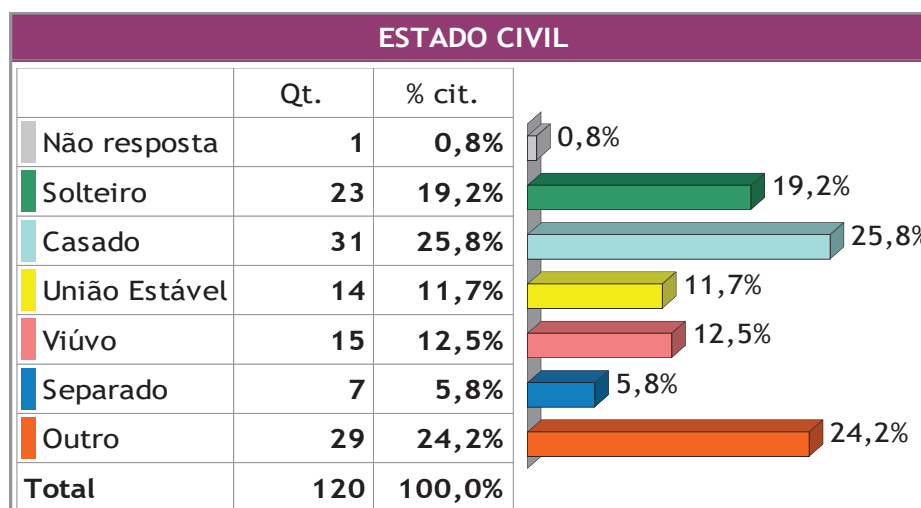
Este bloco de informações retrata aspectos que dizem respeito à constituição do grupo familiar conjugal e traz dados sobre a condição do “*Estado Civil*”, do “*Número de Filhos*” e do “*Número de Pessoas*” que efetivamente residem com os questionados.

e) Situação do Estado Civil

Ao questionar-se a condição do *estado civil* dos pesquisados, podemos observar, conforme Gráfico 5, que uma grande parte dos catadores que contatamos sustentam uma relação conjugal estável, seja na condição de “casados” (25,8%), de “união estável” (11,7%) ou de “outra forma” de relação (24,2%). Entenda-se nesse último quesito a união como “ajuntado”, “amigado” e outras denominações que

caracterizam a união entre pessoas que estabelecem relações maritais e de moradia conjunta mediante certa estabilidade de vínculos afetivos e formação de unidade conjugal.

Gráfico 5 – Estratificação por estado civil dos catadores, em números absolutos e em percentuais

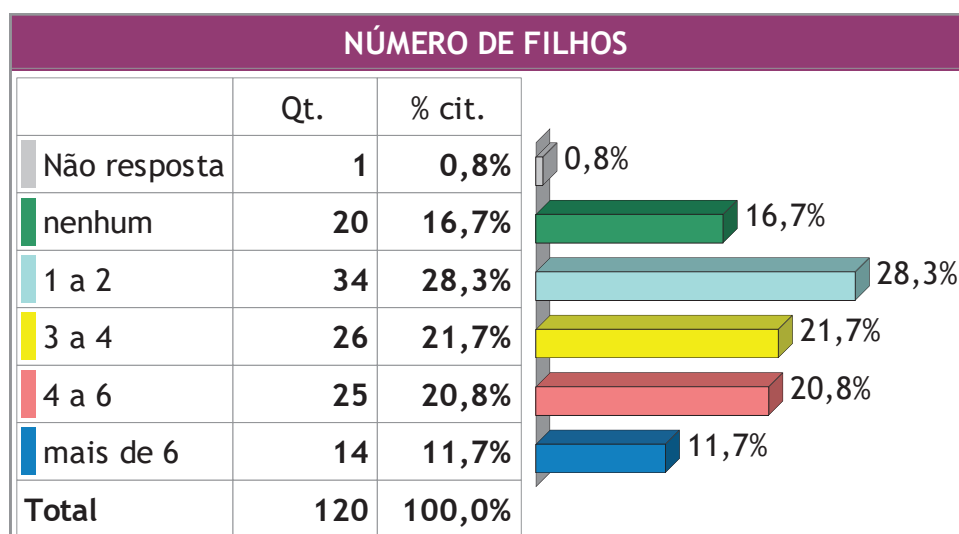


Fonte: questionário socioeconômico elaborado pelo autor (2015).

f) Número de filhos

O número de filhos com maior margem percentual é de 1 a 2 filhos, o que equivale a 28,3% no grupo pesquisado. Ou seja, 34 catadores disseram que têm, no máximo, dois filhos (Gráfico 6). A escala de 3 a 4 e 5 a 6 filhos registram índices muito próximos, 21,7 e 20,8, respectivamente. Somando os dois últimos índices com a escala “mais de 6 filhos”, temos o valor de 54,2% dos catadores afirmando possuírem mais do que 3 filhos. Esses dados, porém, devem ser relativizados, haja vista que não necessariamente aqueles que são considerados filhos de um determinado casal são de fato seus filhos biológicos. Deparamo-nos com alguns casos em que os netos moram com os seus avós e são incluídos como filhos, “*somos nós que criamos*”, ou que os dependentes de um casal constituído são filhos apenas de uma da parte da relação, provenientes de outras relações constituídas no passado.

Gráfico 6 – Estratificação por número de filhos dos catadores, em números absolutos e em percentuais



Fonte: questionário socioeconômico elaborado pelo autor (2015).

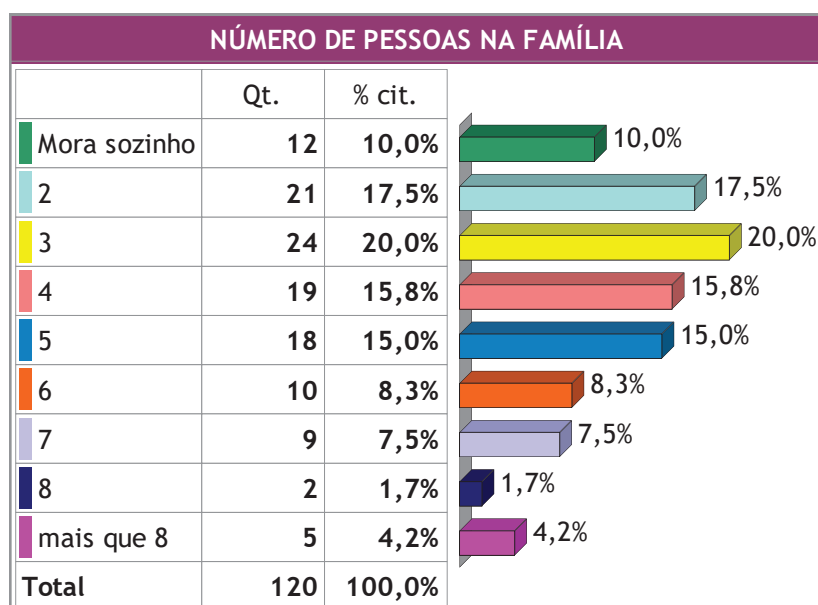
Observamos que embora possa haver uma tendência de menor número de filhos por casal – até dois filhos –, ainda é bastante elevado o número de filhos (e/ou enteados e/ou netos) neste segmento amostral. Talvez isso possa ser explicado pela lógica da constituição da família tradicional camponesa, que ainda se faz representar no espaço urbano mediante a migração de contingentes de trabalhadores que vieram para a cidade em décadas anteriores, bem como de estratos populares urbanos já ajustados ao local, mas que mantêm as características de famílias ampliadas e com elevado número de filhos e agregados. Esta última reflexão é apenas uma das possibilidades explicativas e se soma a outras que podem ser pensadas e relacionadas para explicar o fenômeno. De qualquer forma, a família extensa e a sociabilidade atrelada à reciprocidade associativa dos grupos parentais aqui se fazem presentes.

g) Número de pessoas na família

O índice mais alto da amostra, 20,0%, corresponde à escala de três integrantes que dividem a mesma casa, seguido por 17,5% e 15,8%, correspondente a 2 e 4 integrantes, respectivamente (Gráfico 7). No questionário, esse item, *número de pessoas que moram juntas*, diz respeito a identificar quantas pessoas moram reunidas na mesma casa, embora saibamos que, segundo literatura especializada

(FONSECA, 2000) e observações diretas por nós realizadas, parentes e afins podem morar próximos ou dividirem o mesmo terreno em várias casas. O que nos faz supor que o número de pessoas com ligações de parentesco convivendo cotidianamente pode ser mais elevado do que os dados aqui expostos. Porém, é sempre interessante modular os ambientes e perceber as múltiplas ligações entre os sujeitos, sejam elas mais diretas ou indiretas, com maior proximidade ou afastamento, mesmo que o teor das ligações sejam relativas e coordenadas por diferentes hábitos e confluências que apoiam e redimensionam as relações entre os indivíduos formando redes mais densas e menos densas nos seios das relações familiares e, até mesmo, de vizinhança (o último capítulo desta Tese tratará mais detidamente sobre este assunto).

Gráfico 7 – Estratificação por número de pessoas na família, em números absolutos e em percentuais



Fonte: questionário socioeconômico elaborado pelo autor (2015).

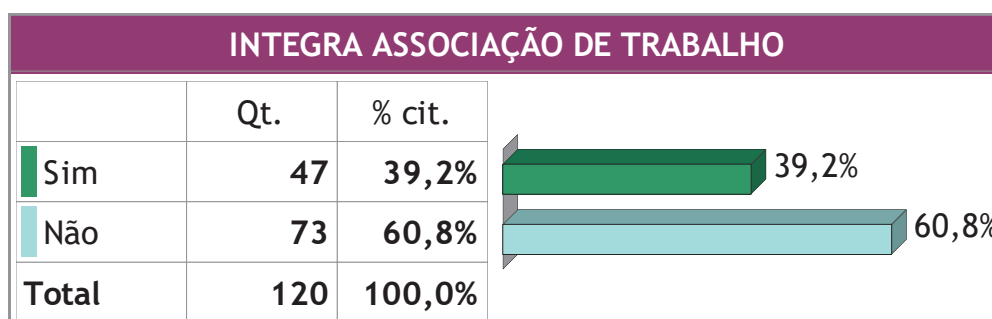
4.2.1.3 Formas de trabalho e ganhos com a reciclagem

a) Participação em Associações / Cooperativas de Trabalho

Na amostra selecionada, 60,8% são catadores que não participam de uma estrutura de trabalho coletivo formal (associação / cooperativa) e 39,2% fazem parte de uma organização com essa denominação, como mostra o Gráfico 8, na sequência. Admitimos, todavia, que os não associados estão sub-representados em

relação ao cômputo geral de catadores na cidade. Embora o estrato “não associado” seja maior em números absolutos e relativos, 73 não associados e 47 associados, a maioria dos associados foi questionada nesta pesquisa (existiam 59 associados em novembro de 2015 – ano de referência deste levantamento –, ou seja, 78% dos associados participaram da pesquisa), diferentemente dos não associados que possuem uma ampla maioria de trabalhadores exercendo suas atividades nas ruas de forma autônoma, individualmente ou em conjunto com membros de suas famílias.

Gráfico 8 – Estratificação em idade dos catadores, em números absolutos e em percentuais

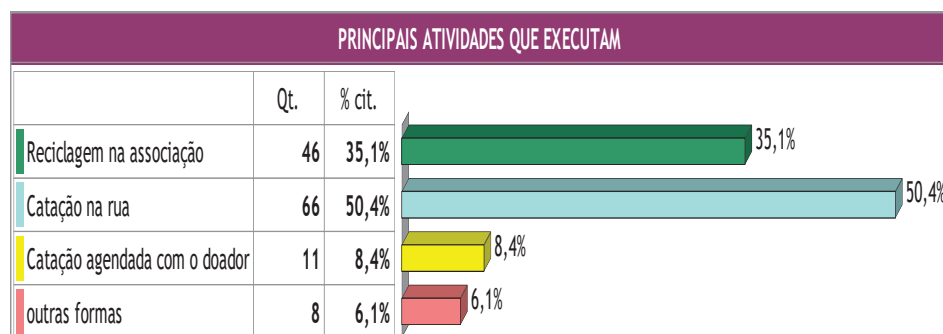


Fonte: questionário socioeconômico elaborado pelo autor (2015).

b) Atividades executadas na reciclagem

Para melhor entendimento, perguntamos quais são as principais atividades que executam, independentemente de serem associados a uma organização ou não. Os números não se diferenciam muito (Gráfico 9); apenas no que concerne à forma da “catação agendada com o doador”, visto que este trabalho pode ser feito por um catador que trabalha individualmente ou por um associado que recolhe doações e as leva para a organização a qual está vinculado. Nessa questão, o catador poderia escolher mais de uma forma de atividade principal que executa, mas poucos optaram por essa alternativa, preferindo escolher apenas uma forma-padrão de trabalho na catação.

Gráfico 9 – Estratificação por principais atividades que os catadores executam, em números absolutos e em percentuais



Fonte: questionário socioeconômico elaborado pelo autor (2015).

c) Média de ganhos financeiros na reciclagem

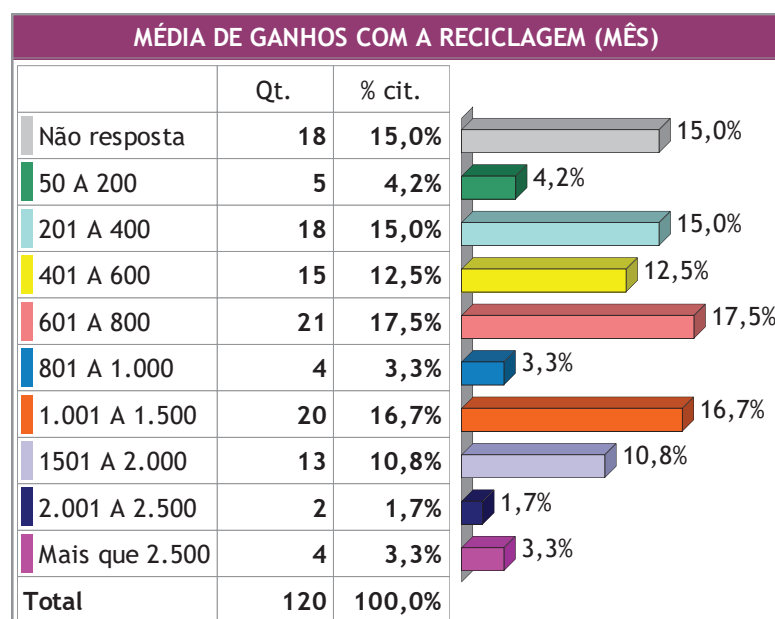
Em relação aos ganhos de trabalho, esse é um aspecto difícil de dimensionar de forma abrangente. Alguns, inclusive, deixaram de responder tal quesito por não terem ainda muita dimensão dos ganhos com esta atividade. Muitos catadores começaram na atividade há pouco tempo ou trabalham de forma irregular, não estabelecendo um parâmetro único e satisfatório para avaliar a média de ganhos durante um mês. Além disso, acreditamos que exista uma sazonalidade do mercado que demanda materiais específicos e de valores diferenciados em certos momentos de maior ou menor procura no mercado, o que flexibiliza o próprio preço do material em determinados períodos de mais retração ou expansão dos negócios de produtos recicláveis. Nesse sentido, há uma demanda por produtos que dizem respeito às próprias contingências do mercado internacional globalizado que conflui numa cadeia de ações diretas e indiretas e tem relação com o nível local das atividades e dos ganhos dos catadores.

De qualquer forma, podemos perceber que os valores em reais, coluna esquerda do Gráfico 10, têm quantidades de ganhos nominais variáveis por parte dos catadores e certa paridade de índices percentuais relacionados aos ganhos desses trabalhadores. Observa-se, dessa forma, uma heterogeneidade de registro nas escalas de valores ganhos, sem nenhuma escala que predomine a representatividade dos ganhos obtidos nesta amostra.

Uma tabela cruzada mais adiante talvez possa elucidar melhor quando forem comparados os *ganhos* com a variável “*ser associado ou não ser associado* a um

empreendimento coletivo”. Porém, desde já podemos buscar compreender este quesito, não de forma definitiva, mas pelo menos no sentido de questionar como se estabelece esta diferença de ganhos entre catadores que executam uma profissão em comum. Dentre outras expressões da realidade dos catadores, podemos começar a ver, de forma mais concreta, registros das diferenças das condições de trabalho, planejamento e engenhosidade estratégica e tática dos trabalhadores que desenvolvem as ações de reciclagem de forma integral ou parcial. E esses registros podem ajudar-nos a perceber a heterogeneidade dos sujeitos pesquisados em suas expressões laborais e rendimentos financeiros. Cabe lembrar que a pergunta é rendimento financeiro relacionado à catação, o que deixa à parte rendimentos adquiridos de outras possíveis tarefas e trabalhos executados por estes mesmos catadores.

Gráfico 10 – Estratificação por média de ganhos por catador, em números absolutos e em percentuais



Fonte: questionário socioeconômico elaborado pelo autor (2015).

Analisando mais detidamente os números do Gráfico 10, observamos que os três maiores índices percentuais já nos proporcionam uma visão espaçada na ordem das escalas, pois 15% dos questionados disseram que ganham em média de 201 a 400 reais por mês na catação, valor baixo em termos financeiros, comparado ao salário-mínimo nacional; o maior índice percentual, que, inclusive, se encontra no

meio da tabela, representa 17,5% da amostra, na escala de 601 a 800 reais, valor abaixo ou equivalente ao salário-mínimo do ano de referência deste levantamento (2015)³⁵; o outro percentual, equivalente às representações anteriores, está na escala de 1.001 a 1.500 reais, com índice percentual de 16,7% dos respondentes nesta faixa escalar. Isso apenas confirma a diferenças de ganhos entre os catadores; todavia, não esboça definitivamente as condições de vida desses trabalhadores, pois podem desenvolver a reciclagem de forma integral ou parcial por opção própria ou pela disponibilidade de executar outras tarefas de trabalhos fora da reciclagem. Não podemos, com isso, definir a precariedade do trabalho e a vulnerabilidade de vida dos indivíduos a partir do que ganham nesta atividade. Temos, entretanto, que perceber outros fatores e, de forma mais ampla, compreender determinadas lógicas das ações desses sujeitos que os fazem integrar este trabalho em determinados momentos e evadir em outros.

O que podemos adiantar, com base na execução da pesquisa, nas entrevistas e observações diretas, é que existem determinados catadores que investem mais neste meio, seja tempo ou recursos financeiros para a compra de equipamentos de trabalho, como carroças e caminhonetes. Alguns movimentam um capital de giro para comprarem de outros catadores as suas produções, tornando-se pequenos atravessadores na rede da reciclagem. Esses mais instrumentalizados, geralmente, possuem um rendimento maior, inclusive agenciando outros catadores para trabalharem em pequenos galpões no fundo do quintal. De qualquer forma, não são apenas as condições físicas e instrumentais que podem alavancar o trabalho dos catadores para obterem uma maior remuneração. Há que pensar-se, portanto, nas próprias lógicas de trabalho desses sujeitos e de suas disposições sociais para que tornem mais rentável essa atividade, ponto que será amplamente trabalhado nos próximos capítulos desta tese.

Um elemento incontestável para a elevação dos ganhos financeiros de uma parcela dos catadores, porém, é a forma como está organizada uma das cooperativas de reciclagem de materiais na cidade: a Recibela. Trata-se de uma cooperativa de catadores que tem o diferencial de estar estruturada no antigo aterro da cidade, onde recebe os rejeitos urbanos que são levados as suas esteiras para a reciclagem. Ou seja, o volume de materiais é contínuo e em grande quantidade em

³⁵ Salário-mínimo nacional, 880 Reais. Salário-mínimo regional do Rio Grande do Sul, 1.006,88 Reais.

razão do recolhimento do lixo doméstico por uma companhia da cidade, embora os materiais venham misturados com materiais orgânicos de toda ordem, o que é sempre um problema para o aproveitamento integral do material recolhido.

Com um grande volume de materiais, a Recibela consegue ter um montante de materiais consideravelmente grande, excedendo a capacidade de classificação dos seus catadores, que, em 2015, eram 29 associados. Essa cooperativa reivindica, inclusive, a ampliação de suas atividades para três turnos de trabalho, incluindo o turno da noite, e a responsabilidade de gerenciar o transbordo dos materiais oriundos da cidade, através dos caminhões da coleta regular de lixo. O ganho mensal dos associados da Recibela no ano de 2015 estava em torno de 1.700 reais, valor considerado superior por parte de alguns catadores caso trabalhassem em outras atividades, em outro setor econômico, mesmo com carteira assinada.

Em relação às outras associações (Arevi, Coama e Contraempo), os resultados financeiros caem bastante em relação à Recibela, pois elas têm outro sistema de trabalho, buscam doações pela cidade mediante agendamento de coleta e ficam na faixa dos 600 a 800 reais/mês por pessoa (nov. 2015).

De qualquer forma, como frisamos, este é um elemento muito relativo para que se possa traduzir as condições de vida e as disposições sociais dos catadores, o que merece de nós uma maior atenção e profundidade de análise a partir dos casos concretos, pois só assim poderemos verificar as contingências e motivações dos atores sociais em empreender e executar determinadas formas de trabalho, as quais podem transcender ao aspecto do resultado financeiro imediato.

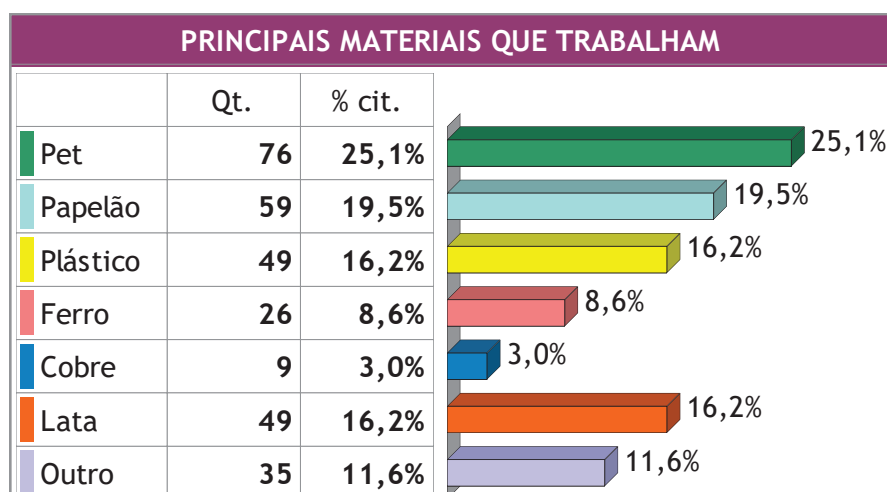
d) Principais materiais catados

Os principais materiais que são priorizados para a separação na reciclagem, no momento deste levantamento, são as garrafas pet, papelão, plásticos e latas de bebidas, nesta ordem, segundo Gráfico 11. O que pudemos constatar é que alguns catadores se especializam em determinados materiais em detrimento de outros. Há certa avaliação por parte dos catadores do que devem priorizar, muito em função das relações que estabelecem com os compradores e da própria divisão dos trabalhos nos empreendimentos associativos dos quais fazem parte. Isso também está relacionado com a própria disposição do mercado em absorver e pagar pelo tipo de material. Os papelões, por exemplo, são muito mais recolhidos por aqueles

que se especializam neste material e possuem transporte mais adequado para movimentá-los, como veículos motorizados. O valor financeiro dos papelões, como caixas de papel que acondicionam outros produtos no comércio, vem caindo vertiginosamente, o que inviabiliza o trabalho para muitos catadores, principalmente para os que fazem o serviço puxando carrinho. É um esforço muito grande do trabalhador e o preço do material não compensa; “não vale este sacrifício”, afirmam alguns.

Observamos também que muitos catadores estão se especializando em trabalhar com sucatas (metais, principalmente ferro e cobre), vendendo-as em “ferrovelhos” (depósitos de sucatas intermediários da reciclagem de metais). Esse trabalho também exige certo planejamento e instrumentos para captação. Geralmente executam essa tarefa e priorizam os metais aqueles que possuem veículos motorizados ou gaiotas (carroças puxadas por tração animal), estabelecendo parcerias com oficinas automotivas, as quais doam esses materiais para os catadores, na medida em que eles limpam e deixam as oficinas mecânicas mais organizadas, sem material supérfluo. Isso demonstra certa reciprocidade entre oficinas e catadores, sem envolver dinheiro entre as partes, mas a liberação de sucatas condicionada à limpeza do ambiente.

Gráfico 11 – Estratificação por principais materiais reciclados pelos catadores, em números absolutos e em percentuais



Fonte: questionário socioeconômico elaborado pelo autor (2015).

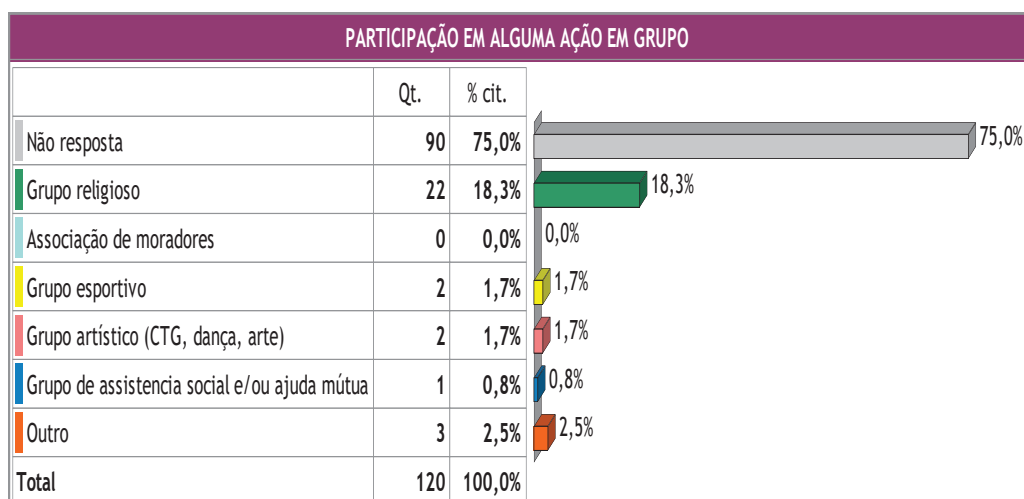
Já os catadores que trabalham com carrinhos puxados por suas próprias forças, que são a maioria que trabalha nas ruas, priorizam as garrafas pets e latas de bebidas (cervejas e refrigerantes). Materiais mais leves e práticos de

acionar em “bags” ou “bergs”, segundo denominações atribuídas pelos próprios catadores aos grandes sacos de linhagem que depositam e acondicionam a produção de recicláveis antes de sua venda definitiva. Muitas empresas que compram dos catadores fornecem esses sacos para que eles guardem os materiais em suas casas até a empresa ir buscá-los.

4.2.1.4. Participação em grupos organizados

Elaboramos uma pergunta que tinha a finalidade de sondar objetivamente a participação e o vínculo dos catadores em algum grupo organizado com objetivos não econômicos. Tínhamos como hipótese que os vínculos comunitários poderiam transparecer em formas organizadas, visando um objetivo comum não necessariamente econômico. Constatamos, porém, que são poucos os vínculos sistemáticos conjuntos expressos pelos trabalhadores, pelo menos explicitamente e formalizado, o que acreditamos que possa representar parcialmente as experiências cotidianas de indivíduos do estrato social equivalente aos catadores de materiais recicláveis vivendo em comunidades e bairros de Passo Fundo (Gráfico 12). Por “grupos organizados”, neste caso, explicamos aos catadores como sendo um conjunto de sujeitos que possuam um objetivo comum ou trabalho sem fins econômicos individuais. Os valores nominal e relativo que estão na linha “Não Resposta” representam aqueles que não fazem parte de nenhum grupo e se abstiveram de responder alguma forma de participação comunitária ou de outros âmbitos de relacionamento.

Gráfico 12 – Estratificação por participação em ‘grupos da sociedade’, em números absolutos e percentuais



Fonte: questionário socioeconômico elaborado pelo autor (2015).

Os que dizem estar vinculados a um determinado grupo, predominantemente, incorporam grupos religiosos e administração de cultos desta natureza, sendo majoritariamente integrantes de grupos evangélicos pentecostais, alguns com maior atuação dentro das igrejas, outros apenas participando dos atos religiosos semanais. Tal dimensão nos permite perceber o baixo índice de participação e de investimento de tempo nas relações comunitárias formais nesse determinado segmento. Aspecto este que será também melhor analisado em novas abordagens desta pesquisa, pois esta é uma questão que pode ser melhor explorada por este estudo, haja vista possíveis níveis de participação e percepções dos pesquisados quanto a sua importância e consciência de participação em coletivos.

4.2.2 Variáveis relacionadas

Para maior compreensão das características que os diferenciam e os tornam semelhantes, organizamos mais um bloco das variáveis já apresentadas que circunscrevem os catadores de materiais recicláveis. Aqui elas estarão dispostas e relacionadas entre si para maior percepção das qualidades e disposições que contornam e amplificam esses atores sociais.

a) Sexo e Integração a uma associação de trabalho

Destacamos na Tabela 3, como previamente tínhamos sinalizado, um maior conjunto de pessoas do sexo feminino integrando as associações formais de trabalho: 62,3% das mulheres questionadas faziam parte de associações de trabalho, contra 20,9% dos homens entrevistados. Isso quer dizer que encontramos mais homens nas ruas fazendo o trabalho de catação e mais mulheres nas associações formais de trabalho coletivo. Aprofundaremos empiricamente ainda mais esta condição, buscando aportes para compreender esse fenômeno.

Tabela 3 – Sexo e integração a um trabalho associativo formal, em percentual

SEXO	Masc.	Fem.	TOTAL
INTEGRA ASSOCIAÇÃO DE TRABALHO			
Sim	20,9	62,3	39,2
Não	79,1	37,7	60,8
TOTAL	100	100	100

Fonte: questionário socioeconômico elaborado pelo autor (2015).

De qualquer forma, percebemos que, em algumas associações, essa predominância é ainda mais saliente, principalmente naquelas em que há um grupo historicamente consolidado de mulheres, o qual denominamos *associados históricos*. Essa denominação faz sentido na medida em que, para este grupo de associados consolidados, as associações de trabalho já se tornaram uma proposição de suas vidas, com vínculos que estruturam sua forma de ser e permeiam seus hábitos cotidianos. Esse fenômeno é amplamente percebido, e alguns catadores relataram que o grupo a que estão vinculados transcende a mera forma de ganhar dinheiro, pois lhes possibilita maior integração social e ajuda mútua (aqui traduzo um sentimento, principalmente, das catadoras, embora não utilizem este tipo de argumentação aqui explicitada).

Outra compreensão possível de ser analisada e aprofundada conjuntamente com o quesito relações de gênero, com essas e outras formulações, são os níveis hierárquicos de poderes entre os associados e suas repercussões na órbita do trabalho, como questões envolvendo violência doméstica, religião, entre outros aspectos.³⁶

b) Integra associação de trabalho e ganhos financeiros

Como expusemos no primeiro bloco de questões, a variável renda nos possibilita observar um nível de heterogeneidade relativo no montante dos ganhos dos catadores. O maior percentual de ganhos fica na faixa de 17,5% para quem ganha de 601 a 800 reais, não distando de forma considerável de outras 4 faixas de rendimentos que estão acima e abaixo desses ganhos médios por mês. Em geral, os menores índices percentuais do contingente estratificado por rendimento ficam nas faixas extremas – 50-200 e mais que 2.001 reais – (Tabela 4). Apenas uma faixa do meio da tabela – 801 a 1.000 Reais – fica substantivamente com índice inferior a outros indicadores de renda que estão no seu entorno. Fator a ser considerado a partir de outras informações que dispomos e por nossas próprias observações é de que os associados que ganham mais estão concentrados na maior cooperativa da

³⁶ Observamos um leque de opções que pode ser mote para ser explorado em seu devido tempo. Nossa opção aqui é traçar um panorama geral e perpassar amplamente por algumas categorias que conformam o perfil e a realidade desses trabalhadores, o que nos faz adentrarmos ainda na complexidade das relações e questões que envolvem os núcleos de relações e trabalhos desenvolvidos por esses atores e que, infelizmente, não poderão ser abordados exaustivamente por um único trabalho científico. Mas devem, pelo menos, ser apontados como possíveis problemas de pesquisas de futuros trabalhos que tenham por perspectiva compreender uma parte da gama de aspectos que possam estar relacionadas a este público a que nos atemos aqui.

cidade (Recibela), conforme já expomos, pois fica a sua disposição um grande montante de material para ser selecionado na Cooperativa.

Por outra via, há catadores com maiores ganhos que se caracterizam por serem não associados, mas que desenvolveram estratégias de trabalho com maior estrutura instrumental (possuem caminhonetes, gaiotas e um aporte de contatos com doadores construídos ao longo do tempo). Ou aqueles com características de tratar o trabalho como um negócio ao estilo empresarial, tendo recursos para tal empreendimento; alguns até compram de outros catadores e já arregimentam outro montante de trabalhadores para executarem atividades em suas dependências. Esses catadores, de certa forma, estão próximos de se tornarem essencialmente atravessadores do processo de compra e venda de materiais reciclados no município, explorando a mão de obra de colegas de profissão, utilizando o jargão tradicional.

Tabela 4 – Integra associação formal de trabalho e média de ganhos financeiros em reais com a reciclagem, por mês, em números percentuais

INTEGRA ASSOCIAÇÃO DE TRABALHO MÉDIA DE GANHOS COM A RECICLAGEM (MÊS)	Sim	Não	TOTAL
NR	27,7	6,9	15,0
50 A 200	0,0	6,9	4,2
201 A 400	4,3	21,9	15,0
401 A 600	8,5	15,1	12,5
601 A 800	14,9	19,2	17,5
801 A 1.000	0,0	5,5	3,3
1.001 A 1.500	25,5	11,0	16,7
1501 A 2.000	19,2	5,5	10,8
2.001 A 2.500	0,0	2,7	1,7
Mais que 2.500	0,0	5,5	3,3
TOTAL	100	100	100

Fonte: questionário socioeconômico elaborado pelo autor (2015).

Por outro lado, até 800 reais é o montante de quem trabalha mais na rua ou em pequenas associações com dificuldades para se manterem ativas e produtivas na totalidade do tempo. A faixa de 801 a 1.000 reais, aquela faixa que recebeu poucos registros, no meio da tabela, é uma faixa realmente intermediária (limítrofe) daqueles que possuem mais dificuldades de rendimentos e aqueles melhores

colocados, ou seja, com maior poder para desenvolverem estratégias de trabalho em suas escolhas. Os que não responderam são basicamente associados novos inseridos nas cooperativas que ainda não receberam ou receberam em parte algum resultado de trabalho.

Talvez o aspecto mais importante, o traço mais original desta tabela, esteja na possibilidade de mostrar que os catadores associados se posicionam em faixas de ganhos diferenciadas. Se agruparmos duas faixas de ganhos, criando uma terceira (401-800), temos um contingente de associados de 23,4%. Esses associados estão estabelecidos em associações menores, com menor aporte de recursos de materiais levados até elas (Coama, Arevi, Contraempo), diferente daqueles associados que fazem parte da maior cooperativa de reciclagem do município, com ganhos nas faixas entre 1.001 a 2.000 reais. Em sua maioria, os catadores não associados conseguem equivaler ou superar os seus ganhos apenas dos associados que possuem rendimentos menores, não superando os associados da Recibela, salvos alguns que conseguem até superar os rendimentos desse grupo associativo, conforme já tínhamos apontado. De qualquer forma, a faixa financeira em que há maior equilíbrio entre associado e não associado é a faixa de 601 a 800 reais, valor abaixo do salário-mínimo nacional, que é de 880 reais, e da menor faixa do salário-mínimo regional do Rio Grande do Sul, que é de R\$ 1.006,88 (referências do ano de 2015 quando o levantamento foi realizado).

c) Sexo e idade

A relação sexo e idade apresenta em nossa amostra uma paridade entre as variáveis, com uma pequena sinuosidade numérica ora para um gênero, ora para outro, nas escalas de idade criadas para esta pesquisa (Tabela 5).

Podemos observar também uma leve tendência, em termos gerais, de que à medida que a idade aumenta, os homens são a maioria a partir da idade em torno de 50 anos. De qualquer forma, não podemos ser determinantes neste e em outros quesitos desse levantamento.

Tabela 5 – Sexo e idade, em números absolutos

SEXO	Masc.	Fem.	TOTAL
IDADE			
NR	0	1	1
10 A 15	1	0	1
16 A 20	0	4	4
21 A 25	5	2	7
26 A 30	4	6	10
30 A 40	14	12	26
41 A 50	12	16	28
51 A 60	16	10	26
61 A 70	12	1	13
71 A 80	2	0	2
Mais de 80	1	1	2
TOTAL	67	53	120

Fonte: questionário socioeconômico elaborado pelo autor (2015).

d) Sexo e escolaridade

De forma semelhante às variáveis anteriores, há pouca significância quantitativa nas categorias informadas (Tabela 6) quanto a sexo e escolaridade, uma vez que os dois gêneros correspondem de forma semelhante. A escolaridade é muito homogênea e concentra-se nas séries iniciais da formação escolar. De todas as informações e dos dados estatísticos, a escolaridade é o fator mais semelhante entre todos os catadores que tivemos a oportunidade de conversar. São raríssimos os casos de pessoas que ainda estudam ou que têm a intenção de retomar as atividades escolares de forma regular.

Tabela 6 – Sexo e escolaridade, em números absolutos

SEXO	Masc.	Fem.	TOTAL
ESCOLARIDADE			
Sem instrução ou fund. incom.	52	44	96
Fundamental comp. ou médio incom.	9	8	17
Médio comp e superior incom.	6	1	7
Superior completo	0	0	0
TOTAL	67	53	120

Fonte: questionário socioeconômico elaborado pelo autor (2015).

e) Ouviu falar do MNCR e escolaridade

A maioria dos catadores desconhece o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, conforme representado na Tabela 7. Grande parte daqueles que dizem conhecer o MNCR ainda o confunde com outros movimentos ou com antigas políticas públicas que visavam organizar os catadores em associações de trabalho em Passo Fundo, principalmente ações desenvolvidas pela Prefeitura. Uma parcela menor que diz conhecer o Movimento está ligada à Cooperativa Recibela, pois representantes do MNCR estiveram na Cooperativa uma única vez para conversar com os associados (lembramos que o ano deste levantamento é 2015). Na oportunidade que fizeram tal reunião, cadastraram os catadores no Movimento e deixaram uma bandeira estampada na parede do pequeno escritório da Cooperativa, a qual visualizamos. Muitos catadores da Recibela, porém, lembram-se pouco do que foi discutido pelo grupo do MNCR. Basicamente relataram-nos que os integrantes do Movimento estavam ali para auxiliá-los na mobilização e que deveriam unir-se para avançar nas conquistas, além de valorizar o seu trabalho. Ou seja, mesmo aqueles que dizem ter conhecido pessoas do MNCR, possuem baixo conhecimento sobre a história desse movimento social e dizem não fazer parte de suas ações, embora tenham sido cadastrados nele.

Quanto à escolaridade relacionada a este item – Ouviu falar sobre o Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis – não há nenhuma significância estatística, mesmo porque, conforme item “d” anteriormente apresentado, a condição escolar dos questionados é muito homogênea e se encontra na linha referente a “Sem instrução ou fundamental incompleto”, não dando margem substantiva para qualquer outra variação.

Tabela 7 – Ouviu falar do MNCR e escolaridade, em números absolutos

22- MNCR	NR	Sim	Não	TOTAL
ESCOLARIDADE				
Sem instrução ou fund. incomp.	1	41	54	96
Fundamental compl. ou médio incompleto	1	5	11	17
Médio compl. e superior incomp.	0	4	3	7
Superior completo	0	0	0	0
TOTAL	2	50	68	120

Fonte: questionário socioeconômico elaborado pelo autor (2015).

4.2.3 Questões abertas

Esta seção tem como referência algumas questões abertas do questionário socioeconômico e não sistematizadas anteriormente. Os questionados puderam responder livremente ao que era perguntado, gerando um maior volume de dados transcritos por sua maior variação de respostas. Tais questões receberam outro tratamento, embora, assim como aquelas analisadas e articuladas anteriormente, representem uma via de acesso inicial às problemáticas dos catadores. O que nos permite calibrar nossa percepção em relação ao cotidiano e às problemáticas relacionais desses sujeitos ao enaltecem pontualmente determinadas percepções de suas vivências e trabalhos, bem como desejos e indicações que almejam para o futuro.

Estas questões, dessa forma, também voltarão à tona nos capítulos seguintes na medida em que servem como referência inicial de novas abordagens e ditames para os quais esta pesquisa foi sendo direcionada. Coube-nos realizar uma sistematização dos dados que nos remetem a apreender uma visão geral das relações e condutas dos catadores. Acreditamos, como já exposto, que os vários olhares de um mesmo fenômeno é algo metodologicamente imprescindível para irmos ajustando a análise da sociedade, ou seja, abrindo e fechando o foco de visões da realidade a qual buscamos nos aproximar e compreender.

As questões abertas são aqui comentadas em linhas gerais e relacionadas a algumas informações anteriormente destacadas.³⁷ As questões encontram-se sistematizadas, em seu conjunto, nos apêndices deste trabalho, da seguinte forma:

- *Apêndice E* Por que trabalha na atividade de catação (por sexo)
- *Apêndice F* Outras atividades de trabalho que realizam (por sexo e escolaridade)
- *Apêndice G* Maiores desejos para o futuro (por estado civil)
- *Apêndice H* Facilidades no trabalho (por ser ou não associado)
- *Apêndice I* Dificuldades no trabalho (por ser ou não associado)

³⁷ Os critérios para relacionar as respostas das questões abertas com as respostas objetivas do próprio questionário socioeconômico foram definidos por uma lógica que nos pareceu pertinente, muito em função de problemáticas e de dúvidas que intuitivamente definimos como relevantes para entender as dinâmicas e problemáticas no interior das relações. Evidentemente que outros cruzamentos e escolhas poderiam ser feitas diante dessas e demais variáveis exploradas pelo instrumento de pesquisa.

Dentro de uma análise geral das informações coletadas, em função do questionário que aplicamos junto aos catadores, podemos observar o quesito “*por que trabalha na atividade de catação*” como uma variável subjetiva que detém uma espessa margem de respostas por parte dos entrevistados, seja qual o sexo indicado (masculino ou feminino). Porém, ao buscarmos agrupar as respostas em blocos que pudessem representar certa congruência das respostas, constatamos que o bloco “*sem trabalho, por necessidade*”, tornou-se a mais predominante em ambos os sexos.

Temos ciência de que qualquer ordem de sistematização das respostas é arbitrária e denota determinada ênfase prévia do pesquisador em definir os temas que agrupam as respostas do quesito supracitado. Isso porque os blocos organizados para a análise também possuem uma gama de variabilidade explicativa que não define tão objetivamente a posição dos respondentes quanto ao questionamento feito a eles. Porém, dentro do maior bloco especificado, “*sem trabalho, por necessidade*”, podemos perceber uma variada gama de justificativas elaboradas pelos questionados que retratam suas necessidades em adentrar à atividade de catação e que dizem respeito às suas necessidades de *alimentar os filhos* ou, até mesmo, *por precisar e ao mesmo tempo gostar do serviço*. A justificativa *por estar sem serviço (sem emprego)*, cabe enfatizar, foi referenciada por ambos os sexos. A própria ideia do que seja um serviço para os entrevistados pode, aqui, ser questionada: será que os catadores entendem a catação como uma forma regular de trabalho ou acham que se caracteriza por ser uma atividade transitória e imediata para suprir suas necessidades mais prementes? Talvez essa seja uma questão-chave para que possamos entender as lógicas das ações sociais dos atores e suas dinâmicas táticas e estratégicas nos capítulos subsequentes, na medida em que a variedade de respostas a esta questão nos remete a interrogar a própria essência do que seja trabalho para o catador.

Chama-nos também a atenção a perspectiva de que os questionados justificam essa atividade de catador pela liberdade que possuem para trabalhar, por sua *maior autonomia* em estabelecer suas rotinas de atividades. Os homens, no entanto, se reportam muito mais à perspectiva de *ganhar mais renda* ou complementar a que já possuem ao realizarem outras atividades simultaneamente. Diferentemente das mulheres que também frisam a possibilidade de trabalharem de forma mais livre, todavia, referendam tal atividade principalmente pela ideia de que

este trabalho possibilita-lhes estarem mais *próximas da família e cuidarem dos filhos de forma mais contínua*.

A experiência apreendida pela trajetória de outras pessoas é sempre um aspecto dinamizador e aderente por parte dos catadores ao assumir tal atividade. Por parte das mulheres, a influência de outras pessoas está mais condicionada às relações familiares e parentais; os homens, embora enfoquem esse tipo de condicionante ligado à família, frisam as experiências de vizinhos e amigos como apoio a assumirem a condição de catadores de materiais recicláveis, ou seja, estendem mais suas relações de influências além das relações eminentemente familiares.

Além dos aspectos já referidos e que englobam certas circunstâncias e afinidades comuns, outros elementos foram citados como imprescindíveis para que alguns catadores assumissem total ou parcialmente esta atividade laboral, como a *falta de estudo, ter uma ocupação, receber ajuda das pessoas, ter idade avançada, realizar menos esforço físico*, etc. (para mais detalhes ver o Apêndice E). Observamos que estas últimas justificativas, porém, retratam muito mais a precariedade das condições físicas e emocionais dos indivíduos (como o abandono, a velhice, a doença) e, vinculadas a elas, a carência econômica extrema dos sujeitos em questão.

A pergunta se o catador *“realiza outras atividades”*, além da catação, é emblemática neste trabalho, pois partimos da hipótese de que o catador é um ator social dinâmico e heterogêneo, sujeito que não se prende a determinados modelos e formas de condutas estreitamente reguladas pelas normas e padrões sociais impostos por outros segmentos da sociedade e/ou do Estado. Porém, o massivo número de respostas *“não executam outros trabalhos”* é destacado e poderia sugerir, ao contrário de nossas expectativas, que o catador está preso a um sistema de trabalho que delimita rigorosamente a sua área de atuação. Acreditamos, porém, que o aqui apresentado (com maior rigor de detalhes no Apêndice F) deve ser relativizado e melhor aprofundado, sob pena de ficarmos na superficialidade do que é aludido pelos sujeitos catadores em determinado momento de suas experiências de vida.

O erro de uma análise apressada nesse quesito pode estar vinculado a duas questões básicas, até certo ponto, relacionadas. A primeira delas diz respeito a não observância de que uma grande quantidade de catadores abordados para responder

o instrumento de pesquisa são catadores associados a cooperativas de trabalho. Nesse sentido, é possível haver um viés das respostas que pode nos induzir a um erro de entendimento, pois os catadores cooperativados, em seu contexto, avaliam geralmente o momento em que vivem, ou seja, o trabalho eminentemente formalizado nas cooperativas, subtraindo eventuais trabalhos que operam de forma autônoma. Como não quisemos, de nenhuma forma, induzir as respostas, podem ter respondido esta questão dentro dos padrões formais de trabalho, isto é, trabalho no atual contexto em que vivem pode ser apenas aquilo que se refere a um caráter sistemático e formal, vinculado a um empreendimento coletivo de trabalho.

De forma semelhante, ao abordar os não cooperativados, devemos dar a devida atenção a seus processos de empregabilidade. E, dessa forma, interpretar o nível de importância que estabelecem a determinadas tarefas que executam e deixam de executar em diferentes momentos de suas vidas. Assim, teremos mais oportunidade de observar certa hierarquia de atividades e o teor de suas manifestações. Acreditamos que a própria dinamicidade das rotatividades de tarefas e vínculos que os catadores possam estabelecer serão melhor identificados nas trajetórias de vida de cada um, dentro de uma dimensão diacrônica e atitudinal dos entrevistados que teremos a oportunidade de focar nos capítulos 5 e 6.³⁸

De qualquer forma, aqueles que responderam que executam outras atividades paralelas à catação ou possuem outra profissão em momentos diferentes são relativamente variados. As mulheres vinculam-se mais a trabalhos domésticos (costureiras, babás, faxineiras, etc.), assim como venda de objetos e serviços de capina em quintais; os homens, por sua vez, possuem um rol de atividades mais elástico, dentro da dimensão que definem como serviços gerais ou biscates (jardineiro, mecânico, auxiliar de construção, descarregador de caminhão, etc.).

A pergunta “*quais são seus maiores desejos (sonhos) que você espera atingir no futuro*” foi relacionada com o estado civil dos questionados (Apêndice G). Nossa intenção em relacionar essas duas variáveis objetivava perceber se havia alguma diferença de desejos futuros a serem atingidos pelos catadores e suas relações civis e conjugais. Com isso queríamos sondar se existe um nível de compromisso e

³⁸ O aspecto da rotatividade no trabalho associado, por exemplo, é uma característica muito saliente nos grupos organizados em Passo Fundo, em uma Cooperativa de trabalho já foram montadas nos últimos três anos quatro equipes de trabalho. O que vai ao encontro de outras análises acadêmicas que abordam as associações formais de catadores, incluindo os relatórios do IPEA, ao abordar as características e rotatividades dos associados nas organizações.

responsabilidades materializado nos desejos dos sujeitos sob a influência de laços formais de afetividade conjugal. Tal relação mostrou-se muito fraca em termos de confluência das posições. Existe uma variedade de ideias e desejos futuros em todas as posições relacionadas aos estados civis dos questionados, porém percebemos que alguns desejos são mais recorrentes e fazem parte de todas as segmentações que criamos, principalmente ao que concerne ao *“local de moradia”*, *“conseguir desenvolver o seu trabalho atual ou outro que venha a realizar”*, *“estar engajado na associação de trabalho e vê-la desenvolver-se”*, *“ajudar os filhos e netos a crescerem e terem uma profissão”*.

Queremos frisar o caráter da moradia como um dos aspectos que priorizaremos na sequência deste trabalho, pois percebemos que o desejo por um lugar que seja de sua propriedade (que seja meu) torna-se uma questão-chave que modula a condição de vida dos trabalhadores e lhes dá uma identidade, na medida em que eles podem melhor exercer o seu trabalho utilizando o espaço doméstico como depósito de materiais ou utilizar suas casas como propulsor de mobilidade social, uma vez que o terreno e a casa são bens de uso, assim como também são bens de troca e status social. Ter disponível um bem que possa negociar (vender ou trocar), postulando determinadas vantagens alocativas, na transição de um espaço pelo outro na comunidade ou na cidade, é um “recurso” e uma garantia para quem necessita deslocar-se de um lugar para o outro ou fixar-se almejando uma base de segurança. Segurança, em certo sentido, também é estar vinculado a algum lugar e movimentar-se apenas quando for viável e taticamente condizente com sua realidade. Processos de “pular de casa em casa” ou “viver de favor” é sempre algo degradante e motivo de vergonha, embora necessário, principalmente em momentos de transição migratória de um espaço a outro.

Tivemos a oportunidade, nesse sentido, de perceber a importância da casa como espaço-base e módulo de segurança, principalmente quando tratamos de sujeitos que, muitas vezes, estão na fronteira de uma condição de vulnerabilidade econômica e social. Nesse caso, o lar é o lugar mais seguro, refúgio e fonte de aporte estrutural do qual se dispõe para reorganizar a vida, base de recolhimento tático e de ações de reciprocidades e ajuda mútua entre parentes e vizinhos de forma geral.

As variáveis *“facilidades”* e *“dificuldades”* na execução do trabalho de catador serão aqui analisadas de forma conjunta e articuladas com *“ser ou não ser*

associado de uma cooperativa de trabalho” (Apêndices H e I). Esses blocos, de certa forma, tornam-se um pouco repetitivos, pois as facilidades e dificuldades no trabalho também são elementos que fazem as pessoas entrarem para esta atividade e terem o interesse (o desejo) de que as coisas possam melhorar nas suas vidas, aspectos retratados em blocos anteriores desta mesma seção.

Destacamos, todavia, os fatores que dão dinamicidade ao trabalho dos catadores não associados a um empreendimento cooperativo, seguindo suas percepções. Aspectos como *“trabalhar por conta própria e ter mais liberdade”*, *“caminhar”*, *“vender rápido o que cata”* e *“ganhar coisas das pessoas quando está catando nas ruas”* são elementos que podem ser entendidos como um ganho nessa forma de exercer a catação. O cerne das respostas pode ser entendido pela condição de maior flexibilidade que dá ao trabalhador o exercício da catação, pois ele adquire uma condição de estar na ponta do processo de descarte de materiais pela população, podendo, em certa medida, ter contato com quem descarta e com quem vende, formando certas alianças e estímulos para manter-se na atividade, obtendo maior agilidade, além de contar com certa segurança no seu próprio trabalho para manter sua vida e a dos demais integrantes da família. Em relação às dificuldades dos catadores não associados, os aspectos ligados às condições físicas (do corpo) são os aspectos mais prementes na geração de dificuldades, como o próprio adoecimento, o trabalho cansativo nas ruas e o trânsito perigoso, além das dificuldades em dias de chuva e frio (intempéries climáticas).

Em síntese, os fatores que dão dinamicidade e flexibilidade aos trabalhadores das ruas são aspectos positivos; de forma contrária, os efeitos de trabalhar na rua, na chuva e no frio, de desenvolver um trabalho braçal manipulando lixo impactam nos corpos dos indivíduos de forma negativa, gerando doenças e desconfortos físicos.

Já os associados declaram o envolvimento entre o grupo de trabalho e a união dos associados como uma referência facilitadora da sua condição de trabalho. Alguns observam que o trabalho não é *“pesado”*, mas necessitam de maior apoio das autoridades e da população em geral para melhor acondicionamento do lixo descartado. Essa última observação é ainda mais reforçada nas dificuldades, pois trabalhar no lixo, *“que vem de tudo”*, é algo que chega a preocupar, inclusive com perigos à saúde à medida que manipulam materiais de diversas ordens (materiais cortantes e resíduos hospitalares). A manutenção dos equipamentos de trabalho

também tem destaque, pois não depende do grupo associativo, mas da Prefeitura. Esse aspecto quanto a reparos nos equipamentos está mais relacionado à Recibela, cooperativa que recebe o lixo doméstico recolhido na cidade.

As facilidades e dificuldades no trabalho da catação destacadas, assim como os outros quesitos, fazem parte de uma abordagem e percepção imediata dos catadores, muitas delas amplamente discutidas entre eles e disseminadas dentro de um senso prático, o que não deixa de ser um reflexo de seus relacionamentos sociais e atos executados.

Embora possamos notar certas semelhanças entre os catadores, retratando suas homogeneidades, ficou mais claro que eles também se caracterizam por suas experiências próprias e possibilidades encontradas. Foram muito plurais os comentários, as formas de expressão e condicionantes retratadas pelos nossos questionados, como tentamos demonstrar, principalmente nos aspectos que condizem com suas escolhas e formas de engajamento ao trabalho.

* * * * *

Em síntese, a partir desses dados preliminares que nos alçam a pensar nas vivências, problemáticas e trajetórias dos catadores de materiais recicláveis, percebemos nesse segmento social a composição de homens e mulheres de diferentes faixas etárias em Passo Fundo, embora predominem as faixas de idades adulta, meia idade, de 30 a 60 anos. Dividem-se, basicamente, nas formas de trabalho autônomo e associado a cooperativas de trabalho; as mulheres ocupam mais os postos nas cooperativas de trabalho, segundo nosso levantamento exploratório. Possuem baixa escolaridade e as remunerações pelo trabalho que executam é muito variável. Essa variabilidade depende das formas, dos usos de instrumentos e do tempo investido a esta atividade, o que realmente nos faz pensar nas disposições sociais desses atores e de suas lógicas para ingressar e permanecer na catação, bem como na maleabilidade de suas formas de atuação e produção.

A maioria reside com cônjuge e filhos, perfazendo relações familiares conjugais e com laços de proximidade a demais parentes e afins. Com baixa participação em grupos formais comunitários e voltados a determinados fins, uma boa parte referenda que participa apenas de cultos religiosos, dizendo que não

possuem tempo livre para outros encontros. Por outra parte, é muito incipiente o conhecimento do que significa o MNCR e seus objetivos, pautando-se apenas a algumas ações desse Movimento ou pelo desconhecimento absoluto de suas práticas e pressupostos ideológicos.

Sobre aspectos mais relacionados ao trabalho, temos indicações nas falas de nossos respondentes de que a catação é uma atividade que demanda muito esforço e certo sacrifício de quem anda pelas ruas da cidade ou seleciona material nas cooperativas. Trabalhar no fluxo do trânsito de automóveis e ficar exposto ao tempo, com chuva, sol, etc. são condições desagradáveis para quem trabalha nessa atividade. Por outro lado, a catação tem o potencial de dar flexibilidade ao trabalhador, possibilitando-lhe realizar outras atividades de forma paralela. Outra questão importante para quem executa esse trabalho é a condição de ter rendimentos extras em suas rotinas, pois ganha e acha objetos que pode vender a terceiros e, eventualmente, usar pessoalmente. Isso condiciona determinadas habilidades e decisões dos trabalhadores. Há que pensar-se, assim, nas táticas e estratégias utilizadas por esses indivíduos em suas performances cotidianas, pois as relações se robustecem no campo de ação, desenvolvendo dinâmicas muito variadas. Essa variedade de dinâmicas é acessada de diferentes formas pelos catadores, muito em função daquilo que são, daquilo que vivenciaram e vivenciam no dia a dia, influenciados e demarcados por suas próprias histórias, embora, a princípio, possam parecer muito semelhantes por sua origem rural, pouca escolaridade, reciprocidades parentais, etc.

À medida que avançamos neste trabalho, percebemos o quanto é factível pensar a pluralidade do ator social que congrega a categoria de catadores de materiais recicláveis, seja em suas relações eminentemente locais e comunitárias ou em suas interfaces com o trabalho e com outros atores em outras órbitas territoriais e regionais. Os dados anteriores ajudam-nos a pontuar e refletir sobre certas particularidades do segmento social dos catadores, para além de problemáticas econômicas, estruturais, ambientais e arranjos institucionais. Ajuda a nos posicionarmos a certa distância de ideias preconcebidas a respeito das condições que possam caracterizar e estigmatizar o elemento catador nas sociedades contemporâneas.

De qualquer forma, ao buscar dar melhores contornos a nossa exposição, é imprescindível avançarmos em nossa trajetória epistemológica e retratarmos, de

forma mais substantiva, as lógicas que habitam as relações sociais e que são construídas ao longo das histórias locais e nos cotidianos dos sujeitos. Sujeitos esses que residem e perpassam certos campos de relações, que são e deixam de ser alguma coisa em determinados momentos ou circunstâncias, que ameilham experiências comuns e distintas vivendo em sociedades complexas, afeitos à absorção de aceleradas transformações. Somente por essa perspectiva cremos poder dar conta da complexidade da tessitura social, na forma contextual e atitudinal, na medida em que somos semelhantes e diferentes, simultaneamente; ao compartilharmos espaços sociais mais delimitados e amplos ao mesmo tempo, utilizando ora um potencial específico, ora outros, angariados de circunstâncias e ambientes conexos e desconexos, em tempo e espaços relacionados a diferentes formas de atuação.

A proposta do capítulo 5, a seguir, é desenvolver uma perspectiva analítica muito mais fundamentada na ação de determinados atores sociais, mediante suas próprias histórias e experiências, condutas e relações sociais. A origem do elemento trabalhador, os primeiros ajustamentos que são estabelecidos e modulados, criados e recriados ao longo do tempo serão exemplificados nesta parte do texto.

5 ORIGENS, PERCURSOS E DISPOSIÇÕES SOCIAIS

O material organizado tem o propósito de ajudar-nos a perceber a heterogeneidade dos atores sociais, uma vez que suas trajetórias consubstanciam e são consubstanciadas por lógicas sociais, a exemplo dos contornos teóricos estabelecidos por Dubet, em sua *Sociologia da experiência* (1994).

Aqui, especificamente, pautamos nossa análise em sete biografias de trabalhadores da catação, as quais foram sintetizadas a partir de contatos que estabelecemos com este público-alvo, com o objetivo de dar melhores contornos e inteligibilidade ao trabalho descritivo desta pesquisa. Assim, trazemos à tona certas trajetórias com o objetivo de compreender fatores lógicos e práticos, fomentados por circunstâncias e contextualizações vivenciadas pelos sujeitos que queremos destacar e que o capítulo anterior tangenciou a partir de dados mais amplos e quantitativos em relação às particularidades que os envolvem em diferentes quesitos.

Não foi fácil selecionar as biografias a partir das 22 entrevistas que produzimos com a colaboração dos catadores, pois as histórias são variadas e concatenam amplas possibilidades de análises. Não temos certeza de que fizemos as melhores escolhas das trajetórias do ponto de vista didático. De qualquer forma, temos a certeza de que elas nos ajudarão a perceber a variedade de elementos que vão conformando os processos e relacionamentos sociais, ajudando-nos a compreender de forma pormenorizada os dados preliminares exploratórios.

Temos a convicção de que nenhuma história é melhor que a outra; existem, sim, vidas, e as vidas são cheias de possibilidades e situações, estruturam condições, conectam disposições ao mesmo tempo em que podem descartá-las ou apenas colocá-las em estado de letargia para vir à superfície em outros momentos (LAHIRE, 2001). Não há, por isso, vida melhor que outra que sirva de exemplo. Há diferenças e diversidades de como viver e confabular os recursos que cada um dispõe no momento da ação. Tais recursos, materiais ou imateriais, ou seja, objetos ou símbolos, são bens adquiridos ou em processo de constituição, lastreados pelas experiências acumuladas e que aportam cada sujeito, dando-lhes forma, identidade, discernimento e poder.

O que queremos destacar, com isso, são os exercícios substantivos que são incorporados nas condutas e no jeito de ser de cada um. Sem aspectos

deterministas, mas dialéticos em relação às injunções e aos meandros dos processos vivenciais e múltiplos, às vezes equidistantes, em outras vezes, agregados entre si, compondo processos e práticas sociais. Ou seja, pretendemos compreender o ator e suas práticas dentro de um rol de lógicas e atributos que possui e vivencia. Das origens sociais de onde vêm ou permanecem, para onde vão ou se mantêm, avolumando *performances* e disposições pelas “esquinas”³⁹ que percorrem.

Observamos diferentes níveis sociais de integração, passando por certos ajustamentos e mediações, pois os sujeitos percorrem territórios, exploram possibilidades, conflituam e assimilam influências permanentemente. Não são *tabula rasa*, muito menos um recipiente que comporta certa quantidade de invólucros de atributos preestabelecidos.

Compartiremos aqui uma descrição a respeito das condições originárias de alguns catadores conforme fomos avançando no trabalho e analisando a “constelação” de situações por eles vividas. As histórias permitem-nos perceber, realmente, a heterogeneidade dos atores trabalhando em circunstâncias até certo ponto semelhantes. É isso que nos permite, desde o início, observar as nuances entre os elementos destacados e os padrões não muito definidos entre si. Ligado às suas origens sociais, seja ela rural ou urbana, são transcritos os itinerários de experiências e as trajetórias que se cruzam, produzindo tramas urbanas, tão evocadas em diferentes segmentos desta análise científica.

Trajetoórias que dizem muito quem são os atores sociais e como se relacionam em sociedade, pois suas experiências também dizem muito sobre essa sociedade, embora tenhamos o cuidado de não estigmatizar e/ou rotular por outras formas os atores sociais analisados. Nessa parte, também coube salientar os avanços e as mobilidades no transcurso dos espaços que os atores, à medida que investem no movimento, cruzam fronteiras sociais. Condição essa de encontros entre sujeitos, não exatamente do mesmo quadro social e cultural, mas com repercussões e certos ineditismos, geradores de novos impactos de sociação e fenômenos diversos entre

³⁹ Aqui o termo esquina é meramente metafórico e quer indicar as ligações que os atores estabelecem a partir de características comuns e diversas, socializados que são, muitas vezes, por uma matriz contextual comum, mas que possui múltiplas facetas e os fazem relativamente diferentes pela gama de escolhas e ajustes desenvolvidos e estabelecidos por eles mesmos em suas lógicas sociais, nas formas de ser ou estar produzindo e movimentando-se no tempo e no espaço social.

todos aqueles que compõem e dividem de forma mais ampla o espaço social (tema este trabalhado de forma mais sistemática nos capítulos 6 e 7 desta tese).

Um dos primeiros aspectos que nos chamou atenção, ainda na fase de levantamento exploratório, foram certas características da maioria dos catadores e que nos remetiam a pensar em suas origens. Tivemos a percepção de uma relação muito forte entre as condições das formas de trabalho e as origens sociais – ou influências – do meio rural. Isso, de certa forma, se manteve à medida que avançávamos no levantamento socioeconômico para aprofundarmos nossa percepção a respeito desses sujeitos.

Tornou-se notória, assim, a influência do *ethos* do meio rural no espaço urbano, mesmo daqueles que não viveram no ambiente rural diretamente, via influência dos pais, ao ponto de se identificarem com esse meio. No transcorrer da pesquisa, observamos uma simbiose de diferentes aspectos na atuação dos catadores, seja na sua linguagem, na forma de ver o trabalho, na postura em que se colocavam diante de nós e, principalmente, como contavam suas histórias. Muitos catadores, mesmo nascidos na cidade de Passo Fundo, rememoravam histórias da constituição de suas famílias, condições de vida e as dificuldades do meio rural e o que fizeram vir para a cidade e nela permanecer.

Os emblemas das dificuldades e razões que os levaram a acessar o meio urbano, porém, tornam-se diversas e compõem, de algum modo, a saga que cada um teve que assumir para estabelecer-se no meio urbano. A socialização no espaço nunca é igual de um elemento para outro. O horizonte fundamental das histórias tem por perspectiva possibilitar-nos compreender como esses sujeitos se lançaram em um novo espaço social, modificando-se à medida que as condições de vida anteriores se tornaram insatisfatórias e/ou insustentáveis do ponto de vista da manutenção do núcleo familiar e/ou violência sofrida no local de origem.

Assim, o que nos chamou a atenção foram exatamente determinadas condições comuns entre os atores, muito vinculadas ao êxodo rural e, por outro lado, as diversidades de circunstâncias que os detinham no meio urbano e as possibilidades adquiridas por cada um ao longo de seus ajustes integrativos, estratégicos, táticos e subjetivos. Compreendemos logo de início a consubstanciação de um estrato de trabalhadores que não pode ser brevemente arrolado por suas dependências e vulnerabilidades sociais intrínsecas, mas problematizado analiticamente por suas particularidades e singularidades,

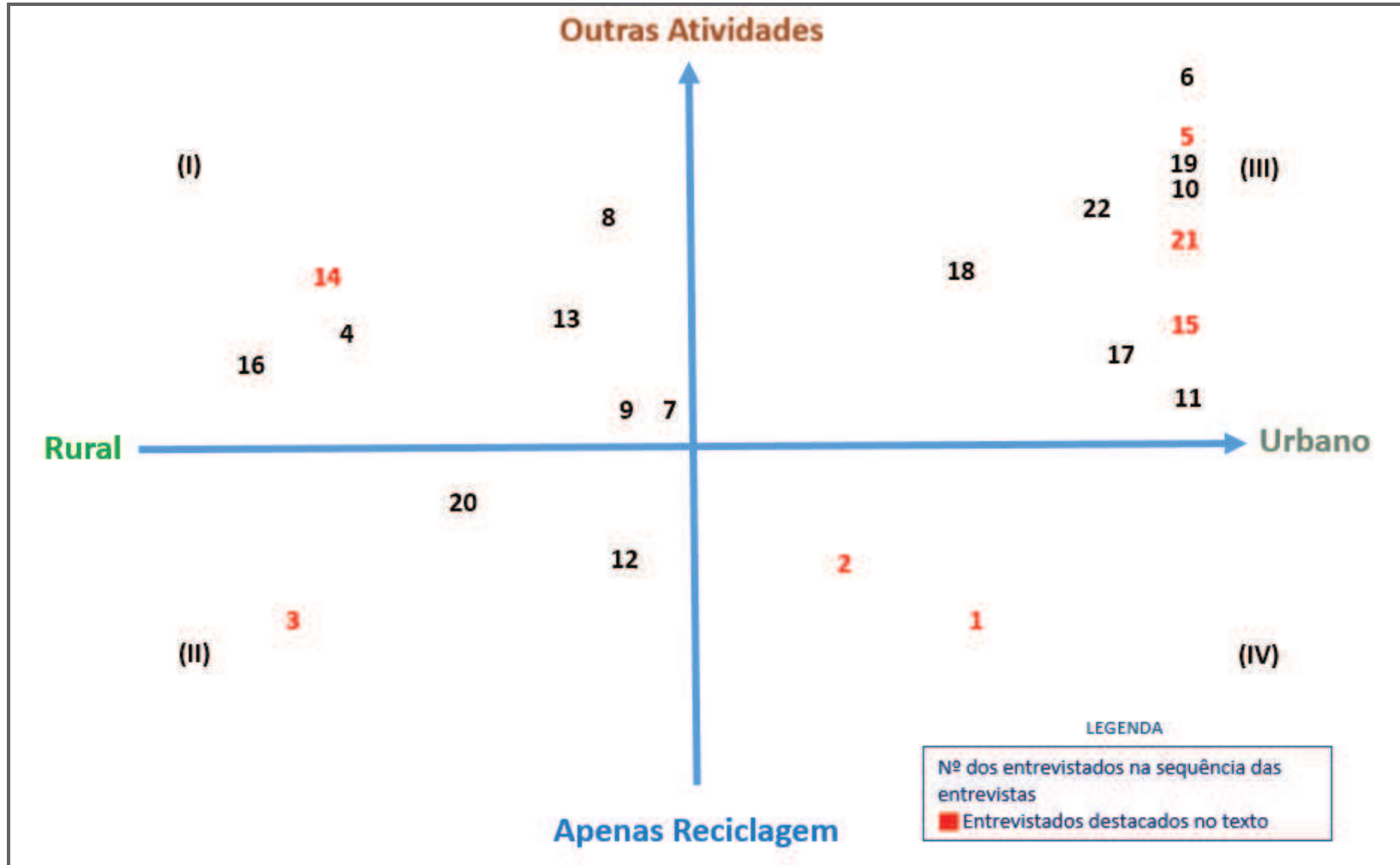
conjuntivas ou disjuntivas em seu interior, pois isso faz a diferença para que se possa entender a complexa teia de relações. E, ao pensarmos na praticas dos atores, pensamos também nas produções culturais que serão desenvolvidas na cidade e nas relações de proximidade entre variados sujeitos.

Como forma de ilustração (Gráfico 13)⁴⁰, posicionamos nossos entrevistados relacionando dois quesitos importantes que dão profusão ao processo de constituição de nossos personagens: origem social (onde nasceram – meio rural ou urbano) e a variedade de tarefas que executam (basicamente, trabalho exclusivo na reciclagem e em outras atividades).

No quadrante I, temos colocados sete catadores dos vinte e dois que tivemos oportunidade de entrevistar (entrevista-narrativa). Este quadrante representa que esses sujeitos possuem origem rural, isto é, nasceram no interior de municípios, vivendo da agricultura. O espaçamento entre eles no gráfico se dá por comparação, pois consideramos que alguns desenvolvem mais atividades variadas e tipicamente urbanas do que outros. Alguns, inclusive, ainda retornam para o ambiente rural para desenvolverem tarefas na produção agrícola ou no próprio local em que moram atualmente. O quadrante II, por sua vez, da mesma forma, também é composto por pessoas de origem rural, três pessoas, porém atualmente trabalham exclusivamente na atividade de catação de materiais, embora já tenham desenvolvido outras tarefas na cidade, o que os coloca em posição diferenciada no interior do mesmo quadrante. Já o quadrante III apresenta dez pessoas que nasceram na cidade, predominantemente em Passo Fundo. A maioria executa trabalhos na catação; os catadores 5 e 6 não estão exercendo esta atividade atualmente, embora no momento da entrevista estivessem inseridos nesta atividade. O restante cata ainda, embora executem trabalhos variados e dediquem o seu tempo de forma diferenciada à reciclagem. As duas pessoas que constituem o quadrante IV também nasceram na cidade e atualmente exercem, com exclusividade, a catação. Os dois entrevistados deste quadrante, porém, já tiveram passagens no meio rural e exerceram atividades agrícolas, com forte influência da família.

⁴⁰ O gráfico dimensiona as posições dos 22 entrevistados, cada número corresponde a um ator na sequência em que foram entrevistados. Os números que se encontram em vermelho são os trabalhadores que iremos destacar neste capítulo nominalmente, nas subseções, contando um pouco de suas histórias e características próprias. Esse número, para melhor identificação, também estará no texto, em negrito, ao lado da primeira citação do nome do entrevistado quando formos tratar de suas experiências sociais na sequência. Cabe ainda esclarecer que os nomes dos catadores daqui por diante foram modificados, são nomes fictícios para não identificá-los e preservar seus anonimatos.

GRÁFICO 13 – Origens sociais e atividades executadas, por número da ordem de entrevistas



Fonte: elaborado pelo autor – entrevistas-narrativas – 2016.

De forma geral, podemos observar certa divisão em nossa amostra, tendendo mais para atores que nasceram no meio urbano e desenvolvem múltiplas atividades, não apenas a catação de materiais pela cidade ou em associações, embora alguns tenham fortes influências do meio rural, principalmente hábitos herdados de parentes e familiares, incluindo passagens no próprio meio rural como trabalhadores agrícolas sazonais (trabalho por empreitada).

Todavia, voltamos a frisar que nossa amostra não é estatisticamente representativa, podendo tomar outra forma, caso a ênfase de nossa pesquisa fosse outra. O que o gráfico representa e chama atenção diz respeito às diferenças dos personagens e às trajetórias que podem desenvolver num conjunto de trabalhadores determinados, participando do contexto social no qual vivem ou estabelecem relações. Para isso, recorreremos a alguns exemplos de vida e percursos implantados que serão logo a seguir destacados.

5.1 ASSOCIAÇÃO FAMILIAR NO CAMPO E LUTA ASSOCIATIVA NA CIDADE

Em nossas primeiras incursões no campo de pesquisa, ainda no pré-campo exploratório, em que fomos conduzidos por um funcionário da Secretaria do Meio Ambiente da PMPF⁴¹ para conhecer um empreendimento que estava sendo idealizado por um grupo de catadores, também conhecemos **Carlos (3)** que disse ser o presidente da futura associação de catadores que estava sendo idealizada na Vila Sétimo Céu, Bairro Petrópolis, a Associação *Tropeiros de Passo Fundo*. O nome da futura associação já pareceu muito sugestivo e, segundo nossa percepção, denota a ideia de trabalho conjunto, vinculada ao movimento campeiro, do trabalho ligado ao meio rural.⁴²

Percebemos, na figura do Carlos, homem de 47 anos de idade, escolaridade fundamental incompleta, uma pessoa de hábitos muito simples, porém com ideias objetivas e muito claras em curto e longo prazo. Seu desejo prioritário (no momento

⁴¹ Buscamos para iniciar o trabalho de campo a ajuda de pessoas-chave que conheçam a cidade e as problemáticas dos catadores de materiais recicláveis. Os contatos foram fundamentais para conhecermos diversos lugares do espaço urbano de Passo Fundo, bem como os empreendimentos associativos e catadores autônomos.

⁴² A expressão tropear tem origem semântica na palavra tropel, ou seja, fazer barulho, algazarra, gritaria, e tem conotação com o sentido de cavalgar, fazer barulho com as patas dos animais de cavalgada. Andar a cavalo em longas distâncias, condição do homem do meio rural que faz tropeadas, que transita e lida com o gado e outros animais de corte.

em que nos encontramos – maio/2015) era trabalhar e organizar a associação dos catadores em um local perto de sua casa. Isso porque tem a concessão, por 20 anos, de um antigo galpão, anexo à Companhia Estadual de Silos e Armazéns (CESA)⁴³, um órgão do Governo do estado do RS que está atualmente desativado na cidade de Passo Fundo. Este galpão, bem localizado, com acesso facilitado ao centro da cidade e das moradias de muitos catadores, apresenta, porém, péssimas condições infraestruturais para executar o trabalho da reciclagem. Não possui piso adequado (tem chão de terra batida), inexistem aberturas (portas e janelas) e o telhado tem inúmeras falhas e buracos, conforme podemos constatar (Fotografia 10). Além disso, as redes de abastecimento de água, de eletricidade e de esgoto estão indisponíveis. Por essas circunstâncias, Carlos reivindica o apoio da Prefeitura, visando as melhorias no local e o fornecimento de materiais recicláveis para serem selecionados na associação, gerando trabalho e maior renda para muitos catadores.⁴⁴ Segundo ele, no momento em que fomos apresentados, havia doze catadores interessados e cadastrados com o intuito de fazer parte do empreendimento associativo local.⁴⁵

Torna-se interessante a participação de Carlos na proposição de um novo espaço associativo em Passo Fundo. De família eminentemente rural, veio para Passo Fundo há apenas seis anos. No início de nossa entrevista, disse que não ia muito longe de sua residência catar material, tinha medo de perder-se pela cidade, e

⁴³ “A Companhia Estadual de Silos e Armazéns (CESA) é o órgão governamental responsável pela política oficial de armazenagem do Rio Grande do Sul. Criada em dezembro de 1952, com a finalidade de suprir o setor agrícola de uma infraestrutura de armazenagem compatível com as crescentes safras gaúchas. Com sede administrativa em Porto Alegre, a Companhia conta com 19 (dezenove) filiais ativas, distribuídas em 22 (vinte e dois) municípios do Estado, totalizando a quantia de 469.500 (quatrocentos e sessenta e nove mil e quinhentas) toneladas de capacidade estática para armazenagem”. A unidade de Passo Fundo é uma das unidades desativada do órgão. Disponível em: <http://www.cesa.rs.gov.br/novosite/?page_id=7>. Acesso em: 31 ago. 2016.

⁴⁴ Por iniciativa dos representantes da Associação, para apresentá-la ao poder municipal constituído, foi convidado o Secretário Municipal do Meio Ambiente para visitar as instalações. Os catadores reivindicam da Prefeitura precipuamente uma limpeza do local, uma manta asfáltica no piso e o conserto do telhado e das paredes. O Secretário compareceu, observou as dificuldades e ficou de verificar o que seria possível realizar para que os catadores possam, efetivamente, de forma mais organizada, começar a operar no local. Porém, nada se fez até o momento, em prejuízo da organização que fica inviabilizada de iniciar os trabalhos pelas péssimas condições do local. Na Fotografia 10 pode-se observar a prensa que a Associação possui e que está coberta por plásticos para preservá-la do contato direto com a água da chuva.

⁴⁵ Além do espaço autorizado para o trabalho dos catadores em um antigo galpão da CESA, foram ocupados outros espaços do terreno deste órgão para uso de moradias. As habitações foram edificadas sem autorização do órgão, ou seja, são habitações irregulares, muitas delas bastante precárias. Uma dessas habitações pertence ao sr. Carlos e de outros catadores que se cadastraram na Associação entre outros moradores locais.

o ponto de referência era sempre o próprio prédio da CESA, onde conseguia localizar de longe a direção de sua moradia.

Fotografia 10 – Antigo galpão de armazenagem da CESA, destinado à Associação de Catadores Tropeiros de Passo Fundo



Fonte: acervo do autor – 4 de maio de 2015.

Falando um pouco de sua vida, disse que começou a trabalhar com seus pais na pequena propriedade rural da sua família. Seu pai tinha herdado 4 hectares de terra que lhe cabia de uma propriedade maior que foi dividida entre três irmãos, no interior do município de Arroio do Tigre.⁴⁶

Carlos destaca sua experiência no trabalho rural familiar, afirmando: “*coloquei a mão no arado junto com os velhos*”. Disse que plantavam de tudo para comer. Perto do fim de sua trajetória no ambiente rural, como produtor agrícola, começaram

⁴⁶ O município de Arroio do Tigre está a cerca de 200 km de distância de Passo Fundo, no Vale do Rio Pardo, tem uma população de 12.648 habitantes (IBGE - Censo Demográfico, 2010).

a arrendar alguma porção de terras de colonos para plantar fumo e “*garantir mais uma renda*”.⁴⁷

Trabalhei com fumo, mais no final, antes de vir pra Passo Fundo, eu tinha uma terrinha lá e eu plantava fumo. Plantava fumo, plantava feijão, plantava milho, plantava mandioca, plantava batata. Tinha que se virar, era galinha, tinha um porquinho. Tem sempre que se virar pro cara conseguir [...] (Carlos, catador, 47 anos).

No entanto, seu pai decidiu sair do meio rural e ir morar na zona urbana de Arroio do Tigre porque lá tinha mais “*recursos*”. “*Eles já estavam velhos*”, declara Carlos, com pouca capacidade para trabalhar na terra. Deixaram a propriedade aos cuidados de um dos irmãos de seu pai que consideravam ser mais dinâmico para lidar com o trabalho na terra. Como Carlos foi o único filho que ainda morava com o pai e a mãe, era o filho mais novo do casal, também foi morar com eles na cidade. “*Fiquei com eles até o final, minha mãe ficou doente e faleceu, meu pai sofreu um acidente, caiu do telhado da casa que tava arrumando, sangrou por dentro. Não teve jeito, faleceu também*”.

Na cidade de Arroio do Tigre, Carlos morava numa casa em que seu pai adquiriu por intermédio da Prefeitura local; era uma casa popular que ele mesmo participou da obra (assentava tijolos e fazia a massa de cimento). Daí por diante, Carlos trabalhou em diversas atividades, entre elas, como carregador de produtos agrícolas numa cooperativa durante 4 anos, também foi borracheiro, frentista e reciclador. Sua primeira experiência na reciclagem foi prensando material em uma pequena empresa de reciclagem. Exerceu essas últimas atividades por períodos muito curtos, saindo de uma atividade e ingressando em outra quase imediatamente, durante os 10 anos que viveu na cidade de Arroio do Tigre. Retornou ao meio rural em uma única oportunidade, depois da morte de seus pais, e foi trabalhar numa propriedade rural em um município próximo, Ibarama. Trabalhou ali apenas durante

⁴⁷ A região do fumo no RS tem sua centralidade no Vale do Rio Pardo que agrega vários municípios. Agricultores familiares da região, em sua predominância, estão inseridos no sistema integrado da produção de fumo que envolve o próprio agricultor e a empresa que lhe vende o pacote tecnológico para a produção “adequada” na propriedade rural. Após a colheita e determinado tratamento dado pelo produtor ao fumo que plantou, ele vende sua produção a empresa que lhe forneceu os insumos, abatendo, evidentemente, o valor (a dívida) desses insumos que viabilizaram a produção. (SILVA, 2008).

uma safra, como “sócio”, meeiro, em uma propriedade rural familiar onde também se plantava fumo.⁴⁸

Depois disso, Carlos resolveu vir morar em Passo Fundo. Em uma visita a sua irmã, que mora nessa cidade, foi convidado a vir morar próximo a ela. Tinha outra casa sobrando no terreno, na Vila Sétimo Céu, e ela vendeu para Carlos, em prestações.⁴⁹ Carlos viu nisso uma oportunidade na vida, não tanto para si, mas para os filhos que já estavam crescendo – disse, muito convicto. Percebeu que em Passo Fundo poderia ter mais postos de empregos e oportunidades de crescimento profissional para seus filhos. Assim, “veio *dar um chego em Passo Fundo*”, segundo nos confidenciou.

Dai nós cheguelmo aqui e começamos na lida, eu e a mulher. Ela também lida comigo, do meu lado. Ela sai junto comigo. Às vezes ela desce, as vezes eu desço um pouco [desce da carroça para pegar materiais]. Assim nós se atraquemo. Quando tá no lado dela, ela desce, quando tá no meu lado, eu desço. Daí não fica pesado nem pra um, nem pro outro... O cavalo e a gaiotinha, comprei tudo a prestação. A gente não pensava [*em fazer o trabalho de catação*], a gente não tinha este pensamento de lidar com isso aí. Mas como a gente se adaptou, adaptou e foi. Gostaram do nosso trabalho. E faz dois anos que eu entrego para uma firma só (Carlos, catador, 47 anos).

⁴⁸ Interessante reencontrar em Passo Fundo um antigo produtor de fumo da região do Vale do Rio Pardo. Minha Dissertação de Mestrado, conforme exposto no Prólogo deste trabalho, versou sobre o significado do trabalho segundo a percepção de pequenos agricultores de fumo do município de Santa Cruz do Sul, localizado também na mesma região, sendo essa região a maior exportadora deste cultivo no mundo (SILVA, 2008). Isso, de certa forma, nos indica os elos que se podem formar entre atores sociais e a dinâmica que se configura por aqueles que se deslocam buscando atingir e obter oportunidades de trabalho e alternativas nas formas de vida. Acaba sendo, em algum ponto dessa Tese, a continuidade daquele trabalho científico, defendido em 2007, demonstrando como o meio rural e o urbano estão imbricados e são espaços de trânsito recorrente nas lógicas do trabalho contemporâneo, de movimento-fixação-movimento, dentre a classe trabalhadora.

⁴⁹ A possibilidade de compra direta “a prestação” de diferentes bens, como casa, terreno, material de construção, carro, tornou-se uma prática entre pessoas dos segmentos populares. Geralmente se estabelecem acordos informais e, semanalmente, são pagas parcelas das dívidas mediante os recursos que cada um dispõe no momento, a partir do montante de dinheiro que se consegue ao longo das atividades executadas na semana. Por isso também a importância do aporte do dinheiro semanal por parte dos trabalhadores autônomos. Essa prática aparecerá em outros depoimentos de catadores, pois é uma forma de aquisição e venda de objetos e patrimônios, sem passarem por procedimentos burocratizados ou atrelados a qualquer formalidade contratual e jurídica. Nesse sentido, podemos perceber essas ações como fenômenos permeados por um sentido de reciprocidade e confiança mútua entre as partes “contratantes” e da importância dos recursos financeiros disponíveis de forma permanente (semanal) para os estratos populares. Aspecto esse importante para entender-se a dimensão e importância do ganho semanal, diferente do salário mensal comumente estabelecido pela maioria das empresas e empregos formais.

Importante perceber o papel de mediadora que sua irmã realizou para que Carlos e sua família viessem para Passo Fundo, disponibilizando uma casa para eles morarem, bem como introduzi-los no trabalho de catação, sendo ela própria uma catadora. Carlos viveu no mesmo terreno da irmã alguns anos, bem no centro da comunidade da Vila Sétimo Céu, com casas muito próximas a sua. Porém, disseram que tinha muito “*barulho*” por lá, expressão geralmente utilizada para caracterizar um ambiente em que acontecem conflitos entre vizinhos, som alto e coisas do gênero. “*Era muita barulheira, som, coisarada. E a gente gosta mais, né... a gente que se criou pra fora... trabalha pra descansar, pro outro dia né [...]*”

Justifica ainda da seguinte forma a dificuldade de morar naquele local:

A gente se criou dessa parte. Viveu dessa parte, nossos pais também era assim. A gente que trabalha pra fora é assim, do serviço pra casa, do serviço pra casa. Festa é muito difícil. Festa pra colono é difícil... ainda mais pra gente que tá trabalhando de sócio. Pra colher alguma coisa tem que travar muitas vezes (Carlos, catador, 47 anos).

Após um determinado período viu a possibilidade de adquirir uma casa e um terreno mais amplo e afastado do centro da Vila, casa em que mora atualmente (Fotografias 11 e 12). Este local realmente é mais amplo e reservado, extensão da Vila Sétimo Céu, já dentro do perímetro da CESA, onde ocupa uma parte de forma irregular, compondo, pelo menos, 30 casas com as mesmas características de habitação irregular. Chegou até este terreno porque já tinha sido ocupado por outra pessoa que queria repassar a “*posse*” a quem quisesse comprar.

Fotografia 11 – Casa em terreno ocupado, representação do espaço rural no meio urbano, ao fundo prédio da CESA e trilho de trem desativados



Fonte: acervo do autor – 20 de novembro de 2016.

O atual local de moradia de Carlos e sua família, esposa e três filhos, lembra muito as características de uma propriedade rural, mesmo estando a poucos quilômetros do Centro de Passo Fundo. Podemos até imaginar que, de certa forma, Carlos reproduziu naquele local um pouco da sua origem e disposição social vinculada ao campo e a produção agrícola. Há algo que matiza o corpo de quem vive ali com as características do rural, tão forte é a imagem de uma propriedade rural naquele local, abstraindo todo o seu entrono, evidentemente. O espaço disponível, inclusive, o possibilitou comprar uma carroça e um cavalo para utilizar na catação de materiais recicláveis. Disse que fica em casa cuidando dos afazeres do lar no período da manhã e, no período da tarde, ele e sua esposa fazem a catação juntos. A sua ideia é edificar outras casas no local para seus filhos morarem próximos a ele no futuro, ao seu “*redor*”, pondera.⁵⁰

⁵⁰ Dos sete filhos de Carlos, três apenas moram com ele. Um dos filhos com quem divide a residência trabalha, à noite, numa lancheria; outro, na construção civil; e a filha, em uma empresa produtora de carnes, uma das tantas empresas frigoríficas da região norte do estado e do oeste catarinense. Observamos que as atividades geralmente desempenhadas pelos catadores, além da catação, estão ligadas à construção civil e a pequenos biscates, como corte de gramas e reparos em

O sonho do trabalho coletivo, ao estilo dos mutirões rurais, ainda faz parte de seu ideal de vida e trabalho: “*trabalhávamos antes de mutirão*”. Pensa realmente na possibilidade da implantação da associação de catadores como uma espécie de mutirão. Disse que não vai desistir da ideia, pois tem um compromisso com a ONG Planeta Vivo e o Projeto Minuano⁵¹ que o procurou e sugeriu que ele fosse o seu presidente. Já pensou em ir ao Sistema Nacional de Empregos (SINE) e preencher uma ficha para exercer a profissão de auxiliar de açougueiro, mas declinou da ideia, pelo menos de momento, pois “*vai que esse trabalho aqui dá certo*”, afirma com certa dúvida.

domicílios, relacionados aos homens; os trabalhos característicos das mulheres têm maior relação com a limpeza doméstica ou de condomínios, seja como autônoma ou agenciada por empresas de limpeza, além do trabalho em grandes frigoríficos (questão já salientada na seção 4.2 – *O contexto e perfil do catador*).




⁵¹ Segundo seus idealizadores: “O Projeto Minuano é desenvolvido pela ONG Planeta Vivo, patrocinado pela Petrobras, com o apoio de prefeituras e entidades da sociedade civil. O programa abrange dezenas de municípios gaúchos e atua na organização dos catadores. Além disso, pretende fortalecer e ampliar a Rede de Catadores Gaúchos, evidenciando o protagonismo dos catadores, que são sujeitos históricos determinantes na preservação ambiental e cadeia produtiva da reciclagem. Para transformar essa realidade, o Minuano realiza um trabalho com foco na erradicação da miserabilidade para melhorias que garantam uma vida digna, justa, igual e solidária para todos”. Disponível em: <<http://www.planetavivo-rs.org.br/secao.php?pagina=1>>. Acesso em: 2 set. 2016.

Fotografia 12 – Ocupações habitacionais em área pública (CESA), continuidade da Vila Sétimo Céu



Fonte: acervo do autor – 10 de julho de 2015.

Legenda:

-  Telhado do galpão da Associação Tropeiros de Passo Fundo
-  Localização aproximada da casa do Presidente da Associação (Carlos)
-  Área central de Passo Fundo

- A Vila Sétimo Céu encontra-se a cerca de 2km do centro da cidade e a 500m da Prefeitura e da Câmara de Vereadores do Município de Passo Fundo.

A relação de Carlos com a ONG Planeta Vivo é bastante emblemática e se define quando um professor de Educação Física, desempregado, é indicado por um político local a conhecer e ingressar no trabalho da ONG, estabelecendo um núcleo da Organização em Passo Fundo para coordenar o Projeto Minuano nessa localidade. Inserido nesse Projeto, o professor identifica pela cidade alguns locais e catadores que possam fazer parte do Projeto. Assim conhece Carlos, na rua, e vê nele as condições concretas para que seja o representante do grupo de catadores que pensa em criar. Após algum tempo, estabelecem um vínculo entre si e começam a participar de reuniões e mobilizações da ONG, conhecendo outras experiências de grupos de catadores pelo estado e promovendo audiências com os poderes públicos. Reivindicam um espaço de trabalho em Passo Fundo ao se mobilizarem na Assembleia Legislativa do Estado do RS. Após conseguirem o antigo galpão, em concessão por 20 anos, adquirem uma prensa por meio do patrocínio da Petrobras.⁵²

Em certa oportunidade, encontramos o professor realizando a catação em um *container* de recicláveis no Centro da cidade, utilizando uma caminhonete de sua propriedade para realizar a coleta pelas ruas. Disse que estava catando para levar o material para o galpão que estava sendo organizado na Vila Sétimo Céu, o qual relacionamos a Carlos, contato que tínhamos feito anteriormente. Segundo Carlos, ele e o professor, toda semana vendiam o material a um atravessador e repartiam ponderadamente o resultado da venda. Eram os únicos que efetivamente estavam trabalhando na Associação, mesmo com as condições péssimas do lugar que os abriga.

Percebemos, na trajetória de Carlos, uma variedade de movimentos e ações importantes a partir da saída de sua propriedade rural junto com seus pais. Vai para a cidade de Arroio do Tigre, vive lá por dez anos, executa vários trabalhos, sendo o principal numa empresa de transporte que o possibilitou viajar e conhecer outros lugares, inclusive Passo Fundo, de passagem. Também trabalhou numa cooperativa de grãos e num depósito particular de materiais para a reciclagem. Depois, volta para o meio rural para plantar fumo e, em seguida, vem a Passo Fundo, sem trabalho, e começa a fazer a reciclagem nas ruas por sugestão de uma de suas

⁵² Esta prensa está sem uso no antigo galpão, tapada por uma lona para que não receba diretamente a umidade da chuva e da poeira, pois o galpão tem muitas goteiras e está sem paredes. Tivemos informações, porém, que a prensa foi parcialmente saqueada no ano passado (2017), provavelmente para a retirada de algumas peças de metal e posterior venda do material.

irmãs e de seu cunhado, ambos catadores, e que já moravam na cidade. Por transitar pela cidade, conhece um professor que o convida para ingressar numa associação de catadores. Juntos desenvolvem estratégias para montar esta organização convidando outros catadores que, a princípio, se dispõem a trabalhar, mas que, efetivamente, não o fazem, porque as instalações da Associação são precárias e não há envio de material reciclável por parte da Prefeitura para ser selecionado naquele local.

Aos 47 anos, Carlos, sem dúvidas, já acumula uma larga experiência de vida e trabalho. Lida com as dificuldades financeiras, diz que atualmente consegue 400 reais fazendo a reciclagem. Não perde, porém, o semblante de pessoa abnegada ao trabalho, justificando sempre que gosta de trabalhar, sempre trabalhou, “*é da lida*”. Ou seja, possui disposição para trabalhar e explorar os recursos que possui, basicamente sua mão de obra e suas ações lógicas que o integram a uma atividade profissional e que o fazem sentir-se parte de um contexto, sem romper com seu ideal de trabalho coletivo que adquiriu executando atividades na lavoura familiar ou como “sócio”, com outras famílias no meio rural.

Busca agora reproduzir isso no meio urbano, colocando todas as suas esperanças, a possibilidade de reunir um grupo de pessoas e prosperar no trabalho definitivamente. À revelia da desconfiança de outros catadores que, mesmo cadastrados à Associação, se dispersam e não compõem um grupo que possa pressionar os poderes públicos para que implementem algumas ações no local, favorecendo minimamente o funcionamento do trabalho associativo.

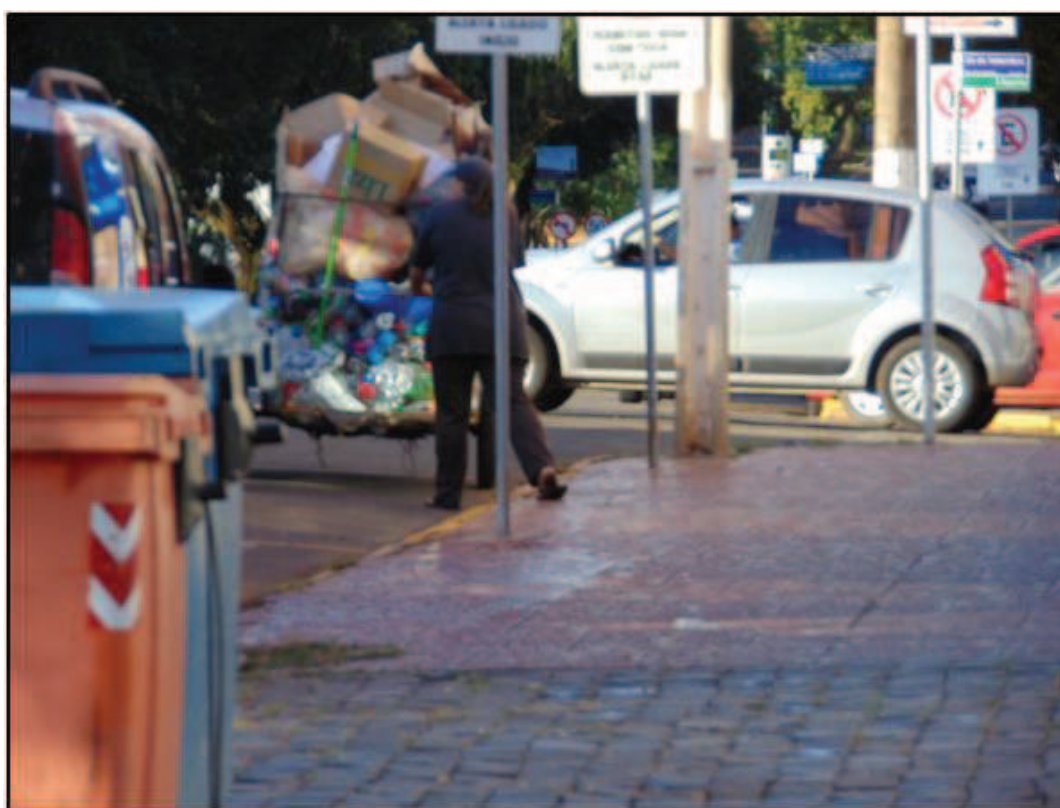
Encontramos Carlos, em várias ocasiões depois da entrevista, fazendo a catação sozinho pelas ruas de Passo Fundo, ainda com a camiseta do Projeto Minuano (uniforme de trabalho). Disse que não receberam nenhum auxílio da Prefeitura e que o seu parceiro, o professor, “desacorçooou” e agora estava catando sozinho para si e “desapareceu”. Mesmo que o projeto da Associação esteja parado, pensa em continuar catando, pois é o trabalho que ainda tem disponível e que sustenta a sua família, junto com a ajuda dos filhos que exercem outras atividades.

5.2 TRABALHAR E CUIDAR DOS OUTROS

A trajetória de **Lourdes (1)**, 50 anos, diferencia-se das experiências de Carlos, embora guardem alguns atributos práticos e ideais comuns, como a experiência no

meio rural, a abnegação ao trabalho e a preocupação e a responsabilidade com a família, principalmente com os filhos. Encontramos Lourdes numa grande avenida de Passo Fundo e nos surpreendemos com o volume de material reciclável que conduzia em seu carrinho, diante de um fluxo de automóveis muito intenso no meio da tarde (Fotografia 13). Muito simpática e atenciosa, dispôs-se a responder ao questionário e a ser entrevistada caso fosse selecionada em momento subsequente, como realmente ocorreu.

Fotografia 13 – Catadora na Av. Brasil, principal via da cidade de Passo Fundo



Fonte: acervo do autor – 10 de junho de 2015.

Lourdes respondeu ao questionário na calçada e, num determinado momento, quando um morador local se interessou por um pequeno balde que ela tinha achado no lixo momentos antes, deu-o ao homem, sem cobrar pelo material. “*Pode ficar com o senhor*”, disse despojada. Mostrou-se, enfim, muito solícita com todos que a indagavam, o que nos despertou muito interesse por sua personalidade e disposição para o trabalho que realizava. Bastante desinibida, contou um pouco de sua vida já nesta primeira oportunidade em que mantivemos contato.

Lourdes, nascida no município de Sertão, veio com seus pais para Passo Fundo quando tinha 2 anos de idade. Seu pai, engenheiro agrônomo, foi transferido para trabalhar na sede da Embrapa local. Disse que seus pais eram “*bem de vida*”, “*ganhavam bem*”. Tinham terras e casa de aluguel. Mas se separaram e “*louquearam, foram dois desmiolados, não quiseram mais saber dos filhos, um ficou com ódio do outro*”. (Lourdes tem uma irmã e um irmão mais velhos, esse já falecido). “*O Pai tocou fora tudo o que tinha em festas. Nos deixou*”, enfatiza.

Resumiu este período de sua vida ao dizer que tinha 9 anos quando seus pais se separaram e ficou “*rolando de casa em casa*”. Ficava um pouco na casa da avó e nas casas das tias. Seus irmãos que eram mais velhos foram trabalhar e tocaram suas vidas. Aos doze anos Lourdes foi ser babá em casas de família, frequentou pouco a escola. Aos 16 anos conheceu seu esposo num baile, uma semana depois já estavam “*amigados*”, morando juntos. A partir disso, “*começou a vir os filhos*”: seis, três do sexo masculino e três do sexo feminino.

Conheceu, efetivamente, a “*vida*” e o meio rural por intermédio de seu companheiro, pois ele também era proveniente do meio rural e fazia trabalhos de caseiro nas granjas da microrregião de Passo Fundo.

Trabalhei na roça com o meu finado Marido. Ih, trabalhei em Erechim, em Mato Catelhano, Marau, porque a gente trabalhava nas fazendas, nas terras dos outros, né. Mas era bom, bah! Trabalhei em leitaria. Era bom! (Lourdes, catadora, 50 anos).

Lembra desse período com certa saudade, pois gostava de lidar com os animais e ter uma vida mais tranquila no meio rural. Aprendeu a fazer várias coisas, como “*charquear peixe*”. “*O próprio dono da propriedade me ensinou a fazer o peixe, disse como queria que eu fizesse, do seu jeito*”. Basicamente, eram granjas que os proprietários visitavam só no fim de semana. Geralmente os granjeiros são pessoas de alto poder aquisitivo e moram na cidade. Muitos advogados, médicos e outros profissionais liberais que trabalham ao longo da semana em Passo Fundo possuem uma propriedade para lazer ou reinvestimento do seu dinheiro em produções agrícolas intensivas ou extensivas.

Trabalharam dessa forma por um bom tempo, trocando regularmente de propriedade, pois Lourdes disse que seu marido era bravo e “*briguento*”, indispunha-se com os proprietários e migravam para outros locais de tempos em tempos. O definitivo abandono do meio rural, porém, deu-se mediante o adoecimento de seu

pai em Passo Fundo, o qual teve dois acidentes vasculares cerebrais (AVC) e “*caiu de cama*”, sem ninguém para cuidá-lo. De comum acordo com seu companheiro, voltou para Passo Fundo e alugou uma casa para cuidar de seu pai que tinha uma aposentadoria com valor considerável. A partir desse momento, foram anos de luta no cuidado do pai – 8 anos ininterruptos até o seu falecimento – e da casa com 6 crianças para atender e o marido. Seu marido continuou realizando trabalhos no interior (na área rural) até conseguir um emprego tempos depois na cidade. Moravam de aluguel, o dinheiro que administrava da aposentadoria do pai dava apenas para pagar o aluguel e comprar seus remédios e demais materiais para seu cuidado pessoal. Sua doença exigia muitos gastos, afirma Lourdes. Disse que tinham uma vida difícil neste momento, pois tinha que dar até banho e comida na boca de seu progenitor, além de cuidar dos filhos, o que envolvia muito de seu tempo e desgaste físico e emocional.

Começou a costurar e ter uma renda extra neste período. Estavam sempre se mudando, de casa em casa, pois às vezes o aluguel subia muito e migravam para outro local, com aluguel “*mais em conta*”. A oportunidade de ter sua casa própria ocorreu a partir de sua iniciativa em ocupar um lote de terra no bairro em que mora atualmente. Era uma terra devoluta, na qual já existiam algumas ocupações e em vias de ser ocupada por outras famílias. Lourdes antecipa-se, com certa resistência do marido, e ocupa uma porção de terreno vazio. Pediu para um tratorista da Prefeitura que fazia reparos na rua para que aplainasse o terreno, o que ele fez prontamente, “*sem cobrar nada*”, admirou-se. Negociou logo em seguida uma casa pré-fabricada e, em troca, daria um roupeiro, um aparelho de som, uma geladeira e outros utensílios que possuía. Aceita a proposta pelo construtor da casa, mudaram-se para a nova casa, agora sem precisar pagar aluguel, porém não tinham o serviço de água e luz nesta nova moradia, ficando nessas condições quase três anos. Enfatiza, assim, os tempos difíceis de morar sem as condições básicas de uma casa, pois tinham que buscar água numa “*bica*” no cemitério e lavar roupa numa “*sanga*”, num curso d’água, próxima a nova residência.

As dificuldades de Lourdes avolumaram-se quando seu companheiro “*caiu de cama*” também, foi diagnosticado com leucemia. Já cuidava de uma pessoa doente e seis crianças e agora tinha que atender mais uma pessoa adulta acamada que também precisava de cuidados especiais. Um pouco antes de seu marido ficar doente tinham mudado para outra residência, também em local irregular, atual

residência da família, uma casa pequena de alvenaria às margens da mesma sanga na qual lavava roupas. Essa casa também não tinha água e luz, mas deduziram que seria mais fácil ter o fornecimento desses serviços básicos. Isso ocorreu logo em seguida, pois a casa localizava-se numa via mais estruturada da cidade, o que os motivou a aproveitar a oportunidade e transferir-se para esse local, vendendo a casa antiga e adquirindo a nova.

Contou-nos que logo que seu pai faleceu, um ano depois, seu marido também morreu. Lourdes ficou alguns meses sem nenhum recurso financeiro regular, tendo que sair de casa e fazer faxinas em residências de famílias. Demorou oito meses para que a pensão a que tinha direito, proveniente do seguro previdenciário do finado marido, fosse depositada em seu nome.

O trabalho com materiais recicláveis iniciou pela observação das atividades de vizinhos que lidavam com este trabalho. Saiu a primeira vez para catar com um pequeno carrinho de mão há 16 anos e nunca mais parou. Lourdes ainda trabalha muito com a catação, embora diga que já se sente muito cansada, “*sem o mesmo pique pra encher até 3 carrinhos por dia*”. “*Hoje saio duas vezes por dia e no outro dia uma, mas antes era bem mais*”. Diz que a renda com o trabalho na reciclagem é de 2.800 reais, a maior que encontramos para quem sai de carrinho a pé, sem depender de carro (caminhonete) a motor.

[...] levou 8 meses pra vir a pensão. Demorou pra vir, demorou que tá loco. Daí eu saía de manhã, fazia faxina nas casas. Fazia faxina. As vezes saia com fome. E chegava de tarde com as mãos cheias, com dinheiro e com comida. Eu deixava comida pra eles. E saia todo o dia assim. Até o dia que comecei a juntar lixo. Daí eu comecei a juntar lixo, comecei a separar o lixo reciclável. Daí começou o dinheiro a entrar mais, daí eu parei com as faxinas. Comecei só no reciclável. Daí vendia de 15 em 15 dias. Daí pagava rancho, pagava água, pagava luz e ainda sobrava dinheiro. Daí no lixo tu não achava só coisa reciclável. Tu achava roupa, tu achava calçado, perfume. Tu acha uma jaqueta boa no lixo, tu vende pros seus 20, 30 pila. É dinheiro. Então a gente se defende. Nossa... quanta coisa eu vendi! Eu tava dizendo estes dias, se eu guardasse tudo o que eu já achei... tinha que ter dois campos de futebol pra botar tudo dentro [risos]. Mas credo, no lixo tem muita coisa. Tem gente que compra as coisas, não usa e larga no lixo. Com etiqueta e tudo. Chinelo, quantos chinelos eu peguei com etiqueta e com preço. Tem gente que tem dinheiro (Lourdes, catadora, 50 anos).

A catadora conta que optou pela reciclagem porque viu que dava para sustentar os seis filhos com esta atividade e, além disso, tinha a liberdade de organizar suas horas de trabalho, sem ficar presa a horários determinados por outras pessoas. “*Se ficasse fazendo faxina não poderia acompanhar os meus filhos*

na escola ou em casa, não saberia o que eles estariam fazendo enquanto estivesse trabalhando”, afirma com orgulho. O cuidado dos filhos, então, veio em primeiro lugar para definir sua escolha profissional, o que chama muito a atenção, pois Lourdes foi abandonada pelos pais aos nove anos de idade, junto com seus irmãos mais velhos; atitude extremamente diferente daquela que proporcionava a seus filhos, com cuidado e esmero. O que pode demonstrar que uma ação, uma condição vivida, não se reproduzirá, necessariamente, de forma direta e acabada diante de outras experiências vividas pelos sujeitos em questão. As disposições são condições apreendidas pelos atores num rol de possibilidades e experiências, nunca de forma unidimensional e exclusiva, influenciada por um único fenômeno.

Lourdes resume suas vivências, táticas e estratégias nessa passagem da entrevista:

Acontece que o material do lixo tu podia cuidar da casa, cuidar dos filhos e ainda manter o lixo reciclado. Porque daí uns iam de manhã para o colégio, uns iam de tarde para o colégio. O almoço tinha que estar pronto. Tinham que estar de banho tomado, tinham que levar e trazer. Então tu tinha que estar sempre cuidando. E se eu fosse trabalhar de faxina, eu ia ficar o dia inteiro dentro de casa fazendo faxina ou só de tarde fazendo faxina, e quem é que ia levar as crianças no colégio ou buscar. Então foi assim que eu consegui pra cuidar dos filhos, cuidar da casa e fazer o meu serviço. E eu consegui. Não perdia nenhuma reunião no colégio. “*Mãe, tal dia tem uma reunião no colégio*”, e lá tava eu [risos]. E consegui, graças a Deus. Eu me lembro que essa minha mais velha, muito namoradeira, menina pequena, muito namoradeira, daí um dia ela fugiu, fugiu do colégio com as amigas, e eu sempre fui aquelas que estou sempre atrás, né. Sempre cuidando, eu olhei por baixo e só reconheci ela pelas pernas, elas iam pela rua de baixo do colégio, e eu dei um grito na esquina, “*onde é que vocês pensam que vocês vão?*” [risos]. Elas iam gazejar o colégio aquele dia. Mais eu cuidava, nossa! Os piás que dizem: “*a Mãe parecia uma sombra atrás da gente*”. Mas tinha que cuidar, Deus o livre! (Lourdes, catadora, 50 anos).

Lourdes demonstra um senso de organização no trabalho muito interessante: seu pequeno pátio, nos fundos da casa, é extremamente limpo e os materiais que cata na rua estão bem ensacados e separados por suas características (Fotografias 14 e 15). Diz que não há segredo, “*o importante é sair todos os dias e só voltar para casa quando o carrinho estiver bem cheio*”. Relata que se deve observar sempre onde o caminhão do lixo vai passar para ter acesso ao que as pessoas depositam na rua para o caminhão do lixo recolher. Tem que passar nos locais em dias determinados, para que se consiga chegar ao material antes do caminhão do lixo recolher o material na frente das casas e dos estabelecimentos comerciais.

Os trabalhos após a coleta são igualmente de suma importância. “*Uma boa separação do lixo também aumenta o seu valor*”, afirma a catadora. Ela não vende

pouco, prefere acumular para fazer vendas maiores. Dessa forma consegue um valor superior pelo material que arrecada nas ruas.

Montou uma loja, um “bric” de roupas usadas para a sua filha tomar conta e ter uma renda ao mesmo tempo em que também cuida de sua filha, neta de Lourdes. Vender as coisas que acha no lixo representa sempre um dinheiro extra para a economia da família. Isso é recorrente em outros depoimentos de catadores, pois sempre esperam achar alguma coisa no lixo para que possam vender. Isso já faz, de certa forma, parte da “contabilidade” dos catadores.

Fotografia 14 - Material organizado no pequeno espaço nos fundos da casa da catadora



Fonte: acervo do autor – 16 de novembro de 2015.

Quase próximo de nossa despedida, em sua casa, onde nos concedeu a entrevista, Lourdes foi muito conclusiva ao discorrer sobre sua história de vida e tudo aquilo que vivenciou: “[...] *passei a vida trabalhando, criando os filhos e cuidando dos outros*”. Tais práticas se desenvolveram, na maioria do tempo, na cidade. Foi nesse ambiente que essa trabalhadora passou a maior parte de sua vida, mobilizando-se para ajustar suas práticas frente às dificuldades que determinados eventos e fatalidades lhe impuseram como obstáculos. Fez de sua

determinação e disposição em cuidar dos filhos um mote para transpor suas barreiras, percorrer lugares e artérias da cidade, buscando e criando possibilidades para alcançar seus objetivos circunscritos a sua família.

Fotografia 15 – Materiais selecionados e depositados no pátio da casa para serem vendidos



Fonte: acervo do autor – 16 de novembro de 2015.

A reciclagem para Lourdes, assim como para outras mulheres que tivemos a oportunidade de conhecer, coaduna-se com sua determinação em cuidar dos filhos, como seu depoimento deixa muito explícito. Foi e continua sendo uma condição impreterível para estar próxima à família, algo que talvez seja inegociável na medida em que foi deixada para trás pelos pais quando eles se separaram. Nesse sentido, podemos entender o quanto o trabalho que possibilita certa flexibilidade de horários seja importante para esta senhora, embora seja um trabalho duro e que exija uma disciplina rígida para angariar o que dona Lourdes arrecada por mês. Com uma desenvoltura e senso de organização incomum, a catadora revela o orgulho de ver os seus filhos terminando os estudos do ensino médio, sem passagem pela polícia, sendo educados para o trabalho. *“Sempre falava pra eles, se eles ficarem em casa dormindo eles não perdem nada, só ganham; se ficarem na rua podem se meter em*

confusão". Ou seja, o senso prático de Lourdes está sempre se manifestando e, certamente, o nível de suas experiências, mediante um espectro variado de circunstâncias vivenciadas, aporta a catadora à condição de mediar suas escolhas e conformar o uso das possibilidades que encontra na vida e nos vários trabalhos que já executou.

5.3 COMPOSIÇÃO ASSOCIATIVA E NOVO ESPAÇO DE CONQUISTA

Com trajetória de idas e vindas ao meio rural, semelhante à catadora anterior, **Juarez (2)**, 38 anos, uma das lideranças mais enfáticas e participativas da Cooperativa Recibela, estrutura em sua fala o ideal de crescimento da Cooperativa, projetando-a no cenário nacional como exemplo na área da reciclagem. Juarez torna-se, nesta pesquisa, uma das grandes referências de luta pela organização cooperativa, tendo em vista ter vivido várias experiências de trabalho, seja como funcionário na iniciativa privada, seja como agregado no meio rural, seja como autônomo nas diferentes formas de atuação realizada no trabalho da catação. A partir das diversas experiências que teve na vida, optou de forma muito incisiva pela organização cooperativa de trabalho, lutando para melhorar o espaço de atuação dos recicladores e para aumentar os postos de trabalho. A Cooperativa da qual ele participa está instalada no antigo aterro de lixo municipal. Seu desempenho na Recibela ocorre nos mais diferentes momentos da sua organização, desde o início, quando, inclusive, tinha poucas perspectivas de manter-se como associado, processando o material que chegava até o local.

Realizamos a entrevista com Juarez na Cooperativa, depois do almoço, no local onde costumam descansar, embaixo de uma árvore. Assim como Lourdes, Juarez veio morar em Passo Fundo ainda criança, tinha 5 anos de idade. As circunstâncias da vinda da família de Juarez, um casal com 12 filhos, porém, foi diferente daquela. Saíram de Santa Izabel do Oeste,⁵³ no Sudoeste do estado do Paraná, para buscar recursos em serviços de saúde, pois seu pai estava muito adoentado; instalaram-se na Vila Victor Issler, onde ele faleceu logo depois de sua chegada.

⁵³ Santa Izabel do Oeste, localizada no Sudoeste do estado do Paraná. População de 13.132 habitantes (Censo Demográfico de 2010)

Juarez lembra da época em que sua mãe foi trabalhar como faxineira para sustentar a casa e os 12 filhos, quase todos menores de idade. Sua primeira experiência de catação foi quando começou a catar latas de azeite, ainda quando criança, para que seu padrasto confeccionasse formas metálicas. Além disso, também nesta época, juntava ossos de animais para vender e “*fazer uns trocos*”. Sua relação com o seu padrasto, porém, foi bastante conflituosa; sua mãe separou-se deste companheiro várias vezes, sendo expulsa de casa, até romper definitivamente e ir morar na vila Entre Rios, na casa de um filho que já era casado e tinha a sua própria residência. Na vila Entre Rios estão assentados até hoje vários integrantes desta família, inclusive a própria mãe e Juarez, embora residam em locais e casas diferentes dentro do perímetro dessa comunidade.⁵⁴

A estratégia de Juarez, incentivado pela família, quando criança e adolescente, foi morar em diferentes momentos com os irmãos que iam casando e constituindo suas próprias famílias ao longo do tempo, morou com três irmãos em diferentes lugares da cidade. Acionou, dessa forma, o amparo de seus irmãos quando eles sinalizavam a possibilidade de recebê-lo em suas casas. Juarez buscava sempre a possibilidade de viver num lugar melhor e que lhe dessem mais vantagens. Dessa forma, conhece a cidade e outros bairros e locais da cidade, locais que seus irmãos constituíam moradia. Conseguiu estudar até a quarta série do ensino primário, mas depois desistiu para ajudar os irmãos, realizando pequenos trabalhos e o cuidado de suas casas quando eles saíam para trabalhar.⁵⁵ Dessa forma, estabelece uma relação de reciprocidade com os irmãos, inclusive desonerando a mãe dos cuidados consigo. Um desses trabalhos foi exercer a

⁵⁴ A vila Entre Rios é uma importante comunidade de Passo Fundo, localizada entre os bairros Petrópolis e São Luiz Gonzaga. Tem como particularidade ser um núcleo urbano onde existem vários catadores de materiais recicláveis, muitos deles com laços de afinidades parentais. Segundo um outro contato que fizemos na Vila Entre Rios, “[...] *é mais fácil saber quem não é parente na Vila do que saber quem é parente*”, pois há uma relação muito estreita e familiar entre as pessoas. Há também localizados na Vila Entre Rios duas pequenas iniciativas de intermediários de materiais recicláveis, que compram de catadores suas “produções”, assim como empregam alguns para que façam a seleção do material reciclável em suas dependências.

⁵⁵ Um problema que se mostrou recorrente em alguns depoimentos de nossos entrevistados foi a depredação e a invasão de casas em comunidades populares. O furto e a depredação em muitos casos são explicados como ajustes de contas, seja por dívidas e/ou conflitos relacionais que se fundam por diferentes motivos no seio da comunidade. Ter sempre alguém cuidando da casa, algum parente ou vizinho, é uma segurança para os moradores.

atividade de catador, para a qual pegou um carrinho de uma pequena empresa, na época chamada Repasso.⁵⁶

Em determinados momentos, sua mãe tomou a iniciativa de voltar para o meio rural, pelo menos em duas oportunidades, já que tinha uma relação ainda muito forte com suas origens rurais, antes de vir para Passo Fundo. Porém, tais tentativas foram frustradas. O primeiro retorno ao trabalho rural se deu quando a mãe de Juarez acompanhou seu terceiro companheiro quando ele se deslocou para o interior do município de David Canabarro e foi trabalhar numa propriedade rural como agregado. No entanto, logo tiveram que voltar porque a terra em que trabalhavam foi arrendada para outras pessoas, que os dispensaram. Na segunda vez, sua mãe adquiriu uma porção de terras em Trindade do Sul, interior de Pinhalzinho,⁵⁷ vendendo o que tinha na cidade. Essa iniciativa, de terem um lugar próprio para morar e serem agricultores, também foi insustentável economicamente, uma vez que o trabalho na lavoura não prosperou, o que os obrigou a retornar a Passo Fundo novamente. Segundo Juarez, numa dessas tentativas de retorno ao meio rural por parte de sua mãe, ele recebeu pessoalmente uma proposta de ficar trabalhando numa propriedade em que começou a desenvolver atividades como agregado. Mas rejeitou o convite, pois não quis afastar-se da mãe, pois disse que tinha que voltar com ela, tinha 16 anos nessa época, retornando com sua família para Passo Fundo.

Ao voltar para Passo Fundo, começou a namorar sua primeira companheira, que engravidou e, em seguida, foram morar juntos. Trabalhou como servente de pedreiro e carregador de sacos por alguns anos em um moinho, até ter o seu primeiro e único emprego de carteira assinada numa empresa de pneus, onde trabalhou pelo menos sete anos, recebendo um salário-mínimo mensal.

A vida de Juarez transformou-se de forma substantiva quando seu filho mais velho, já por volta de 12 anos de idade, o convidou para trabalhar no lixão da cidade. Ele ficou sabendo que no aterro as pessoas que trabalhavam por conta própria estavam ganhando boa soma de dinheiro na catação. O trabalho era realizado pela iniciativa de cada um ao se instalarem num local do aterro juntando o material que

⁵⁶ A Repasso Recolhedora de Papel e Plástico Ltda está localizada no Bairro Petrópolis. Hoje é a maior empresa de recolhimento de recicláveis na cidade, possui uma frota de caminhões e contêineres para o armazenamento e transporte de materiais.

⁵⁷ Pinhalzinho, município localizado na região Oeste de Santa Catarina, com população de 16.332 (IBGE – Censo 2010).

era trazido pelos caminhões que recolhiam lixo na cidade. O depósito de rejeito ocorria de forma contínua, pois todo o lixo da cidade era destinado a este aterro. A administração do aterro, porém, só autorizava que os catadores catassem quando os caminhões e tratores estivessem parados, geralmente no almoço dos funcionários ou depois do expediente, no final da tarde em diante, para evitar acidentes com os catadores que estavam próximos das máquinas. Segundo vários depoimentos que registramos, muitos catadores acampavam e ficavam alguns dias instalados no aterro em questão.

Juarez, no final de seu expediente na empresa de pneus, depois das 17 horas e 30 minutos, ajudava seu filho a catar de gaiota no intuito de ter uma renda extra com esta atividade. O jovem saía todos os dias para catar e buscava Juarez na empresa em que ele trabalhava, e os dois terminavam o dia catando no retorno para a casa. Assim, diante da insistência do filho, Juarez foi conhecer as condições de trabalho e o quanto de rendimento se podia atingir com a catação no aterro municipal. Afirma que fez uma experiência e que ganhou em poucos dias mais do que ganhava num mês de trabalho na fábrica de pneus. Demonstrou entusiasmo ao lembrar-se das vantagens que percebeu em ir trabalhar no aterro. Lembra-se também que depois disso, largou o emprego formal e começou a trabalhar com o filho nesse lugar. Acampou algumas vezes no local, como era de praxe para alguns, levando lampião para iluminar o trabalho que executavam à noite, quando os tratores estavam parados.

O aterro foi um divisor de águas não só para Juarez, mas para outros catadores que ingressaram no trabalho de reciclagem de forma contínua ao longo de suas vidas. Outros catadores afirmaram também que começaram a trabalhar com reciclagem naquele local, pois era um trabalho bastante rentável. Uns inclusive ficam saudosos em comentar aquele período de trabalho, sendo que muitos continuaram a catar pela cidade após o aterro ser embargado por ordem do Ministério Público, em 2010, mediante a verificação do acúmulo de lixo no local e o conseqüente esgotamento físico do espaço destinado a ele (Fotografia 16).

Segundo Juarez, confirmado por outros catadores, além dos catadores que trabalhavam no aterro de forma autônoma e a céu aberto, existia uma “cooperativa” instalada no local e que fazia a triagem de uma parte do lixo que chegava até eles, a Cooperativa de Trabalhadores de Passo Fundo (Cootrapaf). Essa Cooperativa, porém, ainda segundo alguns catadores, pagava salário aos trabalhadores, embora

não assinasse a carteira deles. Tinha, assim, características de uma empresa privada por um lado, com chefias e administração própria verticalizada, sem eleição e sem participação nas decisões por parte dos “associados”, e, por outro lado, não disponibilizava todos os direitos trabalhistas aos trabalhadores, contrariando os ditames da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Rompido o contrato com a Prefeitura, esta “Cooperativa” evadiu do local com um passivo trabalhista que ainda está para ser julgado e executado pela Justiça Regional do Trabalho.⁵⁸ Conversamos com alguns catadores pela cidade e alguns se dizem esperançosos em receber, por decisão da Justiça, o que lhes é devido pela Cootrapaf.

Fotografia 16 – Imagem do antigo aterro de Passo Fundo após 5 anos de seu fechamento



Fonte: acervo do autor – 20 de maio de 2015.

⁵⁸ Fonte: Jornalismo Rádio Uirapuru – “Em liquidação, Cooperativa COOTRAPAF é a que mais deve para a Justiça do Trabalho em Passo Fundo”. Reportagem publicada em: 22 set. 2014. Disponível em: < <http://www.rduirapuru.com.br/geral/25485/em+liquidacao++cooperativa+cootrapaf+e+a+que+mais+deve+para+a+justica+do+trabalho+em+passo+fundo>>. Acesso em: 07 set. 2016.

Após a saída desta “Cooperativa”, uma empresa privada sediada na cidade de Marau, a empresa Nova Era assumiu as operações no local, utilizando as instalações e a própria mão de obra que já se encontrava na usina de reciclagem fazendo a triagem de materiais. Esta empresa assumiu também o recolhimento do lixo doméstico da cidade por meio de contrato com a Prefeitura. Anos depois, vencido o contrato com a Prefeitura, não houve sua renovação, assumindo as operações de recolhimento do lixo doméstico nas ruas da cidade a Companhia de Desenvolvimento de Passo Fundo (Codepas), empresa pública municipal. O que viabilizou a possibilidade de criação da Cooperativa Recibela para a triagem e seleção de materiais no antigo aterro (Fotografia 17).

Fotografia 17 – Cooperativa de catadores Recibela, instalada no antigo aterro de lixo da cidade



Fonte: acervo do autor – 20 de maio de 2016.

Aquele momento de mudanças, entretanto, gerou indefinições e inseguranças em muitos recicladores que dependiam do trabalho da reciclagem. Alguns evadiram do local e foram procurar outras formas de trabalho e/ou outras atividades

profissionais. Um segmento desses trabalhadores, inclusive alguns que trabalhavam de forma autônoma no aterro e não tinham mais como fazê-lo, visto que o aterro não recebia mais material por ter sido embargado,⁵⁹ foram convidados a se inserirem na nova cooperativa que buscava consolidar-se no local. Foi dessa forma que Juarez se tornou um associado da Recibela.

Por sua vez, com a quebra de contrato com duas organizações – Cootrapaf e Nova Era – que gerenciavam o aterro de lixo municipal e o setor de triagem da usina de reciclagem por pelo menos uma década, mais o evento promovido pelo Ministério Público de embargo da área do aterro de depósito de lixo, à revelia dos catadores autônomos no local, foi possível a filiação de alguns à nova cooperativa que estava sendo gestada no mesmo local em que as organizações executavam as atividades de triagem do lixo.

Esse processo, porém, é marcado por muitos percalços e dificuldades, principalmente relacionados aos catadores. Juarez nos confidenciou que foi o último a entrar na Recibela em sua primeira fase, quando estava sendo constituída, e nos revelou que ele e sua primeira esposa praticamente são os únicos que ficaram da primeira composição da Cooperativa em 2010. Todos os outros catadores desistiram de trabalhar de forma associada naquele local, pois tiveram muita dificuldade em gerenciar os processos de trabalho, principalmente quando faltava manutenção dos equipamentos e se tornava muito demorado o conserto quando estragavam. Juarez lembra-se de uma época em que dividiram os resultados do trabalho no final de um mês e todos ganharam 70 reais apenas. Isso desmobilizou o grupo, ficavam muitos dias parados esperando que a engrenagem do trabalho, a esteira de produção que dá o ritmo às atividades, fosse consertada. Dias parados são dias sem receber, visto que os rendimentos dos cooperados estavam relacionados ao que efetivamente produziam. Juarez falou que viveu momentos muito difíceis, teve que vender alguns pertences de sua casa para conseguir sobreviver. Disse que tinha adquirido tudo para a casa quando trabalhava como autônomo no aterro e se desfez de tudo quando começou a trabalhar de forma cooperada. Isso, de certa forma, impactou a todos, mas não fez, particularmente, Juarez desistir da Cooperativa, como tinha feito

⁵⁹ Hoje o lixo de Passo Fundo, seja aquele que passa pelas esteiras de reciclagem da Recibela e que se torna rejeito da reciclagem ou aquele material que não passa pela triagem por falta de viabilidade operacional da única esteira disponível na Cooperativa, é levado para um aterro privado do município de Minas do Leão-RS, há 300 km de Passo Fundo.

a maioria dos cooperados naquele momento. Avalia que continuou na Recibela porque tinha a convicção que ela podia dar certo em algum momento, pois experimentou no aterro, a poucos metros dali e com a mesma matéria-prima, a fase mais próspera de sua vida.

O apoio do Projeto Transformação,⁶⁰ vinculado à Igreja Católica, nesse sentido, foi fundamental, haja vista ter consolidado, junto com os catadores, o próprio entendimento do que consiste um trabalho cooperativo, bem como a assistência para que organizassem um Regimento e um Estatuto próprio ao empreendimento. O Projeto Transformação, por sua vez, também acionou sua capacidade política reivindicativa para pressionar o Poder público municipal no sentido de proporcionar algumas facilidades e avanços nas condições de trabalho da Cooperativa, melhorando a esteira de produção, por exemplo. Da mesma forma, foi possível dispor de ônibus para os cooperados irem trabalhar e voltar para casa, já que a Cooperativa se localiza fora da cidade.

Juarez, como um dos mais antigos do grupo, como liderança efetiva sobre seus colegas, projeta ainda muito trabalho e conquistas para o grupo. Reivindica principalmente a organização de um terceiro turno de trabalho (turno da noite), recebimento de insalubridade, além de mais uma esteira de trabalho para a reciclagem e poder gerenciar de forma própria e autônoma o transbordo da operação do material.⁶¹ Avalia que a Prefeitura ganharia com isso, pouparia em muito o transporte de material para Minas do Leão. Faz uma comparação muito interessante, dizendo que a Prefeitura pagava milhões às empresas que operavam no local anos atrás, o que eles reivindicam é apenas melhores condições de trabalho e a viabilidade de crescerem e gerarem mais renda para os trabalhadores, o que, de forma muito convincente, desoneraria a Prefeitura em pagar volumosos valores para se ver livre do problema do lixo em Passo Fundo, na medida em que o lixo não é um problema, mas sim uma possibilidade de trabalho e desenvolvimento para as famílias que dependem dele para ter uma renda.

As ideias de Juarez são sempre prospectivas e amparadas em transformar a Recibela em uma estrutura mais organizada, de tipo empresarial, embora tenha

⁶⁰ Referenciado no capítulo anterior.

⁶¹ O transbordo é o espaço operacional em que se gerencia os materiais para serem colocados na esteira para serem triados pelos recicladores. A Codepas gerencia o transbordo atualmente a medida em que chegam os seus caminhões na Usina.

ciência da diferença do tipo empresarial privado e do que seja uma estrutura cooperativa. A possibilidade de sua própria melhoria de vida a partir de melhores condições econômicas e materiais o fazem sintetizar a sua própria história da seguinte forma:

Na verdade, é como um objetivo que você tem na vida, né? Hoje eu tenho o objetivo de conquistar [...] terminar a minha casa que hoje ela tá em meia viagem. E lá eu buscava a sobrevivência de ter uma coisinha, né. De ser meio independente de pai e de mãe, aonde você tinha que fazer por ti, você se criou e tinha que fazer por ti. Daí a gente começou a correr atrás. Daí a Mãe cria, mas depois você cria asas e tem que voar. Daí então a gente começou a correr atrás dos objetivos da gente. Daí eu comecei a comprar as minhas coisinhas, aí você [...] como é que eu vou te dizer, você se comove, dá aquela vontade de você fazer pra ti e você começa a ficar independente. Daí aparece uma oportunidade aqui e você vai, aparece uma oportunidade ali, você tá ganhando tanto, um oferece um pouquinho mais... a gente tenta sempre estar correndo atrás do melhor. Hoje o melhor, dentro aqui, não tenho carteira assinada, mas só depende de nós o salário, porque tem muita gente que não ganha o que a gente tá ganhando aqui. Aonde, porque eu corri de uma empresa pra vir pra cá e deu certo, porque eu ganho mais. Então na vida da gente, a gente sempre tentando o melhor pra pessoa que tá junto com a gente, prum filho. E foi essa a minha trajetória de buscar trocar de vila, num ambiente melhor. Hoje eu moro lá na Entre Rios. Na Entre Rios é um lugar que tem pessoas super boas, mas onde ela já foi muito famada, né, muito violenta. Hoje tá boa, mas quanto tá boa assim, faz muito ponto de droga, daí começa a ficar violenta. Ai a gente cria os filhos assim... tu te mete numa coisa que não quer se meter, por causa do [...] por que não tem como você não fazer, você botar muro, você botar grade, botar cão de segurança, coisarada (Juarez, catador, 38 anos).

O único ressentimento que Juarez traz é não ter podido manter o seu filho no trabalho consigo. Fala mal da Lei que proíbe o trabalho de menores de idade. Teve que tirar o filho do trabalho da Cooperativa, pois foi pressionado para que o afastasse por ter menos de 18 anos. A partir desse fato, seu filho ficou em casa e, junto com os amigos, se envolveu com drogas, primeiramente usou maconha, depois cocaína e crack. Hoje o filho do Juarez, o mesmo que insistiu para que ele fosse trabalhar no aterro, encontra-se preso no presídio de Ijuí acusado pela morte de uma pessoa em um assalto realizado na cidade. Fala com certa amargura desse fato, *“ele estava aqui, debaixo das minhas asas, e aconteceu isso”*.

Atualmente a Cooperativa em questão, a exemplo de todas as outras que tivemos oportunidade de conhecer, estrutura-se de forma muito forte por laços de afinidades parentais, grande parte de seus integrantes são pais, filhos, irmãos, tios, sobrinhos de um e outro integrante. Juarez, por exemplo, ainda divide o espaço de trabalho com a ex-esposa, os dois fazem parte da Diretoria da entidade, mas ele conheceu e hoje está *“junto”* (amigado) com outra recicladora. Essa segunda

companheira tem o seu pai, sogro de Juarez, dividindo o mesmo espaço de trabalho com os dois. Esse senhor é, por sua vez, tio de outros companheiros da Cooperativa, que, por consequência, são primos da atual esposa de Juarez. Ou seja, são muito fortes os laços parentais e consanguíneos, mesmo porque a maioria dos cooperados é de moradores do Bairro Petrópolis, principalmente das vilas Entre Rios e Corralo. Trata-se de locais-base da chegada de muitos migrantes que se assentaram na semiperiferia da cidade de Passo Fundo, com a ajuda e mediação de outros familiares que chegaram antes e foram abrindo possibilidades para os próximos irem chegando e se acomodando no espaço da comunidade.

Juarez luta com todo seu ímpeto pela associação. Em alguns momentos vimos ele apreensivo quanto ao futuro do empreendimento, inclusive se afastando de nós quando chegávamos na associação, talvez para preservar-se ou até mesmo não extravasar suas emoções diante das dificuldades que encontram para manter o local em funcionamento, pois em momentos variados tiveram dificuldades de manter a usina funcionando por falta de manutenção dos equipamentos e falta de autonomia para gerenciar o transbordo da operação. De qualquer forma, mantém-se ativo no empreendimento e tenta incentivar seus companheiros a permanecerem vinculados ao trabalho coletivo. Suas experiências no setor privado, no meio urbano e rural, até mesmo como autônomo na reciclagem em alguns momentos de sua vida, o fazem refletir sobre o seu trabalho e dos outros companheiros, talvez seja na Cooperativa onde mais apreendeu o sentido do trabalho vinculado com certo protagonismo e melhor valorização pelo que faz, o que provavelmente lhe garanta certa autonomia, condição essa que amalha maior reconhecimento e vontade de exercer a profissão de catador associado.

5.4 PARTICIPAÇÃO POLÍTICA, DIREITOS SOCIAIS E VIDA PRIVADA

Vivian (5), mãe de três filhos, é prima da Luísa, atual esposa de Juarez (destaque anterior). Seu tio, pai de Luísa, é antigo cooperado da Recibela, ainda dos tempos da “cooperativa” que a sucedeu, a Cootrapaf. Quando conversamos as primeiras vezes com Vivian, no trabalho exploratório desta pesquisa e na entrevista narrativa, ela ainda era cooperada da Recibela. Percebemos a desenvoltura e a forma expressiva com que Vivian se referia a sua experiência de vida e no que consistia a atual fase da Recibela como cooperativa, quais seriam os seus desafios

para melhor consolidar-se como uma organização de trabalho e o que almejava seu grupo de trabalhadores. Notamos nela um elemento importante e singular em relação aos outros catadores, pois articulava uma capacidade de discernimento da realidade acionando um viés político em suas argumentações. Isso nos fez procurá-la para realizar a entrevista, conforme nosso planejamento.

Na entrevista ela se reportou às problemáticas da constituição de um trabalho coletivo cooperado e demonstrou dúvidas e preocupações quanto ao futuro da Cooperativa, o que lhe causava certa insegurança em realmente assumir o trabalho associado e ficar na organização nos próximos anos. Revelou que fez concurso na Codepas (empresa pública de limpeza urbana) e, se fosse chamada, sairia da Recibela para trabalhar de carteira assinada nessa empresa.

Procuramos Vivian e marcamos a entrevista em sua casa, na Vila Entre Rios, num domingo à tarde, porque ela havia dito que só dispunha do domingo para conversar. Explicou que fazia todo o trabalho de casa no sábado e na maior parte do tempo durante a semana trabalhava na Recibela. Ela estava em casa com seu filho mais novo nos esperando e gentilmente convidou-nos para entrar. A casa de Vivian está localizada bem no centro da Vila, muito próxima da casa de Juarez e de sua prima, além de outros parentes que a circundam. Fala que todos se conhecem no local, mas pouco se visitam, pois está sempre cansada, com pouco tempo para arrumar a casa, lavar as roupas e cuidar dos filhos, e só tem o domingo para descansar mesmo, mas assim mesmo tem coisas para fazer no domingo. *“Vejo mais os parentes no trabalho, na Recibela, ou aqui na rua, conversamos quando nos encontramos por aí”*.

Começamos a entrevista, como de praxe, tentando fazer a entrevistada buscar em suas memórias as experiências mais pregressas e a história de sua família. Vivian disse que não conhecia a história da família, que sabe apenas que eram de Machadinho e que sua mãe veio para Passo Fundo porque queria estar mais perto de atendimento médico, pois já tinha perdido quatro filhos prematuros e veio buscar este serviço na cidade. Sua mãe tinha 16 anos quando veio morar na vila, há 51 anos, muito antes da Vivian nascer (tem 33 anos de idade).

Vivian sempre viveu na Vila Entre Rios. No início sua mãe mudou bastante de lugar na própria Vila até acomodar-se na parte superior do local (numa parte mais elevada), mais afastada do Rio Passo Fundo que transbordava em dias de chuvas intensas, alagando casas e barracos próximos a eles, na *“baixada”*, como se refere.

Nesse sentido, parece que as disposições de Vivian se confundem muito com a Vila em que sempre morou, sem relações com o espaço rural. Pelo que percebemos, não guarda nenhuma característica do meio rural pelo longo tempo em que sua família está estruturada neste lugar. Vivian comenta que faz, pelo menos, 18 anos que não vê os seus parentes de Machadinho. Seu tio Vilson, pai da esposa do Juarez, foi o último a vir do meio rural há uns 20 e poucos anos, pois tinha um filho muito doente que lhe fez desistir de morar em Machadinho. *“Ele (Vilson) e sua família moraram com nós no início”*, comenta Vivian, *“pois não tinham onde ficar”*. Depois ela contou que o tio Vilson conseguiu um terreno próprio, que hoje é dela, pois comprou do seu tio.⁶²

Segundo Vivian, ela começou a trabalhar muito cedo para ajudar a mãe e seus dois irmãos, após a morte do pai. Trabalhava em pequenos biscates na própria comunidade, cuidando de casas, fazendo pequenos serviços para um e para outro. Sua mãe é pensionista do INSS, pensão oriunda de seu marido falecido, e trabalhava como diarista em granjas da região, ainda quando Vivian era criança. Sua mãe ia de ônibus com outras pessoas para realizar a safra de gêneros agrícolas no meio rural. Ia e voltava no mesmo dia, era mão de obra agrícola nas granjas.

Por volta de seus 14 anos, Vivian foi morar no Mato Grosso (MT) na casa de uma irmã que foi para lá depois de casar. Vivian foi cuidar dos filhos dela enquanto o casal trabalhava. Disse que sua irmã era bem de vida, tinham terras até no Acre, tinham caminhão, plantavam, etc., mas se separou e hoje já não tem mais nada. Vivian não quis ficar no Mato Grosso, pois tinha muita saudade da mãe e ficou apenas um ano na casa de sua irmã. *“Não adianta estar num lugar com saudade das pessoas”*, concluiu. Voltou para a Vila e pouco tempo depois engravidou de seu primeiro filho e passou a viver com um rapaz, seu primeiro companheiro. Enquanto estavam juntos era apenas *“dona de casa”* e cuidava dos filhos (teve mais um filho desse relacionamento). Porém, quando se separou dessa união teve que reestruturar a sua vida completamente e pensar como sustentaria as crianças e a si própria. Foi aí que ingressou em um programa do governo do estado do RS (gestão

⁶² Vilson é caseiro de uma casa e de vários terrenos no Bairro Petrópolis, perto da Vila Entre Rios. Trabalha na Recibela e está prestes a aposentar-se. Faz vários serviços extras como caseiro de propriedades, além de trabalhos de capina para vizinhos e na sua horta. De origem rural, Vilson demonstra nitidamente disposições sociais atreladas a sua origem, principalmente na dimensão ética do trabalho e na forma de prospectar seu futuro e de sua família, haja vista dizer que nunca vai parar de trabalhar, sonha em ter sua própria casa e espaço para fazer sua horta e seus “trabalhinhos”.

de Olívio Dutra), Programa Família Cidadã, que assistia 30 pessoas em Passo Fundo. Disse que conheceu a reciclagem por intermédio deste programa cujo objetivo era criar uma rede de trabalhadores que executassem determinados serviços nas comunidades carentes e que aproveitassem a sua organização para consolidar um trabalho conjunto a fim de gerar renda para esses mesmos trabalhadores. O governo pagava um valor mensal a cada um dos trabalhadores para que se mobilizassem em mutirões de limpeza pública e promovessem estratégias de trabalho e geração de renda.

Contavam com a assessoria do Centro de Tecnologias Alternativas Populares (Cetap)⁶³ para se mobilizarem e se identificarem como Coletivo Urbano. Idealizaram, junto com essa instituição parceira e a própria Prefeitura Municipal, a construção de um galpão de reciclagem na Vila. Esse movimento foi bastante significativo para Vivian na medida em que ela foi uma das participantes mais ativas do Coletivo Urbano, o que a condicionou a uma visão política mais à esquerda do espectro político institucional, fazendo inclusive campanhas para candidatos do Partido dos Trabalhadores na cidade de Passo Fundo. *“Eu era PT, fazia campanha, seguia a causa, agora parei, faz duas campanhas que não trabalho mais”*.

Avalia o programa como muito importante e que estimulava a participação das pessoas. O problema, segundo a entrevistada, é que *“as pessoas queriam receber, mas não queriam trabalhar”*, o que gerou muitos conflitos entre seus integrantes. *“Tínhamos que fazer relatórios do que fazíamos, muitos começaram a sair”*. A lógica de quem não cumpria com as obrigações estabelecidas pelo programa era de que o dinheiro vinha do governo. *“Era do imposto que pagavam no pão que compravam na padaria, daí o dinheiro já era seu, não precisava trabalhar porque já era seu”*. Com a mudança de governo, porém, a situação se agravou e a maioria daqueles que ainda estavam no programa saíram, sem ter sido mantido um elo entre os participantes

⁶³ “O Cetap é uma organização sem fins lucrativos, que trabalha pela defesa e garantia de direitos, formação, capacitação e promoção da cidadania. Buscamos estimular o desenvolvimento de uma agricultura sustentável que se orienta nos princípios da agroecologia e protagonismo de quem a realiza.” Disponível em: <<http://www.cetap.org.br/site/quem-somos/>>. Acesso em: 09 set. 2016.

A Ong prestou assessoria ao grupo popular da Vila Entre Rios e fez a mediação com o governo do Estado, produzindo relatórios das atividades e capacitação do Coletivo Urbano, embora atue originalmente com organização e tecnologias alternativas no meio rural, fundamentalmente com tecnologias agroecológicas. Estivemos no Cetap para saber desta experiência e conversamos com um de seus coordenadores. Segundo nos informou, a experiência na Vila foi interessante, faziam reuniões para capacitar e incentivar o grupo, mas quando os recursos financeiros terminaram o coletivo não teve a capacidade de manter-se, o galpão ficou abandonado e foi depredado.

para que continuassem a trabalhar na associação de reciclagem, a qual, efetivamente, nunca funcionou. A partir disso, a estrutura do prédio construído pela Prefeitura foi aos poucos sendo saqueada pelos próprios moradores locais, restando atualmente pouco da infraestrutura construída originariamente (Fotografia 18).

Fotografia 18 – Galpão idealizado para o trabalho da reciclagem na Vila Entre Rios



Fonte: acervo do autor – 10 de julho de 2015.

Depois desta experiência frustrada, Vivian transitou por outras lógicas de trabalho, as quais eram mais voltadas ao mercado e à exploração de sua mão de obra. Trabalhou como funcionária de um frigorífico de carnes, experiência que retrata como tendo sido muito difícil, pois realizava um trabalho confinado a um setor de cortes de carnes, sem poder transitar pela empresa, coisa que não estava acostumada, pois sempre foi muito ativa e gostava de percorrer diferentes lugares. Também trabalhou com registro na carteira profissional em uma empresa de limpeza de condomínios, entre outras atividades que foram realizadas na sequência. Chegou a trabalhar na Usina de reciclagem quando era administrada pela Cootrapaf, além

de executar atividades como recicladora em um pequeno galpão de reciclagem privado na própria Vila em que mora.

Podemos perceber que Vivian teve uma trajetória bastante variada em pouco mais de uma década, participou de um Projeto Social na própria comunidade, o que lhe deu uma capacidade de discernimento político e de direitos sociais na interface com assessorias técnicas alternativas de trabalho e gestão organizacional coletiva. Depois disso se vinculou ao sistema de mercado como funcionária de empresas de grande e pequeno portes, como um frigorífico de carnes e uma reciclagem de “fundo de quintal” na vila onde mora.

Vivian é de uma família de catadores, disse que sua área é essa, gosta de fazer a reciclagem hoje, já trabalhou de diferentes formas como relatado anteriormente, menos de carrinho pela rua. Trabalhou na reciclagem selecionando os materiais em determinados lugares. Seu filho (com 10 anos de idade), que estava próximo de nós, interferiu na conversa para dizer que quando teve uma greve na escola, catou material na rua. Vivian salientou que às vezes ele vai catar mesmo, nas greves e nas férias, é muito esporádico, falou apressadamente, querendo mudar de assunto. Todavia, disse também que não vê problema em os filhos virem a exercer esta atividade no futuro.

Seu irmão é catador de rua e não larga a reciclagem de rua por nada, pois ganha mais de dois mil reais por mês, embora se sinta atualmente bastante cansado em carregar o carrinho pela cidade. Vivian contou-nos que seu atual companheiro, que trabalha numa fábrica multinacional instalada na cidade, pai de seu terceiro filho, confidenciou que pensa em fazer um carrinho para catar nos fins de semana, pois ganha apenas 1.200 reais por mês e está muito “*desacorçoado*”, achando difícil viver apenas com este salário. Atualmente, seu marido faz, além do trabalho regular na empresa, pequenos trabalhos de manutenção e edificação de casas na própria Vila Entre Rios. Neste domingo em que estávamos entrevistando Vivian, ele estava trabalhando numa obra.

No momento da aplicação do questionário, o foco de Vivian, ratificado na entrevista-narrativa, era sair da Recibela logo que fosse chamada para trabalhar na Codepas, no caminhão do lixo, fechando o seu ciclo na Cooperativa,⁶⁴ conforme já

⁶⁴ O regimento da cooperativa define que se um associado sair da Cooperativa por sua iniciativa não poderá mais voltar a trabalhar nela. Essa regra foi criada, segundo Juarez (um dos coordenadores do grupo), porque em momentos de baixa do rendimento muitos cooperados saíam da organização,

salientado. Sentia-se insegura no trabalho e no local em que atuava, mesmo ganhando 1.600 reais por mês, em média, na usina de reciclagem, valor que considerava superior ao que a iniciativa privada paga, *“mas no privado tem carteira assinada”*, afirmava resoluta. Na atual circunstância de vida, começou a valorizar mais o trabalho com registro profissional, pois dessa forma considera ter mais garantias (direitos sociais).

Explica que quando se fica doente e não se pode ir trabalhar na Recibela, perdem-se os dias de trabalho, pois são descontados os dias não trabalhados. Outras questões importantes: ainda não há o gozo remunerado de férias aos cooperados, nem a previsão de pagamento de 13º salário. Isso torna pouco atrativo aos cooperados se manterem na Associação, justifica a entrevistada. *“Aqui não temos direitos nenhum, o Estatuto da Cooperativa é bem rígido, faltou é descontado, duas faltas sem justificativa é eliminado do trabalho”*. Disse que as pessoas estão um pouco desanimadas com o trabalho e inseguras quanto ao futuro da Cooperativa. Afirma que a usina é uma verdadeira *“mina de ouro”*, mas há interesses muito poderosos com vista a tirá-los de lá.

Ficamos sabendo, por intermédio de outros companheiros, que Vivian se desvinculou da Cooperativa tempos depois, embora ainda não tenha sido chamada pela empresa pública de limpeza urbana, mas está trabalhando, com registro na carteira, como servente de limpeza numa escola infantil privada. O que concretiza a sua determinação em ter determinados direitos trabalhistas, embora com salário menor do que os rendimentos que ganhava no sistema cooperativo.

Vivian pondera, dessa forma, o aspecto da liberdade e da autonomia de ser cooperada e faz uma relação com a ausência de direitos sociais que só são providos legalmente no trabalho assalariado na iniciativa privada. Sentia-se insegura em trabalhar na Recibela, já tinha uma experiência inexitosa em outro grupo de catadores e não estava disposta mais em correr o risco de colocar toda a sua força na ideia de desenvolver o trabalho associado.

Com visão política bem demarcada, observa as relações de poder e o jogo de interesses em torno do gerenciamento da usina de reciclagem, como os bloqueios ao grupo que lá está por parte dos poderes públicos, como a falta de investimentos

voltando em momentos subsequentes, de alta dos rendimentos pagos. Isso para Juarez era algo injusto, pois quem ficava “segurava a cooperativa na crise e os outros só trabalhavam quando a coisa ia bem”

na manutenção dos equipamentos de trabalho. Ficou muito desiludida quando a coordenação da Cooperativa cancelou uma viagem que faria para São Paulo, onde participaria de uma manifestação do MNCR na capital paulista. Disse que não deixaram ela ir porque a produção do mês estava longe de atingir a meta e que ela deveria ficar trabalhando para que todos pudessem atingir um melhor rendimento no final do mês e que eventos desta natureza tinham menor importância. Saiu meses depois dessa ocorrência.

Saiu de uma proposta autogestionária de trabalho para ter mais direitos na iniciativa privada, segundo sua determinação e seu ponto de vista. Isso é emblemático e nos fornece subsídios para pensar as próprias noções e capacidades de organizações de fundo cooperativo, seus âmbitos participativos e definições políticas. Provavelmente algumas definições de projetos participativos e autogestionários careçam de propagar o entendimento de definições que digam respeito ao protagonismo dos atores sociais e de suas responsabilidades, mesmo para uma antiga militante política que atuou em projetos sociais e tinha por hábito discutir projetos de governos em campanhas políticas. Vivian, no fundo, evadiu-se de uma trajetória militante de trabalho cooperado e confinou-se, pelo menos por algum tempo, ao trabalho com regras e hierarquias privadas de gestão eminentemente capitalista. Isso talvez explique, de forma ainda bem característica, uma sociedade que se vislumbra por uma estrutura hegemônica de valores que preza a hierarquia e desestimula as capacidades próprias dos trabalhadores.

5.5 “DAR O GIRO”: CREDO RELIGIOSO E RACIONALIDADE ECONÔMICA

Uma casa em construção e um carrinho de reciclagem próximo a ela com muitas garrafas *pets* e plásticos nos chamou muito a atenção quando passávamos por uma rua do Bairro Vera Cruz. Ali certamente morava um catador ou ele estava de passagem recolhendo material pela rua. Paramos naquele lugar para indagar quem era o dono daquele carrinho. Estávamos em uma rua de um bairro popular, de trabalhadores e, depois de algum tempo, ficamos sabendo que determinados lotes de casas daquela rua se constituíam por serem ocupações de terrenos. Estávamos num lugar mais alto da rua e chegando mais perto das casas tivemos a oportunidade de observar que havia outras casas mais abaixo, à beira dos trilhos da via férrea, com casas mais pobres e precárias. A parte alta da rua, onde estávamos, nos

parecia, enfim, ter casas melhores ordenadas e edificadas, inclusive com uma igreja pentecostal muito bem construída na continuidade da área da ocupação.

Ao depararmos-nos com **Vilmar (21)**, 44 anos, solteiro, com uma cuia de chimarrão na mão, fomos avisados que o carrinho do “*recicla*” era dele, que morava ali há 16 anos e que estava construindo a sua própria igreja na parte de cima de sua casa (Fotografia 19). Mora na parte de baixo e como a edificação foi estruturada em um barranco, a futura igreja ficará no nível da rua. Vilmar mora sozinho, mas, às vezes, a divide com conhecidos que vêm trabalhar na sua obra. Também aluga para terceiros uma casa de alvenaria que lhe pertence e localiza-se ao lado da sua, bem como a parte de trás de sua casa, onde se encontram alguns cômodos para aluguel.

Fotografia 19 – Catador e a edificação de sua igreja evangélica



Fonte: acervo do autor – 5 de julho de 2015.

Vilmar foi bastante receptivo, embora, no início, demonstrasse um olhar de curiosidade em relação a nossa presença. Ao explicarmos, em detalhes, a intenção da pesquisa sobre a reciclagem em Passo Fundo, Vilmar se torna mais aberto e pronto para falar sobre suas experiências e trajetórias de vida e trabalho. Também demonstrou disposição no primeiro contato e em colaborar com nosso trabalho e

nos receber para uma entrevista em um momento posterior. Assim, estivemos com Vilmar em duas oportunidades, uma por acaso, na pesquisa exploratória, e outra para realizarmos a entrevista-narrativa no interior do templo que idealiza e “*está construindo aos poucos*”.

O segundo encontro foi tentado por diversas vezes, pois Vilmar nunca se encontrava no local; seus inquilinos sempre diziam que ele estava viajando, estava na cidade de Caxias do Sul trabalhando. Insistimos várias vezes, pois entendíamos que esse trabalhador agregava uma história de vida interessante de mobilidade no trabalho e de diversidade na condução de suas práticas e estratégias de vida.

Vilmar contou-nos que é vendedor de algodão-doce e, em média, consegue 3 mil reais por mês desse negócio, faz todo o processo, da confecção à venda do produto na rua. É desse trabalho que retira a maior margem de seus recursos econômicos. “*O algodão é pra manutenção*”, declara. Além disso, recebe um benefício do INSS por ter se acidentado quando ia para o trabalho, de bicicleta, em Caxias do Sul, ficando bastante manco de uma das pernas. Também destaca os aluguéis que recebe de seus inquilinos e o trabalho da reciclagem. A reciclagem é realizada em horários intermitentes, quando consegue encaixar uma caminhada pelo bairro juntando os materiais recicláveis do lixo doméstico.⁶⁵

Nosso entrevistado veio de Tapejara⁶⁶ ainda bastante jovem; seu pai era agregado numa propriedade rural, mas foi dispensado de suas atividades agrícolas. Instalaram-se na Vila Victor Issler, próximo do lugar em que mora atualmente. Disse que morou ali por 30 anos e sua atividade, basicamente, era na construção civil, já que sempre trabalhou como pedreiro. Conheceu o trabalho com algodão-doce por intermédio de vizinhos e se interessou pelo ofício de produzir algodão-doce, ensacá-lo e vendê-lo pela cidade, principalmente nas vilas populares durante a semana e em parques e festas comunitárias nos finais de semana.⁶⁷ O algodão-doce, nesse

⁶⁵ Um ano depois de nosso contato, ao passarmos em frente à casa de Vilmar, percebemos que sua igreja ainda está em processo de construção, com tijolos novos na frente para serem utilizados na obra. Além disso, avistamos uma placa que diz que compra material reciclado, latas de alumínio e ferro. Acreditamos, dessa forma, que Vilmar também se tornou um pequeno intermediário do ramo de reciclados, adquirindo materiais de catadores e revendendo para empresas maiores.

⁶⁶ Tapejara - município localizado na região Noroeste do Rio Grande do Sul, com população de 19.250 habitantes (IBGE – Censo 2010).

⁶⁷ Segundo nosso entrevistado, para confeccionar 50 algodões doces se leva em média uma hora. É bastante fácil de produzir, segundo o depoimento, “*apenas não se deve deixar faltar o açúcar na máquina*” e ir enrolando num palito a substância sólida proveniente do açúcar aquecido e derretido

sentido, de uma atividade secundária, tornou-se a principal atividade no decorrer do tempo, por diversos fatos e circunstâncias que o levaram a investir mais nesse negócio.

Aos 30 anos, Vilmar mudou-se para Caxias do Sul, porque via nesta possibilidade uma oportunidade diferente na vida, morar em outra cidade perto da companhia de irmãos (os pais já haviam falecido, em Passo Fundo). Em Caxias do Sul, começou a trabalhar na construção civil, sem registro na carteira de trabalho, mas se acidentou num fim de semana quando estava andando de bicicleta pela cidade, foi atropelado por um carro e quebrou a perna, o que lhe deixou com sequelas permanentes. Disse que recebeu a assistência de seu patrão que o registrou como empregado logo que soube do ocorrido. Ele assinou a carteira emergencialmente, o que lhe permitiu acessar a Previdência Social declarando que tinha se acidentado indo para o trabalho. Vilmar ficou 5 anos sem trabalhar, fazendo perícias recorrentes. Ganhou uma soma do seguro de 3 anos que estava acumulada diante da tramitação do pedido de aposentadoria por invalidez. Com este dinheiro, voltou a Passo Fundo e ocupou o terreno onde mora hoje e começou a construir sua casa, que ainda se encontra inacabada na medida em que ampliou sua obra com a intenção de edificar a igreja em cima de sua residência.

Vilmar não pode trabalhar com registro na carteira profissional, porque recebe benefício enquanto aguarda a aposentadoria definitiva, que, segundo ele, está próxima de acontecer. Evangélico, dedicou muito de nossa conversa a louvar a Deus e a todas as oportunidades que recebeu Dele na vida. Fala que não era de Deus antigamente, tinha sido perseguido em Caxias do Sul por causa da mulherada e bebedeiras, gostava de tomar muito vinho. Porém, foi chamado por Deus para construir sua obra e “*ser vitorioso*”, recorda. A reciclagem apareceu, dessa forma, como mais uma possibilidade de trabalho e de usar sua “*sabedoria*” em provento próprio e para a obra de Deus.

O que agrada a Deus é tu fazer o certo. Se tu fizer o certo, tu vai ver um dia a tua vitória. Não adianta tu adquirir de vereda, se não for por Deus, ele cai. Se for por Deus ele vai expandido, né? O que que vai acontecer? Eu vou esperando, eu vou trabalhando. Eu adquiri isso aqui, com vendas de algodão. O recicla eu só montei, porque eu gosto muito, eu vejo eles reciclar e achava bonito, né? Que nem uns que anda de muleta, né? Tem uns que andam de bengalinha e coisurada, eles acham bonito. Mas eu vou dizer

que se torna o “algodão”. O investimento para a compra da máquina é de 1.500 reais, na atualidade, segundo nosso entrevistado (2016).

uma coisa para o Sr., nós achamos bonito, mas olha que Nosso Senhor ouviu que nós use isso, nós é que não quer. Daí eu fui trabalhando, gostando e achei bonito. Achava bonito a reciclagem, né? Daí *“eu vou comprar um carrinho e vou começar a puxar também. Vou ver o valor que ele me dá”*. Não dava muito valor, dava uns duzentos, trezentos. Nunca peguei de quatrocentos reais, porque tem que dar uma baita de uma carga. Tem que reciclar. Mas se tu não tivesse serviço, suponhamos, ele é um valor que vai demorar dias pra ti juntar, vai demorar dias, né? Esse valor vai demorar uns 15 dias, um mês, depende se tu tiver sorte. Daí tu amontoa um montão assim de recicla, tu vai reciclando. Só que esse valor, vamos supor, que ele chegue tudo na hora. Pegar 400 reais se tu não tiver, dá pra te comprar uma sacola, dá pra pagar uma luz, dá pra pagar água. E o que é a minha sabedoria? Eu chego aqui, vem um talão, né? Eu não tenho o dinheiro pra pagar na hora. Eu vou reunir o dinheiro pra pagar. Eu vou cuidar de uma etapa e depois eu vou cuidar a outra etapa. O que tá acontecendo é isso aí. Temos que ampliar as coisas pro sucesso, porque vai vir a prosperidade (Vilmar, catador, 44 anos).

O trabalho na reciclagem, ao certo, embora renda pouco, segundo Vilmar, requalifica e direciona a renda para os objetivos traçados por ele. Divide o que ganha para a manutenção da vida e de seus gastos pessoais, mas tem na reciclagem um fundo de reserva para pequenos pagamentos e para investimento no algodão-doce e na obra da igreja. A lógica do catador, que assume a catação apenas em determinados momentos da semana (um ou dois turnos de trabalho na semana), é atribuir a esta atividade um rendimento que lhe possibilitará dar um *“giro”* em seus negócios e fins. Pontua que a reciclagem o ajuda a pagar algumas contas, porque quando precisa vende o material e tem dinheiro prontamente em mãos, torna-se um fundo de reserva acumulado em sua propriedade. O que sobra do que precisa pagar reinveste nos seus negócios, comprando açúcar para fazer algodão-doce ou um saco de cimento para a obra da igreja.

Vou adquirindo, vou ampliando. Ampliar os negócios é assim, ganhar um saco de cimento [...] o meu tipo de sabedoria é assim, pra conseguir mais coisa [...] eu ganho prum saco de cimento, por exemplo, eu venho aqui e já gasto o saco de cimento. Vamos voltar atrás da minha sabedoria. Por que eu faço isso? Se eu fizer hoje, de pouco em pouco, e já empregar na hora, se eu esperar daqui uns dias, eu de repente gasto o dinheiro. Vai lá e o cimento aumentou. Eu emprego agora, pra gastar, pra quando chegar o relatório da equipe, da obra, ela tá pronta e eu não tô devendo nada [...] eu gosto, como a gente tava comentando do recicle, eu nunca falei pra ninguém, chegou uma carga pra carregar, deu o seu cento e poucos pila. Eu fui lá numa corrida, eu sei girar, eu giro com algodão, tirei do recicle, comprei 3 sacos de cimento. Deu noventa pila. O recicle deu 120, sobrou um pouco, sobrou 30 pila. O que que eu fiz? Sobrou 30 pila, fui lá e comprei um pedaço de carne, dois quilos de açúcar. Tenho sempre pra girar, né? Eu tenho praticamente um giro assim. O algodão eu tenho sempre pra comer, é uma gastronomia assim, todo mundo come. Então não tem como, é um giro que tu sempre vai. Vai girando, vai girando, quando tu vê, tá rico. Mas pra tu ter uma riqueza assim, tu tem que todo o dia, não adianta tu ter um trabalho e não ir (Vilmar, catador, 44 anos).

Para Vilmar, a ideia de sempre dar o giro nos recursos de que dispõe, agregando maior valor ao que acumula, é o registro de sua sapiência, de sua reflexividade mental e estratégica. Dispor de 30 reais do que sobra do dinheiro da reciclagem para comprar mais alguns quilos de açúcar que vai gerar mais dinheiro com a venda de algodão-doce é uma prova de sua “*esperteza e do caminho da vitória*”, com abnegação e retidão aos seus objetivos. Nesse sentido, observamos que a reciclagem não se funda apenas como fenômeno estritamente econômico que será computado na totalidade do que arrecada no mês, em função de um laborioso trânsito pelas cidades, mas se funda como estratégia ao ditar seu próprio ritmo de conquistas e pareceres de sua prosperidade. Embora seja o que lhe dê menor rendimento, tem como rubrica a ideia do dinheiro líquido e certo, em mãos, quando precisa, e do reinvestimento imediato para girar o seu ciclo econômico. Empregar o dinheiro a partir de ideias e no tempo certo de gastá-lo é o que torna a pessoa próspera, segundo sua lógica de atuação.

Se eu ganhar 20 reais na reciclagem ou 30 reais, eu faço multiplicar pra 100 reais, por exemplo, como o sr. observou. Eu comprei 3 sacos de cimento com a reciclagem. Esse valor da reciclagem só aumentou, porque, como eu estou comentando com o Sr., porque eu empreguei, no caso, na matéria prima que vale mais caro. Eu teria que tirar o dinheiro dos algodão, daí eu tiro o dinheiro da reciclagem. Daí eu empreguei numa coisa que ia precisar e não precisou. Tirei da reciclagem. A reciclagem não dá grandes valores, mas se tu valorizar, tem que ter ideia também, né? Ainda dá pra subir na vida e tudo. Eu até acho bonito a reciclagem. Então eu encho um caminhão ali e vendo. Não pego muito, mas o dinheiro que eu pegar ali vai servir pra comprar outros materiais pra subir na vida. Eu acho bonito, mas eu nem comento com os outros, nem todo mundo sabe das ideias que nem eu. Não adianta pegar o dinheiro e não ter ideia. Se tu pegar um pouco e fazer ele render, mais ou menos bastante, tu fica rico. Por exemplo, o dinheiro da reciclagem se não tiver pra manter o meu patrimônio que é barato pra vender algodão, com 5 quilo de açúcar eu faço 50 algodão. Pego 100 plástico, dá 100 algodão e mais os palito. O que quê falta? É só eu ampliar certo. Eu saio ali com 50 algodão e volto com 250. Tiro 30 do recicla, quanto ele subiu? Pra quase 300. É assim que tem que fazer. Assim a pessoa vai subindo! É uma ideia de subir na vida, né. É valorizar o próprio serviço. Ele não dá muito, né? Mas tu junta 30 reais, vamos fazer uma análise, 30 hoje, 30 amanhã, tu vai amontoando e quando vê dá um caminhão (Vilmar, catador, 44 anos).

Atualmente, Vilmar viaja muito nos fins de semana para cidades circunvizinhas de Passo Fundo e outras regiões do estado. Nos fins de semana sai com 50 algodões doce e seu destino são cidades da região, sai pela manhã e volta à noite com o cano que prende os algodões vazio. Quando vai para Caxias do Sul pode ficar vários dias na casa dos irmãos e produzir algodão e vender na região. Disse que os gringos (como são chamadas as pessoas de origem italiana na região

da Serra Gaúcha) são gente boa, gosta de ir nas festas deles, pois eles compram bastante algodão-doce. No verão disse que vai para praia, perto da cidade de Torres-RS, no litoral norte gaúcho, pois também está fazendo uma casa por lá. Disse que vende bastante algodão-doce na praia.

O essencial para este trabalhador é diversificar suas atividades, possui várias formas de renda, seja em aluguéis, pensão por invalidez, venda de algodão-doce e a própria reciclagem. Dar o giro nos negócios parece que se confunde em dar um giro pelos lugares onde transita. Não depender de nada é a fórmula de Vilmar, seja de uma única fonte de renda, seja de um lugar para gerar esta renda. Isso parece ser a lógica de seu percurso variável e permeado de possibilidades, embora construa um templo que lhe dê a referência e diga que em algum lugar a pessoa tem que fixar-se para depositar seu patrimônio e ser um vencedor.

Hoje, graças a Deus, eu agradeço a Deus! Tinha só a roupa do corpo e hoje, não vou dizer que sou rico, mas sou rico em Cristo Jesus. Com saúde, com prosperidade. Creio em Deus, vou vencer a qualquer preço. Porque creio em Deus. Qual é a primeira finalidade que nós vamos dizer? É tu se dedicar a Deus. Crer no Espírito Santo. Não olhar pras pessoas se falam mal de tu. Não interessa a vida das pessoas. Eu sou assim, eu sou de bom coração. Se chegar um lá e me pedir um prato de comida, eu tenho, dou, né? Sirvo a Deus e tenho certeza que Deus vai me ajudar. Tenho certeza que eu vou sair, vou trabalhar e ser vencedor. E pessoas que, primeiramente tem que pensar nos outros. E em nós também. Primeiro em nós e depois nos outros. Mas deixar que Deus trabalhe por nós. Daí eu fui fazendo, fui adquirindo. Olha, com o dinheiro que eu ganhei do governo, por três anos que eles me negaram a perícia, eu ganhei (Vilmar, catador, 30 anos).

A capacidade de organização desse catador, que não é apenas um catador, mas que articula diversas atividades a uma forma de ser, reverbera em sua crença, qualificando todas as suas práticas ao louvor a Deus. Por essa perspectiva, acessa determinadas lógicas que transcendem o sistema econômico, mas que se conjugam a ele, pois ser de Deus e ser vitorioso e próspero torna-se a mesma coisa.⁶⁸

5.6 PRECARIIDADE, TRABALHO E MORADIA

A história de vida de **Eduardo (15)**, 28 anos, traça uma trajetória de cruzamentos muito intensos e circunstanciais determinantes com outros catadores na cidade à medida que percorre diferentes lugares e acessa algumas condições e

⁶⁸ Grande parte dos catadores que tivemos contato são adeptos das igrejas evangélicas pentecostais, conforme tivemos oportunidade de constatar.

possibilidades de trabalho. O entrevistado nasceu em Passo Fundo assim como toda a sua família, que são pessoas tipicamente urbanas, sem ascensão do meio rural.

Encontramos Eduardo pela primeira vez nas imediações do centro da cidade. Ele estava catando materiais em uma lixeira em frente a um conjunto de lojas quando o abordamos para explicar a pesquisa. De início, mostrou-se muito tranquilo e atento a nossa intromissão em sua atividade diária. Nosso encontro ocorreu no meio de uma manhã e Eduardo tinha ainda um extenso dia de trabalho pela frente, porém disse que já tinha entregue um carrinho cheio e que encheria mais aquele antes de ir para casa almoçar.

Falou que começou a catar muito cedo, desde adolescente, quando foi morar com o pai, por um curto período de tempo, na Vila Entre Rios, “do outro lado da cidade” em relação de onde mora atualmente. Explicou que lá existem muitos catadores e duas pequenas empresas de reciclagem que compram diretamente dos catadores (Cláudio e Giro). “*O filho da irmã do meu pai era catador lá e disse pra mim que dava dinheiro catar*”. Por sugestão dessa pessoa, pegou um carrinho no Giro e foi catar.

Antes ainda de assumir o trabalho da catação, fazia muitos biscates, como cortar grama, “*puxar terra*”, etc., para ajudar sua mãe, uma trabalhadora doméstica (faxineira) que ainda mora com ele e sua família. Eduardo é “*ajuntado*”, conforme se define, e reside com sua companheira e o enteado numa casa muito improvisada, edificada com restos de materiais e tapumes de obras, na frente da residência de sua sogra, no Bairro São Cristovão (Fotografias 20 e 21).

Segundo uma vizinha do terreno ao lado, com quem conversamos em outra oportunidade, a situação deles é irregular, “*cortaram até a luz deles*”. Segundo a mesma vizinha, a casa da sogra de Eduardo é de um programa habitacional da Prefeitura que ela invadiu, e, ainda, segundo esta interlocutora, aquela casa era para ser dela, mas “*eles não querem sair, vão ser despejados do local em algum momento*”. A vizinha reclama, entre outros que moram próximos, como pudemos constatar, até mesmo pela própria fala de Eduardo, do depósito de material que se acumula na casa e que invade a calçada e a rua. Esse é um problema para os moradores locais que querem ver afastado o lixo do entorno da casa. “*Queremos asfaltar a rua, mas ela está cheia de entulho da família*”, relata um outro vizinho que ficou curioso com nossa presença e perguntou-nos o que estávamos fazendo ali,

quando nos preparávamos para ir embora depois da entrevista com Eduardo e família.

A vizinha que se diz prejudicada pelo uso da casa pela família de Eduardo também afirma ser catadora, mas, segundo ela, mantém seu pátio limpo. Percebemos nesta senhora, que encontramos no dia seguinte à entrevista, ao fotografarmos a casa de Eduardo, que existe um conflito muito disseminado entre os vizinhos, seja pelo material que depositam na frente da casa, seja pela ocupação da casa em si, pretensamente “invadida” pela sogra de Eduardo, segundo classificou e denunciou.

Fotografia 20 – Vista do material reciclável em via pública na frente da casa do catador



Fonte: acervo do autor – 17 de março de 2016.

De qualquer forma, a família de Eduardo encontra-se numa situação de vulnerabilidade social e carência econômica muito avançada. Quando o visitamos para realizar a entrevista, no meio da tarde, à medida que o tempo ia passando e o sol se pondo, realmente ficamos numa escuridão total no ambiente, ao ponto de não

veremos mais nossos entrevistados, dando por finalizada a entrevista em certo momento.

Fotografia 21 – Casas de catadores de materiais recicláveis



Fonte: acervo do autor – 17 de março de 2016.

Eduardo estava bastante inibido no início da entrevista, era monossilábico, mas depois se “desprende” da timidez e foi mais incisivo em suas ideias e narrativas. Após termos explicado os objetivos da pesquisa, sua mãe, que participou todo o tempo da entrevista, apoiou o filho e foi a mais propositiva na conversa ao falar de forma mais articulada sobre a origem da família e dos percalços que tiveram que enfrentar até o momento atual. Ela dá este depoimento no início de nosso encontro:

[...] quando não tinha trabalho, eu sempre trabalhei de doméstica, ele saía pra juntar papelão pra me ajudar, saía pra carpim. O que aparecia de servicinho, cortar lenha. É o que ele fazia pra me ajudar. Porque muitas vezes eu fui trabalhar, pra ele não passar necessidade, eu cansei de vir lá do centro da cidade, atrás do São Vicente, perto da praça Tamandaré, que eu trabalhava lá, dai eu vinha a pé e passava no supermercado Dorneles pra trocar as minhas passagens por pão, uma mortadela, um suco, pra deixar em casa pra ele. Porque era o que ele jantava e ia comer no outro

dia. E eu quando sentia fome colocava uma pitada de sal na boca e tomava um copo d'água, porque eu ia comer só no outro dia. Passamos muita necessidade e a partir daí ele começou a se empenhar mais em juntar as coisas, a achar um carrinho, assim que foi indo (Mãe do catador, 50 anos).

A mãe de Eduardo, uma mulher de 50 anos, se diz uma mulher bastante doente atualmente. Ela é diabética e entrou diversas vezes em estágio de depressão e agora toma remédios para manter-se equilibrada emocionalmente. Referenda que as coisas começaram a piorar com a morte do pai do filho, pai adotivo, pois o biológico “*não quis saber dele*”, assevera. Esse pai adotivo, já separado da sua mãe, dava tudo o que o Eduardo precisava, nunca se negou em auxiliá-lo, levando, inclusive, para morar com ele em determinado momento. Após sua morte, ficaram sem sua assistência. O pouco que a mãe de Eduardo ganhava dava para manter a casa. Ela trabalhou, além de faxineira, em alguns frigoríficos da região, assim como o próprio Eduardo, seus únicos empregos registrados em carteira foram em frigoríficos e em uma loja de materiais de construção por um curto período de tempo.

Moraram em diversos lugares pagando aluguel ou “*vivendo de favores*”, afirmam. Aconteceram pelo menos dois eventos que impactaram ainda mais a família, um arrombamento com furto de seus pertences numa casa em que moravam e, em outra ocasião, um incêndio de grande monta que consumiu tudo o que tinham dentro de outra casa em que moravam. “*Ficamos só com a roupa do corpo, vivendo na casa de uma vizinha. Eu fazia faxina pra ela e o Eduardo cortava a grama, pintava janela da casa por conta da moradia e da comida que ela nos dava*”, comenta a mãe.

A trajetória de Eduardo configura-se em mudanças constantes de moradias e trabalhos muito precários. Na escola Eduardo não teve muitas chances de concluir o ensino básico; era tratado como “*lixeiro*” pelos colegas e ia para casa chorando e humilhado, dizendo que “*não aguentava mais aquilo*”. Nesse sentido a escola reproduzia o estigma e a desigualdade que sofria no dia a dia catando material na rua, pois em diversos momentos Eduardo refere-se ao olhar de discriminação dos outros quando está trabalhando, catando material na rua. Eduardo sentia na pele o que Jessé Souza (2009) classifica como má-fé institucional das instituições brasileiras que são estruturadas não para resolver o desnível social e promover a autonomia e a dignidade das pessoas, mas sim para reproduzir o *status quo* de uma classe social vulnerável e de vida precária. O que gera mais desigualdades e bloqueia possibilidades de ascensão social de grupos marginalizados, com menor

acesso a bens e possibilidades de trabalho, agindo reativamente muitas vezes, mediante movimentos táticos para sobreviver às condições difíceis.

Embora com o incentivo da mãe para que permanecesse estudando, assim como o apoio de algumas professoras, Eduardo se negou a continuar na escola, “*eu fazia tudo errado*”, assumindo, o que é pior e com efeitos simbólicos perversos e deletérios à pessoa, ou seja, o seu próprio fracasso individual.

O que aprofunda ainda mais as condições de vulnerabilidade social da família é uma doença que Eduardo adquiriu ainda na gestação, que se soma ao iminente estado de depressão da mãe. Eduardo tem uma doença bastante importante e que delimita muito o seu trabalho. Contraiu uma zoonose ainda no ventre da progenitora que o fez ter uma toxoplasmose congênita,⁶⁹ pauperizando sua visão a partir de uma lesão ocular, sem poder usar óculos ou qualquer outro subterfúgio para dirimir a sua dificuldade visual. Sua mãe procurou vários recursos na área da saúde e médicos particulares, mas pouco adiantou, “*não existe tratamento para tal problema*”, reproduziram os diagnósticos dos especialistas. Isso deixa Eduardo “*muito nervoso*”, relata sua mãe, prejudicando a sua concentração no trabalho e nas demais tarefas que executa.

Atualmente Eduardo ingressou em um Programa da Prefeitura de Passo Fundo coordenado pela Secretaria de Cidadania e Assistência Social (SEMCAS) e denominado Programa Apoiar e Comprometer (PAC). Teoricamente, o Programa visa estimular o trabalho de pessoas que se encontram em extrema vulnerabilidade social, principalmente pessoas desempregadas, sem qualificação, que possuem filhos e que já se registraram num dos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) do Município.⁷⁰

⁶⁹ “Toxoplasmose é uma zoonose causada pelo *Toxoplasma gondii* e adquire especial relevância quando atinge a gestante, visto o elevado risco de acometimento fetal. Entre os agravos anatômicos e funcionais decorrentes da toxoplasmose congênita, podem ser descritos restrições de crescimento intrauterino, morte fetal, prematuridade e/ou manifestações clínicas e sequelas como microftalmia, lesões oculares, microcefalia, hidrocefalia, calcificações cerebrais, pneumonite, hepatoesplenomegalia, erupção cutânea e retardo mental”. (BRASIL, Ministério da Saúde, 2010)

⁷⁰ Deparamo-nos com muitos catadores de materiais recicláveis em Passo Fundo que trabalham ou estão trabalhando no PAC. Muitos deles em meio turno no Programa e executam a catação em turno inverso ao trabalho vinculado à Prefeitura. Para acessar o PAC, os bolsistas devem comprometer-se a uma vez por mês participar das reuniões na SEMCAS, além de se apresentarem para os cursos profissionalizantes que são oferecidos. Torna-se uma oportunidade de trabalho e movimentação para os catadores, pois o Programa viabiliza um ganho certo no mês e ainda permite ao catador manter a flexibilidade do trabalho na catação e de outras atividades paralelas. A efetividade do que o Programa promove para o futuro desses trabalhadores, no

Esse programa disponibiliza basicamente um trabalho de meio turno às pessoas, geralmente de limpeza e organização de espaços de responsabilidade da Prefeitura, além de trabalhos manuais em determinados departamentos, bem como manutenção de pontes, produção de materiais para obras da Prefeitura e outros serviços gerais que a administração pública oferece à comunidade. Esse vínculo de trabalho se dá via um contrato por tempo determinado de dois anos que pode ser exercido pelo contratado de forma contínua ou parcelada, mediante as especificidades do contratado, caso consiga um emprego na vigência da ação contratual e queira voltar para o programa depois, se houver vaga. O contratado recebe uma bolsa em dinheiro, um salário-mínimo e uma sacola com gêneros alimentícios, descontada do dinheiro do recurso financeiro da bolsa.

Eduardo já recebeu proposta para sair do PAC, pois o próprio departamento de Assistência Social faz, de tempos em tempos, a mediação com empresas contratantes, geralmente empresas de limpezas terceirizadas pelo Poder Executivo municipal. Disse, porém, que pretende ficar os dois anos no PAC, pois foi difícil conseguir entrar no programa e agora quer usufruir de todo o tempo possível, “*normalmente*”. A função que mais executa no PAC é quebrar pedra na pedreira para produzir brita, para que outros profissionais possam usar no asfaltamento (pavimentação) de ruas e demais obras da Prefeitura. Realiza também a manutenção e construção de pontes no interior do município. Fala que há diversos colegas do PAC que realizam a catação, “*um até leva uma sacola e pega latinha quando encontra nos lugares em que a gente vai*”.

Eduardo gostaria de fazer um curso completo de eletricista, mas ainda não houve disponibilidade de vagas para fazê-lo de forma gratuita via programa. Espera ansioso poder qualificar-se e ter uma profissão. Seu maior objetivo é ter uma “*profissão com carteira registrada*”, reforça a mãe ao lado. Além disso, seu maior desejo é ter uma casa, “*não precisa ser grande, mas uma casa melhorzinha, essa é muito velhinha*”. Pretende com isso ter uma vida melhor. “*Tem que ter mais serviço pro pessoal. Tem uns que nem te olham quando te vê catando. Ninguém veio de cima, os caras têm casa e carro porque se esforçaram*”. Nesse sentido, Eduardo idealiza que, com esforço, conseguirá alcançar seus objetivos. Coloca suas

entanto, é duvidoso. Encerrado o período, os trabalhadores, geralmente, costumam voltar à situação de desemprego ou informalidade.

esperanças nisso, embora já tenha feito muito esforço na vida, assim como sua mãe, sogra e companheira. A lógica é buscar algum elemento tático, reativo a sua condição, no campo das oportunidades exíguas que são criadas pelos outros, para ter a resolução de suas dificuldades e, assim, definitivamente, galgar sua mobilidade social ascendente. O trabalho duro e contínuo não é algo descartado por Eduardo, “*melhor trabalhar assim do que fazer coisa errada por aí*”, salienta nosso entrevistado.

Já fez muitos “biscates”,⁷¹ trabalhou em frigoríficos, ainda faz reciclagem e trabalha no PAC, atende sua mãe doente e suas próprias singularidades físicas, ajuda a sogra (ela também catadora) e auxilia o enteado e divide as despesas com a companheira, que trabalha numa fruteira próxima de casa. A vida de Eduardo segue, suas práticas e idealizações vão com ele de forma integral, trabalho e moradia para ele é algo uno e indivisível, pode promover-lhe a outro patamar de existência e autoestima.

5.7 ENXADA, FIRMA E PARALELEPÍPEDO PARA QUEM OS VÊ

Um carrinho com materiais recicláveis estacionado numa das esquinas mais movimentadas do centro de Passo Fundo enseja pensarmos no trabalho de um catador que deve estar por perto (Fotografia 22). Depois de meia hora, chega **João (14)**, 36 anos, com um saco de material nas costas e o despeja no carrinho estacionado. Em seguida, senta no paralelepípedo e começa a fazer seu lanche. Os prédios altos e o trânsito intenso de veículos e pedestres contrastam com a calma daquele sujeito de meia idade. Idade distribuída entre os trabalhos na lavoura, nas empresas privadas no meio urbano e na rua catando material reciclável, ou seja, com a enxada, nas firmas e sobre os paralelepípedos das ruas, respectivamente.

Talvez João seja uma das figuras mais singelas que encontramos nas ruas de Passo Fundo. De espírito reflexivo, fala dos contrastes de suas experiências nas ruas, do povo mau e bom com o qual mantém contato e da sua luta árdua para viver e ajudar financeiramente o pai e a mãe que moram separados na mesma vila onde João reside, muito próximos da sua casa. Sua mãe, também catadora, foi a primeira a vir para a cidade, ainda quando João era adolescente, visto ter se separado do

⁷¹ Trabalhos ocasionais.

marido e o deixado em sua propriedade rural. Logo depois, João veio para morar com ela e com sua avó na cidade. Na verdade, João ficou indo e vindo entre as casas de seus pais por algum tempo.

De fala mansa e pausada, João conta sobre seus sonhos de ser desenhista e cantor. Autodidata, aprendeu a desenhar e cantar desde a infância, no município de Ciríaco, dividindo o lazer das artes com o trabalho na lavoura. Seu pai e sua mãe eram agregados de propriedades rurais nesta localidade, mas tinham sua casa e terreno próprios.

Em muitos momentos, João fica pensativo, diz que nunca teve oportunidades na vida, sente que tem potencial para exercer outras profissões, “*mas só com a quinta série não tem jeito*”. De qualquer forma, o discernimento das experiências que viveu e vive estão muito afloradas nas suas reflexões. Sabe interpretar as circunstâncias da vida e valorizar tudo o que já passou nos diferentes ambientes com os quais se corresponde. Possui uma linguagem fluente e decidida em seus pontos de vistas, esboçando um senso crítico da sociedade que integra.

João deve ser o mais híbrido dos híbridos sujeitos que localizamos, pois veio do meio rural e diz que ama viver na cidade, conflui os dois ambientes em si e reformula os seus ideais de vida. “*É aqui o meu lugar*”, afirma, muito embora ainda vá para o meio rural, na localidade de David Canabarro, onde tem conhecidos, para trabalhar, por temporada, na lavoura de fumo. Diz estar adaptado à movimentação da cidade e ter sido o primeiro catador na Vila Entre Rios, onde hoje podemos encontrar muitos deles.

Sabe transitar e desenvolver relações, seja no território de trabalho, em seu percurso e nas paradas para comer e descansar, seja no ambiente comunitário, ao selecionar a quem corresponderá sua atenção, pois escolhe seus relacionamentos e evita conflitos, muitas vezes sentado na calçada olhando os prédios que tenta imaginar quem vive neles.

Fotografia 22 – Carrinho do catador estacionado no centro da cidade



Fonte: acervo do autor – 10 de julho de 2015.

Mora perto de uma “*boca de fumo*”, na parte baixa da Vila, às margens do Rio Passo Fundo, onde construiu o seu barraco e pagou o terreno em prestações, “*tudo com o dinheiro da reciclagem*”, esclarece. Seu local de moradia é o mais pobre da vila e o nível de relacionamentos entre as pessoas é incontornável e intenso; porém, em muitos momentos, João diz que se reserva o direito da intimidade de seu pequeno espaço, junto a seu pai, homem já idoso que João trouxe do interior posteriormente, porque não conseguia mais viver sozinho (seu pai tem problema grave de visão, agravado nos últimos anos, ele espera fazer uma cirurgia de catarata em breve pelo Sistema Único de Saúde - SUS). O que nos faz interpretar que a manutenção de certa distância e respeito em relação aos outros moradores da vila é um aspecto fundamental na medida em que as histórias e os fatos da comunidade dizem respeito à intimidade de todos que ali vivem. “*É melhor eu ficar*

no meu canto”, assim não se arranja “*confusão*” (não gosta de citar nome de ninguém, com medo de ser mal interpretado, inclusive por parentes mais próximos). Sempre repete ao contar sobre sua vida e relações desenvolvidas, “...*deixa assim, não vou falar nomes, ...não vem ao caso quem é, ...não me autorizaram a falar isso*”.

Olha, eu vou te dizer uma coisa, vou ser curto e sincero, nem moremo na comunidade, eu e ele [Pai]. Ele fica em casa, quase não enxerga, eu vou catar quando eu saio de tarde. Eu volto, ele me ajuda a descarregar o carrinho. É nós dois, aí. Eu quase não me misturo com o pessoal. A gente passa, conversa, cumprimenta o pessoal. Eu vou dizer uma coisa, a gente tem que... sabe... dizem que uma língua se divide em duas quando é uma cobra... então fica quieto. Então nós sentemo aqui, como nós fizemos hoje. Quando passa alguma coisa na televisão a gente assiste. É melhor ficar quietinho. Senão eu subo lá na mãe, fico lá um pouco (João, catador, 36 anos).

Entre o “*vai e vem*” do meio rural e urbano, João resolveu fixar-se na cidade: “um dia *finquei o pé* e decidi morar de vez na vila e *ter o meu canto*”. Ele trabalhou formalmente duas vezes, numa fábrica de caminhões e numa empresa de limpeza de condomínios e corporações. Não conseguiu adaptar-se como funcionário em nenhuma dessas empresas, pediu “*as contas*” numa e foi demitido na outra, ambas por desentendimento com as lideranças.

Se é pra levar desaforo, vou ser curto e sincero, Passo Fundo, principalmente, eu não trabalhei em outra cidade, mas Passo Fundo não tem pessoas competentes pra lidar com o Ser Humano, eles só querem saber de produção. O Ser Humano não é que nem uma máquina. Tem uma altura que ele cansa e coisa. As vezes te obrigam a fazer coisas que tu não aguenta. As vezes tu te obriga a mandar eles lá pros “*passarinho*”. Então é assim, eu prefiro assim, assim nós ficamos quieto. Como arroz e feijão mas tô feliz assim [refere-se ao trabalho autônomo da reciclagem] (João, catador, 36 anos).

Afirma que o trabalho da catação é difícil, vê muitas coisas na rua, “*coisas que tu nem imagina... as pessoas são muito humilhadas nas ruas*”, porém, “...*a pessoa tem o seu horário e trabalha com liberdade na catação, ganho mais do que se estivesse trabalhando nas empresas que fui funcionário*”. Prefere, dessa forma, trabalhar por conta: “*assim ganho o meu dinheirinho, tenho tudo que preciso, graças a Deus!*” Estabelece contato com a população e produziu vínculos permanentes com algumas pessoas, isso é bastante caro para João, pois se sente mais integrado à vida da cidade. “*Se existem pessoas ruins, que te humilham e te chamam de mendigo, há pessoas boas que é bom conviver. Às vezes fico aqui em baixo com saudades dos meus amigos lá de cima, do centro. Daquele povo de lá*”.

Compara a experiência da catação com as atividades do meio rural (sempre faz esta relação em suas falas). No meio rural trabalhava um a dois dias por semana, ficava “faceiro”, mas depois não tinha mais trabalho para fazer, além de não pagarem tudo o que deviam, “*sempre ficava pra amanhã acertar o resto do combinado*”. Na catação é diferente, resume João: “*quando preciso de algum dinheiro, pego um ‘berg’ e vendo, tenho o dinheiro na mão, aqui se trabalha com maior liberdade, consigo pagar as contas, água e luz, e tenho sempre o que comer, vou na fruteira e eles sempre me dão alguma fruta ou verdura para fazer a comida. Compro um guisado e a boia tá feita*”. Fenômeno esse extremamente emblemático, pois a partir desse registro podemos perceber que se torna mais fácil e menos oneroso economicamente comer na cidade em certas circunstâncias que no meio rural, onde teoricamente poderíamos imaginar que há maior disponibilidade de alimentos sobrando e melhor distribuição de gêneros alimentícios produzidos nas propriedades rurais.

Em certo sentido, João transpassa uma percepção do lugar muito *sui generis* e embasada nas múltiplas experiências que acumula, embora ainda seja relativamente jovem. Compreende os lugares em que transita a partir de uma visão de quem olha de dentro e de fora do círculo de relacionamentos que consubstancia as totalidades dos lugares. João cruza fronteiras todos os dias, fronteiras físicas, morais e valorativas e não se sente totalmente inserido em um lugar, ele sempre vem de fora, transita, instala-se e tem sempre a possibilidade de ir embora, para o seu barraco próximo ao seu Pai. Realmente trata-se de uma condição *sui generis*. E ainda mais: trata-se de uma condição reflexiva e crítica de sua própria condição e dos lugares em que atua. Este sujeito, definitivamente, não pode ser encarado como um ser exclusivamente determinado pela sociedade, como um ser aplacado pela pobreza e vulnerabilidade que lhe dizima a alma e o faz cair em uma vala comum, mas como sujeito que se movimenta em amplos espaços e se reserva a acondicionar-se em alguns deles, da forma que ele entende ser a mais adequada.

Assimilador e crítico das inter-relações em que está inserido, percebe fundamentos, lógicas e contrastes ideológicos entre poderes. Segundo ele, “*as pessoas não conversam, não se entendem*”. Fala do produtivismo exacerbado instalado na sociedade, da arrogância dos poderosos, da cidade de alguns e não de todos, dos que vivem no alto e dos que vivem embaixo, como ele. Nas entrelinhas discute a violência que sente do alto, mas também daqueles que estão no nível de

seu poder, o que nos faz compreender em parte o silêncio de alguns, dos olhares enigmáticos e desconfiados quando entramos na vila ou permanecemos no pátio do João realizando a entrevista.

Assim, segue João, visualmente um catador típico, roupas simples ganhadas de segunda ou terceira mão, mãos sujas e ásperas de mexer no lixo, mas de uma inteligência e de um discernimento crítico incomuns, pois relativiza tudo o que vê, percebe as coisas que estão em jogo, sabe romper as fronteiras no andar e, ao mesmo tempo, recolher-se ao seu pobre casebre tomando um trago com o seu pai à beira da “*sanga*” Passo Fundo, como ironicamente se refere ao rio que considera morto, por sua poluição e descaso da população. Diz estar feliz, apesar da ciência de suas dificuldades. Não idealiza a sua pobreza, não queria viver assim, mas se apega nas suas verdades e confronta os outros, embora se sinta bem quando se integra à sociedade, seja na forma mais singela possível, cumprimentando as pessoas na rua, seja brincando com o agente de trânsito da Prefeitura, quando seu carrinho avança na faixa de segurança dos pedestres e João fala ironicamente para o agente, com certo regozijo, “*pode multar*”.

* * * * *

Ao retratar de forma mais detida determinadas trajetórias de vida de catadores de materiais recicláveis, buscamos descrever inicialmente a diversidade de elementos que compõem as histórias e os motes de ação dos atores sociais envolvidos em um contexto social particular. Relacionados a isso, enfocaremos na sequência as possibilidades de estabelecer elos entre as histórias, pois elas se cruzam e formam a tessitura do espaço social. É muito interessante observar que as trajetórias de sujeitos, os mais diversos ou semelhantes, podem formar um conjunto de ações que condensam múltiplas manifestações e fenômenos sociais na forma de ser e estar em um determinado lugar ou posição.

Aqui, enfim, buscamos um diminuto recorte do espaço social do trabalho de uma categoria funcional que absorve relevância no cenário social atual. Confluímos aspectos que podiam ser vistos antes como dicotômicos, como o mundo rural e o urbano, mas que hoje temos a convicção ainda maior que não fazem parte de uma dualidade, mas sim de conjunto complexo e contínuo da realidade que compõem os sujeitos. Também buscamos avançar na percepção da congruência da relação entre

moradia e trabalho, pois estas devem ser vistas na totalidade de suas relações, dentro das possibilidades e opções de cada ator. Não devemos fatiar os territórios de moradia e vida íntima dos lugares de trabalho e divisão das funções laborais. Entendemos, ao contrário, a realidade em sua complexidade sem sugerir questões estanques que delimitam e depauperam a participação humana em contextos concretos.

Já tivemos a capacidade de perceber que a entrada e a permanência no trabalho da catação se dá por múltiplos fatores, não apenas por necessidade de dinheiro, embora seja importante este quesito na forma imediata em que ele possa estar disponível para ser utilizado. O trabalho da catação e sua continuidade, ou não, também se estabelece dentro de um contexto de mediação no espaço urbano que os atores executam e reivindicam. Além de outros fatores que vão sendo ajustados, seja pela necessidade do cuidado dos filhos ou pelo ideal do trabalho cooperativo que muitos adquirem em diversos momentos de suas histórias e experiências variadas de vida.

O pequeno mosaico de situações que buscamos enquadrar aqui, embora diminuto, já nos serve para relacionar diferenças disposicionais que repercutem nas trajetórias dos atores de forma impactante e diversa, pois nem todas as influências que os indivíduos ameam de suas experiências são acionadas ao mesmo tempo e de forma homogênea, como referenda Lahire (2001). Uma catadora mulher, de meia idade, viúva, que na sua infância foi abandonada pelos pais, sem nenhum tipo de trabalho formal cooperativado, pode lançar suas práticas, por exemplo, dentro de uma noção objetiva e voltada a atingir determinados fins que agreguem valores na mais tenra responsabilidade com outros indivíduos que dependem dela, pois nem tudo está determinado de forma homogênea e infalível. As relações são complexas e não são produzidas dentro de uma lógica de causa e efeito. Há que se ter sempre a abertura para entender os processos de socialização e resistências ao buscar refinar o mais que possível os atributos sociais e subjetivos de atores que se inscrevem em nosso campo de visão.

O caráter atitudinal presente, por sua vez, enseja parâmetros para novos processos de escolhas e possibilidades que se criam nos âmbitos dos contextos e relações que são instituídas. Da mesma forma vale para outros indivíduos, semelhantes e diferentes às características aqui frisadas. Ou seja, o enredo e as confabulações, contextuais e disposicionais, respectivamente, são construções

tramadas entre sujeitos em suas práticas relacionais e constituições operativas e ideais, sem certezas absolutas do encadeamento das ações.

Nesse sentido, buscamos pintar nosso mosaico trazendo elementos relacionados e diversos que se coadunam nos atores concretos que destacamos, como a origem social (rural ou urbana, às vezes mista), sexo, geração etária, formas de trabalho que cada um conhece, formas de moradia, relacionamentos familiares, etc. para que sejam componentes objetivos expressos nas ações possíveis entre os diferentes.

Por nossa parte, sinalizamos aqui que há toda uma trama de linhas que se cruzam e vão montando um *socius* que ainda será preciso conhecer melhor. No próximo capítulo buscamos aprofundar a análise relacionando de forma mais estreita os atores e questionar aquilo que possa concatenar práticas ao percebermos talvez certas generalizações nesse “oceano revolto” de disposições e aptidões que cada ator reverbera em sua relação com o outro. Vamos continuar construindo nossa análise a partir de determinados padrões descritivos para focar as realidades dos catadores que se fazem atores urbanos relacionados a um espaço em permanente mutação, porém sem esquecer de interpretar o conjunto dessas disposições e algumas tendências relacionais.

6 NAS TRAMAS URBANAS E CONJUNÇÕES DAS DISPOSIÇÕES

É certo que tratar o trabalho supõe discutir as questões em pauta atualmente: o encolhimento dos empregos e o desemprego, a desmontagem das regulações do trabalho e os percursos do trabalho precário, o trabalho incerto e o estreitamento dos horizontes de futuro. O que importa, porém, é colocar em evidência as práticas e as mediações. E aprender a nervura própria do campo social (TELLES, 2006, p. 87).

Este capítulo começa com a citação de Telles visando endossar mais uma vez a proposta fundamental desse trabalho. Atribuímos a este capítulo parte fundamental de nossa investigação, espaço que desencadeia ligações importantes entre a teoria e o teor empírico que construímos, pois dá ao levantamento e à análise das informações a projeção de referendar um arcabouço contextual amplo e focado a respeito da realidade e do conjunto de atores que servem de objeto de investigação. Filiamo-nos à constituição teórica de Telles ao tratar da dimensão do trabalho dentro das práticas e das mediações desenvolvidas pelos atores sociais que lhes dão certa coesão e totalidade em seus movimentos. Assim, acreditamos não isolar o fenômeno trabalho de outras dimensões e adaptações humanas; outrossim, tratar realmente das trajetórias e dos ajustamentos que fazem os indivíduos se tornarem atores sociais no campo de relações em que participam.

Dessa forma, este capítulo, assim com o anterior, tem como dimensão o vivido. As relações sociais aqui salientadas emolduram as franjas e a centralidade das ações desenvolvidas nas redes que conectam sujeitos a partir de suas experiências de vida permeadas de sentidos e identificações. Com o auxílio da perspectiva teórica de Castells (1999), partimos do pressuposto que o espaço urbano e regional se conecta a uma rede de encaminhamentos, interesses e ações que dizem respeito à dimensão globalizante de relacionamentos e negócios. Por outra parte, esta mesma dimensão local faz a mediação em relação a outros espaços mais circunscritos da realidade social, espaços amparados por ações mais imediatas e próximas dos indivíduos, podendo ser aqui representados pelo ambiente da casa, de uma certa base de sustentação que enlaçam a intimidade familiar e comunal dos sujeitos. Por nossa ênfase, esse espaço íntimo será aqui tratado como horizonte fundamental das práticas, em que se busca perceber de forma concreta a ação dos atores fazendo o dia a dia, aquilo que, de certa forma, consubstancia suas experiências e os posicionam diante dos obstáculos e das possibilidades que

encontram para criar e se fundamentarem frente às relações sociais que desenvolvem.

Frisa-se, enfim, o espaço local e as diferentes formas que os sujeitos conjugam para viver e agir contornando as providências do cotidiano e que dizem respeito às lógicas sociais da integração, da estratégia e da subjetivação (DUBET, 1994), bem como da iniciativa tática do sujeito comum (CERTEAU, 1998) e de suas disposições sociais (LAHIRE, 2001) repletas de tensões adquiridas ao longo das experiências que confabulam jeitos de ser e estar em sociedade.

Na primeira seção, *5.1 Processos de ajustamentos e mediações*, abarcamos os processos de inserção dos sujeitos em seus locais de vida cotidiana e trabalho. Ou seja, a consubstanciação dos elementos que vão condicionando e sendo condicionados no espaço ao fazer adaptações e assimilações no ambiente em que se inserem serão tratados. Para isso, a casa, as rotinas no espaço comunitário e os pactos realizados serão aqui enfatizados, possibilitando-nos identificar os horizontes associativos primários e os lastros relacionais que se imbricam para que haja certa reciprocidade entre indivíduos em diferentes e semelhantes momentos de suas ligações. Assim também será discutido o caráter da importância dos aspectos conectivos entre trabalho e vida cotidiana, elencando o espaço da rua e dos contatos construídos nos percursos pela cidade.

No ponto seguinte, *5.2 Vai indo, vai indo – movimento como recurso constante e totalizante*, estabelecemos de forma mais enfática uma relação entre trabalho e os aportes estratégicos e táticos dos catadores, buscando demonstrar a necessidade de mobilidade espacial por parte desses sujeitos na medida em que visam interceder na sociedade em função de seu trabalho e das formas e visões que detêm. Assim, a possibilidade do movimento espacial e o permanente foco em busca de oportunidades e recursos a serem explorados pelos próprios trabalhadores serão discutidos nesta sessão a partir das lógicas e responsabilidades configuradas cultural e subjetivamente, nas quais se processam pactos associativos e individualizações racionalizadas por parte dos atores que agem no espaço do lugar.

6.1 PROCESSOS DE AJUSTAMENTOS E MEDIAÇÕES

Seguindo as trajetórias dos entrevistados, algo que se torna saliente são as movimentações migratórias por eles realizadas. Seja no sentido mais clássico da

ação, das movimentações que concernem ao abandono definitivo do meio rural em direção à cidade ou de cidade para cidade, sejam aquelas em caráter temporário ou por tempo indeterminado, relacionadas a vínculos transitórios ou estágios delimitados pelo emprego de trabalho, por meio das possibilidades vislumbradas pelos trabalhadores em suas inserções em um determinado espaço social de atividades. O processo de retorno ao ambiente rural não é nada desprezível a partir dos exemplos que tivemos oportunidade de constatar, principalmente aqueles que não dissolveram vínculos sociais nesse ambiente e, com certa frequência, transitam pelo espaço urbano e rural executando trabalhos esporádicos e intermitentes ao longo de suas trajetórias laborais.

No contexto pesquisado, as possibilidades de mudanças e movimentos estão relativamente abertas para serem pensadas e aproveitadas pelos atores, independentemente da origem e condição socioeconômica do indivíduo. Alguns aspectos chamam a atenção no que se refere às motivações migratórias relacionadas ao público que pesquisamos. São muito fortes os desenlaces das famílias que se encontram no meio rural e que se dirigem à cidade provocadas pela falta de emprego ou insustentabilidade econômica da propriedade rural a que estavam vinculados. É visível o fenômeno que retratamos no Capítulo 4, relacionado à insustentabilidade dos padrões de trabalho tradicional no campo à medida que novos padrões tecnológicos foram universalizados e as lógicas do mercado foram estendidas e canalizadas para uma maior produtividade agrícola com ênfase na monocultura produtiva. Muitas decisões para que a vida do campo fosse abandonada dizem respeito, assim, às mudanças introduzidas na produção agrícola a partir dos novos padrões tecnológicos e à insuficiência de competitividade dos pequenos agricultores em relação aos grandes empresários rurais, principalmente àqueles que dependiam das lavouras diversificadas para seu próprio abastecimento de gêneros alimentícios e comercialização da produção em moldes da pequena propriedade.

Alguns dos entrevistados, inclusive, denunciaram que sofreram pressões oriundas das ameaças de violência por parte de outros proprietários rurais para que deixassem suas terras para que elas fossem incorporadas às suas. “*Eram verdadeiros bandidos*”, relata um de nossos entrevistados que foi expulso de suas terras junto com sua família quando ainda era adolescente. Tais violências nada mais são do que os efeitos de uma outra lógica do uso do solo rural e da

supervalorização de cunho extensivo e capitalista da produção agrícola. A condição de vida no campo, nesse sentido, torna-se extremamente incerta pela instalação de um novo arcabouço tecnológico e empreendedor no campo, aliado a isso a aviltante e desigual disputa pelo poder no espaço rural e pela falta de sustentabilidade comercial da produção e do consumo dos pequenos agricultores locais.⁷²

A migração, no entanto, pode ser explicada também por outros motivos, embora relacionados a esses. O que nos chamou muito a atenção foi a procura por assistência à saúde por parte de nossos entrevistados, oriundos de outros estados, inclusive. Alguns demarcaram suas movimentações para a cidade pela possibilidade de estarem melhor assistidos por serviços de saúde em Passo Fundo. É muito marcante este aspecto nas falas dos pesquisados em função do adoecimento de algum parente que, em um determinado momento, necessitou de atendimento médico de forma mais intensiva e recorrente. A moradia em pequenas cidades ou meio rural e, conseqüentemente, a vinda a Passo Fundo de forma sistemática para tratamento de saúde torna-se um fator que leva muitos indivíduos a se fixarem definitivamente na cidade. Esse fenômeno diz mais respeito àqueles que se encontram há mais tempo em Passo Fundo, o que pode sugerir a falta de políticas e afluência à assistência médica em tempos pretéritos no meio rural ou a falta de serviços de transporte que possibilitassem dar acesso a este público aos atendimentos médicos em centros urbanos especializados.⁷³

A migração rural-urbano, porém, como mencionamos, não é algo de mão única, campo-cidade. Isso também está disposto nos exemplos derivados de nossos informantes. Algumas tentativas de retorno ao meio rural e sua subsequente desistência e definitivo retorno à cidade foram apontadas. Principalmente para aqueles que ainda possuem referências culturais e disposições sociais voltadas para o ambiente rural, possuindo, inclusive, parentes e conhecidos no interior de alguma cidade próxima à Passo Fundo. Há também aqueles que não possuem nenhuma referência com o meio rural, mas podem desenvolver alguma atividade nas lavouras,

⁷² Cabe lembrar que o Norte do estado do RS, da qual a região de Passo Fundo faz parte, é o berço de muitos conflitos rurais, envolvendo não apenas proprietários e trabalhadores rurais sem-terra, mas uma gama de outros atores sociais como indígenas, comunidades quilombolas e atingidos por barragens, o que torna este meio bastante complexo e cheio de nuances políticas, econômicas e culturais em seu desenvolvimento histórico (RÜCKERT, 1997; TEDESCO, CARINI, 2010).

⁷³ Passo Fundo tornou-se já alguns anos um dos principais polos de atendimento médico do RS, inclusive com cursos universitários de medicina instaurados no município, sendo uma cidade atrativa de imigrantes que buscam atendimento médico nas diversas especialidades que o complexo de saúde local disponibiliza.

como carregador de cereais em caminhões, transportador agrícola ou, até mesmo, trabalhando na colheita e beneficiando produtos sazonais em meio a outros trabalhadores que se caracterizam como mão de obra barata. Geralmente esses trabalhadores, homens e mulheres, são recrutados na cidade na forma de “empreitada de trabalho”, o que torna essa uma opção de atividade laboral àqueles que transitam pela cidade à procura de emprego.

Tivemos oportunidade de conhecer uma dupla de catadores (25 e 30 anos) que trabalhava juntos nas ruas da cidade. Identificamos um deles, o mais velho, como um típico imigrante de origem rural que veio para a cidade há poucos anos sem nenhum suporte material ou contato prévio para instalar-se na cidade. Esse sujeito, o mais propositivo para conversar e responder nossos questionamentos, está em Passo Fundo há 4 anos, possui um semblante realmente muito marcado pelo trabalho no meio rural, com chapéu de palha e linguagem muito própria do homem rural, diferente de seu companheiro que possui traços muito mais próprios de um jovem citadino da periferia, com boné, óculos escuros e roupas coloridas, ao estilo *funk* de alguns jovens moradores de bairros populares urbanos atuais (Fotografia 23). O que possui características de trabalhador rural contou-nos que, realmente, veio do interior e está morando na rua, junto com seu companheiro de trabalho. Disse que executam a catação de forma parcial, pois declara que conseguem exercer algumas atividades fora da reciclagem, como cortar grama em ambientes domésticos e executar pequenos serviços quando demandados pelas pessoas que os conhecem ou os veem passar com o carrinho de reciclagem. Disseram que não possuem um ponto fixo para dormir ou descansar, ou seja, podem ser definidos como nômades urbanos. Declararam que quando cansam param o carrinho para descansar na companhia de seus cachorros que são seus “*cães de guarda*”, pois os protegem durante a noite de qualquer eventual ataque que possam sofrer de pessoas desconhecidas que os repelem e querem distância de suas presenças, particularmente, pelo modo de vida que possuem, fora do padrão sedentário da maioria da população.⁷⁴

⁷⁴ Magni (2006), “*Nomadismo Urbano: uma etnografia sobre moradores de rua em Porto Alegre*”, faz um excelente relato de sua experiência de pesquisa junto a moradores de rua na cidade de Porto Alegre. A autora teve a oportunidade de conviver por vários meses com grupos de moradores de rua, em seus ambientes de moradia (acampamentos) e compreender seus modos de vida e sobrevivências. Cabe o destaque das diferentes facetas, dos traumas e processos cotidianos atrelados à vida na cidade de Porto Alegre e como esses nômades se identificam e promovem suas formas de relações. Em nosso trabalho deparamo-nos com alguns nômades urbanos

Revela, ainda, o mais velho, que veio para Passo Fundo quando “*perdeu a mãe*” (por seu falecimento). Quis tentar a vida em outro lugar, deixando tudo para trás, inclusive a companhia da filha. Já trabalhou como pedreiro, borracheiro e soldador em outra cidade em que morava. Falou que o bom da sua forma de trabalho atual é o fato de não precisar ser mandado por ninguém: “*não tenho chefe*”, declara taxativamente. Além disso, acham coisas boas no lixo para usar e vender. Ganhavam, cada um, 200 reais em média por mês na catação (abril – 2015). Encontramos os dois catadores em um bairro eminentemente residencial, bebiam cachaça no gargalo de uma garrafa, mas não se encontravam embriagados. Não se demonstraram invadidos no seu cotidiano, muito menos preocupados com perguntas que fazíamos, pelo menos aparentemente.

Fotografia 23 – Catadores de materiais recicláveis moradores de rua



Fonte: acervo do autor – 13 de abril de 2015.

realizando o trabalho da reciclagem, embora não tenha sido especificamente o objeto de nossa pesquisa, o que demonstra a heterogeneidade dos catadores na cidade de Passo Fundo, pois o público pesquisado se amplifica, desde o morador de rua mais precarizado, alguns dependentes do uso de drogas ao catador mais formalizado, direcionado ao empreendimento da catação e de aprimoramento de suas técnicas de trabalho.

A bandeira do Brasil fixada e estampada no carrinho tornou-se emblemática à nossa percepção, questão referencial para os sujeitos que, de alguma forma, buscam integrar-se a uma sociedade e empenhar suas ações dentro de uma lógica de trabalho que os condicione a buscar certa liberdade, manifestando suas diferenças entre si e entre o público com que estabelecem contato de forma sistemática e eventual pelas ruas da cidade.

O pêndulo que balança para o lado do acolhimento dessas pessoas na sociedade, explorando sua mão de obra barata e informal, é o mesmo que vai ao extremo oposto, que os repudia, que os isola, condição que os afeta e que os faz buscar defender-se da violência física e moral que sofrem. Tais fenômenos são a base para que os sujeitos racionalizem suas práticas visando sua preservação, sejam táticas, utilizando a afetividade dos animais que os seguem e os protegem durante à noite, sejam estratégicas, rompendo vínculos de mando e submissão. Ao mesmo tempo, de forma independente, também estampam a bandeira brasileira no carrinho com o qual trabalham e, assim, poder dizer, de forma consciente ou inconsciente, que também são brasileiros, que fazem parte do conjunto da nação, que são cidadãos com direitos, iguais a todos os outros.

Ao estarem em sintonia e serem propositivos em suas ações e reações, permitem-nos pensá-las como formas de resistências e de um jeito próprio de fazer as coisas que são demandadas a eles. A dualidade da vida desse exemplo mostra-se muito forte, uma vez que esses atores estão em trânsito permanente, por isso se utilizam de ações pontuais que sinalizam suas posições. Perpassam a cidade, mostram-se visíveis e ativos, organizam ações de proteção e afluência nos espaços públicos. Esses são contornos imediatos e intensos ao elaborarem mecanismos visíveis no cuidado de si e de seu próximo, às vezes aceitando o amparo de alguém que usa sua mão de obra no espaço de negociação concreta; em outros casos, eles mesmos repudiam os hábitos que querem imputar-lhes, não respeitando as lógicas formais do trabalho. E rechaçam o ordenamento, colocando-se em marcha e distanciando-se em relação a parâmetros hierárquicos de poder e aos mecanismos normativos do trabalho formal.

A exemplo desses catadores, migrantes na/da cidade de Passo Fundo, condicionados por questões estruturais e circunstanciais, sem nenhuma dessas dimensões eliminar a outra, revelam posteriormente as condições de mediações e ajustamentos que lhes permitem de algum modo se fixarem na cidade. Os apoios e

as configurações de ajuda mútua serão, em suas trajetórias, fundamentais para que incorporem algumas dinâmicas dos lugares em que adquirem a oportunidade de estabelecer-se ou apenas transitar. Conforme pudemos observar, nenhum lugar é definitivo, principalmente nos primeiros anos da chegada dos imigrantes que investem na mobilidade espacial. Determinadas acomodações de fixação levarão algum tempo para serem definitivas ou, até mesmo, nunca se revelarem permanentes, embora fundamentais para ampliação dos horizontes e percepções das oportunidades oferecidas, entre as quais a catação de materiais recicláveis torna-se um anteparo importante, seja de ganho econômico ou como simples forma de circulação pelas ruas da cidade e apreensão de outras oportunidades.

6.1.1 Espaço da casa e primeiros horizontes associativos

Os fenômenos que Durham (1984) aponta em seu trabalho *A caminho da cidade* retratam o processo de saída e chegada do imigrante a São Paulo em busca de uma nova condição de vida no meio urbano. A antropóloga constrói sua linha de pesquisa com esse ator social dando contornos específicos a respeito da condição do imigrante ao buscar compreender os processos que o leva a mobilizar-se e a realizar os ajustamentos necessários para o seu vínculo permanente na cidade. Ao estender sua reflexão aos diversos âmbitos de vida do imigrante, Durham observa os primeiros contatos concretos dos imigrantes e suas confabulações provisórias no ambiente de chegada ao centro urbano. Trata de forma muito enfática os movimentos das famílias e os processos de aquisição de moradias no novo ambiente que os imigrantes acessam nos seus deslocamentos, inclusive enfatizando os contatos estabelecidos, a ordem de chegada do núcleo familiar e os apoios estabelecidos entre gerações na cidade.

Transcende, dessa forma, a uma análise muito específica a respeito da imigração e das novas condições de trabalho que determinados sujeitos encontram ao realizarem essa mudança, pois vai além dos aspectos eminentemente macroestruturais e da condição de acolhida no trabalho dessa nova mão de obra de São Paulo, nas décadas de 60, 70 e 80. A órbita da família e das lógicas de integração ao novo espaço social são pontos fundamentais em sua análise, ao relacionar aspectos de moradia e relacionamentos que os imigrantes devem constituir para se manterem no espaço de destino. Espaço que reivindicam como

novo aporte de vida, deixando relativamente para trás um modo de vida tradicional voltado ao trabalho no meio rural.

O que percebemos em nosso campo de observação, seguindo as pegadas impressas por Durham, são os processos de ajustamentos que podem tornar-se inesgotáveis. As adaptações, nesse sentido, perduram por gerações e não dizem respeito apenas a quem chega do campo para a cidade. É um processo que se torna intra e extrafamiliar que se revigora constantemente à medida que as adaptações devem ser refeitas conforme se sente a necessidade de agir diante das permanentes transformações intrínsecas à própria sociedade.

Eventos como o aumento do número de componentes da família e dos níveis de responsabilidade que cada membro adquire perante o outro, a necessidade de deslocar-se na cidade em busca de moradia, os conflitos na comunidade diante da violência do tráfico de drogas, as dificuldades para conseguir trabalho e adaptar-se a ele, principalmente quando o trabalho é autônomo e depende das capacidades dos indivíduos de implementá-lo nos espaços da casa e com outras pessoas que possui afinidade, são algumas condições particulares e cruzadas que remetem os indivíduos a se reorganizarem constantemente. A chegada no novo lugar, particularmente para quem vem de longe, é sempre algo difícil. Essa dificuldade se intensifica para quem vem de tradições familiares ligadas à origem rural e vai dividir um espaço numa vila popular, onde as *“casas são tudo perto”*, como afirmou um entrevistado, onde *“há muito barulho”*, como diz outro. O que denota outra estrutura de intimidade e de relacionamentos, de maior proximidade entre estranhos, com os quais nem todos os imigrantes estarão afeitos e em condições para assimilar rapidamente as mudanças. Diferentemente das relações de vizinhanças no meio rural que estão mais vinculadas a uma separação espacial das moradias e um nível de relação mais voltada à dimensão homogênea do trabalho integrado de produção agrícola e seus desdobramentos.

Assim como Durham, observamos o quanto é decisiva a ajuda de um parente para acomodar aquele que vem de outro lugar a Passo Fundo, seja do meio rural ou de outra parte da cidade. Receber alguém com quem se tem laços de afinidade parental é uma forma de conduta decisiva e reflete, de alguma forma, uma obrigação moral por parte do acolhedor. O que revela, mediante o que nos foi relatado, uma ajuda inestimável daquele que está estabelecido e que tem a melhor desenvoltura no momento para acomodar o outro que quer estabelecer-se. Cada momento de

acolhida é único. Se antes havia mais espaço e áreas devolutas que poderiam ser ocupadas pelos imigrantes em algumas cidades brasileiras, podendo, inclusive, serem saudados para fazerem parte da sociedade que os recebia e os direcionava a cumprir determinadas atividades essenciais, em outro momento os cruzamentos das fronteiras podem ser mais restritivos e difíceis para quem chega e quer colocar-se no espaço de destino.

Acolher, por sua vez, também marca a possibilidade de ser acolhido diante das novas confabulações de ajudas e amparos que possam ser necessárias numa relação de insegurança em sociedades de aceleradas transformações e carências materiais e de trabalho. Em geral, as relações se dão pela confabulação de responsabilidades e de trocas que são estabelecidas no rol das necessidades de cada um. A assistência e a reciprocidade, dessa forma, podem servir como componente duradouro dos que dividirão o espaço comunitário ao longo da vida. Conforme retrata Fonseca (1995), a própria “adoção” dos filhos do outro, em momentos de dificuldades de uma das partes, torna-se um lastro de vinculação duradoura entre famílias e servirá para estabelecer referenciais de proximidade para o contínuo das relações de vizinhança e afetividade. O que possibilita um maior aporte de garantias a cada um, diminuindo de algum modo as inseguranças e incertezas futuras à medida que os vínculos sociais se estruturam pela relação familiar e de compadrio entre sujeitos.

Os vínculos mais duradouros são aqueles que denotam maior relação de afeto e construção em um ambiente de respeito de um com o outro. Enfim, acolher o outro, ou até mesmo criar os filhos do vizinho, do amigo, do próprio filho, são componentes que arregimentam uma desenvoltura de mediação no espaço social que se levará para o resto da vida, inclusive sendo imputadas responsabilidades entre as partes e lógicas estendidas de reciprocidades.

Esse processo de mediação, a partir dos dispositivos variados que ele dinamiza, não se dá, todavia, fora de uma certa dubiedade das relações de poderes, pois não há harmonia perfeita que dê conta das próprias contradições e diferenças entre os indivíduos vivendo em relações de proximidades (BRITES, 2000; FONSECA, 2000). Sempre poderemos perceber o jogo de forças e status de poder no interior das relações, sejam elas em quais âmbitos forem configuradas e desenvolvidas e que deem determinado nível de importância aos atores em seus graus de influências e participações.

Em relação aos catadores, observamos o âmbito do trabalho como uma das formas lógicas de acolhimento e que se relaciona com todas as outras que possam ser criadas. Ou seja, o trabalho é também um componente derivativo das mediações locais informais e de apoios mútuos. Em muitos espaços sociais, principalmente em comunidades que se formam a partir de laços de afinidades, a proximidade física entre casas e pessoas é bastante estreita e a catação é uma alternativa e uma forma de trabalho a ser aprendida nas relações de vizinhanças ou no contato entre parentes e amigos que já executam eventualmente tal atividade. É muito comum ver alguns locais com forte vínculo de trabalho na catação, verdadeiras zonas francas de recicladores, embora haja, igualmente, locais de moradias isoladas de catadores em Passo Fundo. Geralmente as pessoas observam o trabalho do outro, as rotinas do dia a dia para adequar-se e ajustar as suas próprias condições de vida, que são, em muitos aspectos, análogas a outros sujeitos que dividem o espaço da casa ou da comunidade.

Todavia, segundo alguns depoimentos, a inserção no trabalho na catação não é algo fácil, pois depende em algum momento do desprendimento das pessoas em aceitar a trabalhar “juntando lixo”. É muito mais fácil a aceitação de trabalhar dessa forma quando se é socializado a esta profissão em tenra idade, junto com os pais, e os exemplos quanto a isso são muito variados. Alguns de nossos entrevistados disseram sofrer uma fase de adaptação para assumir a catação na rua, pois se sentiam envergonhados de juntar material do lixo, escondendo-se de conhecidos quando exerciam a atividade na rua, próximo da comunidade em que vivem. O depoimento a seguir é bem enfático nesse sentido:

[...] daí a minha mãe disse: *porque tu não vai juntar um papel, faz um carrinho, no momento vai de saco, vai de saco, junta alumínio, latinha*. Daí eu disse: *mãe, mas isso ai fica feio, vim da onde, de onde eu tava, passei por tanta dificuldade depois que eu me casei, passei por tanta coisa e mudei a minha vida e agora voltar do zero de novo*. Daí ela disse: *mas minha fia, nunca é tarde pra recomeçar*. A mãe... daí pensei aquela noite, a noite toda. E disse: *sabe que é verdade*. Daí comecei a catar, e fui gostando. Nos primeiros dias eu olhava pra ver se não enxergava o pessoal meu, né. Mas agora, sou a pior lixeira que tem [risos]. E continuo até agora. Quando vejo agora latinha, onde a gente achar, tudo a gente traz (Soraia, catadora, 60 anos).

Em muitos momentos, pelas severas necessidades de manutenção da família e pelos contatos com outros catadores nas comunidades ou nos diferentes espaços da cidade, determinados sujeitos tomam a decisão de viverem da catação, pelo

menos de forma parcial ou por um período específico, à medida que observam que outras pessoas vivem desse trabalho de forma independente e com a certeza de que obterão rendimentos a partir dessa atividade.

Em verdade, a catação transforma-se para alguns, em certo sentido, numa referência de trabalho e geração de renda, uma vez que necessitam acionar essa atividade para reverter um quadro de dificuldade econômica momentâneo. Para outros, a catação torna-se trabalho permanente à medida que os catadores investem na atividade, produzem conhecimentos aplicados ao que fazem e organizam seus horários e outras atividades que executam paralelamente, porém dando prioridade à catação.

Nesse sentido, Soraia afirma:

Hoje estou trabalhando numa empresa de limpeza, a Serviplan, que faz serviço pra Prefeitura, mas o meu carrinho está ali, olha ele ali... caso um dia precise, vou catar na rua de novo. A minha neta pede para ir catar comigo, adora sair comigo, mas agora só tenho o fim de semana para cuidar da casa e descansar. Mas se um dia eu precisar, volto pra catação (Soraia, catadora, 60 anos).

Em consonância a isso, essa atividade torna-se uma forma de trabalho mais imediata para quem chega a um determinado lugar para morar e não tem definida a atividade que exercerá, nem colocação adequada para isso. A catação, inclusive, é ação estratégica para quem precisa ou quer maior mobilidade espacial, trocando lugares de moradia constantemente.⁷⁵ A catação é um mote à flexibilidade do movimento e da apreensão das oportunidades que determinados sujeitos podem deslumbrar ao ter acesso a outras regiões da cidade, pois nunca estará desamparado totalmente de qualquer função ou atividade com a catação, podendo desenvolver a atividade em qualquer momento como fonte para conseguir algum recurso econômico visando sua manutenção. A catação, nessa perspectiva, é maleável e pode ser executada praticamente em qualquer lugar em que a pessoa se encontre. Ou seja, a atividade acompanha o indivíduo para todos os lugares em que vá, torna-se um salvo-conduto a quem está sempre em trânsito ou necessita deslocar-se para outro local de moradia.

⁷⁵ Já sugerimos neste trabalho a importância do movimento e da mobilidade de sujeitos que se encontram de certo modo vulneráveis socialmente, embora não haja homogeneidade no movimento, nem nas formas de atuação nos trânsitos pela cidade. Esse aspecto será retomado e aprofundado ainda neste capítulo.

Segundo um de nossos contatos, “*não é tu que procura a reciclagem, é a reciclagem que te procura*”, já que ela é colocada em exercício tão logo se necessite pelo seu fácil acesso e variado segmento de compradores de materiais reciclados que existe espalhado pela cidade. Além disso, a atividade caracteriza-se por ser um mote relacional para o trabalhador, pois pode ter em vista a possibilidade de circulação pelos espaços, pelos locais onde se consegue estabelecer múltiplos contatos e, por consequência, ingressos a outras oportunidades de trabalho pela troca de experiências e de informações a respeito das dinâmicas da cidade que são apreendidas de forma permanente entre aqueles que dividem o espaço da rua.

A atividade de catar não exige uma preparação técnica e instrumental inicialmente considerável. Observamos diferentes formas de exercer tal profissão, desde pessoas catando com um saco plástico nas costas ao uso de caminhonetes que cortam a cidade numa escala de trabalho que pode conjugar vários bairros e o centro da cidade num mesmo período do dia. De qualquer forma, os catadores vão aprendendo com o exercício da atividade, ou seja, aprendem com seus erros e acertos, com as experiências de outros catadores, uma vez que saber catar e onde catar é sempre importante, pois se deve ir aonde há material, nos dias certos, onde passa o caminhão do lixo e se pode fazer contatos com os moradores locais e ter uma “renda extra” ao ganhar alguma doação das pessoas que encontram e com as quais estabelecem vínculos pessoais permanentes. A configuração de vínculos sociais aqui é um aspecto importante, transcendendo as relações iminentemente de catação e dos grupos familiares e comunitários.

Um importante impulso à inserção no trabalho, de forma geral, se dá pela catação junto ao público mais jovem, incluindo crianças que acompanham os pais no trabalho, conforme já tivemos a oportunidade de apontar. Nesse sentido, a catação também se torna uma baliza mediadora que insere os mais jovens no valor do trabalho e da responsabilidade com o outro, além de ser um subterfúgio dos pais ou de outros responsáveis, como os avós e irmãos, principalmente, para que possam cuidar das crianças que ficam permanentemente sobre a guarda de um adulto que não deixa de exercer uma atividade econômica.

Por essa prática, também as crianças começam a conhecer a cidade, os lugares e suas próprias potencialidades. O grupo doméstico, amplo, de família estendida por avós, padrastos, tios, primos, etc., condição muito comum nas camadas populares (DUARTE, 1995), conformam intensamente as relações de vida

prática a partir de atributos morais circunscritos aos grupos. Dessa forma, o trabalho é efeito muito mais em função das construções morais que das simples necessidades materiais de cada um. O senso de respeito e responsabilidade está inserido na prática das atribuições dos indivíduos. A atividade em prol da manutenção do grupo está atrelada, assim, a fontes condutoras de reciprocidades, indo além de qualquer ideia fundada na meritocracia individual *stricto sensu*, do sucesso pessoal e da ascensão social em escala de riqueza individual, de um sujeito que se faz uno por sua própria força e coragem, indivíduo-fora-do-mundo.

Sarti (1994; 1995), em seus estudos antropológicos, relativiza o individualismo, principalmente entre as camadas pobres da sociedade. Ela faz em sua *Antropologia dos Pobres* uma análise das categorias morais que respaldam as práticas sociais dessa camada social. No meio popular, a noção de honra e atributos individuais estão calcados na noção de responsabilidade com os outros componentes do grupo familiar, em projetos contínuos de dar, receber e distribuir, amplamente amparados numa ordem social, moral e simbólica advindas das próprias hierarquias sociais, em que se fundam ainda posições relacionais ocupadas pela diferença e complementariedade da divisão de gêneros e gerações, entre homens e mulheres, adultos, adolescentes e crianças. As participações dos homens numa estrutura de obrigações hierárquicas nas camadas populares, realça Sarti, estão mais afeitas à mediação entre família e o mundo externo, pois são as autoridades máximas representativas da família, isto é, são chefes de família, diferentemente das mulheres, que têm a prevalência de serem identificadas como chefes da casa, vinculadas ao trabalho doméstico e como auxiliares dos outros componentes do grupo familiar.

Há, nesse sentido, uma hierarquia de responsabilidades: o homem é responsável por trazer o dinheiro para casa; a mulher, de conservá-la. Os mais velhos têm a prevalência quanto aos mais novos e, na falta de um dos componentes máximos da família, ela se recompõe substituindo o elemento-chave por outro da mesma estrutura familiar ou parental com as características básicas do substituído. Ou seja, na falta do pai, do chefe da família, será o filho mais velho o possuidor dos atributos de autoridade do pai, pois assume a responsabilidade pelo grupo de ser o provedor da casa; do mesmo modo, na falta da chefe-da-casa, a filha mais velha assume esse papel. Caso isso não seja possível, pela falta desses elementos,

parentes e afins assumem a centralidade dos designados faltantes ou se incorpora de fora do círculo familiar pessoas para suprir esta ausência.

Esse formato de divisão sexual do trabalho ainda é bastante tradicional, principalmente nos estratos populares das sociedades. Os gêneros fundam-se e articulam uma ordem de troca moral e de responsabilidades, em que a identidade masculina tem um caráter ligado à ideia de prover o grupo familiar economicamente, a partir das atividades que o sujeito executa, mostrando força e dignidade em assistir o círculo familiar. O “sucesso” não estaria na relação indivíduo e profissional, mas na relação indivíduo-provedor e grupo social. Isso embasa o entendimento de como se estrutura a noção de dignidade do sujeito perante os seus pares, pois de alguma forma se relativiza a forma de ganhar dinheiro. O mais importante é o aspecto de ser provedor do grupo social, reforçando o nível de importância do homem, caso contrário, o sujeito se torna um fracassado, alguém que não cumpre as suas responsabilidades junto à família, um vagabundo, caindo em descrédito, rebaixando-se no status social (SARTI, 1994).

Casa e trabalho, dessa forma, são vinculados a uma ordem de fatores que não dizem respeito apenas às condições materiais do grupo familiar, mas estão ligadas a uma ordem valorativa que legitima posições e configura práticas estendidas a todos os componentes do grupo familiar, independentemente de idade ou gênero, em que se encontra inteligibilidade às ações de cada um, dentro de um rol de responsabilidades e atribuições morais.

A casa, nesse aspecto, é uma forma de segurança e conhecimento dos processos vivenciais. Ao nos aproximarmos e buscarmos compreender um segmento profissional vinculado às camadas populares da população de uma cidade, percebemos, a exemplo de Sarti, o quanto o trabalho está condicionado ao domicílio, à unidade familiar e à moral constituída. O que relativiza muitas vezes o nível de importância a respeito do que se faz especificamente para conseguir dinheiro, visto ser o mais importante a moral do provedor.

Ligado também a isso, o trabalho do catador tem algumas particularidades que envolvem o território domiciliar. A própria casa é um local extensivo ao trabalho para alguns. Dispensam sempre um espaço do local de residência para que possam organizar as atividades de separação e acondicionamento dos materiais que catam na rua. Em muitos aspectos a família integra-se para executar coletivamente algumas tarefas, o que enseja uma forma primária de associativismo familiar e

parental na constituição de uma forma de organização do trabalho. Esse primeiro sinal de trabalho coletivo pode estender-se a outros âmbitos de organização do trabalho, na montagem de cooperativas formais de trabalho, por exemplo, conforme identificamos em organizações de catadores em Passo Fundo que possuem fortes vínculos parentais entre seus associados.

O sujeito ter um lugar próprio para morar, sem ser uma residência alugada,⁷⁶ dá-lhe uma condição de importância e poder que repercute na própria organização dos vínculos internos familiares. Isso está diretamente relacionado aos homens. Ter a casa própria, mesmo em terreno ocupado, é sempre uma forma de garantia de receber o devido respeito dos outros, pois nela se circunscreve a família a quem se deve assistir e remeter esforços para mantê-la, assim como ter um espaço próprio de trabalho independente, no caso dos catadores autônomos.

A casa, por isso, também se torna processo constitutivo do que os moradores são, principalmente para aqueles que chegam e devem galgar seu próprio espaço físico e social. Aceitar ajuda de parentes que possam acomodá-los num espaço de moradia e mediar as primeiras relações cotidianas e de trabalho no lugar em que se chega é sempre importante e muito necessário num lugar em que pouco se conhece, seja para aquele que vem de longe ou mesmo de perto. Os lugares de comunidades populares são sempre lugares de maior intimidade entre os moradores, locais em que todos se veem e é por demais necessário introduzir o desconhecido no ambiente íntimo dos demais indivíduos.

O subterfúgio de contrair dívidas na própria comunidade para conseguir comprar uma casa, geralmente sem escritura e sem posse formal (legal) registrada em cartório, mas na forma apalavrada e na honra afiançada, é outro caminho para estabelecer-se com maior margem de permanência no local em que se busca fixar. Isso também é função do mediador que acolhe o mediando, apresentando o “melhor” lugar para morar e o “melhor” negociante, algumas vezes o próprio mediador é o vendedor de um pedaço de seu terreno. Isso não impede, por outro lado, que os sujeitos fiquem sempre atentos a novas oportunidades de lugares e melhores condições de moradia dentro de uma ideia de mutação (desenvolvimento) da família a partir de melhores oportunidades e localizações para viver e manter o

⁷⁶ A possibilidade de morar de aluguel é sempre mal vista pelos entrevistados, porque conota uma relação de dependência ao proprietário do imóvel e maior empobrecimento da família que deve reter recursos para pagar a moradia, condição essa que depaupera moralmente e materialmente a família que dispenderá recursos e favores para morar.

grupo. Nesse sentido, há sempre espaço para ajustes e acomodações domiciliares nos espaços de moradias populares. Um catador que morou em diversos lugares da cidade, mediante diferentes circunstâncias junto com diferentes irmãos e sua progenitora, quando foi morar com sua primeira companheira, com quem teve dois filhos, disse-nos: “[...] *comecei com um barraco na parte debaixo da vila, perto do rio, agora estou mais no centro da vila. Aqui é melhor, lá tinha muita bagunça* [referência a traficantes e violência]. *Daqui uns 80 anos estarei lá em cima, no bairro [risos]*” (Juarez, catador, 38 anos).

Nesse sentido, a casa não é apenas uma referência de moradia, de fixação *stricto sensu*; pelo contrário, é um anteparo de poder, de status e, particularmente, de movimentação para alguns, pois podem negociar suas residências e benfeitorias do espaço de moradia buscando sempre galgar outros espaços nas comunidades e, conseqüentemente, outro nível de respeito social no lugar em que moram. Geralmente adquirem a primeira casa, reestruturam o imóvel fazendo melhorias e depois o revendem para adquirir outro imóvel em lugares que consideram mais valorizados, não apenas financeiramente, mas simbolicamente, na medida em que possa o lugar almejado ter uma centralidade social que o indivíduo e os demais membros de seus relacionamentos considerem mais adequado e digno.

[...] tu tenta buscar um lugar, porque se tu ir lá, tu vê, é tudo casinha emendada, é terreno aberto emendado com o outro. Daí o que que eu fiz, eu tentei ir indo, volta um pouquinho de dinheiro pra pegar um lugarzinho. Eu morava bem na baixada lá, hoje eu moro bem pra cima ali. Porque lá na baixada é onde é mais complicado... é difícil eu te falar, é onde se junta muita coisa errada. Entendeu? É ponto de droga e coisrada. Então eu fui voltando um pouco de dinheiro, prestação aqui, briqueava aqui, briqueava ali, briquei três vez onde morada e vim morar num lugar mais reservado. Eu tô me adaptando. Eu não tenho condições hoje de dar o meu lugar que eu tenho por outro lugar. Porque, se tu fizer uma pesquisa, um terreno na Vila Entre Rios lá, se custar 20 mil, tu vai comprar um perto da RBS por 80, 100 mil. Então é uma coisa que demora muito. De repente eu tenho que trabalhar a vida inteira pra conseguir. Mas o que eu achei hoje, no momento, é ali. Aonde eu vou tentar trabalhar e arrumar um dinheiro, dar a minha moradia por uma outra e arrumar um lugar mais reservado. Um lugar assim... que tu não tenha tanto perigo. Porque ali, na verdade, é perigoso. Não tenho um dinheiro pra fazer um investimento como eu te disse. Então a gente vive ali perto de muitos pontos de droga. Então queira ou não queira, tu tem que passar na ida pro teu serviço, na volta. Eu tenho um filho que estuda e tu tem que passar. Tenho as minhas crianças, que hoje eu tenho, do outro casamento. Daí fica difícil. Mas a minha vontade, e eu quero conseguir, se eu um dia conseguir juntar um dinheiro, eu quero ir morar num lugar melhor (Juarez, 38 anos, catador).

Esse fenômeno é bastante corriqueiro e justifica a ideia de que os atores sociais estão em permanente acomodação no espaço social, aliando moradia e trabalho na confluência de uma melhor adequação de suas realidades. Por outro lado, um outro fenômeno importante relacionado a isso é a queima de casas por eventuais atritos entre moradores nas comunidades. Pelo menos, dos 22 entrevistados que tivemos oportunidade de contatar, dois deles tiveram suas casas incendiadas por vizinhos, “*pela piaçada*” [referência a jovens traficantes]. Queimar a casa do outro, além de despojá-lo de seus pertences e bens materiais, é destituí-lo de referências e significados morais, de status amealhados pela história de trabalho e desenvolvimento da família, é colocar o outro numa condição de dependência de ajuda alheia, colocar “desnudo” e numa condição de fraqueza, falta de poder e de respeito.

Grande parte do público com que tivemos contato, principalmente os mais jovens e aqueles que estão há menos de dez anos na cidade, tem uma consciência da transitoriedade, indefinição e provisoriedade de qualquer assentamento de moradia. Aspectos esses já identificados também por Telles (2010) quando retrata as mutações do trabalho e as formas de emprego na cidade de São Paulo, onde o deslocamento, às vezes, se torna estritamente necessário pela própria pressão que a cidade ganha com a gentrificação promovida pelos mecanismos do mercado imobiliário e das novas dinâmicas de trabalho a que os sujeitos devem submeter-se ou criar para a sua manutenção, em que se estabelece uma nova tessitura social, seja aderindo ao mercado informal ou migrando para zonas nas quais se desloca também o capital e o emprego.

6.1.2 Arruar e as conexões de trabalho e vida cotidiana

O ingresso no trabalho como catador nunca é uma experiência isolada, condição que diga respeito apenas ao indivíduo que acessa tal atividade laboral. As condicionantes de trabalho possuem lastro geradores matizados pelas relações familiares e de vizinhança. Tanto para quem chega no espaço comunitário ou para quem já se encontra nas redes de relações dessa natureza, os aportes familiares e de vizinhança são aspectos imprescindíveis para a inserção dos sujeitos que buscam a participação no grupo social a partir das atividades econômicas que passam a ocupar, sejam elas as mais variadas possíveis, sejam no próprio espaço

doméstico ou no ambiente arruado, no espaço da rua e das cooperativas de trabalho.

Conforme já esboçamos anteriormente, para o acesso a uma atividade econômica, a socialização dos conhecimentos e informações é indispensável. Muitas vezes isso acontece no contínuo das relações, sem necessariamente formalizar-se um começo desse processo de inserção do aprendizado do trabalho. Em geral, pais catadores recebem ajuda de seus filhos e netos em determinadas atividades do dia a dia. Raramente os catadores impedem seus descendentes de tal atividade. Lourdes (catadora, 50 anos) foi uma exceção em nossa amostra: “*os jovens não devem mexer no lixo, devem fazer outra coisa melhor*”. Por outro lado, não foram poucos os casos em que os filhos inseriram os pais na atividade de catação, mostrando as vantagens e encaminhando os mais velhos para o exercício da função. De qualquer forma, trata-se de uma atividade sempre avivada no seio das famílias, fundo de reserva para quem busca ter uma renda em um determinado momento; para outros é a ocupação principal, ambas legitimadas pelos grupos que dela participam.

Aprender com os vizinhos o trabalho de catação, de certa forma, torna-se também um parâmetro de socialização das atividades e de divisão de experiências e aprendizados. Cria-se de alguma maneira uma cultura da catação que estrutura formas práticas de atuação, além de ser um salvo conduto para que se atue nesta atividade, pois “*se o vizinho cata, porque eu não posso catar, não é vergonha pra ninguém!*” (Soraia, catadora, 60 anos)

A vergonha de mexer no lixo relativiza-se e cria uma carapaça social aludida pela naturalidade de lidar com materiais recicláveis. Diante da possível indignidade de mexer no material que outras pessoas desprezam, que jogam fora, a catação torna-se uma atividade comum e espontânea. À medida que todos catam rompe-se em parte a perspectiva de um trabalho meramente inferiorizado, indigno e restritivo aos mais miseráveis. Muito pelo contrário, observamos, por parte de alguns, o desenvolvimento de mecanismos e investimentos apropriados para catar. Os que possuem mais recursos conseguem estruturar uma rotina de trabalho muito mais planejada e profissional, deixando de ser um trabalho meramente provisório e sazonal. De alguma maneira, buscam aprimorar o desenvolvimento das atividades e circunscrever a honra de quem cata naquilo que adquirem e no que mantêm por intermédio dessa atividade, no sentido de prover a casa com honestidade. A ética

não está meramente no trabalho, mas naquilo que provém do trabalho, naquilo que é dever, honra e responsabilidade do sujeito que tem a função de prover a família ou no fato de doar-se a ela com os meios que possui.

É importante saber lidar com as urgências da vida cotidiana. Isso nos parece fundamental para quem se encontra numa condição difícil economicamente, desprovido de condições básicas que o coloca naquilo que podemos definir, em certo sentido, como vulnerabilidade social. Porém, estar numa condição de vulnerabilidade social é também condição manifesta de quem é debilitado e vulnerabilizado pela fragilidade de seus vínculos sociais. Essa condição pode ter diversas origens e perpassar inúmeros aspectos, dentre eles a falta de conhecimentos, o adoecimento de diferentes formas, a ausência de vínculos afetivos ou profissionais, entre outros. A debilidade econômica é apenas mais um quesito na composição desse rol de aspectos. A vulnerabilidade social, enfim, não é algo padrão e deve ser tratada como processo que se manifesta de diferentes formas nas vidas concretas dos diferentes sujeitos, nos diferentes segmentos e realidades sociais.

Em relação às condições econômicas de quem vive do trabalho, mesmo os trabalhadores que possuem empregos formais, o processo de vulnerabilidade não deve ser descartado, pois os empregos e as rotinas cada vez mais se caracterizam pela insegurança que elas ensejam ao trabalhador. Aspectos relacionados ao risco do desemprego e da concorrência para a manutenção dos postos e das atividades de trabalho são fenômenos importantes para entender-se determinados processos de vulnerabilidade social. Ou seja, a insegurança também tem relação com a qualidade dos empregos disponíveis e com a intensa exploração da mão de obra que depende deles.⁷⁷

Em realidade, a insegurança projeta-se a todos, principalmente àqueles que possuem dependência extrema e baixo poder reivindicativo diante das relações de poderes assimétricos. Por isso, ter uma maior diversificação de opções voltadas ao trabalho torna-se uma possibilidade estratégica fundamental aos trabalhadores,

⁷⁷ Na atualidade, o padrão de empregos formais possui, cada vez mais, características que o definem por sua fragilidade, ausência de organização coletiva e poder reivindicativo por parte dos trabalhadores, muito em função da grande concorrência pela empregabilidade, dos trabalhos sazonais e da flexibilização das operações, dos baixos salários, ou seja, pela intensiva tecnologização do chão da produção, superexploração da mão de obra e isolamento dos trabalhadores, particularmente em relação aos mais desqualificados profissionalmente, embora se estenda a diferentes níveis de formação e atividades profissionais (ANTUNES, 2010).

principalmente àqueles desprovidos de qualificações específicas e que dependem da oferta de empregos no restrito mercado de trabalho. Isso porque podemos nos encontrar na fronteira social entre a inserção e o abandono funcional, condição amplamente estudada por Castel (1998) como uma aporia de nosso tempo e da sociedade salarial em transição da qual fazemos parte.

Ter um leque de possibilidades de exercício de atividades laborais e não depender exclusivamente de determinados empregadores para o exercício de alguma função econômica é uma “carta na manga” para quem possui esta possibilidade, por mais frágil que seja. Entrar numa atividade, permanecer nela e buscar outras atividades que possa realizar concomitantemente, ou deixar de fazer uma atividade para assumir outra mais vantajosa, podendo voltar à primeira quando lhe convier, torna-se uma condição extremamente satisfatória e demarcadora de certo sentido de poder social para os catadores. O que deve ao fato de possuir essa flexibilidade de defesa e de decisão própria quando as coisas “apertam” ou, simplesmente, optam sobre o quê fazer e como vão ganhar dinheiro.

As participações dos trabalhadores, nesse sentido, podem ser também escalonadas e percebidas como possibilidades heterodoxas, na medida em que eles utilizam suas estratégias no campo das atividades e aportes que criam para fugir de uma condição social que poderia torná-los vulneráveis frente a um empregador. Ter mediadores sociais confiáveis que possibilitem a informação e o encaixe a novos empregos e modalidades de trabalho constitui-se uma situação revitalizadora da condição de não dependência restrita dos trabalhadores frente a poderes e padrões patronais assimétricos. Quebra-se, dessa forma, a radicalidade das condições de dependência e injunções a que estão submetidos determinados trabalhadores no mercado de trabalho. Evidentemente, a independência em relação ao emprego formal e ao trabalho autônomo é sempre relativa e circunstancial, dependendo igualmente da confluência das possibilidades e dos encaixes das ofertas e demandas encontradas por parte dos atores. De qualquer forma, em relação aos catadores de materiais recicláveis, alguns efusivamente nos disseram que “*chutaram o balde*” no trabalho – expressão utilizada para dizer que romperam com a situação em que viviam na relação patrão e empregado – e, dessa forma, assumiram a catação para desenvolver um trabalho com mais liberdade, “*sem depender do patrão*”. Condição essa que nos faz perceber as tensões sociais envolvendo os

padrões e trabalhadores e como esses trabalhadores utilizam suas capacidades subjetivas para destoar da órbita do trabalho formal regulado.

Em ambientes de intensas mudanças nas esferas dos trabalhos, seja aqueles que saem do campo para a cidade, da cidade para o campo ou que permanecem em seus locais originários, a condição de estar em ajustamento transforma-se numa forma de conduta permanente. As sociedades mais abertas às mudanças, protagonizadas pela complexidade de relações e fenômenos em seu seio, pelas trocas e dimensões múltiplas que acontecem, possuem atores mais condicionados às transformações e a estabelecer certo comportamento na escala de sua individualização (SENNET, 2014). A individualização, nesse ambiente, não quer dizer necessariamente individualismo e apartamento do sujeito na escala social, como alerta Simmel, citado no Capítulo 2 desta pesquisa, mas se trata de um fenômeno alargado pelo maior volume de possibilidades que os sujeitos dispõem para gerenciar os seus relacionamentos e as condições estruturais de vida, mesmo aqueles que, a priori, imaginamos não possuírem aportes vinculantes e condições recursais amplas em suas relações sociais para dar conta das mudanças que os atingem. Diferentemente disso, surpreendemo-nos com as margens de exploração das possibilidades e dos limites que determinados catadores utilizam para incrementar performances e atributos, assim como revigorar práticas e disposições próprias de ser.

Certo desprendimento e novas possibilidades de relações são, certamente, atributos fundamentais para quem luta pela vida, o que libera em parte os indivíduos a estabelecer novas trajetórias e possivelmente cruzar novas fronteiras sociais, mesmo que retornem para o lugar de onde vieram ou com o qual tenham maior afinidade e segurança. A expansão relacional entre os diferentes e o fechamento no gueto das condutas que aproximam as pessoas em suas formas de identificação também podem ser considerados como parte do movimento pendular de socialização e individualização entre os sujeitos. Nesse sentido, as sociedades tornam-se dinâmicas a todos. Os catadores são testemunhas disso, pois, de forma até mesmo inconsciente e reativa, produzem possibilidades afirmativas de trabalho ao trafegar em espaços diferentes que compõem as grandes raízes modulares do desenvolvimento de suas práticas, articuladas que são com a família, com a comunidade e com a sociedade como um todo. E, assim, perfazem um percurso complexo, pendular e heterogêneo de possibilidades, de mudanças e de fixações.

Conformações estratégicas e táticas nas relações com o emprego acontecerão nesse processo que terá a participação ativa do trabalhador da catação. Ter um trabalho e saber aproveitá-lo ao máximo é um estratagema social. Doar-se ao trabalho, saber dividir os contatos e os recursos que ganha, esperar as melhores oportunidades e, até mesmo, saber abandonar e retomar as atividades que executa em momento propício fazem parte de uma condição reflexiva dos sujeitos em seus próprios grupos sociais locais ou nos entre-lugares divididos com outros públicos e segmentos sociais, nos lugares de fluxos, locais afeitos pela diversidade dos atores que convergem a eles em momentos determinados e específicos. Em certo sentido, em termos de convivência entre os diferentes, os catadores têm a vantagem de trafegar e perceber realidades diversas que compõem os espaços sociais, nos quais, muitas vezes, outros segmentos não têm a oportunidade de conhecer ou não dão o devido valor.

Por isso, sempre é muito difícil querer enquadrar o trabalhador que exerce a atividade de catação como um simples catador de materiais recicláveis, o qual, inadvertidamente, poderíamos supor que leva uma vida miserável, exercendo apenas a mesma atividade durante longos períodos. E, da mesma forma, por ser enquadrado como catador, possa sofrer a intervenção dos órgãos públicos de forma irrestrita para adequar-se às “condutas aceitáveis” definidas e normatizadas pelo Estado, sem a participação nas definições dos principais interessados que são os próprios trabalhadores.

O catador é mais que um catador. Devemos entendê-lo como um trabalhador multifacetado, que atende a suas demandas extra e intratrabalho desenvolvido. Ele é catador ao estar catando, mas isso não quer dizer que se resume a essa atividade. Nesse sentido, os exemplos do capítulo anterior (Capítulo 5) alertam-nos sobre suas dinâmicas concretas, suas inserções nesta atividade, suas condições de permanência e de as devidas manifestações ao enfrentar obstáculos e possibilidades no trabalho e na vida cotidiana. O ir e vir permanente, a astúcia ordinária utilizada no dia a dia e os padrões que estabelecem para catar e exercer outras atividades podem demonstrar isso, fazendo-nos compreender melhor a complexidade das vidas e circunstâncias que perfazem em suas trajetórias na forma arruada do dia a dia.

Um exemplo disso é o catador Otávio, 42 anos, assim como outros que conhecemos e aqueles que destacamos no capítulo anterior. Esse trabalhador é um

dos sujeitos mais dinâmicos que tivemos a oportunidade de conhecer no que se refere às diversas atividades que já executou na vida e que ainda executa em suas andanças pela cidade. Na primeira vez que o avistamos estava na avenida principal da cidade com seu carrinho de reciclagem, com uma máquina de cortar grama e demais instrumentos de ajardinamento (ancinho e pá) dentro dele. Corria muito. Num primeiro momento parecia que estava com pressa, mas nos deu o devido tempo e oportunidade para conhecê-lo e falar um pouco de si, respondendo ao questionário socioeconômico. Explicou-nos que faz a reciclagem e, paralelamente, faz trabalhos de ajardinamento, que consistem em limpeza de pátios em residências. Explicou que tem a ideia de mais adiante ter o seu próprio galpão, comprar de outros catadores e vender às empresas de reciclagem, não precisando mais sair para catar na rua. Disse que “*estragou*” a coluna puxando um carrinho pesado. Cata há vinte e dois anos pela cidade. Além disso, Otávio trabalha no PAC pela manhã, faz serviços para a Prefeitura no projeto de inserção social promovido pelo Poder público municipal. No PAC geralmente vai para o interior do município, onde também estabelece contato com moradores locais e recolhe latinhas e pequenos materiais plásticos, que coloca num saco. (Provavelmente é o mesmo sujeito citado por Eduardo quando se referia a um colega do PAC que faz a catação, no capítulo anterior, seção 5.6 – Precariedade, trabalho e moradia). Estabelece, assim, um trabalho duplo, o que lhe dá um rendimento diferenciado. É astuto e prático no que faz e tenta aproveitar diferentes oportunidades para incrementar sua renda pessoal e familiar. Leva o saco de materiais no interior do ônibus da Prefeitura que o transporta para executar as atividades demandadas pelo Poder público nos diferentes locais do município.

Em outra oportunidade, o entrevistamos em sua residência, num dos bairros mais distantes do centro de Passo Fundo, na Vila Morada do Sol, loteamento de casas padronizadas construídas com recursos federais e municipais, casa que adquiriu após a sua ter sido incendiada na Vila São Luiz Gonzaga. Nessa ocasião, Otávio destacou que teve uma infância difícil, nasceu em Passo Fundo e fugiu da casa da mãe aos doze anos de idade para ir trabalhar no meio rural, numa granja no município de Lagoa Vermelha, cerca de 100 km da cidade de Passo Fundo. Foi para essa granja por intermédio de seu proprietário que estava selecionando pessoas na cidade para o trabalho no meio rural. Otávio contou-nos que tinha sérios atritos com

seu padrasto e numa madrugada pulou a janela de sua casa e vagou pela cidade dois dias, até ver um cartaz na frente de uma residência que oferecia emprego.

Disse que queria trabalhar, ter suas coisas, via os amigos adquirindo coisas para si e ele não tinha nada, só usava coisas doadas pelos outros. “*Nunca tive um bolo de aniversário*”, se compadece. “*Tudo o que a sua mãe ganhava dava apenas para pagar as despesas da casa, meu padrasto só ia pra ‘zona’, só queria saber de festa*”, conclui Otávio.

Foi bastante enfático ao declarar este movimento, embora tenhamos achado estranho um menor ter sido arregimentado por uma pessoa e ter sido levado para outro município sem autorização de seus pais. Isso nos pareceu, num primeiro momento, demasiado, mas o rigor de detalhes de tal processo foi bastante específico por parte do narrador. Contou-nos que ficou trabalhando na granja alguns meses, até se declarar fugitivo de sua casa e, finalmente, o proprietário o levar de volta para sua mãe que o autorizou a retornar a granja para que pudesse continuar na atividade no meio rural. Ficou trabalhando na granja quatro anos, até ser dispensado pela pessoa que arrendou as terras de seu antigo patrão. De qualquer forma, Otávio ainda guarda elementos rurais em seus hábitos, o que nos faz perceber o quanto foi importante esse ambiente para sua formação pessoal, num estágio de formação de sua personalidade e amadurecimento pessoal.

Hoje, mesmo morando num loteamento urbano padronizado, com casas muito próximas umas das outras, tem seu cavalo encilhado na frente de casa e sua gaiota (carroça) guardada na garagem. Sua linguagem e memória deste período de vida são muito marcantes e trazem lembranças de como teve que ajustar-se a uma situação de crise na família e agir de forma tão radical, fugindo de casa ainda muito jovem, adolescente.

Voltou a Passo Fundo anos depois, reconciliou-se mais uma vez com sua mãe, disponibilizando a ela uma provisão de alimentos e uma soma considerável de dinheiro, segundo nos contou. A esta altura, seu padrasto já tinha falecido. Viveu de aluguel por muitos anos em diferentes bairros da cidade e, por um período, também dividiu o terreno com sua mãe.

Otávio aprendeu nesse processo a transitar e buscar possibilidades de trabalho. O que mais lhe proporcionou estabelecer contato com um público seletivo de pessoas foi o trabalho na lavagem de carros numa rua do centro da cidade. Estabeleceu-se autonomamente numa quadra movimentada da cidade, dividiu o

trabalho com um amigo de infância e começou a cuidar dos automóveis que estacionavam no local. Fez muitos conhecidos nesse local. Diz com orgulho que os juízes do Fórum lhe davam as chaves de seus automóveis para que fossem lavados por ele. Depois Otávio disse que levava no gabinete do juiz a chave do carro, enfatizando com certo orgulho a importância e o respeito que adquiriu das pessoas que o conheciam na rua.

Disse, porém, que cansou deste trabalho e foi ser vigia de um clube social próximo do local em que fazia a lavagem dos carros. Também fez serviço de transporte de carga, foi vendedor de sorvetes por um breve período de tempo e empregado da Cootrapaf (cooperativa que atuava na usina de reciclagem do Município). E, na sequência, foi trabalhar no caminhão do lixo da empresa Nova Era, serviço terceirizado de coleta de lixo em Passo Fundo. Migrou de empregos sempre buscando relacionar ganhos e melhores condições de trabalho. Otávio tem uma proposta de vida que tenta conciliar valor financeiro pelo que faz e atributos que lhe façam transitar pela cidade, estabelecendo contatos e buscando sempre melhores oportunidades na vida e no trabalho.

Hoje sai com seu carrinho para reciclar, cata no trajeto dos trabalhos em que se insere e diz que não se limita à catação: *“vou aonde pagam mais, mas não deixo a minha reciclagem”*. A reciclagem é um suporte permanente que lhe dá segurança. Mais do que isso, permite-lhe transitar e aceitar ou refugar propostas de trabalho. Aceita o que paga mais, mas não se submete a tudo o que lhe pedem, ou seja, de alguma forma estabelece critérios para a sua atuação. Caso não tenha trabalho formal, tem a catação que lhe abre a possibilidade de ganhos certos e imediatos.

Pagava aluguel e morava num lugar que o bueiro entupia, ligava para a Prefeitura e eles não faziam nada. Alagava a rua. Um dia limpei o bueiro e coloquei o material que entupia no meu pátio. Um vizinho viu e me deu uma ideia de trabalhar com esse material. Antes deixava de pagar uma conta, não tinha dinheiro, daí cortavam a água ou a luz. Hoje não deixo de pagar nada, tenho sempre a possibilidade de ter um dinheiro com a reciclagem (Otávio, catador, 42 anos).

Ter pelo menos o mínimo para prover a casa, pagar água e luz para que os outros não vejam vestígios de vulnerabilidade econômica e social por parte do responsável da casa já é algo muito importante e que justifica a proposta de permanecer na reciclagem. Trata-se de um trabalho líquido e certo, de conquista de rendimento financeiro, que dissipa a preocupação em não conseguir cumprir as

atribuições do responsável pela família. Não ter água e luz cortada é algo importante, mais que o próprio serviço de abastecimento de energia e água em si, pois repercute no âmago da honra e moral do indivíduo que busca manter a família com dignidade.

No mesmo sentido, Fernando, outro catador que trabalha há muitos anos na catação, embora seu serviço principal seja de gari, nos caminhões do lixo, também é muito eloquente em seu depoimento:

[...] até penso de parar, mas se eu parar, com o salário que eu ganho... até ergo as mãos, dou graças a Deus... mas se eu parar eu me quebro mais. Então eu tenho que continuar, pra mim dar a volta. Mas eu dou graças a Deus que sobrevivi e conheço muita gente que sobrevive disso ai. Eu neste sentido, a minha única queixa, é neste sentido. O senhor mesmo é testemunha do que eu tenho aqui. Tudo o que eu tenho é da reciclagem. É através da reciclagem, então eu, graças a Deus, não tenho o que me queixar (Fernando, catador e gari, 51 anos).

Enfim, a certeza que os sujeitos adquirem em saber que conseguirão prover a família com elementos básicos para sua sustentação tem um caráter fundamental. Ou seja, ratifica ao homem a segurança dispositiva que manterá sua honra como responsável do núcleo familiar, evitando os falatórios e julgamentos em sua circunvizinhança. Não se perde, pelo menos, o status de importância e respeito por essa circunstância; caso isso aconteça, o rompimento das relações familiares torna-se possibilidade muito forte de efetivamente acontecer. A reciclagem, com isso, torna-se um trunfo, um aporte de segurança tática, contrariando outras formas de pensar que imaginam o trabalho de catação como uma atividade estritamente desarticulada, degradante, em importância e sustentação moral. A lógica do trabalho na catação é outra e deve ser entendida em seu contexto; dependerá de quem a percebe em sua complexidade e de quem a pratica, principalmente.

Em relação às mulheres, percebemos que a lógica social não se diferencia da dos homens em suas concepções de independência, de prover ou ajudar a família economicamente. O que as diferencia fica condicionado a uma questão de escala de atuação e importância. A mulher que trabalha fora de casa “ajuda” o parceiro a prover a família, embora não se desprenda das responsabilidades de chefe da casa e dos afazeres domésticos. A mulher chefe-de-família, separada ou viúva do marido, ainda sem outro companheiro, por opção ou falta de oportunidades, elabora um senso de responsabilidade e correspondência ao provimento da família, agindo no

trabalho da catação de forma mais sistemática, ponderando alguns elementos que revigoram e ressignificam a unidade doméstica e as condições de vida da família.⁷⁸

6.2 “VAI INDO, VAI INDO” – MOVIMENTO COMO RECURSO CONSTANTE E TOTALIZANTE

A expressão “vai indo, vai indo” ou “fui indo, fui indo” chamou nossa atenção quanto ao número de vezes em que foi enunciada a partir de nossos contatos no campo de pesquisa. Percebemos que o “vai indo” transcende ao significado literal de ir a algum lugar específico, pois exprime, fundamentalmente, a ideia de movimento em termos de uma dimensão ampla e relacionada às capacidades de cada um em transitar e desenvolver sua vida. Ou seja, sugere práticas e contornos que o indivíduo estabelece ao longo de suas trajetórias de vida e trabalho. Tal desenvolvimento de práticas, porém, não é algo linear, mas traz expressa a ideia do enfrentamento dos percalços da vida e do arrojo para enfrentá-los. O “vai indo” é, de certa forma, o emblema de uma incursão de lutas que os sujeitos travam cotidianamente e os impulsiona para o enfrentamento de situações. Em síntese, é a maturação do contexto do vivido e de enaltecimento de que tudo é transitório na vida, pois a mudança é permanente. Mesmo com dificuldades, se vai longe; as coisas acontecem e não são perenes, o que configura sempre uma relação de ambiguidade entre dificuldades da vida e esperança em resolvê-las, pois o tempo também faz a sua parte, e os ajustamentos acontecem.

A saga de cada um é sempre incompleta; relativamente tem o seu início marcado por momentos e fatos originários configurando trajetórias de vida de quem as narra e constrói a sua devida importância causal para explicar a própria realidade. Os fatos mais corriqueiros nas trajetórias de nossos entrevistados são: evasão do meio rural; pobreza extrema neste ambiente; abandono dos pais; desemprego cíclico e estrutural na cidade; doença e ou morte de algum familiar, abalando e desestruturando em parte a unidade do grupo; relações que viviam com o meio próximo. A expressão “vai indo” traz também a ideia de conquista, de ir aos poucos reconstruindo a vida na dificuldade e na esperteza, “*sabendo levar as coisas, se vai*

⁷⁸ Exemplos eloquentes são de Lourdes e Vivian, casos tratados no capítulo anterior, 5.2. e 5.4, respectivamente; onde tivemos a oportunidade de revelar trajetórias de vidas e sistemáticas de trabalhos na catação, criando os filhos e exercendo suas autoridades no lar, embora vivam circunstâncias muito distintas: uma casada, “ajudando” o marido; e a outra, como centro da casa, provendo os filhos de forma muito eloquente, embora os mais velhos já estejam trabalhando e colaborando com a economia da casa.

longe”, expressam alguns catadores, reforçando suas conquistas e suas forças exemplares.

Tal forma de resumir e colocar-se no mundo, de alguma maneira, desafia os sujeitos e os reforça dentro de uma noção de *performance* individual na condução de ações sociais. De alguma forma, também condiciona uma ideia de esperança e necessidade de prosseguir seu processo de vida e condicionamentos.

Fui indo, fui indo. Batalhando, batalhando. Trabalhando pra lá e pra cá. E dando uns pulo, pra poder viver. Eu não parava, trabalhava pra um e pra outro. Trabalhava por dia, plantava feijão pra um e pra outro. Das 8 ao meio dia, da uma e meia até às 6 da tarde. Era puxado. Trabalhava pros caras que tinha colônia lá, mas era puxado. Meu Deus do Céu... Não adianta. Tem que seguir um caminho ou outro. Não dá para o cara ficar parado, não dá. É como eu lhe falei, vim com 6 mudas de roupa de lá, 24 anos atrás... e fui indo, trabalhando, trabalhando, trabalhando. E hoje... não vai em quatro bolsa o que já tenho. Viu, viu... não vai em quatro bolsa o que já tenho. Já é um comecinho (Wilson, 62 anos, catador da cooperativa Recibela).

Nesse sentido, o processo de “vai longe” também enseja a possibilidade do retorno, passos de ir e vir, no ir longe e poder voltar. Isso porque a expressão tem uma conotação abstrata do desenvolvimento do trajeto, que pode significar também a ideia de retorno como um elemento de desenvolvimento, de ascensão ou, até mesmo, de retrocesso social. Trata-se dos alcances de quem se movimenta, de sua persistência e suas condições de sobrevivência em diferentes espaços em que transita, seja no âmbito das distâncias percorridas, seja na capacidade de desvelamento das histórias de vida que cada um quer transparecer, o que só se revela a partir dos casos concretos e do contexto da fala do entrevistado. Essas movimentações compõem as modulações dos espaços que os sujeitos percorrem simultaneamente, da sua casa – do espaço de seu domínio – até os lugares da rua, dos locais de conquistas permanentes, vãs e transitórias. Trata-se de âmbitos que formam suas narrativas e nos ajudam a perceber o alinhamento de elementos que compõem os modos de vida de cada um. Espaços esses definidos pelo uso da sapiência, agilidade e astúcia, condições fundamentais para quem quer sobreviver e melhor colocar-se, aproveitando as oportunidades e os recursos disponíveis nos campos em que se inserem e atuam.

6.2.1 Mobilidade como recurso

A mobilidade é em si mesma um recurso. Faz parte e sedimenta um aporte de relações que não se circunscreve apenas pela dimensão econômica, embora ela seja particularmente importante. Estabelecer contatos e ser móvel é, de certa forma, abrir canais de relacionamentos, de informações, de apadrinhamentos, de trabalhos múltiplos, de reconhecimentos, de ganhos de objetos e favores, além de toda uma gama de recursos disponíveis oriundos de políticas e projetos sociais, públicos ou privados.

Mediante restrições de poder econômico, social, político ou simbólico, articular-se com quem os têm é sempre uma possibilidade de ganho extra e de influências múltiplas. Os contatos que os trabalhadores podem realizar, com a devida persistência que devem possuir, são de fundamental importância. E, dessa forma, são muito salientados pelos catadores. Porém, traçar prioridades, ter fé em Deus e seguir adiante é atributo para os mais fortes – encaram desse modo os entrevistados. Caso isso não seja possível, de nada adianta a ajuda alheia. Essa ideia estabelece uma noção de responsabilidade que provém dos próprios sujeitos, não sendo meros resignados a um eventual problema ou às dificuldades da vida, mas sim atores que perseguem determinados projetos e valores em suas relações com os outros. Fora isso, é cair no ostracismo, na verdadeira exclusão social, em que nem os seus pares emitem respeito, em que não há mais nada a ser feito. Esse estágio é algo muito extremo, com forte conotação à indignância e à morte social, se é que isso seja possível integralmente de alguma maneira, porém vale como alegoria das relações nas quais o respeito e a moral estão consignados à desvirtuatura de práticas e responsabilidades compartilhadas.

O fragmento da fala de Valter, um homem com postura corporal forte, de meia idade, com características de homem do campo, sempre com chapéu e fala pausada, revela: “já tive tudo, ...*casa, família e perdi tudo pra cachaça, indo morar na rua*”. Hoje tenta recompor-se na vida, com uma companheira que conheceu na praça, também moradora de rua, fugida da clínica de dependentes químicos. Valter diz ter a ideia de que tudo depende dele para dar continuidade ao processo de integração social que busca restabelecer.

Foi indo. Nem panela nós não tínhamos. Já fui ajeitando as coisas. Deus disse que ajuda, mas também a pessoa tem que se ajudar. Mas é normal,

se o cara não se ajuda, não tem ninguém que possa ajudar ele. Ele tem primeiro que se ajudar, para que o outro poder fazer a outra parte, né? É bem assim que funciona. Tamo feliz, tamo com saúde, tamo tranquilo. Porque a vida continua (Valter, catador e trabalhador do PAC, 50 anos).

Os passos para retomar uma nova rota, porém, não são simétricos e progressivamente evolutivos no sentido de galgar etapas e ter a certeza da conquista de um determinado parâmetro de inserção social no mundo do trabalho. A catação, nesse sentido, cumpre uma primeira possibilidade de inclusão e é uma possibilidade de renda contínua a esses sujeitos e para outros que cruzam seu caminho pela cidade.

Ir longe, nesse sentido, representa demonstrar um leque de movimentações constantes e opções desenvolvidas nas trajetórias e histórias de vida. Movimentações que se fazem por bloqueios, dificuldades, insistências e definições nas decisões dos atores, gerando permanências e recomeços nas formas de ser e estar, nas formas de agir e desenvolver estratégias e táticas de relacionamentos, sem deixar de exercer características próprias na forma de expressão corporal, linguística, representacional e identitária. Para isso, a atuação no trabalho é sempre maleável e exige dos atores o discernimento e a possibilidade de se fazer escolhas que os levem a considerar não apenas o trabalho em si, mas tudo o que envolve a dinâmica da vida e o senso prático das trocas, dos reconhecimentos e ganhos imediatos e não imediatos. O depoimento de Sandro também é bastante elucidativo nesse sentido, em relação ao processo de constituição do trabalho e da montagem de seu patrimônio pessoal.

Homem do céu, era sofrido. Paguemo aluguel um ano. Mas desde sempre, desde piá, eu tive cavalo, né. Sempre briquei cavalo, gostava de carreira. Gostava de carreira, de carreira e coisa. Daí comecei a briquear uns carros velho. Uns carros velho prá lá, uns carro velho pra cá. Daí foi indo, foi indo, foi indo. Daí que eu tinha dois, um Escort e um Corcel, né. Daí arrumei lá um terreno pra briquear com o Escort. “Bah”, eu disse, “briquei o Escort com o terreno”. Daí comecei a limpar, morava ali em cima, comecei a limpar todo o terreno. Daí apareceu as madeira pra briquear no corcel. Daí peguei o corcel e briquei. Daí, graças a Deus, saímos do aluguel. Daí fizemos a casinha lá e saímos do aluguel. Daí melhorou, mas trabalhava com ele ainda [antigo patrão de um ferro velho]. Ele pagava sempre certo, mas muito chorão! Muito chorão! Daí eu disse, “tenho que arrumar um negócio pra mim saltar”. Daí todo mundo me propostiava pra mim trabalhar, que me pagavam mais, não sei o quê... Daí até falei pra um, pra mim trabalhar com ele, até podia ir, mas ele tinha que me pagar o salário adiantado. Porque ele não gostava de pagar, né. Aqui é pouco, mas no final do mês... eu tenho que pagar as minhas contas e não preciso estar correndo de atrás. Não é cheque, não preciso estar correndo em banco, eu recebo aqui. Daí se ajeitou de nós comprar aqui. Se ajeitou de nós comprar aqui. Daí comprei.

Daí fiquei devendo um pouco ali. Daí fomos se ajeitando, daí fizemos aquela casinha ali em baixo. Foi indo. Daí eu tinha um auto, tinha um auto bom. Daí peguei aquela caminhoneta azul ali, que eu tenho ela ainda, peguei aquela ali. Daí, acho que fiquei lá mais um ano... é, mais um ano. Daí eu fiz um acerto com ele lá, na firma. Daí fiz um acerto. Daí neste meio tempo eu pensei "*acho que vou botar um ferro velho pra mim*" (Sandro, catador, 40 anos).

Sandro é um homem de origem rural, nasceu em uma família de agricultores que faziam diversos serviços nas propriedades em que trabalhavam. Pela sua pouca idade quando veio morar em Passo Fundo e pela disposição aprendida de seu pai, um homem "*meio andarilho*", segundo Sandro, condicionou suas práticas em um teor de flexibilidade permanente, porém com forte conotação e hábitos rurais. Circunscreve hoje sua prática principal de trabalho na reciclagem, tem uma empresa de reciclagem própria, mas também lida com animais para o uso doméstico. Nunca deixou de ter o seu cavalo. Até pouco tempo vendia leite para a vizinhança, mas revelou que "*perdeu os amigos pela falta de pagamento do leite*" que fornecia aos vizinhos, ou seja, as pessoas compravam para pagar em momento posterior e nunca saldavam a dívida com Sandro. Mora num bairro periférico da cidade, divisa entre os espaços urbano e rural (Fotografia 24). Afirma ainda que não consegue deixar os animais, gosta de tirar leite das vacas e vagar com o cavalo sem destino nos finais de semana.

De personalidade forte, Sandro nunca se sentiu satisfeito em ser empregado dos outros. Fez vários "*acordos*" de trabalho, buscando sempre certa liberdade para transitar entre diferentes espaços, seja rural, para onde retornou diversas vezes para cuidar de animais em granjas da região ("*eu sou meio veterinário, sabe!*"), seja no espaço urbano, basicamente junto a um empregador com quem trabalhou por 14 anos de forma intermitente, pois saiu formalmente de seu emprego algumas vezes. Uma dessas ocasiões foi para receber o Seguro Desemprego, com o propósito de incrementar a sua renda e fazer a carteira de motorista para poder transportar material reciclável para si e para o próprio empregador do qual tinha se desvinculado formalmente, mas de quem, na prática, ainda era funcionário.

O Seguro Desemprego, nesse sentido, é um aporte utilizado por alguns trabalhadores na medida em que ele permite uma renda extra, ou seja, incrementar a renda familiar em determinados momentos de dificuldades ou de um projeto de consumo ou trabalho, à medida que o trabalhador se disponha a sair do emprego formalmente, às vezes não de fato, tendo a possibilidade de acionar o seguro e

receber uma importância financeira paralela à remuneração por serviços que continua a executar de forma “*fria*”, ou seja, sem registro na carteira profissional. Caso não fosse assim, seria difícil comprar ou investir em algo, pois não teria condições de pagar algum investimento apenas com o salário mensal ordinário. Sair e voltar para o emprego ou migrar para outra atividade de trabalho de forma não registrada em carteira de trabalho, enfim, são possibilidades sempre refletidas e conjugadas às necessidades permanentes e imediatas dos trabalhadores.

Fotografia 24 – Conjugação da reciclagem e do trabalho rural na cidade



Fonte: acervo do autor – 17 de março de 2016.

Possibilidades que são compostas de profunda racionalidade focada a determinados fins: otimizar recursos disponíveis que embasem certa ascensão nas condições de vida dos trabalhadores; desfrutar, em certos casos, de algum recurso financeiro sem precisar trabalhar, mostrando para todos a esperteza e a astúcia necessária para manipular e enfrentar todas as dificuldades do dia a dia – condição que mostra a força do indivíduo e sua sapiência na comparação com seus pares, elevando seu status moral perante o grupo com o qual se identifica. Ser propositivo em práticas que possam consubstanciar um leque de outras possibilidades e resistir a determinadas formas de mando e exploração no trabalho são condições sempre acessadas por esses trabalhadores, embora nenhum processo dessa natureza seja líquido e certo. Mas é igualmente composto por tensões e retrocessos quanto à condição do sujeito frente a seu grupo e a seus empregadores.

Da mesma forma, outra estratégia recorrente para buscar vantagens alocadas e previstas pelos catadores se dá pela composição e articulação de ganhos e nas trocas que realizam entre conhecidos. Conforme tivemos oportunidade de constatar, inclusive o entrevistado anterior é uma referência nesse sentido, as trocas entre integrantes das camadas populares se dão muito por intermédio dos bens que cada um adquire e disponibiliza para um eventual negócio. O bem que tem maior liquidez nas trocas é o automóvel e as motocicletas, chegando a ser interpretados como uma poupança por parte de quem os possui, em comparação a investimentos financeiros de outras classes sociais, como a caderneta de poupança e outras aplicações bancárias ou compra de ações de crédito mobiliário, segundo nossa percepção. Ou seja, investe-se no automóvel para, em um momento mais propício, transacioná-lo. Nesse sentido, o automóvel não é apenas um bem considerado de uso propriamente dito, mas um objeto de troca. Geralmente investe-se em algo palpável, caso contrário, pode-se “*gastar o dinheiro com outras coisas*” sem constituir um valor econômico que se possa vender em um momento determinado. Outros utensílios também são muito valorizados como bens de troca, como televisão, materiais de construção e cavalos (mais restritos ao público que lida com esse tipo de animal). Observa-se, dessa forma, uma economia popular, em que os itens econômicos são, em certa perspectiva, muito voláteis, e as mudanças em torno da casa, do trabalho, da disponibilidade de trocas e ajustes de bens são constantes.

As urgências que determinados sujeitos buscam superar, a exemplo dos problemas de doenças na família que os fazem deslocar-se à cidade ou,

simplesmente, para investir na melhoria ou na compra da casa própria, geralmente desprendem os sujeitos de relações longas de trabalhos, principalmente as mais precarizadas e que não lhes dão certeza de permanência e remuneração satisfatória. Em função da baixa remuneração, da superexploração do trabalho, até mesmo pela forma irregular do pagamento de salários e da alta taxa de esforço físico exigida, os trabalhadores geralmente relativizam a própria importância do trabalho formal e dos vínculos que possam estabelecer na atividade a que estão submetidos. Esta relativização, no entanto, traz implícita certa ambiguidade na tomada de decisão. Por um lado, ser autônomo e trabalhar com materiais recicláveis dá certa liberdade de horário e na forma de executar a atividade; por outro lado, o montante regular de dinheiro no final do mês, bem como os direitos trabalhistas – férias, décimo terceiro salário, etc. – e outras garantias sociais também podem ser levadas em consideração por alguns trabalhadores. Exemplificamos mais uma vez este ponto com o depoimento da catadora Soraia, que agora trabalha numa empresa de limpeza pública terceirizada: “*eu juntando papel, eu me sentia... eu me sentia, Eu. Com carteira assinada o dinheiro tá ali. Tem segurança, mas... [não tem liberdade, está presa a um sistema de trabalho controlado por uma hierarquia funcional]*”.

Em certo sentido, isso aflora tensões, desejos e percepções do mundo e das possibilidades que cada um pode ir buscar ao viver em um contexto de trabalho e dos aportes que possui ou pensa possuir. Ter maior liberdade para trabalhar e transitar por diferentes espaços, de qualquer forma, torna-se uma possibilidade de amearhar diferentes “recursos” (oportunidades) pelos lugares em que se passa e pelos contatos e vínculos sociais que se pode estabelecer, condição de suma importância e contrária a trabalhos repetitivos e fechados em ambientes fabris.⁷⁹ Por essa fórmula, a catação também nutre o desejo da autonomia, de liberdade, de comunicação, “*de se fazer o próprio dinheiro*”, sem estar circunscrito ao mando

⁷⁹ Um exemplo contundente de emprego com trabalho precário, repetitivo e mal remunerado na região de Passo Fundo fica a cargo dos grandes matadouros e frigoríficos de carnes que empregam em sua maioria mulheres. Muitas catadoras afirmaram já ter trabalhado nos frigoríficos da região, mas não aguentaram o ritmo de trabalho e priorizaram o trabalho da catação e do cuidado da casa. Com muitas delas tivemos contatos. Outro exemplo de trabalho precário é a construção civil, essa mais relacionada ao trabalho masculino, empregando um grande contingente de pessoas na cidade. Enfim, além da reciclagem, na amostra em que estabelecemos contato, geralmente, homens trabalham na construção civil e realizam biscates de todo o gênero; as mulheres têm maior experiência de trabalho relacionada aos frigoríficos e matadouros, além de exercerem a função de empregadas domésticas; ambos os gêneros, porém, podem ser encontrados em funções de limpeza pública e privada.

gerencial e a trabalhos extremamente penosos e mal remunerados, independente de ser a própria catação de rua um trabalho bastante difícil, “*sacrificado*”, como alguns se referem, “*pegando sol e chuva na rua*”. Além, é claro, de que o preço pago pelo material é aviltante e desproporcional a tudo aquilo que se faz e produz.

Longe de querermos idealizar as condições atuais do trabalho da catação, mas, de alguma forma, necessitamos ter um olhar mais refinado quanto às questões que envolvem processos concretos. Nesse contexto, mais uma vez, alguns catadores nos indicam como ideal a conjunção de atividades e trabalhos diferentes, como é o caso também de Fernando, que diz ter pelo menos três atividades laborais em seu escopo de atividades. Executa trabalho como gari em uma empresa pública de limpeza urbana, concursado e com registro na carteira profissional, além de ser catador de materiais recicláveis e pedreiro nas horas vagas, realizando construções para si e para terceiros.

Porque a reciclagem é assim, a reciclagem hoje dá bem, tem dias que dá e tem dias que não dá. Eu digo pro senhor, se neste mês eu ganhar dois mil, se eu não tiver outro emprego, eu tenho que pensar no dia de amanhã. Principalmente no inverno, no inverno ele descai. No inverno ele descai, é chuarada. Dai o senhor só tem aquela renda. Só tem aquela renda. Se ganhar os dois mil e gastar os dois mil e não pensar no dia de amanhã, o cara vai se quebrar. É bom manter outros lados pra tu manter o que tu tá fazendo. Entende? Porque se tu depender só disso aí... os lixo bom de Passo Fundo é segunda, sexta e sábado. Os dias bom. O resto da semana, se tu sair... no meu caso, se tu sair, é pra gastar. Só gasto em combustível. Então tem três dias bom em Passo Fundo. É segunda, sexta e sábado. O resto da semana se quebra (Fernando, catador e gari na empresa de limpeza pública, 51 anos).

Ao falar de seus gastos, da incerteza da reciclagem e de sua disposição para a vida e para o trabalho, Fernando completa:

Do meu lado eu já levo controlado. O que eu ganho, o que eu devo e o que eu tenho que pagar. Eu já levo tudo controlado. Claro, que se eu não tivesse este emprego, que eu tenho hoje, graças a Deus, eu sobreviveria bem. Além da reciclagem, eu tenho mais uma profissão, mas eu ia me judiar bastante. Ia me judiar, pela idade que eu tenho já. Meio castigado, castigado pelo tempo ai. O cara dai se judia mais. Então é isso meu amigo, sou bem sincero em dizer pro senhor, enquanto Deus me der força nos braços e força nas pernas pra correr e caminhar, eu não largo da reciclagem. O meu sonho, e eu entrego nas mãos Dele, é construir muita coisa ainda. Embora eu tenha que ter começado lá atrás, mas eu tô em tempo de conseguir. Porque um terço do que eu tenho é das obras e mais de um terço do que eu tenho aqui é da reciclagem. Então eu não tenho que me queixar da reciclagem. Tem que fazer, tem que fazer (Fernando, catador e gari na empresa de limpeza pública, 51 anos).

A pluralidade de fenômenos no feixe de direções e possibilidades é algo já apontado neste estudo. Nem todos os elementos e atores estarão postos de forma

homogênea e retratarão suas trajetórias indistintamente. O que nos cabe considerar, contudo, são determinadas características de disposições que se assemelham no contínuo das relações, em função da origem social de quem transita pelo espaço e vai moldando suas integrações, táticas, estratégias e subjetividades. Por este ponto de vista, as relações e características dos sujeitos não são estanques, mas móveis e adaptativas ao longo de suas próprias trajetórias, embora possam carregar determinadas tendências que também irão se modificando ao longo do percurso da vida. Lembrando que nenhuma trajetória é igual à outra, mas particular, recebendo a influência de diferentes fatores, sejam aqueles que se circunscrevem a questões estruturais – econômicas, sociais, políticas – e que alcança a todos, sejam aquelas de fórum mais íntimo, familiar, local, eventual, específica, mediante formas de socializações particulares, formação escolar, gênero, gerações etárias diferenciadas, etc., aspectos esses que só mediante uma leitura articulada e pormenorizada poderão ser melhor compreendidos.

6.2.2 Associação e individualização estratégica

Um conjunto de aspectos que observamos e que nos intrigou no campo de estudo diz respeito à relação entre origem social, necessidades de ajustes nos relacionamentos e formas de organização para o trabalho. Entre os catadores com quem mantivemos contato, as ocupações profissionais que exercem são, em geral, indicações de outras pessoas ou se viabilizam nas trocas de informações e vantagens adquiridas entre parentes e familiares. Outro aspecto importante é a relativa rotatividade de funções profissionais entre os atores estudados, principalmente aqueles que não possuem uma profissão definida no meio urbano. Como muitos são originários do meio rural ou guardam disposições sociais desse meio por intermédio de seus parentes, inserem-se no mercado de trabalho urbano sem qualificação específica e buscam resguardar-se com o auxílio de seus afins consanguíneos. Isso também vale para os mais jovens, que nasceram propriamente na cidade e que, mesmo assim, possuem muita dificuldade para conseguir e manter o primeiro emprego.

Alguns caminhos nos sinalizam que a rotatividade de empregos pode ser compreendida também por uma equação complexa oriunda das relações desenvolvidas pelos atores, como buscamos abordar anteriormente. Tais lógicas

são circunscritas no movimento pela busca da não dependência dos trabalhadores aos empregos precários que acessam em determinados momentos de suas trajetórias profissionais na cidade. Estar articulado em várias frentes de possibilidades de trabalho e ajuda de parentes, nos percursos entre os diversos lugares que transitam, pode ser algo interessante, uma vez que o nível de dependência do indivíduo a um trabalho específico ou a uma pessoa que os emprega torna-se amenizada ou quase nula. O movimento contínuo, nessa circunstância, pode ser considerado um *handicap* positivo, porque pode vincular o indivíduo numa rede de relações mais ampla, em detrimento de uma reduzida rede de relações e constante obrigação profissional a um único empregador.

Nessa condição, os trabalhadores urbanos com baixa qualificação profissional, a exemplo dos catadores de materiais recicláveis, transitam literalmente pela cidade. E, assim, estabelecem relações e firmam múltiplos pactos, alguns esporádicos, outros mais duradouros, com vistas a se articularem e multiplicarem vantagens, como o aprendizado de diversificadas tarefas, obtenção de ganhos materiais, como roupas, calçados, comidas, materiais de construção, para o uso pessoal e da sua família. Além de obterem vantagens em empregos sazonais que remuneram melhor em momentos específicos, existem outras possibilidades, enfim, que contemplam certa totalidade de necessidades e carências que esse segmento de trabalhadores busca suprimir. Nesse sentido, demais membros da família e afins servem como mediadores entre o mundo mais próximo da casa e das relações propriamente ditas do trabalho e do mundo externo a esse ambiente.

Em relação ao trabalho, alguns aspectos intensificam os ajustamentos dos que lutam para inserir-se e alcançar certo nível de estabilidade na sociedade. Tais aspectos correspondem às práticas e às confabulações associativas existentes voltadas as atividades laborais coletivas. Evidentemente estas experiências de trabalhos coletivos são as mais variadas possíveis e o termo associativismo está distante de ser proferido nas falas dos catadores. Porém, chama-nos atenção o caráter de formalidade e informalidade de alguns empreendimentos e trabalhos coletivos, executados por grupos de pessoas que possuem um lastro de relações familiares e parentais significativo. As fotografias 25 e 26 retratam o trabalho coletivo informal e o formal, o trabalho conjunto de duas pessoas com laços parentais que trabalham na rua, de forma autônoma, e o de trabalhadoras formais reunidas em uma cooperativa de reciclagem, com estatuto e regimento interno próprio definido.

Fotografia 25 – Primas catando juntas nas ruas de Passo Fundo – associação informal



Fonte: acervo do autor – 17 de maio de 2015.

Tais conjuntos de pessoas (fotografias 25 e 26) possuem, de qualquer forma, um elo de parentesco muito forte e efetivam o seu trabalho apoiando-se umas nas outras. Isso nos faz pensar no quanto é possível o trabalho dos catadores estar articulado por relações de proximidade predefinidas, a partir de relações parentais, pela divisão do terreno de suas casas, socializando o espaço para moradia e trabalho ou no centro de uma proposta cooperativa, no galpão de reciclagem. Observamos que em todas as cooperativas que conhecemos na cidade existem elos básicos de parentescos, mais de dois grandes grupos de parentes por cooperativas, muitas vezes, o que auxilia, até certo ponto, a conformação de um caráter de confiança, de espontaneidade e de acessibilidade a determinados indivíduos para ingressar nos empreendimentos cooperados.

Fotografia 26 – Catadoras de uma cooperativa de reciclagem



Fonte: acervo do autor – 10 de abril de 2015.

Podemos perceber, porém, que as garantias de ajuda mútua e reciprocidades que os relacionamentos promovem também podem gerar incertezas e colocar à prova os processos de integração dos indivíduos nos grupos de trabalho, a exemplo do que acontece nas próprias comunidades onde vivem tais atores e demais segmentos das camadas populares, locais em que há uma dinâmica conflitiva muito própria dos grupos populares a partir de *status* e hierarquias particulares e específicas configuradas nas famílias e nas comunidades de uma forma geral.

No seio das relações parentais e em comunidades, onde, em muitos casos, se estabelecem composições de trabalhos coletivos em meio às incertezas do mercado de trabalho formal ou pelas opções espontâneas desenvolvidas pelos sujeitos, hierarquias de poder se manifestam constantemente para traçar o status de importância de cada ator no seio da comunidade. A honra e o prestígio são aportes capitais necessários e permanentemente buscados e/ou conservados pelos sujeitos, dentro de uma noção de “estratégia de sobrevivência” (FONSECA, 2000), pois a demonstração de força e poder podem ser a melhor forma de posicionamento e

garantia de não ser molestado em um ambiente de relativa violência e apreensão do risco de vida e exploração.⁸⁰

Num ambiente em que os recursos para o exercício de poder são diversos, embora o poder econômico de um indivíduo pouco se sobressaia em relação aos outros, a condição expressa de poder pode variar na graduação do poder simbólico, seja na demonstração da virilidade do corpo físico e do traquejo do homem ao transitar pelo espaço da rua, seja na maledicência de boatos e enredos de intrigas desenvolvidos pelas mulheres que se correspondem com vizinhos e parentes no ambiente mais restrito da casa.

Em grupos populares de sociedades desiguais, em que a personalidade tem grande relevância e poder de influência, Fonseca destaca as hierarquias de poder que subsidiam as esferas dos relacionamentos, as quais fazem parte de um sistema em que a honra dos indivíduos possui um princípio de valor supervalorizado, estabelecendo lastros de conduta e apreensão das importâncias resolutivas do que define o que é determinado sujeito. Os padrões de valor do homem e da mulher estão dispostos na rede de relações estabelecidas, e a honra, nesse sentido, deve ser constituída e mantida pelos atores. Os sujeitos, enfim, têm deveres a cumprir na sociedade e, no jogo das relações e atributos a serem cumpridos, reverberam disputas e luta por reconhecimentos e distinção entre os participantes dos grupos sociais. Ou seja, a força e coragem dos homens e a fofoca das mulheres são balizadores de conduta e parâmetros da escala hierárquica de poder. Há que sempre testar o outro, maximizando poder quando possível e depauperando a outra parte para conseguir uma posição satisfatória na hierarquia social. Conforme Fonseca (2000, p. 27):

Conseguir rebaixar o status de um faz com que suba o do outro. Se os homens testam-se constantemente uns com os outros por atos de coragem, bravura, etc, as mulheres afrontam-se pela fofoca. Esses casos de agressão mútua são, apesar de sua aparência anárquica, regidos por um código de comportamento, raramente aplicado aos estranhos, que marca os limites do grupo.

São notórias as confabulações hierárquicas nas camadas populares e a luta pelo desenvolvimento das posições nas escalas de relacionamentos, conforme pudemos destacar e concordar com as conclusões de Fonseca. O cuidado para falar

⁸⁰ Fonseca (2000) realiza uma análise das dinâmicas de relacionamentos e do poder em vilas populares na cidade de Porto Alegre / RS.

do outro, a forma devida de expressar-se e, em alguns momentos, o ataque à moral e ao comportamento alheio é decisiva para o narrador alçar-se a uma posição superior e inferiorizar seu oponente, ou mero vizinho e consanguíneo, o qual estabelece e faz comparações na escala das posições. A ponderação quando se fala da vila e do lugar em que se vive é também pendular, ora se tem a posição de defesa e de negação no sentido de tecer qualquer comentário sobre as relações desenvolvidas na comunidade – *“não vou na casa de ninguém”, “não sei da vida dos outros”, “é só trabalho e casa a minha vida”, “eu nunca visito os parentes”, “boca fechada não entra mosca”* –, ora a posição é de ataque e de classificação do outro – *“aquele ali é cachaceiro”, “aquela ali é fofoqueira”, “os caras só fazem bagunça no trabalho”, “esse é um vizinho clássico, roubou de todo mundo no galpão”* – (conforme trechos variados de nossas entrevistas).

Nas relações no ambiente de trabalho associativo formal, nas cooperativas de trabalho na reciclagem, geralmente é reproduzido o fenômeno sistêmico de posições e lutas por aquiescência do *status* moral, em que a honra se funda nos processos qualificativos dos indivíduos. É visto que em determinados momentos as brigas e intrigas no interior das associações são potencialmente mais fortes e sistemáticas, e a desconfiança pelo uso e a malversação dos recursos financeiros das associações não é o único motivo de discórdia, embora seja sempre um mote para a ampliação de discussões e desentendimentos. Temos que considerar que as redes de intrigas e desconfianças não necessariamente se originam no seio das cooperativas, mas é algo mais amplo e diz respeito até mesmo à relativa intimidade dos grupos e das relações familiares e comunitárias, ou seja, contornar os conflitos associativos de trabalho não é algo que se relacione apenas a um problema de gestão do empreendimento especificamente.

A moral do outro pode ser atacada também por diferentes fatores que contribuem para delimitar os espaços e os níveis de importância que cada um busca ocupar no grupo de trabalho, na própria hierarquia das relações que se estendem desde os níveis familiares e comunitários e que chegam nos empreendimentos associativos propriamente ditos. Não podemos ver os relacionamentos, nesses exemplos, como formas compartimentadas e absolutas às esferas do trabalho. O trabalho associativo, nesse caso, conforme pudemos constatar, é uma extensão das relações desenvolvidas nas comunidades, entre grupos parentais, nas relações de vizinhanças e demais proximidades. Grande parte das discussões e dos

desentendimentos nas associações, como constatamos pelo depoimento dos entrevistados, são atribuídas às fofocas, aos falatórios, o que leva alguns a desistirem de continuar nos grupos, principalmente quando se alçam momentos de crise econômica e queda dos rendimentos financeiros, momentos esses em que se potencializam as discussões e as desconfianças quanto à honestidade e à proatividade dos colegas. As denúncias, veladas ou apontadas com veemência, são sempre focos de disputas e não se originam necessariamente no ambiente de trabalho das associações.

Esse processo perdura inclusive em reuniões que acontecem entre grupos cooperativos distintos que se reúnem por intermédio de assessoria comum – reuniões do Projeto Transformação – onde determinados grupos terão a oportunidade de se “medirem” e, sequencialmente, classificarem-se identitariamente. Alguns depoimentos vão nessa direção: *“aquelas lá são muito ‘cheias’, sempre com as caras amarradas, não conversamos com elas”* (catadora de uma cooperativa ao falar sobre componentes de outra cooperativa de trabalho). O que demonstra um certo nível de resistência em ver os outros como iguais à medida em que o atributo de cada um, culturalmente, é perceber a diferença e modular a sua participação dentro de uma hierarquia de valores na qual cada um quer legitimar-se de forma superior, com princípios que compõem a honestidade, a autenticidade, o esforço, a sapiência e a bravura como formas de sobrevivência. Isso pode referendar um nível de reconhecimento pessoal para quem melhor se pronuncia e transfere para a prática alguns desses princípios. Aspecto esse, em suma, necessário a cada um que faça parte de um coletivo e que, permanentemente, esteja sendo julgado por seus atos e posições tomadas. Em muitos casos, por essa formulação, a melhor defesa é o ataque.

As relações de poderes, nesse sentido, estão na epiderme das relações sociais, o que nos faz descartar certo idealismo ou romantismo ao analisar as relações mais íntimas ou recônditas atribuídas aos estratos populares e, particularmente, aos trabalhadores das cooperativas que se movimentam esgrimindo seus afetos e desafetos no jogo presencial e conflitivo das posições de semelhanças e antagonismos. Assim como qualquer grupo humano, o sistema de crenças, valores, práticas e poderes dinamizam as possibilidades e revigoram os hábitos culturais.

Podemos perceber que esse fenômeno pode ser entendido como um processo de autodeferimento de *status* em função da diferenciação de um ator em relação a outros, ou de um grupo em relação a outro grupo, ou seja, a partir da perspectiva identitária, condição que destaca apreensões de elementos simbólicos e auto referenciados (SILVA, 2014). Tal processo, no caso em destaque, vai ao encontro de um princípio de participação individual ou grupal de sujeitos que transitam e estabelecem relações com os que consideram seus iguais e diferentes, no interior e no exterior dos coletivos urbanos e associativos de trabalho. No transcurso do trabalho, seja na forma cooperativa ou autônoma, percebemos um princípio liberal popular muito arraigado entre os catadores, com amplas *interfaces* com a noção de moralidade e de honra que compartilham em sociedade. Esse princípio faz alguns até mesmo refutarem, de forma peremptória, qualquer tipo de associação voltada ao trabalho coletivo, “*não dá certo trabalhar reunido, dá sempre bagunça*”, nos diz Fernando, um catador que possui experiência de 22 anos nesse trabalho e que já cruzou com muitas pessoas que executam ou executaram a catação pela cidade ou em organizações associativas.

Assim, percebemos que aqueles catadores com disposições sociais mais próximas do meio rural, sejam eles recém-chegados ou aqueles com idade mais avançada e que passaram suas vidas muito mais próximos do horizonte rural que o da cidade, possuem uma tendência maior em aceitar o trabalho organizado coletivamente. Eles são muito mais afeitos ao coletivo e de comparar a sua vida pregressa com os hábitos dos moradores da cidade. Posição talvez mais próxima das características do trabalho coletivo do meio agrícola e rural. Por outro lado, os que possuem características eminentemente urbanas, que nasceram na cidade e possuem práticas mais maleáveis no interior do espaço urbano, com proposições mais individualistas do ponto de vista da execução do trabalho, referendam suas práticas menosprezando a importância do trabalho coletivo, fora da alçada da família e da parentela. A desconfiança aqui é sempre uma prática. Porém, as condições de origem dos trabalhadores não são inteiramente determinantes quanto à organização ou não do trabalho cooperativo, uma vez que outros elementos entram em interseção, principalmente a manifestação de um associativismo espontâneo criado pelos próprios laços parentais nas comunidades em que vivem, aspecto abordado anteriormente.

Enfim, nem tudo é tão simples e esquemático como se possa imaginar e depende realmente das disposições construídas e das mesclas de experiências de cada sujeito e de seu grupo social, no movimento embalado pelos polos da individualização e da coletivização das atividades laborais e comunitárias (locais de convivência e moradia).

A única certeza é a necessidade de enaltecer a ideia de que os catadores não são meros desassistidos e excluídos socialmente, pois são sujeitos avivados de sua condição e transitam pela cidade racionalizando suas práticas e esboçando uma margem de suas disposições sociais. A vulnerabilidade social de alguns é evidente, pois vivem no rigor de dificuldades econômicas severas, assim como em condições precárias de moradias, embora não seja a maioria que possa ser caracterizada dessa forma, muito pelo contrário, pois são fundamentalmente heterogêneos em suas formas de atuação e nos níveis de importância que atribuem a este e a outros trabalhos que executam pela cidade, seja dentro da perspectiva de ver a catação como mero, mas importante complemento da renda ou uma “carta na manga” (atividade reserva) que possa ser acionada a qualquer momento, seja como fonte principal ou secundária para a sua manutenção, da família e/ou do grupo parental estendido do qual faça parte.

7 REDES E AUTENTICIDADES NAS DINÂMICAS CULTURAIS

Este capítulo tem como perspectiva realizar um enlace final a respeito das reflexões que dizem respeito às mobilidades e disposições dos atores sociais. Para isso, nos servimos da ideia de que as disposições sociais também sofrem as influências das redes sociais complexas que os sujeitos constroem ao longo de suas vidas e trajetórias. Assim como a dinâmica cultural e os valores apreendidos pelos sujeitos, participantes de determinados campos sociais, os condicionam a determinadas práticas, as redes sociais que se estabelecem e se revigoram constantemente transpassam espaços sociais e servem de aportes e condições para multiplicar perspectivas e práticas fundadas nas diversas experiências sociais apreendidas pelos indivíduos. Inseridos nas conexões das redes e cristalizados nas trocas sociais, os atores realizam suas escolhas e suas práticas, contornam, na medida do possível, os obstáculos e estabelecem suas prioridades diante das possibilidades percebidas, seja nos variados vínculos de trocas e reciprocidades que desenvolvem, seja nas tensões e nos conflitos que os diferenciam e os quais impactam em suas vidas.

Evidentemente que este panorama é interpretado dentro de sua complexidade relacional e cultural, ensejando uma proposta epistemológica que nos pautou até aqui, ou seja, diante de um viés articulado de movimentos que podem configurar cruzamentos sociais, formas de entendimentos da realidade e autenticidades diversas nos territórios de encontros configurados pelos sujeitos.

As dimensões do pensar e do agir, em verdade, vão sendo confrontadas, dissimuladas e incrementadas pelos atores em função de suas convivências e projetos próprios, independentemente do estrato social a que pertençam, conformando suas disposições sociais. Nessa perspectiva, damos relevância às dinâmicas culturais mediante algumas manifestações e expressões locais na perspectiva de entendermos algumas relações e subterfúgios relacionais desenvolvidos e que nos ajudaram a melhor perceber fatores de integração social, estratégias e táticas de trabalho, além de lógicas e expressões subjetivas amparadas e circunscritas a determinados grupos.

Neste momento, para nós, é menos importante definir conceitualmente o que seja Cultura *stricto sensu*, aprofundando abstratamente a noção de cultura como algo substantivado a partir dos elementos criados e representados pelo conjunto de

indivíduos vivendo em sociedade. Não queremos recorrer a um debate teórico denso a esta altura da tese. Pelo contrário, mesmo inserindo novos conceitos e problemáticas a esta fase do trabalho, partir de imediato para as dimensões dos processos concretos e das lógicas sociais que, direta ou indiretamente, sintonizam as vidas das pessoas e exigem delas que se manifestem, eclodindo, por sua vez, representações, práticas da realidade e visões de mundo dos atores sociais que se manifestam e usam sua reflexividade no trabalho e na vida prática cotidiana.

Engajamo-nos, assim, na perspectiva de Edward Sapir (2012; 2015) ao perceber a formação de escolhas e atitudes na ordem de manifestações práticas e representacionais autênticas implementadas no seio do desenvolvimento das relações sociais. Escolhas e atitudes são fontes formadoras de configurações culturais e depõem a favor da ação do ator social dinâmico e criativo a partir de suas circunstâncias e contextos vividos. Sujeito reflexivo, por que não, multifacetado em suas trajetórias carregadas de obstáculos e possibilidades, que expõe sua condição e condiciona suas práticas, não exatamente nesta ordem, mas como algo integrante de uma espiral expressiva e manifesta em suas ações e em seus discernimentos associados a outros atores.⁸¹

Observamos que os atores sociais se tornam sujeitos autênticos em suas formas de se envolver em processos sociais e culturais, o que dá margem para que se consubstancie uma cultura também autêntica na medida em que:

[...] não pode ser definida como uma soma de fins abstratamente desejáveis, como um mecanismo. Ela deve ser vista como o vigoroso crescimento de uma planta, cuja folhas e galhos mais remotos são organicamente nutridos pela seiva das suas raízes. E esse crescimento não é aqui uma metáfora apenas para o grupo; aplica-se também ao indivíduo. Uma cultura que não se constrói a partir dos interesses e desejos centrais dos seus portadores, que opera a partir dos fins gerais em direção ao indivíduo, é uma cultura exterior. A palavra “exterior”, que tantas vezes é instintivamente escolhida para descrever tal cultura, é bem escolhida. **A**

⁸¹ Para um debate consistente e aprimorado sobre os níveis de liberdade dos indivíduos, envolvendo desejos e a própria reflexividade do indivíduo, referência em si mesmo, Charles Taylor (2005, 2009) discute teoricamente a respeito das capacidades do indivíduo e dos múltiplos fatores que compõem sua própria existência. A liberdade e os desejos dos indivíduos, segundo o autor, estão ligadas as suas experiências e as suas originalidades, assim como aos valores morais que apreendem e aos significados que as coisas adquirem socialmente. Ou seja, há todo um conjunto de relações ligadas às vivências que não tornam os indivíduos, em seu Eu, meros reflexos de orientações externas. Salienta ainda o autor que, embora na atual fase da humanidade a individualização seja exacerbada, assim como a razão instrumental e que o fechamento da esfera política possa tolher a liberdade dos indivíduos, fenômenos originais e autênticos por parte dos atores definem certas condutas. Taylor, assim, foca seu estudo em questões relativas à autenticidade dos indivíduos em seus âmbitos relacionais e em seus possíveis desdobramentos fáticos na e pela sociedade.

cultura autêntica é interior, ela opera a partir do indivíduo em direção aos fins (SAPIR, 2012, p. 44). [grifos nossos]

Nesse sentido, as colocações de Eunice Durham (2004, p.231), ao frisar o processo permanente e desencadeante das dinâmicas culturais, parecem-nos também muito elucidativas:

A cultura constitui... um processo pelo qual os homens orientam e dão significado às suas ações através de uma manipulação simbólica que é atributo fundamental de toda prática humana.

Nesse sentido, toda a análise de fenômenos culturais é necessariamente uma análise da dinâmica cultural, isto é, do processo permanente de reorganização das representações na prática social, representações estas que são simultaneamente condição e produto desta prática.

Aproveitando esses estratos teóricos que endossam aspectos representacionais e atitudinais de forma genérica para circunscrever a produção das dinâmicas culturais e iniciativas dos atores sociais, desenvolvemos aqui, em duas seções deste capítulo, a título de encerramento de nossa reflexão, uma análise a respeito de determinadas manifestações (dinâmicas) culturais que enlaçam um teor de autenticidade muito surpreendente a partir da confluência de determinados sujeitos e suas experiências. Acreditamos que, dessa forma, aprofundaremos nossa análise e extrairemos questões importantes que indiquem a dinâmica dos próprios catadores e o rol de possibilidades encontradas por eles para se manifestarem e organizarem suas vidas em seus ambientes mais recônditos, reflexivos e interativos, a exemplo do que já foi exposto até aqui. Tal dinâmica também se constrói com a propulsão das redes pessoais que queremos introduzir nesta seção, pois percebemos que esse campo poderá ser explorado a partir de ideias que possam estar geminando neste texto.

Começamos retratando uma experiência que tivemos no campo de pesquisa mediante o objetivo de realizar uma entrevista com uma determinada pessoa, quando percebemos os anteparos relacionais que possui por intermédio de sua rede familiar estruturada de forma densa e homogênea. Logo em seguida, trataremos de outro caso exemplar, de uma rede mais fluida de pessoas e que dá sintonia a determinadas práticas de um catador que montou uma biblioteca a partir de livros achados no lixo. Certamente os exemplos que trazemos aqui terá um teor de estruturação final da tese, elucidando algumas questões e deixando outras em aberto para futuras reflexões.

7.1 “UM DIA É DA CAÇA, O OUTRO DO CAÇADOR”: FALATÓRIO “CHATO” E ESPONTÂNEO

Na primeira saída formal no campo de pesquisa, buscamos o amparo de um funcionário técnico da Secretaria do Meio Ambiente da PMPF. Este funcionário, também militante do movimento ambientalista, atuante numa das ONGs da região, era nosso conhecido de certa data, principalmente a partir de eventos acadêmicos e encontros de discussão sobre problemáticas ambientais locais. Profundo conhecedor dos ambientes e territórios do município, levou-nos a conhecer determinadas realidades que, sem ele, seria difícil conhecer e estabelecer contato com os moradores locais.

Assim, organizamos uma saída de campo e fomos observar, durante uma tarde, quatro locais em que, segundo nosso interlocutor, seria interessante iniciarmos nossa pesquisa. Num destes lugares, o funcionário indicou-nos uma comunidade de catadores que talvez devêssemos conhecer, pois, segundo ele, *“uma das catadoras era bastante atuante na região e morava num local muito interessante”*.

Realmente, ao parar o carro, numa estrada periférica da cidade, local mais ermo e, à primeira vista, pouco habitado, com algumas casas às margens desta estrada, avistamos um contêiner com uma senhora e uma criança que tinha em torno de 10 anos de idade. A criança mexia no interior deste compartimento de resíduos buscando encontrar algum material para ser selecionado para a reciclagem. O entorno do contêiner tinha sinais de queimada recente e o funcionário, após cumprimentar a senhora, questionou quem tinha colocado fogo no local e deslocado o contêiner de seu local original, pois ele deveria estar do outro lado da via, segundo o funcionário. Muito solícita, a senhora (Dona Ana, 51 anos) disse que não sabia quem tinha movimentado o contêiner e que muitas pessoas vinham ali atirar lixo, inclusive de construção civil. Depois disso, de forma respeitosa, falaram rapidamente da problemática do lixo urbano e de como a população local deveria proceder para melhor lidar com os dejetos urbanos ali depositados.⁸²

O funcionário nos apresentou, enfim, à Dona Ana como professor e disse para ela que estávamos ali para realizar uma pesquisa sobre o trabalho das pessoas

⁸² Mais adiante, na estrada, observamos muito material da construção civil espalhado por terrenos baldios e a beira de um riacho.

que fazem a “reciclagem dos rejeitos”. Esclarecemos que não se tratava de vínculo com a Prefeitura e que o funcionário estava nos acompanhando por gentileza, tendo em vista não conhecermos aquele lugar e que em outra ocasião a procuraríamos para conversarmos um pouco sobre a sua atividade de trabalho. Condicionamos nossa presença ali à Universidade e à condição de professor, reforçando as próprias informações do mediador naquela apresentação. Logo em seguida, por intermédio dessas pessoas, fomos convidados a conhecer o local de moradia e de depósito de materiais de Dona Ana. Não entendemos, num primeiro momento, onde ela morava quando nos disseram “*a casa é logo ali*” e entraram numa “picada” – um acesso estreito de terra a pedestres no meio de uma mata (conjunto de Fotografias 27).

Ficamos bastante surpreendidos quanto ao local de acesso à casa de Dona Ana, mais surpreendidos ainda quando, depois de andar uns duzentos metros, a picada se abriu como uma clareira no meio da mata densa. Ali encontramos um portão que dava acesso a um conjunto de, pelo menos, sete casas construídas ao entorno de um pátio central que servia a todas estas habitações. O lugar era muito inusitado; ninguém que passasse pela estrada imaginaria que existisse um conjunto de casas no meio da mata, exceto quem já soubesse disso. Depois ficamos sabendo que a picada continuava à margem desta clareira e dava acesso a outras partes da comunidade que também tinha acesso por outra rua, mais adiante.

Ao passarmos pelo portão, percebemos ainda melhor, *in loco*, do que se tratava e o que estava em questão ali: um agrupamento parental numa divisão de terrenos e casas que absorvia uma área comunal centralizada que servia de encontro e uso comum entre as partes que ali habitavam. Analogamente a certas comunidades indígenas, cujas casas são construídas em forma circular em relação umas às outras, com um grande pátio central de convivência entre as partes.

Percebemos, imediatamente, que uma das tarefas do grupo de moradores ali instalados era o trabalho de reciclagem de materiais, pois em frente a cada casa existiam *bags* de materiais selecionados e numa área mais afastada uma queimada de dejetos que, supostamente, foram também descartados pelos catadores e, provavelmente, avaliados sem serventia. Cada *bag*, era fácil perceber, correspondia a uma casa, sem serem agrupados e coletivizados para a venda e distribuição dos ganhos. “*Cada um faz a sua parte, tem a sua renda separado*”, nos disse em outro momento Antônio, um dos filhos mais velhos de Dona Ana, confirmando nossa percepção inicial.

Não quisemos ter muito contato com os moradores locais nessa oportunidade. Fomos discretíssimos, pois estávamos acompanhados de um agente da Prefeitura e não queríamos ser identificados como um funcionário do poder público municipal. Apenas fizemos contato superficial com Dona Ana. Nesse momento, ela se dispôs a receber-nos em outra oportunidade para conversarmos sobre o seu trabalho de reciclagem. Tentamos demonstrar nossa isenção quanto ao poder público e que o nosso trabalho era meramente acadêmico, comprometendo-me a procurá-la em uma ocasião mais adequada para mantermos uma conversa informal, inclusive resguardando a sua identidade, caso ela demonstrasse ficar mais à vontade dessa forma para nos receber.

Depois de alguns meses, já em plena aplicação do questionário socioeconômico pela cidade de Passo Fundo, retornamos sozinhos à casa de Dona Ana.⁸³ Não a encontramos, mas uma pessoa informou que ela estava trabalhando. Provavelmente, era um de seus filhos ou genro, um homem jovem, de pouco mais de 20 anos. Esse jovem nos olhou de forma um tanto desconfiada, questionando o que queríamos com ela. Explicamos nossos objetivos, ou seja, que estávamos fazendo uma pesquisa com os trabalhadores da reciclagem em Passo Fundo e perguntamos quando seria melhor tentarmos encontrá-la em casa. Ele propôs um determinado dia da semana no período da tarde, com o que concordamos, pedindo-lhe que informasse para Dona Ana, mas, caso ela não pudesse, voltaríamos em outra oportunidade.

Passados alguns dias, retornamos ao local e, ao chegarmos, Dona Ana foi até o portão, espantou uns quatro ou cinco cachorros que latiam para nós e, com um sorriso meio tímido, disse que podíamos entrar: “*entra irmão*”. Ao cumprimentá-la, relembramos nosso propósito, e ela nos disse que recebeu o recado e que estava nos esperando, pedindo, então, que passássemos e fôssemos até sua casa.

⁸³ Dona Ana respondeu o questionário 53 dos 120 aplicados aos catadores, três meses depois da primeira visita em seu local de moradia.

Fotografia 27 – Acesso e terreno onde reside a família e afins de Dona Ana



Fonte: acervo do autor – 25 de março de 2015.

A casa estava repleta de pessoas, inclusive um pastor de sua congregação religiosa com sua esposa. Havia também algumas crianças e moças, algumas filhas e amigas da família. Sentamos numa parte do sofá da casa, local simples, mas extremamente limpo e organizado. Explicamos a todos a pesquisa enquanto iam se acomodando a nossa volta. Dona Ana disse que podia não saber responder tudo o que fosse perguntado. Era perceptível sua tensão e seu receio, olhando bastante para o Pastor. Reforçamos que as perguntas não tinham um teor de dificuldade e nem era um teste de certo ou errado, ou coisa parecida, que eram questões simples e de seu cotidiano e que, certamente, ela poderia responder e ajudar-nos. Ficaram todos em silêncio para iniciarmos as perguntas. Ana respondeu tranquilamente, sempre com um olhar para os outros presentes, principalmente para o pastor e sua esposa. A aplicação do questionário foi bastante tranquila, com intervenções de um e de outro assistente. Procuramos aproveitar aquele momento para explorarmos alguns detalhes de outras pessoas que estavam ali. Uma jovem falou que também catava, mas disse que a catação dava cada vez menos e que naquele momento estava empregada. Outra, provavelmente uma das filhas de Dona Ana, falou que a ajudava quando era criança.

Acabou sendo respondido o questionário socioeconômico por Dona Ana em um ambiente descontraído e numa roda de chimarrão. Ela despreendeu-se de sua timidez e evoluiu no direcionamento de suas respostas, frisando que faz o serviço para manter-se, para comer e pagar água e luz da casa, embora seja pensionista do marido, que foi assassinado há mais de 10 anos. Afirmou que toda a vida pensou na família, em fazer uma casinha de material para deixar para os filhos, comprou aquele terreno de um senhor: *“antes não tinha nada aqui, comprei do seu Luis, que faleceu, aqui ficamos mais isolados, as gurias já estavam virando mocinhas e eu não queria que elas ficassem fugindo de casa com os namoradinhos. Dei a casa que tinha na São Luiz, uma carroça e um cavalo. Troquei com ele. Daí começamos a construir aqui”*.

Dona Ana, uma mulher simples, não alfabetizada, retrai-se com os estranhos, porém em sua casa congrega várias pessoas quando necessita. Embora em silêncio, na maior parte do tempo, o Pastor que visitava Dona Ana mostrou-se disposto a saber nossas reais intenções de pesquisa e, no final, convidou-nos para conhecer sua igreja, sediada na Vila Entre Rios. Ele acrescentou que trabalhos como o que nós estávamos propondo, com os catadores, são muito importantes e

bem-vindos. Bastante cordiais, todos, indistintamente, mostraram-se muito dispostos a falar e informar sobre a reciclagem de materiais que executavam ou deixaram de executar. Dona Ana, inclusive, permitiu-nos procurá-la novamente para uma possível entrevista para que pudéssemos obter maior margem de aprofundamento e direcionamento de outras questões pertinentes ao projeto investigativo. Despedimo-nos de todos e, nesse momento, Dona Ana usou uma linguagem muito eloquente: “[...] caso o senhor queira voltar, as portas estão sempre abertas; em nome de Jesus, nunca se fecha as portas a ninguém, em nome de Jesus!”

Ficamos em torno de uma hora na casa de Dona Ana, num clima bastante cordial, sem pressa ou qualquer tipo de pressão. Ela disse que acompanharia, logo em seguida, o Pastor e sua esposa até a igreja. Dirigimo-nos, na sequência, à casa ao lado, de Dona Lia, também catadora, sogra de um dos filhos de Dona Ana. Consideramos interessante também esse contato para aplicar o questionário, uma vez que essa senhora participou ativamente de nossa conversa anterior, com requintes de detalhes e experiências próprias na catação.

Dona Lia nos atendeu na frente de sua casa (pessoa que aparece no conjunto de Fotografias 27 com o seu carrinho de trabalho). Também muito solícita, Dona Lia disse ter 99 anos de idade e morar com uma filha e uma neta. Dona de uma lucidez impressionante, relativiza suas dificuldades do dia a dia: *“tem que catar mais, ...tá triste para o pobre, mas é bom catar na rua, o pessoal dá coisa”*. Sem nenhuma instrução, Dona Lia diz ter vindo para Passo Fundo há 40 anos, oriunda do município de Água Santa, e realiza catação há 30 anos. *“Ninguém dá emprego pra pessoa velha”*, pondera. Mãe de 6 filhos, ficou viúva há 16 anos. Antes do casal mudar-se para Passo Fundo, trabalhava no meio rural com o marido. Diz estar cansada de trabalhar, mas não pode parar. Vive perto da casa de uma filha e mora com outra e cuida da neta. Ganha em torno de 500 reais por mês na catação. Segundo Dona Lia, elas dependem muito desse dinheiro para viver. Trabalha três dias por semana e não vai catar no centro, apenas na circunvizinhança.

Percebemos que essas duas participantes da pesquisa têm muitas coisas em comum e, ao mesmo tempo, algumas diferenças. Hoje dividem um mesmo espaço de moradia e trabalho. São religiosas e possuem extremada abnegação pela família, protegendo-se de estranhos e lutando para viver com o apoio do grupo parental. São referências a outros membros do grupo por suas centralidades familiares e importância econômica.

Possuem, de certo modo, origens diferentes: Ana sempre viveu no meio urbano, teve seus filhos no mesmo lugar em que nasceu e movimentou-se pelo espaço urbano e rural em busca de trabalho, sem, todavia, deixar de morar na mesma região da cidade em que nasceu; Lia nasceu no meio rural, mudou-se para Passo Fundo já adulta, com o marido. Teve na catação de materiais recicláveis a principal fonte de renda nos últimos 30 anos, pois, por consequência da idade avançada, tem maior dificuldade de adaptar-se ao espaço funcional urbano, embora abnegada ao trabalho.

Ambas são viúvas e as mais velhas do grupo parental. São pessoas que trazem, em certo sentido, expressões e testemunhos de experiências articuladas à família e ao trabalho. Vinculadas a essas experiências, relembram as mudanças repentinas e necessidades de adaptações abruptas que tiveram que enfrentar ao longo do tempo. Condições essas que reproduzem com certo clima de representação do sofrimento e certo saudosismo, principalmente a segunda (Lia), que teve como maior desafio ajustar-se, com idade avançada, a um ambiente urbano que desconhecia. Dona Lia não apresenta precisão na lógica do tempo; na sequência dos fatos que diz ter vivenciado, afirma que tem 99 anos, mas sua condição de trabalhadora de rua nos faz suspeitar de seus cálculos. De qualquer forma, é uma pessoa idosa que ainda tem a responsabilidade de gerir a família e agrupar a estrutura parental. Pela filha teve a oportunidade de ir morar em uma parte do terreno adquirido por Dona Ana, ficando próxima da filha e de outros com quem divide a experiência de ser catadora.

Dona Ana, por sua vez, desde o início de nossa primeira incursão no campo de estudo, foi uma das escolhidas para ser uma das entrevistadas na modalidade das entrevistas-narrativas (cf. metodologia desta pesquisa), pelos motivos peculiares expostos aqui, principalmente pelo conjunto de fatores ligados à rede familiar que congrega e por seu espaço *sui generis* de moradia.

Tempos depois desse encontro com Dona Ana e Lia, voltamos uma quarta vez ao local, em busca de Dona Ana, com quem queríamos apenas marcar a entrevista, era um sábado à tarde. Chegando lá, ela nos recebeu no portão novamente mediante os latidos dos cachorros que anunciam a presença de alguém no acesso à propriedade da família. Sorrindo, disse-nos que não poderia atender-nos naquele dia, pois começaria o culto evangélico logo em seguida. Convidou-nos para participar do culto que aconteceria na casa de oração que tinham construído no

local (Fotografia 28). Não ficamos neste dia, mas aceitamos o convite para outro momento, pois não faltaria oportunidade para que participássemos do culto que organizava. Marcamos um encontro ali para a semana seguinte, acertamos o horário e nos despedimos cordialmente (tinha outras entrevistas agendadas naquele dia).

Na semana seguinte, uma quinta-feira, início de tarde, conforme combinado, comparecemos ao local para entrevistarmos Dona Ana. Percebemos certa movimentação no pátio da família, com pessoas realizando múltiplas atividades, algumas varrendo o pátio, outras selecionando materiais recicláveis, enfim uma ampla variedade de movimentos, parecia um mutirão de limpeza, incluindo as crianças que corriam para todos os lados. Ela sentou-se perto da soleira da porta de sua casa e ofereceu-me uma cadeira que estava colocada estrategicamente disposta para que eu sentasse próximo a ela, mas virada para o centro do terreno. Dessa vez não nos convidou para entrar em sua casa. Era um dia de sol, muito agradável, e ficamos à sombra da casa e das árvores, parecia tudo muito perfeito. E era certamente planejado, porque, desta vez, seríamos nós os observados e os avaliados pelo grupo com o qual um dia fizemos questão de fazer contato e observá-lo.

Em certa altura de nossa conversa, percebemos que estávamos rodeados por muitas pessoas que chegavam aos poucos e se acomodavam no centro do terreno. Estavam ali praticamente todos os componentes das famílias que dividiam o terreno com a entrevistada, a matriarca da família. Pensamos com “*nossos botões: um dia é da caça, o outro é do caçador*”, e, naquele dia, o principal observado éramos nós. Aquelas pessoas queriam definitivamente saber quem éramos e quem realmente representávamos, quais eram as verdadeiras intenções e por que a insistência em comparecer ao local, embora tivéssemos em mente que tínhamos sido suficientemente esclarecedores sobre nossa posição ali em outros momentos.

A entrevista saiu totalmente fora do padrão do qual estávamos acostumados, com o entrevistador e o entrevistado em espaço mais reservado, longe de uma quantidade grande de outras pessoas a nossa volta; ao contrário, foi uma espécie de audiência pública, em que todas as pessoas da família passavam e tinham a chance de participar da conversa. Dona Ana estava um pouco tensa, olhava principalmente para um dos filhos, provavelmente para buscar certo apoio, caso precisasse, assim como o Pastor foi seu “porto seguro” durante o primeiro encontro. Tentamos agir naturalmente, sem impor nada diferente do que já estava colocado no cenário em

questão. O “circo estava armado”, pensamos. Porém, relembramos os objetivos da pesquisa para Dona Ana, frisando a confidencialidade das informações e sua voluntariedade em participar. Ela se dispôs a ir adiante, “*nunca fui entrevistada*”, relatou. Talvez essa expressão não tenha “caído” bem naquele contexto, mas, enfim, as condições já estavam dadas, “*façamos de um limão, uma limonada*”, pensamos rapidamente.

Fotografia 28 – Casa de oração evangélica da Congregação Cristã Remanescente, no pátio da família



Fonte: acervo do autor – 20 de março de 2016.

Como de praxe, inicialmente questionamos sobre suas origens, pedindo para que falasse um pouco de sua história, desde sua tenra idade, com a típica pergunta: onde a senhora nasceu? A entrevista arrastou-se nos primeiros cinco minutos com respostas muito curtas, o que demonstrava, de certa forma, a timidez de Dona Ana, mas que foram evoluindo com maior desenvoltura ao longo do tempo e, então, percebemos maior controle da entrevistada ao evento que se iniciara. Mas, neste primeiro momento, de longe, foi feita uma primeira indagação por um dos genros de Dona Ana que redirecionou toda a entrevista até o seu final, tornando-se importante reproduzir, aqui, o diálogo na íntegra.

Genro – *Pra que que é isso aí?*

Pesquisador – *Isso aqui é uma pesquisa. Sou professor e busco conhecer as pessoas que trabalham na reciclagem em Passo Fundo.*

Ana – *Lembra? Ele já teve aqui.*

Genro – *Lembro, mas ainda não resolveram nada aqui.*

Pesquisador – *Eu, particularmente, não tenho poder para resolver as coisas, sou apenas um pesquisador, estou fazendo um estudo. O que teria para ser resolvido?*

Genro – *Não sei... o que vocês estão fazendo com isso aí?*

Pesquisador – *É uma pesquisa científica.*

Genro – *Só pra pesquisar?*

Pesquisador – *É. Sou professor, estou pesquisando a reciclagem em Passo Fundo. Então procurei a Dona Ana e outros catadores pra entender o trabalho.*

Genro – *Ver como é o ritmo?*

Pesquisador – *É. Isso, ver como é o ritmo, ver as condições, compreender a história de vida das pessoas que fazem a reciclagem e fazer um balanço.*

[Explicamos ainda que a intenção é publicar um relatório e divulgar a pesquisa, entre outras coisas que explicamos para fazer o interlocutor perceber que não representávamos o poder público e que não tínhamos a intenção de prometer nada.]

Ana – *Entendeu?*

Pesquisador – *Qualquer dúvida eu fico à disposição. Se vocês quiserem ligar para a Universidade da qual faço parte, já deixei com a Dona Ana o contato.*

Ana – *Não. Ele achou assim, eu quero que o sr. também me entenda, ele achou que o sr. estava fazendo uma pesquisa pra ajudar nós na reciclagem. Foi o que ele entendeu.*

[Neste momento Dona Ana usa um tom conciliador.]

Genro – *O governo não vai fazer nada. A gente gostaria que o sr. tirasse o governo de lá.*

Pesquisador – *Pois é. Não tenho condições pra fazer isso. De repente, nós todos podemos fazer isso juntos [tentei descontrair a conversa,*

alguns começaram a rir]. Eu sozinho não consigo. Aqui eu percebo, na comunidade de vocês, a maioria são catadores? Todo mundo trabalha com reciclagem aqui?

Genro – *Sim.*

[Aqui retomamos, em parte, o nível de argumentação anterior à manifestação do genro de Dona Ana, buscando abordar a trajetória de vida da entrevistada. O genro ficou mais alguns minutos no local, pegou o seu carrinho e foi trabalhar]

Ficou evidente, neste diálogo, a preocupação do grupo a respeito da nossa presença no local. Conforme percebemos, reservaram a tarde daquele dia, uma quinta-feira, para nos escutar e saber realmente as nossas intenções e o porquê de nossa insistência em manter contato com Dona Ana. Tivemos a informação de que um de seus filhos (Antônio) não foi trabalhar naquele dia na empresa em que é funcionário para estar ali e escutar-nos, indicando a máxima atenção em saber quem representávamos e quais os objetivos daquela ação ou possíveis consequências de nossa presença no local. Quando chegamos, todos pararam seus afazeres e realmente concentraram-se na abordagem que desenvolvíamos com a entrevistada. Esboçaram efusivamente suas preocupações quanto às condições da reciclagem que desenvolviam e à falta de apoio dos poderes públicos quanto a suas condições de trabalho.

De certo modo, mobilizaram-se para reivindicar e apresentar uma pauta de questões, principalmente quanto à remuneração e aos ganhos pela atividade que desenvolvem. Ligado a isso, demonstraram amplo interesse em saber nossa posição quanto aos aspectos elencados e como poderíamos ajudá-los. Houve, assim, uma preocupação do grupo em estabelecer contato com alguém de fora da comunidade e que poderia influenciar a dinâmica de vida daquele grupo de uma maneira ou outra.

O fenômeno da abertura ao movimento e da mobilização individual e/ou grupal em aproveitar as oportunidades nos espaços de encontros entre segmentos representativos de interesses e dinâmicas culturais distintas se configurou nessa manifestação, pois observamos pessoas mobilizadas questionando nossa ação e buscando perceber possíveis ganhos desse contato. Entramos no campo de suas atuações, no espaço íntimo de suas relações familiares, e, dessa forma, não

perderam a oportunidade para intervirem e se mostrarem ativos quanto à avaliação de suas circunstâncias e seus anseios.

Penetramos no seu espaço e recebemos todo o peso de suas observações quanto às políticas e às formas de organização dos poderes públicos constituídos, inclusive nos colocaram à prova sobre nossa seriedade como possíveis representantes da lógica desses poderes. Estrategicamente não sairiam dali sem ter um posicionamento e esclarecimento do que fomos fazer. À medida que explicamos nossa intenção enquanto pesquisadores e foram percebendo que realmente não tínhamos o poder de manobrar nenhuma situação, alguns foram evadindo-se do local, ficando no ambiente, basicamente, Dona Ana, algumas filhas dela com suas crianças e Antônio, o filho que faltou o trabalho para participar da “reunião”.

Ficamos conversando, a partir disso, um pouco mais detidos na forma de catação implementado pela família, principalmente na forma de atuação de Antônio e Dona Ana. Antônio, desde o início, sentou-se bem à nossa frente, provavelmente por ter sido escolhido para ser o principal apoio para Dona Ana naquele “evento”.

Antônio, nessa circunstância, tornou-se, aos poucos, o principal interlocutor da entrevista, superando a própria participação de Dona Ana. Abriu sua participação da seguinte forma:

Na verdade, o que tiver no nosso alcance, porque eu estou empregado. Mas eu também sou catador. Mas no que tiver na nossa força, a gente daremos esta força, em nome de Jesus, porque a gente é evangélico (Antônio, trabalhador em empresa de limpeza terceirizada).

Antônio começa sua intervenção, dessa forma, reverenciando a sua condição de evangélico e de sua disposição em conversar e falar abertamente sobre suas condições de vida, inclusive dizendo que é catador, embora não exerça a atividade no momento da entrevista.

Demonstra, desde o início, sua capacidade para entender a realidade a sua volta e a guinada que deu “*aceitando Jesus*”. Fala ainda de sua trajetória de vida, lembrando os momentos difíceis que passou. Disse que hoje ele não é “*santo*”, mas busca seguir o caminho que Deus traçou para ele, antes vivia de bebedeira e com a mulherada, abandonava a mulher em casa e gastava todo o dinheiro em festas e orgias. O trabalho era só uma condição temporária, “*só para ganhar o seguro desemprego e ficar sem fazer nada alguns meses*”. Ou seja, não seguia regras e era avesso a qualquer controle e regulação no trabalho. Assim, lembra a mudança que fez na sua vida e as condições difíceis que enfrentou com a

reciclagem. Observa, porém, que a reciclagem é um trabalho digno e que as pessoas merecem o máximo respeito pelo que fazem.

Gravita sua argumentação, todo o tempo, em torno do discurso religioso, inclusive a respeito de nossa posição de estarmos ali reunidos com ele. Foi pelo “*amparo de Deus*” que fomos chamados a nos encontrar, “*nada é por acaso*”. O que configura sempre uma reflexão mítica do panorama desenvolvido por parte de Antônio, buscando explicar todos os processos de encontros e ações, seja na vida íntima ou no trabalho, pela dimensão espiritual e obra divina. Para decidir estar ali, recebeu um chamado de Deus. Segundo ele, veio na sua mente a seguinte mensagem: “*vá lá, assunta com o servo de Deus, que é a minha imagem, como você também é a minha imagem. Vê o que ele tem para te falar*”. Relata, por essa perspectiva, que muitos podem achar-nos “chatos”, que vêm falar coisas desinteressantes, mas que ele busca dar atenção, porque, por intermédio nosso, Deus pode estar falando.

Era pra mim vir conversar, pra mim assuntar. Porque muitos podem olhar para o senhor e dizer, bem a verdade, para não ser uma pessoa hipócrita e ignorante entendeu, vamo dizer bem a verdade, muitos lhe acham lá, quando o senhor vem numa casa, quando o senhor vem numas partes, muitos lhe acham um chato. Muitas visões lhe olham e o senhor sai e começam a dizer “*eh, esse aí é um chato*”. Eu lhe vejo o senhor, um servo de Deus. Eu lhe vejo o senhor com um servo de Jesus enviado aqui para nos dar ensinamento... a honestidade não vem só em trabalhar. A honestidade vem também em tu receber as pessoas com respeito. Receber de coração, não falsidade. Isso é uma grande honestidade, isso agrada a Deus. Eu comecei a ver, sentei meio de canto, comecei a escutar o senhor. Jesus começou a falar pra mim, chega mais perto, ouve o meu servo, conversa com ele, assunta as palavra com ele. Esse aí pode ir lá onde vocês não podem (Antônio, trabalhador em empresa de limpeza terceirizada).

A concepção religiosa assumida por Antônio reorganiza a sua percepção de tudo aquilo que ele vivencia. Sua condição no trabalho que se estrutura numa rotina de ordem prática e de valores preserva determinada resistência aos ditames da ordem do empregador, estabelecendo uma determinada condição em suas escolhas e posicionamentos, buscando dar um limite à superexploração que sofre no âmbito do trabalho. Porém, busca adequar a ordem ao seu ritmo e seus interesses, inclusive faltando o trabalho quando necessita e precisa “*descansar os ossos*”. Nas relações comunitárias, estabelece sua participação como mediador das relações em conflito. Diz que hoje anda de cabeça erguida e não aceita provocações e não dá margem às fofocas, “*estou com Jesus, que é o próprio Deus. Isso basta*”, enfatiza.

Paralelamente a esse discurso, percebemos as conversas em nosso entorno, a cada momento alguma pergunta era feita com a intervenção de nossos observadores, principalmente das filhas de Dona Ana, como “*vai tirar foto de todos nós? Vai botar as fotos no Face?*” (Facebook). De certo modo, éramos uma atração naquele lugar tão escondido e qualquer possibilidade de ganho e manifestação poderia ser algo valorizado e ameadado pelo grupo.

Certamente para algumas pessoas era melhor parar com aquele falatório todo e partir para coisas mais concretas e que pudesse dizer mais respeito às práticas e às necessidades do grupo e de seus interesses. O que demonstra raízes discursivas que se atravessam e não há unanimidades naquele espaço relacional. Antônio se sentia, algumas vezes contrariado a determinadas interferências das irmãs, embora elas demonstrassem certo respeito a sua pessoa. No final de nosso encontro, mais perto de nossa despedida, Antônio perdeu mais um pouco da paciência que restava com as irmãs e se retirou, uma delas queriam falar das relações de adultério, das “*putarias*” que observava no ambiente de seu antigo trabalho, numa empresa de limpeza pública. Perguntou a nós se havia interesse em saber, pois ela tinha vontade de ir numa rádio da cidade e falar tudo o que sabia das pessoas “*sem vergonhas*” que trabalhavam em tal lugar. Aflorava ali, naquele momento, a dimensão da batalha e a formação do status que cada uma queria atingir e demonstrar seu “autêntico” poder frente as dimensões hierárquicas das relações comunitárias (questões realçadas no capítulo 6 desta tese).

Fotografia 29 – Interior da casa de oração e o carrinho de reciclagem ao fundo



Fonte: acervo do autor – 20 de março de 2016.

Fotografia 30 – Participantes do culto evangélico



Fonte: acervo do autor – 20 de março de 2016.

Nesse sentido, as intervenções das falas e das ações se mesclam num ambiente de profundo saber e ações táticas e estratégicas que caracterizam cada um dos sujeitos que ali estavam, diante das possíveis oportunidades de disputas e conquistas que vislumbram, envolvendo *status* e valores. Seja pelo discurso religioso profundo pronunciado no culto evangélico⁸⁴ (Fotografias 29 e 30) ou seja pelas galhofas e apontamentos que posicionam cada um no espectro de valores e níveis de importâncias, perpassando um teor ideal e prospectivo de avanços a galgar na escala de importância perante o grupo, buscando redefinir os *status* de cada um e em relação aos que vem de fora. A matriz discursiva, desta forma, não é una, mas dinâmica e encaminha várias abordagens e práticas conjuntivas e disjuntivas dos elementos que se pronunciam e agem na rede de relações sociais que fazem parte. Embora haja solidariedade e reciprocidade dos componentes quando se sentem acuados ou desprotegidos na esfera do trabalho e demais questões que possa comprometer a unidade da família. A correspondência de afazeres e práticas, em certo sentido, coaduna a todos numa unidade de autopreservação, principalmente em relação aos que vem de fora e quebram a rotina do dia-a-dia.

7.2 LIVROS E BUGIGANGAS PARA SER MAIS QUE UM RÓTULO

Em outro momento de nosso trabalho de campo, recebemos a indicação de visitar um dos galpões mais antigos de reciclagem de Passo Fundo. Tal galpão, aparentemente em péssimo estado de conservação, chamou-nos atenção quando passávamos por uma estrada em um local periférico da cidade a sua procura, no

⁸⁴ Fomos convidados a voltar e participar do culto evangélico aos sábados à tarde com o grupo de Dona Ana e Antônio, o que fizemos em duas oportunidades. Nem todos os familiares e afins de Dona Ana participam do culto desenvolvido na casa de oração da família, embora venham pessoas de outros lugares para participar do ritual religioso. O ritual é extremamente interessante e evoca a participação dos adeptos, inclusive possibilitando-lhes dar depoimentos de vida e louvar a Deus com cânticos e mensagens. Numa das sessões, fomos convidados a usar o microfone e falar aos participantes, dando nosso depoimento de vida. Direcionamos nossa intervenção para falar sobre a importância de aprender com eles e trocar experiências de vida, de estar com eles. Disse que “na vida estamos sempre aprendendo e fazendo amigos”, o que fomos correspondidos com louvores de aleluia, com graças a Deus, etc. O louvor a Deus e as sessões de descarrego são o ponto alto e final do ritual, direcionando atenções e matizando as ações dos participantes. As sessões das quais participei foram basicamente organizadas por Dona Ana e seu filho Antônio, que não é pastor, apenas cumpre o papel de pastor quando este não vem até o local. Antônio organiza no palco da igreja a sequência do ritual, com duração em torno de uma hora e meia.

bairro Industrial.⁸⁵ No ambiente havia muitos materiais velhos (sucatas) e madeiras espalhadas a sua frente, o que para nós tornava-se improvável o que encontraríamos em seu interior, especificamente numa das partes mais preservadas do galpão, que também serve de moradia e para o trabalho na reciclagem de materiais, organizado por um dos mais antigos catadores de Passo Fundo, Valdelfrio, vulgo Seu Chicão.

Durante anos de catação pela cidade de Passo Fundo, segundo Chicão foram 35 anos de catação, ele juntou um acervo de cerca de 6 mil livros, sendo grande parte deles encontrados no lixo, como enciclopédia, literatura geral, compêndios jurídicos e escolares. Acervo organizado e catalogado por meio de um projeto de extensão universitária promovido pelo curso de Letras da Universidade de Passo Fundo em anos recentes. (Fotografia 31).

Na oportunidade, recebeu-nos com muita gentileza em seu galpão de reciclagem e parecia muito acostumado a receber pessoas curiosas para ver a biblioteca que montou. De fala pausada e tranquila, aos 70 anos, expôs como se dedicou a acumular tantos livros ao longo do tempo, mesmo sendo “*quase analfabeto*”, conforme relata. Lê pouco, quase não sabe ler, porém, sempre quis estar perto das pessoas, principalmente das crianças e dos estudantes, vendo nesse trabalho uma oportunidade de fazer algo bom, separar livros que seriam destruídos e colocá-los em uso novamente. Além dos livros, teve por meta aproveitar tudo aquilo que encontrava no lixo, como utensílios que pudesse servi-lo ou servir para outras pessoas. Tinha a ideia de, no futuro, organizar um museu com coisas antigas resgatadas no lixo ou doadas a ele, como velhas máquinas de escrever, canecos de bebidas, computadores e utensílios gerais para a casa.

Seu Chicão faleceu no ano de 2016.⁸⁶ Era uma pessoa muito ativa, embora tivesse já uma condição corporal que retratava certo cansaço físico. Um de seus projetos mais importantes era realizar anualmente uma festa comunitária nas semanas anteriores ao Natal, para que as crianças da vila onde morava tivessem a oportunidade de um dia de confraternização, com comida e brinquedos doados por

⁸⁵ Para maiores informações a respeito da Associação Passo-fundense de Papeleiros, consultar apêndice D – Histórico das características das associações e cooperativas de catadores de materiais recicláveis de Passo Fundo.

⁸⁶ Não tivemos a oportunidade de entrevistá-lo de forma mais profunda (entrevista-narrativa), mas nos servimos de farto material jornalístico que conta um pouco da história desse catador. Sua história e o feito de montar a biblioteca foi, inclusive, retratada em programas jornalísticos e televisivos em âmbito local e estadual.

patrocinadores e pela participação espontânea da população em geral. Seu Chicão, nesse sentido, era um idealizador de um evento benemérito e dedicava esforço pessoal para sua realização, recebendo doações de um lastro de contatos que construiu no Comitê da Cidadania Contra a Fome e pela Vida, sendo ele próprio, em certo sentido, um dos primeiros beneficiários das ações assistenciais deste Comitê, quando foi lançado cerca de 20 anos atrás em Passo Fundo. Porém, no fim da vida, já se dizia estafado e sem forças para realizar tal evento, mas todo o ano voltava a organizá-lo. Disse que naquela oportunidade seria o último que organizaria pessoalmente.

Formou muitos anos antes a Associação Passo-fundense de Papeleiros, tendo recebido apoio de diferentes pessoas e representantes da sociedade civil, como o próprio Comitê da Cidadania (ainda em atividade na cidade de Passo Fundo). O galpão em que vivia com a família e executava seu trabalho foi cedido pelo governo do Estado, segundo informou. O galpão não era de Seu Chicão, mas era de usufruto da Associação. Não quis entrar em detalhes a respeito disso. Referiu-se apenas ao fato de que a Associação não deu certo com outros catadores, disse que a ideia inicial era reunir 15 a 20 pessoas, mas nunca passou de 5 ou 6, muitos catadores não queriam trabalhar, comenta, "*viviam sempre bêbados*".

Trabalhava no galpão de reciclagem com sua esposa e, eventualmente, com uma de suas filhas. Tinha seus pontos de coleta na cidade, pois era bastante conhecido das pessoas, parava seu caminhão na Avenida Brasil, principal avenida da cidade, em alguns dias da semana, e o público levava até ele muitas doações, aproveitadas e selecionadas para si ou guardadas para serem doadas a outras pessoas. Observamos, neste dia em que estivemos no galpão, muitas roupas estocadas em cima dos cômodos de um quarto.

Fotografia 31 – Fotos da Associação Passo-fundense de Papeleiros



Fonte: acervo do autor – 29 de abril de 2015.

Observamos que Seu Chicão compôs sua trajetória,⁸⁷ predominantemente, no espaço urbano, seja exercendo atividades formais na indústria, seja exercendo atividades informais, como a catação. Teve que flexibilizar, para isso, a sua condição de trabalhador quando caiu na informalidade, reconstruindo suas condutas e condicionando sua ação no espaço urbano, conhecendo outras dinâmicas e produzindo outras relações sociais. Obteve o amparo de políticas sociais, principalmente daquelas vinculadas ao Comitê da Cidadania contra a Fome e pela Vida, circunscrevendo lógicas e ações que se tornaram centrais e definidoras de sua *performance* até o fim da vida. Segundo ele, a presidente do Comitê, Heloisa Almeida, foi sua mentora e “madrinha” para que estruturasse e desenvolvesse as atividades de catação.

Dessa forma, seguiu a própria lógica de quem o assistiu, realizando ações assistenciais na comunidade, realizando festas e doações aos mais necessitados. Ao perguntarmos a respeito de sua participação em ações comunitárias, disse que participava de tudo, relacionando-se aos múltiplos eventos e dimensões estruturadas comunitariamente, tanto em eventos realizados pela igreja como em atividades de grupos esportivos ou assistenciais.⁸⁸

Podemos perceber, pela trajetória de Seu Chicão, que suas lógicas de sociabilidade transcenderam o aspecto de domesticidade e das relações parentais. Condicionado por perspectivas do trabalho formalizado, socializou-se pela normatividade de procedimentos de trabalho, ordenando processos e *performances* reguladas, porém, aprendeu, em determinado momento, talvez no momento mais crítico de sua vida, para satisfazer suas necessidades materiais básicas, as lógicas de uma certa reciprocidade e redistribuição do que ganhava de outras pessoas. Não deixou de corresponder-se com o trabalho assistencial e comunitário de forma ampla, permeando suas relações e interfaces com a sociedade passo-fundense em

⁸⁷ Era oriundo de Erechim, disse que lá trabalhou em algumas firmas como a montadora de caminhões Scania, pois era auxiliar de mecânico nesta empresa. Há alguns anos já estava aposentado e completava a sua renda com a catação e com as doações que recebia da comunidade.

⁸⁸ Após o seu falecimento, algumas dificuldades foram estabelecidas na família. A viúva disse que estava passando necessidade e que começou a vender os livros para a reciclagem, esta questão foi amplamente divulgada na imprensa local e fez algumas pessoas se mobilizarem para ajudar a família e não perder o acervo de livros que Seu Chicão levou vários anos para acumular. Projetos estão sendo pensados para dar um destino correto ao acervo ou manter os livros onde estão, dimensionando o galpão em um espaço cultural e comunitário. Ainda é bastante recente o falecimento de Seu Chicão, e o uso do seu acervo ainda está indefinido. Alguns professores de escolas públicas municipais realizavam visitas ao galpão quando Seu Chicão era vivo.

geral e com instituições assistenciais. Era reconhecido de várias formas por essa sociedade, recebendo prêmios e distinções de amplos segmentos da sociedade civil organizada (Fotografia 32).

Fotografia 32 – Seu Chicão exibindo seu título de Honra ao Mérito oferecido pela Academia Passo-Fundense de Letras



Fonte: acervo do autor – 29 de abril de 2015.

Sua rede social, dessa forma, era mais alargada e se coadunava com diferentes atores sociais, o que lhe possibilitou conquistar um espaço próprio de trabalho e moradia. Inseriu-se em diferentes espaços na sociedade, porém retornava para o espaço comunitário onde tinha certo prestígio e importância, uma vez que desenvolvia projetos comunitários assistenciais e participava de diferentes eventos na comunidade. Orgulhava-se muito disso e tinha um grande prazer em mostrar seus feitos e ideias.

7.3 EXPRESSÕES E A CONFORMAÇÃO DA CULTURA AUTÊNTICA

Neste capítulo tivemos por ênfase mostrar determinados ambientes, ressaltando elos configuracionais relativos a grupos aos quais determinados atores

se inserem. Traços comportamentais desses atores certamente dizem respeito às condições de seus ambientes e às relações por eles desenvolvidas. As experiências anteriormente apresentadas dão destaque ao plano de suas trajetórias de vidas envoltas em seus vínculos sociais, geradoras de disposições e repercussões nos próprios grupos de que fazem parte e com os quais se relacionam. O aspecto subjetivo, dessa forma, é um aspecto a ser ressaltado na medida em que está ligado à cultura e aos ditames das relações e dos poderes desenvolvidos em conjunto. Conforme Dubet (1994), destacado em outras partes desta tese, a ação social também se reproduz pela lógica da subjetivação ligada à cultura. A dinâmica cultural e suas repercussões enlaçam as manifestações, as reações e os ajustamentos criados e estabelecidos pelos atores sociais em interfaces com outros sujeitos e com estruturas econômicas, sociais e políticas.

Ponderar as ações de uma categoria profissional, assim, dá-nos margem para perceber as suas nuances e heterogeneidades no centro das ações e problemáticas oferecidas diante de um contexto e dos grupos sociais que dele fazem parte concretamente. Ao apresentarmos o ambiente familiar de Dona Ana, percebemos o teor de relações desenvolvidas pelo grupo em sua seara interna com a qual se corresponde a tecer uma valorização moral e as formas autênticas de relacionamentos internos. Isso porque, embora sendo um grupo formado por uma rede de relações coesas de origem familiar, concatena percepções múltiplas na *interface* com outros grupos e reage de forma variada perante a presença de outros que os interpõe.

Percebemos, a partir disso, que o grupo familiar de Dona Ana, guardadas as particularidades e heterogeneidades de seus elementos internos, configura-se muito mais por referendar suas ações dentro de um aspecto de resguardo perante outros que a eles recorrem ou com os quais se encontram. Enfim, singularizam-se por certo fortalecimento interno e pela comunhão de esforços para reagir ao que vem de fora. Possuem um caráter no sentido de resguardar suas fronteiras, embora não sejam isolados em absoluto, mas possuem demarcações mais definidas diante dos externos, atraindo-os em alguns casos para seu campo de força coletiva, agindo de forma estratégica e proativa em determinadas circunstâncias.

Suas forças estão definidas na relação que estabelecem entre si, na qual esperam mobilizar-se para o enfrentamento das dificuldades. Esperar reunidos por alguém que vem de fora é um vetor de organização e de legitimação do grupo; mais

que isso, é um vetor de autopreservação associado à organização familiar e seus afins, em que se encontram alguns elementos desse grupo numa ordem de centralidade e importância maior que outros, evidentemente.

Para que essa organização aconteça, determinados motes lógicos culturais são substantivos e fortalecem a dimensão coletiva ao classificarem suas manifestações e se diferenciarem em relação aos “de fora”, aos que vêm de longe ou estão logo ali, bem ao lado. O aspecto religioso, nesse sentido, conforma as práticas e entoa, não só naquele que se pronuncia a partir de um discurso religioso, um cabedal de explicações do mundo e dos valores circunscritos ao grupo. E, assim, estabelece, em diferentes ritmos e níveis de importância, a galhofa e o escracho da vida comum e conjugal, uma forma de ser e estar no mundo, de representar a vida e identificar os outros a partir das desigualdades e semelhanças que os caracterizam. Como deixamos subtendido em capítulo anterior, ridicularizar o outro é uma forma de identificação e de tomada de posição e status próprio.

As formas de trabalho e as oportunidades aceitas pelo grupo também estão ligadas, evidentemente, à própria dinâmica cultural do grupo, ou seja, à estrutura mítica e ao escracho público assumidos por alguns. Isso matiza as relações de poderes e referenda valores e formas de comportamentos. Sem essas dimensões, perdemos a riqueza de entender o outro e os processos que ativamente os atores conformam em seus cotidianos. Mais do que isso, perdemos os processos gerados pelos atores concretos relacionados, na medida em que os discursos e as lógicas tão diversas e variadas se misturam num mesmo terreno de imagens, sons, relacionamentos e derivações. Certamente as práticas dos atores são derivadas desses cruzamentos discursivos e culturais, em que somos socializados de diferentes formas, mesmo dividindo os mesmos conteúdos e espaços muito comuns de ação e representação (LAHIRE, 2001).

Esses mesmos componentes do grupo familiar de Dona Ana, entretanto, também fazem seu esforço individual para integrar-se a outros ambientes de fora dessa relação mais estreita. E, desse modo, compõem outras racionalidades, agindo taticamente no campo de seus contrários, recebendo a força do seu estranho e normatizações vindas de outros meios que não sejam de seu meio mais próximo de relações. Cabe, com isso, os atores ajustarem suas práticas, constituindo possibilidades de conduta e novos tipos de relacionamentos.

Por outro lado, Seu Chicão transpassou a fronteira cultural e identificou-se com determinados planos e diretrizes do trabalho da sociedade mais abrangente. Sua história de vida é marcada por mudanças de cidade, trabalho fabril e catação de materiais. Em algum momento de sua vida, o trabalho de assistência social marcou sua condição e criou resoluções à lógica de atuar em sociedade e desenvolver igualmente trabalhos assistenciais, mesmo podendo ser classificado por alguns como pessoa vulnerável econômica e socialmente, vivendo do lixo e da boa vontade alheia.

Compôs, assim, uma referência marcante, que serviu inclusive para legitimá-lo a receber outro rol de estímulos e ajudas de distintos segmentos sociais, mantidos até mesmo depois de sua morte. Condição esta que a família pretende manter, pois ainda esperam certa assistência de diferentes setores da sociedade para levar adiante a obra de Seu Chicão, principalmente no que diz respeito aos livros que juntou durante a vida e estão dispostos e catalogados num galpão de reciclagem de lixo.

O que podemos observar desses e de outros exemplos concretos que salientamos neste trabalho são os enlaces de relacionamentos e as reinvenções formulados na intimidade da casa e na publicização de ações produzidas nos cruzamentos das ruas, no espaço de fora das relações comuns e cotidianas. O elemento humano, dessa forma, está lastreado pela estrutura da rede social de que participa e com a qual tem afinidades particulares e específicas. Redes sociais pessoais são aqui entendidas como conjunto de atores que se vinculam, formando uma estrutura própria, níveis hierárquicos e conflitos internos. Ou seja, é uma composição morfológica própria e complexa que funda em seus elementos uma capacidade de interpretação e ação a partir das trocas e experiências produzidas por todos no fluxo das relações que estabelecem.⁸⁹

Nesse sentido, a própria bagagem cultural é uma apreensão de mútuas condições, pautadas por forças embasadas em tradições associadas aos grupos

⁸⁹ Há uma farta literatura sobre Redes Sociais, tanto relacionadas a trabalhos científicos consolidados, com análises específicas de realidades sociais, como aquelas que versam sobre dimensões mais abstratas ou metodológicas à apreensão do entendimento social através dos mecanismos e configurações de redes e vínculos sociais. Aqui elencamos alguns trabalhos dessa ordem de fatores, com os quais tivemos contato e nos parece pertinente frisar como referências importantes, algumas delas vinculadas a revistas científicas especializadas em metodologia e em análises de redes sociais (BOTT, 1976; BRADES et al., 2005; LOZARES, 2005; LOZARES et al., 2011; GUIMARÃES, 2012; GRANDE, 2015).

compostos pelos indivíduos ou permeadas por elementos criativos “esculpidos” em formas de bricolagens que os mesmos produzem incessantemente. Conforme Wagner (2012, p.138-9):

Os contextos de cultura são perpetuados e estendidos por atos de objetivação, pela sua invenção uns a partir dos outros e uns por meio dos outros. Isso significa que não podemos apelar para a força de algo chamado “tradição”, “educação” ou orientação espiritual para dar conta da continuidade cultural – ou, na verdade, da mudança cultural. As associações simbólicas que as pessoas compartilham, sua “moralidade”, “cultura”, “gramática”, suas “tradições”, são tão dependentes de contínua reinvenção quanto as idiosincrasias, detalhes e cacoetes que elas percebem em si mesmas ou na invenção perpetua não apenas no mundo que as cerca. A invenção perpetua não apenas as coisas que “aprendemos”, como a língua ou boas maneiras, mas também as regularidades de nossa percepção, como cor e som, e mesmo o tempo e o espaço. Uma vez que o coletivo e convencional só faz sentido em relação ao individual e ao idiossincrático, e vice-versa, contextos coletivos só podem ser retidos e reconhecidos como tais ao ser continuamente filtrados através das malhas do indivíduo e do particular, e as características individuais e particulares do mundo só podem ser retidas e reconhecidas como tais aos serem filtradas através das malhas do convencional. Ordem e desordem, conhecido e desconhecido, a regularidade convencional e o incidente que desafia a regularidade estão atados entre si de maneira inata e estreita, são funções um do outro, necessariamente interdependentes. Não podemos agir sem inventar um por meio do outro.

A ordem e a desordem são algo composto e uma é absorvida pela outra, confundidas por diferentes formas e abordagens as quais dizem respeito ao conjunto dos sujeitos e a cada indivíduo em sua capacidade de entendimento e ação autêntica, gerando uma *cultura autêntica* (SAPIR, 2012).

Podemos ainda frisar, ao tratar mais singularmente das culturas populares e suas relações com outros segmentos culturais, utilizando-nos da seguinte reflexão de Cucho (2002, p.148-9) para pensar também nos aspectos da desigualdade e da exploração social de determinados grupos sociais frente a outros:

As culturas populares revelam-se, [...], nem inteiramente dependentes, nem inteiramente autônomas, nem pura imitação, nem pura criação. Por isso, elas apenas configuram que toda cultura particular é uma reunião de elementos originais e de elementos importados, de invenções próprias e de empréstimos. Como qualquer cultura, elas não são homogêneas sem ser, por esta razão, incoerentes. As culturas populares são, por definição, culturas de grupos sociais subalternos. Elas são construídas então em uma situação de dominação.

Nesse sentido, a diferenciação e a própria desigualdade social são aspectos geradores de performances divisórias e da dubiedade social quando os atores transitam e se ajustam a determinados contextos. E criando, desse modo,

possibilidades autênticas, muitas vezes, dentro de um teor de criatividade e sensibilidade reflexiva recorrente que poderá influenciar a todos e instalar-se nas ideias e práticas do grupo a que se corresponde. O espaço social, assim, torna-se um espaço de criação de cultura, de formas de submissão ao outro e de rivalidades e competições. Nesse processo auspicioso e interativo de criação cultural, a possibilidade de processos e valores que prezam a reciprocidade, o cuidado mútuo e a cooperação são faces do mesmo processo de interconexão entre grupos e segmentos sociais, que, muitas vezes, podem apoiar-se ou rechaçar-se de forma violenta. Entre esses dois polos, certamente, existem outras possíveis ligações relacionais que dependerão dos atores, dos envolvimento e de suas disposições sociais. A confabulação de fenômenos e eventos estão sempre abertas e não são expressões unidimensionais, mas conformadas nas formas complexas de ser e estar, na luta por reconhecimentos e poder na sociedade, em inúmeros âmbitos e classificações dos espaços de atuação e que podem ser estabelecidos no interno e no externo dos grupos sociais, bem como nos entre-lugares, espaços sociais que não são exatamente de ninguém, mas que são dimensões relacionais partilhadas por indivíduos e grupos que extravasam suas fronteiras mais íntimas e se conformam a ajustarem suas práticas de forma conjunta, envoltas em tensões, conflitos e consensos.

Nesse sentido, os catadores são produtos e produtores de processos sociais concretos e modos de entender a própria sociedade. Trata-se de um elemento, de uma seiva criadora e criativa de propostas, fenômenos e formas de comprometimento no e pelo mundo em que vivem. Transitam por diferentes espaços e referendam suas práticas de forma reflexiva, estratégica, tática, integradora e subjetiva, enfim, mediante lógicas subjacentes a suas relações, lógicas e práticas sociais. Condição ímpar para um elemento que se movimenta e, por movimentar-se, abusa de suas atribuições e formas de expressão. Estar entre o consumo e o lixo, entre a ordem e a desordem, entre o certo e o incerto, entre o limpo e o sujo faz de sua condição um ser ou um estar em algum lugar, posicionando-se de diferentes formas. Condição essa necessária para viver, pois é nesse movimento que escamoteia uma condição apriorística de vulnerabilidade absoluta, ordena determinadas práticas e influencia o resto da sociedade, pois, redimensionando aspectos teóricos de Michel Foucault (2003), nenhum poder é tão absoluto que governa absolutamente, nem tão ínfimo que seja irrelevante.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, fundamentalmente, trata de um objeto de estudo atualíssimo de nossas sociedades. Os catadores de materiais recicláveis constituem-se, cada vez mais, em atores sociais correntes que aparecem em diferentes cenários e momentos nas sociedades atuais, estabelecendo rotas e dimensões de trabalhos antes pouco vistas numa escala de trabalhadores que se consolida no panorama cotidiano das cidades. Isso se verifica não só no Brasil e em países emergentes e pobres da América Latina, Ásia e África, mas de forma também recorrente em países centrais do sistema capitalista, América do Norte e Europa.

Esses trabalhadores se tornam referências sociais, pois suas dimensões de trabalho, formas de provimento de suas necessidades e caracteres normativos de atuação são importantes em seus detalhes e em suas dimensões laborais, servindo à economia da reciclagem em seus diversos âmbitos. Assim sendo, existem muitos estudos importantes e relevantes sobre as condições de catadores de materiais recicláveis, sejam exercendo as atividades da catação de forma informal ou em associações e cooperativas formais de trabalho. Por ora, buscamos dimensionar nosso trabalho atualizando o debate sobre este segmento social a partir das experiências e trajetórias concretas de alguns atores trabalhadores na base da reciclagem, pois sempre acabam sendo provisórios e relativos os estudos sobre esses sujeitos na medida em que se deve sempre buscar traçar uma constante apreensão epistemológica que os compreenda em suas formas complexas e em suas mudanças, enaltecendo de algum modo perspectivas que possam compreender o entendimento das realidades vividas por esses sujeitos e desmistificar sua essência de vulnerabilidade que os restringem de estabelecer múltiplas relações sociais.

Nosso estudo buscou compreender o sujeito catador consubstanciando-o a partir de uma perspectiva relacional concreta de suas práticas e em seus ambientes vivenciados, haja vista ter por objetivo explorar suas configurações formativas a partir de narrativas ao longo de suas jornadas de trabalho e vida cotidiana. Para isso, a dimensão da cidade de Passo Fundo foi um elemento de suma importância diante daquilo que entendemos poder circunscrever a dinâmica dos atores em um local determinado de relações. Achemos conveniente analisar padrões de condutas, discernimentos, formas de resistências e movimentos desses atores. Por certo

parâmetro, buscamos sair do eixo das grandes cidades e dar mais vazão a outro ambiente urbano, de cidade de porte médio, uma vez que esta dimensão espacial também está carregada de dinamismo do ponto de vista das transformações estruturais e conjunturais que envolvem os ambientes contemporâneos globalizados nas últimas décadas e, assim, analisar um ambiente importantíssimo para o desenvolvimento da catação.

Aludimos, enfim, o sujeito concreto em seu casco urbano, tendo o cuidado de percebê-lo como ator social, ou seja, com atributos de integrar ativamente um ambiente urbano em suas múltiplas escalas espaciais e relacionais. Como catadores exercem capacidades táticas e estratégias de convivência com outros atores, nas redes e hierarquias dos grupos sociais e/ou na sociedade como um todo, exercendo também lógicas que dizem respeito aos processos de subjetivação, em suas configurações culturais às quais se filiam (*marco teórico – capítulo 2*).

Desde o início deste trabalho, compomos uma abordagem que pudesse ver nosso objeto de pesquisa como um sujeito dinâmico, desmitificando sua fragilidade absoluta diante dos padrões e requisitos da sociedade abrangente. Essa foi sempre uma questão importante e de indagação promovida por este trabalho, tornando-se o cerne de nosso cabedal hipotético das relações que são conformadas em sociedade. Diante disso, confirmamos uma estratégia metodológica ondulativa, ou seja, que vai do específico ao particular, do particular ao específico, sugerindo a compreensão dos aspectos microssociais e macrossociais, visto essas dimensões conjugarem processos dinâmicos e concretos à compreensão (*marco metodológico – capítulo 3*).

Consideramos, dessa forma, que o movimento de ações e as dinâmicas de deslocamentos dos trabalhadores não acontecem apenas em função das mudanças territoriais e dos grandes deslocamentos que realizam, mas envolvem as dinâmicas de atribuições laborais, vantagens e desvantagens dos meandros contextuais e atitudinais das relações laborais, familiares e cotidianas. Os movimentos implementados por esses trabalhadores urbanos são uma condição fundamental para a obtenção de aportes vivenciais e performáticos que lhes possibilita angariar recursos disponíveis em Passo Fundo e região, sejam eles simbólicos ou materiais. De certa forma, compreendemos que os catadores são mais que simplesmente catadores de materiais recicláveis e que não estariam condicionados ao vínculo *ad*

eternum das operações constantes e regulares características da atividade de catação de resíduos recicláveis.

Outrossim, podem conjugar trabalhos e atividades paralelos à reciclagem, bem como abandonar este trabalho temporariamente ou de forma permanente. O ser ou o estar catador, de qualquer forma, dependerá das resoluções ligadas às lógicas sociais que os sujeitos atribuem para si. O que torna mais complexos os fenômenos e as práticas dos atores, não descartando a noção de escalas de vulnerabilidade social e desemprego estrutural que aplacam este segmento social e assolam as sociedades salariais como um todo. Ou seja, as condições de desemprego e vulnerabilidade social não são desprezíveis para entender-se os fatores que levam os sujeitos a ingressarem e saírem das atividades da catação; pelo contrário, crises econômicas e conjunturas recessivas podem gerar o avanço dessa atividade e o aumento de catadores que passam a dividir de forma mais intensa os espaços das ruas. Esses fatores, porém, não são os únicos marcos explicativos modais e dinâmicos que envolvem esses atores sociais e o mundo laboral informal ou associativo de trabalhadores.

Observamos, pelas ruas de Passo Fundo, a pluralidade desses atores a partir de seus vínculos e engajamentos ao trabalho, suas formas de produção e instrumentos diversos que utilizam para catar. Mas, predominantemente, percebemos sua heterogeneidade pelo viés de suas atitudes e disposições sociais, por suas formas, circunstâncias e processos vividos, assim como percebem os Outros e atuam dentro das possibilidades conquistadas em seus espaços-tempo. Exemplos em relação a isso são circunscritos pelos acordos e negociações que promovem em seus ambientes de trabalho, com suas famílias e afins. Mesmo que as atividades possam caracterizar-se como trabalho precário e superexplorado, descontínuo e árduo, também é uma poderosa ferramenta de ação e conexão com o mundo social, tanto na forma de divisão do trabalho circunscrito ao ambiente familiar, quanto no espaço da rua e nas incertas esquinas da cidade por onde passam e vendem os seus “produtos”.

O movimento dos atores pela cidade também se caracteriza como uma manifestação cultural autêntica que marca uma relação autêntica entre os sujeitos. A mobilidade incorpora-se a outras disposições culturais amalhadas nas experiências e trajetórias de vida pregressas. Isso significa que o movimento serve como um mote dinamizador de outras referências vividas e, ao mesmo tempo, torna-se uma

composição de diversas práticas e possibilidades de atuação e rompimento de dependências pontuais para ganhar a vida. É também fundamental ser ativo e móvel em ambientes onde os recursos são escassos e os lugares podem tornar-se inóspitos frente a avanços de novas políticas e regras que tendem a normatizar os espaços de atuação dos catadores ou a frear suas investidas. Nesse sentido, o movimento, a mobilidade em geral, apreendida por alguns, contrapõe a ordem ou servem de reação a normatividades instituídas pelos poderes públicos e pressão de esferas privadas que conformam reações ao caráter “perigoso” e “poluígeno” que se liga ao semblante desses trabalhadores urbanos.

As condições do movimento pelas estruturas viárias e escalas relacionais são sempre relativas, dependendo do jogo das relações e poderes, de como se rivalizam e se negociam as participações ou como se age com astúcia para contornar os obstáculos pelo caminho. Não há nada líquido e certo, nem realizamos aqui algum juízo de valor sobre as condições e formas de escamotear a ordem e os enlaces relativos ao trabalho dos catadores. Coube-nos apenas frisar ações e disposições sociais à medida que vivemos em uma sociedade que se caracteriza em suas aceleradas transformações.

O panorama que buscamos trazer aqui faz parte de uma percepção das tensões e interfaces das lógicas das ações sociais. Os catadores de materiais recicláveis também podem ser observados em suas mobilidades sociais a partir das redes de relações sociais que desenvolvem e da própria forma de consumir e ostentar aquilo que consomem. Aspectos esses que se tornam anteparos em busca de visibilidade e reconhecimento, uma amostra que a própria pobreza é uma categoria relativa e que não pode ser reduzida a um único eixo de classificação de carência material.

Longe de buscar entender as condutas dos indivíduos como um mero problema de ajustamento, seja criminalizando ou idealizando suas práticas sociais, nossa opção foi sempre entender a casa e a rua (a intimidade e o espaço público) como espaços de manifestações e de disputas entre desiguais. A desigualdade, dessa forma, manifesta-se no âmbito cultural, econômico, social ou político, frequentemente em todos esses âmbitos reunidos e articulados, dependendo do contexto o qual referenciamos e de suas circunstâncias expressas. Nesse sentido, coube a esta pesquisa um grande desafio, qual seja, tentar entender múltiplos fenômenos sem fragmentar os processos e muito menos os próprios atores,

transcendendo qualquer definição apriorística, conceitual ou característica que delimite quem possam ser e, muito menos, o que representa a figura do catador *stricto sensu*.

Dimensões configuracionais que caracterizam os atores sociais, por suas amplitudes e integralidades, as quais se refazem constantemente para também circunscrever as ações dos indivíduos, são estritamente importantes para a definição de um olhar que atravessa todos os ambientes e não devem ser limitadas e superficialmente analisadas. Essas dimensões podem ser circunscritas nas trajetórias da vida propriamente dita dos indivíduos, nas próprias formas em que foram socializados e transformados nos ciclos de suas vidas, como também num universo mais recôndito, que comporta as trajetórias e os passos do dia a dia, no ambiente de circulação eminentemente doméstico, comunitário ou nas rotas realizadas no âmbito urbano, nos contatos mais expandidos que conformam empatia entre sujeitos.

Averiguando nossa hipótese, percebemos que os espaços sociais são sempre modulares e integrados, seja no âmbito da vida própria do sujeito e de seus percursos progressos, seja no nível de importância das influências dos movimentos presentes que revigoram as dinâmicas da vida comum. Os âmbitos das trajetórias de vida laboral e do cotidiano, enfim, são âmbitos mesclados, com possibilidades de serem ao mesmo tempo classificados e conjugados para que sejam melhores entendidos em suas particularidades e confluências. As cenas descritivas que nos propomos a enfatizar anteriormente nos dizem muito dos processos e das condições atuais, das vivências e das perspectivas do trabalho de catação em Passo Fundo. A proposta de observar a heterogeneidade dos catadores e o aproveitamento de determinados contextos nos dizem muito do objeto em questão e o que têm de singular, daquilo que o circula e da perspectiva de suas ações na interface com a sociedade maior.

Talvez o aspecto mais relevante desta tese tenha sido perceber o quanto é significativo entender o catador como um elemento que percorre, discrimina e mistura os mundos. Como um elemento que rompe suas fronteiras e convive em diferentes espaços sociais da cidade a partir de seus trabalhos, em ser ou estar catador. Convivência que ele próprio estimula junto a outros segmentos sociais com realidades de vida diametralmente opostas à sua, porém dividindo o mesmo espaço público, inclusive problematizando essa diferenciação e porção do espaço. O

elemento catador, sujeito urbano circulatório, talvez seja um dos personagens mais ativos no ponto de vista de transitar por diferentes espaços e, mediante tal possibilidade, perceber os aspectos em jogo que delineiam as sociedades as quais transpassam. Esclarecemos, todavia, que a circulação não se dá apenas pela dimensão física e espacial que percorrem, mas também pela dimensão cultural e relacional que movimentam.

Os trabalhadores urbanos, especificamente aqueles que realizam a catação de materiais recicláveis, executam de forma paralela e inconsciente a interação de ambientes e perspectivas de vidas distintas. Perpassam, enfim, os espaços decisivos para a manutenção da atividade de catação e reivindicam essa atividade para si, deixando suas marcas e formas de expressão. Ao mesmo tempo, reservam-se a possibilidade de retorno ao seu ambiente mais restrito, ao seu local de domínio, ou seja, ao seu núcleo doméstico e comunitário, trazendo em seus corpos e mentes muitas experiências e percepções da rua, dos estranhos, das frustrações e conquistas de um dia de atividade laboral.

O pêndulo analítico que sistematiza a perspectiva da individualização e da socialização pode ser calibrado mediante as formas de compreender o ser e o estar catador, porque nada é definitivo e exige o movimento pelas fronteiras porosas em que se embrenha o trabalhador e as quais ele explora. Estar em sintonia com outras dimensões na forma de ser e de estar catador os fazem transcender do espaço doméstico e comunitário, revigorando sua forma de experimentar o mundo ou os mundos. Isso não nos parece mera abstração, mas reverbera num maior empuxe de trocas, assimilações e negociações nos espaços de referência dos encontros entre culturas. Trata-se de culturas compostas e autênticas, nunca naturais ou normativas, mas com teor de criativo e de criticidade a partir das próprias práticas e dos fatos que contribuem para a sua consubstanciação, não rompendo as contradições entre o tradicional e o moderno, o formal e o informal, as relações familiares e impessoais que envolve o dinheiro e a técnica, mesclando as formas de vínculos sociais, reciprocidades, utilitarismos e pragmatismos econômicos, sociais e políticos. Um exemplo relacionado a isso são as próprias cooperativas formais de trabalho, pois elas unem uma dimensão associativa primária e familiar, divisória de tarefas dentro de uma esteira de domesticidade levada para as cooperativas pelos indivíduos, integrando-a às ideias de empreendimentos associativos regimentalmente dispostos para operar na sociedade normatizada pelo mercado e pelas legislações correntes.

Diante disso, os catadores se encontram, representando o segmento de estratos populares de nossa sociedade, entre uma forma tradicional de convívio e de relações de trocas complexas que envolvem a domesticidade, as relações pessoais e de status e poderes locais comunitários e, por outro lado, as referências impessoais e das relações com teor financeiro e resultados econômicos *stricto sensu*. O que os coloca, grosso modo, entre relações de compromissos referendados pelas tradições e valores locais e certo ditame liberal e de valores construídos pela ótica do trabalho e do desenvolvimento impessoal e burocrático. Muito embora, essas referências nunca sejam repartidas equitativamente, mas emaranhadas discursivamente, dependendo de seus níveis de engajamentos, aprendizados, influências mútuas, etc.

Assim, coube-nos perceber isso dentro de um teor de possibilidades de ações num segmento social que possui, por um lado, muitas semelhanças em seu perfil educacional, migratório e de certos níveis de vulnerabilidade social, como as formas precárias de habitação, adoecimento e desemprego (*cidade e perfil do catador – Capítulo 4*). Porém, essas mesmas condições que conotam e impactam as formas de vida dos indivíduos não devem ser encaradas como perspectivas essencialmente homogeneizantes do caráter decisório. Pois a elaboração das disposições sociais dos indivíduos, em suas múltiplas experiências de vida, é marcada pela variância, acionada em diferentes momentos relacionais e na construção do possível e do autêntico, envolvendo movimentos e mobilidades sociais. Em relação a isso, outras variáveis se destacam na cena do trabalho e da vida cotidiana, como as condições relacionadas ao gênero, à origem social, ao nível educacional dos pais, aos motivos e às circunstâncias de migrado à cidade, as habilidades adicionais e profissões que cada um possui e executa, a relação com os filhos, os projetos sociais a que estiveram ou estão vinculados (incluindo o associativismo), o caráter religioso, a participação e o status social alcançado na comunidade, as formas e os instrumentos de trabalho que possuem, as ligações com pessoas-chave que orientam e estimulam determinadas práticas, os projetos de vida e consumo idealizados, etc. (*trajetórias e análise das informações – capítulos 5 e 6*).

Pela amplitude que se possa dar a esta investigação, consideramos este trabalho aberto a receber novas contribuições. Além de transcender questões dos espaços sociais aqui elencados, novas abordagens poderão aprofundar nosso viés transdisciplinar e percorrer outros fatores e condições que fazem despontar a

complexidade social, não só dos fenômenos sociais abrangentes, mas dos próprios catadores em suas *performances*, hábitos e movimentações, que, em última instância, são os formadores de um *socius* a partir de suas relações.

Acreditamos ser muito prudente o avanço nessa direção, a exemplo da possibilidade de análise de *redes sociais pessoais* encabeçadas por determinados atores ao envolvê-los em temas e problemáticas científicas. Nosso trabalho não se esgota aqui em relação à observação de redes sociais pessoais; apenas tangenciamos operações configurativas de teias relacionais de ordem pessoal a partir de dois exemplos retratados na pesquisa e que nos serviram como fonte para descrever determinadas organizações e desenvolvimento de práticas de atores determinados (*redes e vínculos sociais – Capítulo 7*). Perceber o emaranhado de relações sociais a que atores se conectam e se desconectam pode ser muito estimulante para a compreensão dos envolvimentos e das formações processuais lastreadas na dinâmica dos poderes e influências mútuas exigidas e contornadas pelos indivíduos. Nesse sentido, torna-se relevante cada vez mais poder justificar novas abordagens por intermédio de técnicas mistas de pesquisa social, como fizemos em parte, colocando lado a lado técnicas de pesquisa que podem complementar-se.

Atinentes a isso e ao que foi trabalhado mais detidamente nesta tese, concluímos que amparar a diversidade dos atores sociais catadores de materiais recicláveis é condição essencial para a promoção de políticas públicas. Caso contrário, corremos o risco de estigmatizar ainda mais esses atores, homogeneizando ações que não correspondam a seus modelos de vida e deixando de promover suas liberdades diante da possibilidade de um patamar de um melhor bem-estar e justiça social. Coube-nos, neste trabalho, de certa forma, desmitificar o caráter exclusivamente dependente, reativo e empobrecido dos catadores. Como sujeitos plurais, cabe às políticas públicas e sociais pensá-los em suas múltiplas características, promovendo políticas também plurais que os absorvam em modalidades de trabalhos que os integrem a uma dinâmica econômica e social com maior preocupação pela qualidade de seu trabalho, melhores formas de rendimentos e padrões mais aceitáveis do ponto de vista da saúde física e mental.

Organizações coletivas de trabalho são alternativas interessantes e estimulantes para a promoção da união e segmentação dos padrões de excelência de um trabalho, principalmente aquelas que buscam promover a ação do trabalhador

como sujeito integral e solidário, coparticipante das decisões e dos anseios de sua coletividade. Porém, essa forma de empreendimento não se estabelece por decreto ou se caracteriza simplesmente como um problema de gestão administrativa dos empreendimentos e das políticas sociais que devem passar por monitoramentos constantes. Cumpra-se a tarefa de pensar também em estratégias e táticas criativas de trabalho junto do público que se pretende atingir, haja vista os elementos que se incorporam às dinâmicas e ações dos indivíduos e que não podemos e nem temos condições de perceber num primeiro plano de abstrações.

9. REFERÊNCIAS

ABREU, Edivalda P. *Condições de trabalho, saúde e hábitos de vida dos catadores de resíduos sólidos da Vila Vale do Sol em Aparecida de Goiânia-GO*. 2011. [Dissertação Mestrado em Ciências da Saúde] Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2011.

ALVES, Adriana S. *Formação “de catador para catador”*: o movimento nacional dos catadores na construção de sua autonomia político pedagógica. [Dissertação de Mestrado em Educação] Faculdade de Educação. PPG em Educação. Universidade de Brasília, 2016.

ALVES, Ana Karina. *Da precarização à organização do trabalho informal*: situações de trabalho de catadores de materiais recicláveis de Maracanaú-CE. [Dissertação de Mestrado em Serviço Social]. Universidade Estadual do Ceará, 2015.

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho*: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 4ª ed. São Paulo: Boitempo, 2001.

_____. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez, 2010.

APPADURAI, Arjun (Org.). *A vida social das coisas*: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: UFF, 2008.

BAJOIT, Guy. *Tudo Muda*: proposta teórica e análise da mudança sociocultural nas sociedades ocidentais contemporâneas. Ijuí: Unijuí, 2006.

BATISTA, Fábio Giovanni A. *Riscos ocupacionais em associação de catadores de materiais recicláveis da Arensa - Campina Grande/PB*. [Tese de Doutorado em Recursos Naturais] Centro de Tecnologia e Recursos Naturais. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande – PB.

BATISTELLA, Alessandro (Org.). *Passo Fundo, sua história*: indígenas, caboclos, escravos, operários, latifúndios, expropriações, território, política, poder, criminalidade, economia, produção, urbanização, sociedade, mídia impressa, censura, religiosidade, cultura, gauchismo e identidade. Passo Fundo: Méritos, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade*: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.

_____. *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BRADES, Ulrik et all. *La explicación a través de la visualización de redes*. Redes – Revista Hispana para el Análises de Redes Sociales. Vol. 9, #6, Diciembre, 2005.

BOSI, Antônio. *A organização capitalista do trabalho “informal”*: o caso dos catadores de recicláveis. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 23, nº 67, junho/2008.

BOTT, Elizabeth. *Família e rede social*. Papéis, normas e relacionamentos externos em famílias urbanas comuns. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Gestação de alto risco: manual técnico* / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. 5. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

BRITES, Jurema. *Afeto, desigualdade e rebeldia: bastidores do serviço doméstico*. [Tese de Doutorado em Antropologia Social] Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. PPG em Antropologia Social. Porto Alegre, 2000.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1) São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: a arte de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. *A cultura no plural*. Campinas, SP: Papyrus, 2014.

CORTES, Soraya; LIMA, Luciana. *A contribuição da sociologia para a análise de políticas públicas*. Lua Nova, São Paulo, 87: 33-62, 2012.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 2002.

DUARTE, Luiz Fernando. Horizontes do indivíduo e da ética no crepúsculo da família. RIBEIRO, Ana; RIBEIRO, Ivete. (Orgs.) *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995.

DUBET, François. *Sociologia da experiência*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

_____. *As desigualdades multiplicadas*. Ijuí: Unijuí, 2003.

DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DURHAM, Eunice. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1984.

_____. *A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia*. Org. THOMAZ, Omar. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FERREIRA, Leila. *Ideias para uma sociologia da questão ambiental no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2006.

FLORES, Guilherme N. *Governança socioambiental como instrumento para a implantação de uma gestão integrada e sustentável de resíduos sólidos urbanos na região da Foz do Rio Itajaí*. [Dissertação Mestrado em Fundamentos do Direito Positivo] Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2012.

FONSECA, Cláudia. *Preparando-se para a vida: reflexões sobre escola e adolescência em grupos populares*. Em Aberto, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994.

_____. *Caminhos da adoção*. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. *Família, fofoca e honra*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

_____. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002

_____. *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOHN, Maria da Gloria. *Novas teorias dos movimentos sociais*. São Paulo: Loyola, 2010.

GRANDE, Pablo de. *Estructura social y sociabilidad: ¿son desiguales las redes personales?* Redes – Revista Hispana para el Análisis de Redes Sociales. Vol. 26, #2, Diciembre, 2015.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 8ª ed. São Paulo: Loyola, 1999.

HONNETH, Axel. *Luta por Reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Ed. 34, 2003.

HOULE, Gilles. *A sociologia como ciência da vida: a abordagem biográfica*. POUPART, Jean et all. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis / RJ: Vozes, 2008.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. *Pesquisa Nacional de Saneamento Básico 2008*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

_____. *Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Diagnóstico sobre os catadores de resíduos sólidos. Brasília: IPEA, 2011.

_____. *Situação social das catadoras e dos catadores de material reciclável e reutilizável*. Brasília: IPEA, 2013.

LAHIRE, Bernard. *O homem plural: as molas da ação*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

LATOURET, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LEFEBVRE, Henri. *O direito a cidade*. São Paulo: Documentos, 1969.

LENZI, Cristiano. *Sociologia ambiental: risco e sustentabilidade na modernidade*. Bauru, SP: Edusc, 2006.

LOZARES, Carlos. *Bases socio-metodológicas para el Análisis de Redes Sociales, ARS*. EMPIRIA. Revista de Metodología de Ciencias Sociales. Nº 10, julio-diciembre, 2005, pp. 9-35.

LOZARES, Carlos et al. *Cohesión, vinculación e integración sociales en el marco del capital social*. Redes – Revista Hispana para el Análisis de Redes Sociales. Vol. 20, #1, Junio, 2011.

MAGNI, Cláudia T. *Nomadismo Urbano: uma etnografia sobre moradores de rua em Porto Alegre*. (Série Conhecimentos 35) Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006.

MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. 3ª Edição. São Paulo: Contexto, 2012.

MARX, Karl. *Manifesto do partido comunista*. São Paulo: Global, 1988.

MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis / RJ: Vozes, 2001.

_____. *Busca de qualidade, ação social e cultura: por uma sociologia reflexiva*. MELUCCI, Alberto. Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis / RJ: Vozes, 2005.

MENAFRA, Rosina. *Cooperativismo em setores de baixa renda em Alagoas: desafios na constituição de espaços públicos associativos*. [Dissertação de Mestrado em Sociologia] Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Maceió / AL, 2011.

MIURA, Paula. *Tornar-se catador: uma análise psicossocial*. [Dissertação de Mestrado em Psicologia Social] Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

NASCIMENTO, Josilene B. *Os burros sem rabo na sociedade de consumo: invisibilidade, consumo ostensivo e reconhecimento*. [Tese de Doutorado em Ciências Sociais] PPG em Ciências Sociais. Universidade Federal de Campina Grande, 2012.

NETO, Tiago José P. *Avaliação do impacto ambiental dos catadores informais de resíduos sólidos: um estudo de caso no município de Esteio – RS*. [Dissertação de Mestrado em Avaliação de Impactos Ambientais] Centro Universitário La Salle – Unilasalle, Canoas, 2013.

GUIMARÃES, Nadya et all. *Trajetórias, atributos e relações: representações sobre redes e obtenção de trabalho*. *Redes – Revista Hispana para el Análises de Redes Sociales*. Vol. 22, #6, Junio, 2012.

NASCIMENTO, Josilene. *Os “burros sem rabo” na sociedade de consumo: invisibilidade, consumo ostensivo e reconhecimento*. [Tese de Doutorado em Ciências Sociais] Centro de Humanidades. Pós-graduação em Ciências Sociais Universidade Federal de Campina Grande., 2012.

OLIVEIRA, Luciana N. *Coleta seletiva no município de Santa Maria (RS): panorama, limitações e oportunidades*. [Dissertação de Mestrado em Administração]. Programa de Pós-Graduação em Administração. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

PROJETO TRANSFORMAÇÃO. *Projeto transformação: 10 anos cuidando da natureza e das pessoas*. Passo Fundo: Saluz, 2017.

RANCI, Costanzo. *Relações difíceis: a interação entre pesquisadores e atores sociais*. MELUCCI, Alberto. *Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura*. Petrópolis / RJ: Vozes, 2005.

RIBEIRO, Camile G. "A rampa é uma mãe": família, trabalho e identidades de catadores de materiais recicláveis do aterro de lixo de Jardim Gramacho. [Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais] Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.

RIZEK, Cibele. *Trabalho, moradia e cidade: zonas de indiferenciação?* *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 27, nº78, fevereiro, 2012.

ROSENTHAL, Gabriele. *Pesquisa Social Interpretativa: uma introdução*. Porto Alegre: Edipucrs, 2014.

RÜCKERT, Aldomar. *A trajetória da terra: ocupação e colonização do centro-norte do Rio Grande do Sul – 1827 – 1931*. Passo Fundo: Ediupf, 1997.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Processos de globalização*. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. S. (Org.). *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2002. p.25-102.

SAPIR, Edward. *Cultura: autentica e espúria*. *Sociologia & Antropologia*. V.02.04: 35-60, 2012.

_____. *A emergência do conceito de personalidade em um estudo de culturas*. BENEDICT, Ruth; MEAD, Margaret; SAPIR, Edward. *Cultura e personalidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 2015

SARTI, Cynthia. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo*. [Tese de Doutorado em Antropologia] Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 1994.

_____. *O valor da família para os pobres*. RIBEIRO, Ivete; RIBEIRO, Ana Clara (Orgs.) *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995. pp.131-50

SAWAIA, Bader. (org.) *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis / RJ: Vozes, 2010.

SCHERER-WARREN, Ilse. *Rede de Movimentos Sociais*. São Paulo: Loyola, 2011.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 14ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SILVA, Ari. R. *O trabalho e seus significados: trabalhadores do fumo frente ao sistema integrado de produção agroindustrial*. (Série Conhecimentos 44) Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2008.

SILVA, Tomaz T. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, Otávio. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p.11-25.

SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Colaboradores André Grilo [et al]. Belo Horizonte: UFMG, 2009

SPINELLI, Juçara. *Mercado imobiliário e reestruturação do espaço urbano em Passo Fundo, RS*. [Tese de Doutorado em Geografia] Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Porto Alegre, RS, 2015.

TAYLOR, Charles. *Ética da autenticidade*. Trad. Luís Lóia. Portugal: Edições 70, 2009.

_____. *As Fontes do self: a construção da identidade moderna*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

TEDESCO, João C. et all. *Passo Fundo e a Produção do Território Pós-Anos 1950: migração e urbanização*. BATTISTELLA, Alessandro (Org.). *Passo Fundo, sua história: indígenas, caboclos, escravos, operários, economia, produção, urbanização, sociedade, mídia impressa, censura, religiosidade, cultura, gauchismo e identidade*. 1V (Coleção Passo Fundo e sua história). Passo Fundo: Méritos, 2007.

TEDESCO, João C. *A gare e o trem em Passo Fundo: sinergias econômicas*. Porto Alegre: EST Edições, 2015.

TEDESCO, João C.; CARINI, Joel J. (Orgs.) *Conflitos agrários no norte gaúcho*. Passo Fundo: IMED, 2010.

TELLES, Vera. *Trajetórias urbanas: fios de uma descrição da cidade*. TELLES, Vera.; CABANES, Robert. *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

_____. *A cidade nas fronteiras do legal e ilegal*. Belo Horizonte: Argumentum, 2010.

TOURAINÉ, Alan. *Poderemos viver juntos? iguais e diferentes*. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *O retorno do actor: ensaio sobre sociologia*. Lisboa: Instituto Piaget, 2006.

_____. *Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989

_____. *Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica*. VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcos (Orgs.). *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro: UFRJ; FGV, 1996.

_____. *Um antropólogo na cidade: ensaio de antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

WALDMAN, Maurício. *Lixo: cenários e desafios. Abordagens básicas para entender os resíduos sólidos*. São Paulo: Cortez, 2010.

YÚDICE, George *A convivência da cultura: uso da cultura na era global*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

Nº Questionário ()

1) Nome: _____

2) Idade: _____ anos

3) Etnia:

 Branca Preta Amarela Parda Indígena Outra _____ Não soube dizer4) Sexo: Masculino Feminino

5) Escolaridade:

 Sem instrução e fundamental incompleto Fundamental completo e médio incompleto Médio completo e superior incompleto Superior completo Não determinado

6) Local de moradia (bairro): _____

7) Estado Civil: Solteiro Casado União Estável Viúvo Separado
 Outro: _____8) Possui filhos? Sim Não - Se Sim. Quantos? _____

9) Número de pessoas na família: _____

10) Qual sua profissão? _____

11) A quanto tempo trabalha com materiais recicláveis? _____

12) Por que e como começou nessa atividade? _____

13) Possui outras atividades de trabalho? Quais? _____

14) Quantas pessoas na família trabalham com materiais recicláveis? _____

15) Ganhos com a catação (total da família / últimos 3 meses): R\$ _____

16) Outros integrantes da família trabalham em outra atividade? Quais? _____

17) Integra alguma associação (grupo) de trabalho? () Sim () Não

Se SIM, qual? _____

18) Principal material que recolhe das ruas? _____

19) Para quem vende? _____

20) Acha justo o valor que recebe? Por quê? _____

21) Principal atividade no trabalho:

() Reciclador na associação

() Catação na rua

() Catação agendada com o doador

() Outras formas: _____

22) Já ouviu falar do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis?

() Sim () Não

Se SIM, participa do Movimento? O que ouviu falar? _____

23) Participa de alguma ação comunitária?

() Igreja / Culto religioso

() Associação de moradores

() Grupo esportivo

() Grupo artístico (CTG, dança, arte etc.)

() Grupo de assistência social e/ou ajuda mútua

() Outros: _____

24) Quais as maiores dificuldades e facilidades de se trabalhar com materiais recicláveis (catação e/ou reciclagem)?

25) Quais são seus maiores desejos (sonhos) que você espera atingir no futuro?

Informações para contato:

Local de Moradia (bairro, rua, pontos de referências) -Telefone

Outras observações (no verso):

APÊNDICE B – TÓPICOS TEMÁTICOS SINTETIZADOS DAS ENTREVISTAS NARRATIVAS

Tópico 1. A origem e disposições sociais do catador

- A origem da família e o município de Passo Fundo;
- Lugares de moradia (permanência e deslocamentos nas lógicas de trabalho e das necessidades adquiridas);
- Conhecimentos e experiências (aprendizados formal e informal);
- Vínculos sociais e relações estabelecidas (sociabilidades e família).

Tópico 2 – processos de ajustamento, mediações e conflitos

- Adaptações e mediações nos ambientes e de trabalho;
- Atividades executadas e locais onde já trabalhou (experiências de trabalhos e vínculos sociais);
- Catadores e demais segmentos comunitários (hierarquias e status sociais – gerações, gênero, funções na comunidade);
- Relações culturais – violência, exploração e resistências no âmbito do trabalho e da vida cotidiana.
- Principais parceiros e facilitadores à execução do trabalho;

Tópico 3 - ações sociais, táticas e estratégias desenvolvidas

- Divisão do tempo de trabalho e descanso ao longo do dia (organização do espaço-tempo);
- Relação de venda/compra entre catadores e intermediários;
- Organização para suprir as necessidades da família;
- Execução de atividades paralelas ao trabalho de catador (vantagens da catação e organização de outras atividades);
- Vantagens do trabalho formal e do informal (empregado e autônomo);
- O trabalho ideal (ações que idealiza como sendo mais prazerosas e satisfatórias);
- O local para si. Espaços de lazer e de descanso (o valor de uso e de troca do espaço de convivência)
- Conflitos entre catadores, poderes públicos e a população em geral;

Anotações gerais de campo:

- Além das entrevistas serão observados os locais e contextos em que as mesmas foram realizadas, principalmente quanto ao ambiente em que o encontro foi estabelecido, ocorrências e reações dos entrevistados e demais atores que possam estar presentes ao encontro. Tais observações serão registradas em diário de campo e sistematizadas oportunamente, compondo o *corpus* analítico desta pesquisa. As entrevistas serão gravadas e transcritas para melhor sistematização da análise.

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa O Ser e o Estar Catador: experiências sociais no trabalho e nas tramas urbanas, sob a responsabilidade do pesquisador Ari Rocha da Silva, o qual pretende desenvolver sua tese de doutorado.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de preenchimento de questionário e/ou entrevista. Se você aceitar participar, estará contribuindo para o entendimento da realidade do trabalho dos catadores de materiais recicláveis.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa.

O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador pelo telefone (54) 2103.5867 ou 9966.6434, ou poderá entrar em contato com o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, pelo telefone (51) 3591.1122.

Consentimento Pós–Informação:

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via para cada um.

Assinatura do participante

Data: ____ / ____ / ____

Ari Rocha da Silva – Responsável pela Pesquisa

APÊNDICE D – HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS DAS ASSOCIAÇÕES E COOPERATIVAS DE CATADORES MATERIAIS RECICLÁVEIS DE PASSO FUNDO

Arevi – Associação de Recicladores Esperança na Vitória

Associação localizada no Bairro Bom Jesus. Idealizada para congregar catadores da própria comunidade, foi edificada ao lado de um conjunto habitacional popular. Dispõe de alguns equipamentos básicos necessários para o processamento e acondicionamento dos resíduos (prensas, mesas de reciclagem, etc.) adquiridos com recursos do Governo Federal e da Prefeitura. O primeiro grupo a assumir a associação desestruturou-se mediante conflitos internos e por dificuldades em manter uma renda mensal compatível ao que consideravam ser adequada ao investimento de tempo trabalhado na Associação. Segundo sua primeira Coordenadora, os associados não entendiam a divisão dos resultados e os descontos por horas não trabalhadas na Associação, o que gerou brigas e discussões entre os integrantes do grupo e a gradual desistência das pessoas em permanecer na organização. Depois de quase um ano fechada, outro grupo assumiu o local. Esse grupo se constituía por pessoas de fora da comunidade. Tivemos contato com ele quando da aplicação do questionário socioeconômico. Os catadores que lá estavam nos disseram que naquele momento estavam fazendo um teste para ver se era viável trabalhar de forma associativa, basicamente tinham formado um grupo emergencial mediante contatos de familiares e de conhecidos. Mais tarde, ficamos sabendo que o grupo também se desfez meses depois, também por motivado de brigas internas pela divisão dos resultados, e que já operava um terceiro grupo no local. Este terceiro grupo também foi dissolvido, não tivemos contato com esses trabalhadores. A Associação ficou mais uma vez vaga e começou a ser ocupada por pessoas da própria comunidade, também sobre a supervisão do Projeto Transformação que em nenhum momento desistiu de promover a organização de grupos de trabalho no local. Atualmente a Associação está sendo gestada por pessoas da própria comunidade, inclusive por integrantes que participaram da primeira gestão. Percebemos, todavia, que começa a haver disputas pelo local na própria comunidade entre as antigas lideranças. Num primeiro momento, o Projeto Transformação, em comum acordo com os atuais integrantes do empreendimento associativo, permitiu que uma empresa, a Recycle, ocupasse uma parte do espaço do galpão para depósito de seus materiais, basicamente produtos eletrônicos que são desmontados e encaminhados para a reciclagem em outras empresas. A Recycle não está mais realizando trabalhos no espaço da Associação, ficou menos de um ano, embora pagasse um determinado valor (500 reais) para à Associação na forma de aluguel do espaço utilizado. Atualmente, mediante o Projeto Transformação, a Arevi adquiriu um furgão próprio para transportar os seus materiais visando ter maior autonomia e agilidade no trabalho. O grupo atual possui 6 componentes.

Cootraempo – Cooperativa Mista de Produção e Trabalho dos Empreendedores Populares da Santa Marta

Cooperativa localizada no Bairro Donária, novo endereço, pois o tradicional galpão de reciclagem no Bairro Santa Marta foi pedido de volta pela instituição que cedia o espaço aos catadores. A cooperativa trabalha a partir de pontos de coleta agendados com a população da cidade. Possui transporte próprio para fazer a coleta de materiais doados. A infraestrutura originalmente foi cedida pela Sociedade Cultural Recreativa Beneficente São João Bosco (Socrebe) e assumida mais tarde pela Cooperativa. Recebem apoio e assistência técnica do Projeto Transformação. Por motivos de estragos no caminhão, em alguns períodos, ficaram sem fazer a reciclagem, o que desestruturou o grupo. Perderam muitos pontos de coleta pela cidade que no último ano buscam recuperar. Expõem muitas dificuldades para reerguer o empreendimento associativo. Ficaram na Associação as integrantes mais antigas e que se identificam com a organização, uma delas a atual presidente. O grupo possui atualmente 12 componentes.

Coama – Cooperativa Amigos do Meio Ambiente

Localizada na Vila Popular, a Cooperativa é basicamente compostas por mulheres da própria comunidade. Dependiam em grande parte do caminhão da empresa de coleta de lixo que trazia até a cooperativa materiais dos containers de resíduos sólidos espalhados pela área central da cidade. Tinham muita dificuldade, porém, para lidar com os materiais vindo dos containers, pois os rejeitos vinham misturados com resíduos orgânicos que gerava muito trabalho para separar e dar o destino correto ao que consideravam impróprio à reciclagem. Atualmente utilizam um furgão próprio adquirido pelo Projeto Transformação que as possibilitam buscar materiais em pontos

estratégicos e doações. Possuem um grupo coeso de associadas, que formam um núcleo histórico de integrantes que inauguraram tal iniciativa de trabalho conjunto. Recebem apoio e assistência técnica do Projeto Transformação. O grupo possui atualmente 14 componentes.

Recibela – Cooperativa de Recicladores Parque Bela Vista

Localizada na linha São João da Bela Vista, no antigo aterro de lixo municipal. A Cooperativa recebe dos caminhões de coleta do lixo comum a matéria prima para o seu trabalho, além do lixo seletivo reciclável dispostos nos containers pela população. Possuem uma esteira de trabalho onde os catadores triam o que pode ser aproveitado, separando o lixo comum que é levado de caminhão para outra localidade do Estado, Minas do Leão / RS. Atualmente os catadores reivindicam estender o seu trabalho para um terceiro turno de atividade (turno da noite), além de reivindicar maiores investimentos da prefeitura para a montagem de mais uma esteira de trabalho e a operacionalização do transbordo dos materiais pela própria mão-de-obra de seus associados. Atualmente quem executa o transbordo dos materiais é a Codepas, empresa pública de lixo. Ficaram alguns meses de 2016 e 2017 com a esteira parada por determinação do Ministério Público do Trabalho que via problemas de segurança nos equipamentos e no local de trabalho como um todo. Depois de ajustados os equipamentos a Recibela retomou a operação na esteira e agregou mais catadores ao seu quadro, podendo administrar a triagem dos materiais de forma própria e autônoma. A Recibela é maior associação da cidade. Recebem apoio e assistência técnica do Projeto Transformação. O grupo possui atualmente 45 componentes.

Tropeiros de Passo Fundo

Localizada na vila Sétimo Céu, o grupo busca se constituir efetivamente como cooperativa de trabalho. Utiliza um antigo galpão de uma empresa de armazenamento de sementes próximo de uma área de ocupação habitacional. Possuíam a assistência do Projeto Minuano (Coordenado pela ONG Planeta Vivo). Já possuem uma prensa, mas a condição do galpão é bastante precária, sem paredes e piso adequado, há vários furos no teto, além de não possuir energia elétrica e água. Efetivamente trabalham apenas duas pessoas buscando materiais na rua – o Presidente da Associação e o Coordenador do Projeto Minuano em Passo Fundo – as outras pessoas estão apenas cadastradas para serem contatadas caso a Associação comece os trabalhos de forma mais sistemática. Em muitos locais próximos observa-se materiais recicláveis acondicionados ou espalhado nos pátios das casas. Também observamos o depósito irregular de entulhos da construção civil próximo ao eventual galpão de reciclagem idealizado pela dupla que lá trabalha. O Presidente diz ter autorização para trabalhar no local por 20 anos.

Associação de Mulheres Buscando a Vitória

Grupo de mulheres, algumas participantes do primeiro grupo da Arevi, que hoje se dedicam a trabalhos em materiais doados (ajustes e reparos de roupas e artesanato). A partir desse processamento dos materiais doados, eles são expostos e vendidos a população, bem como, segundo a sua coordenadora, doados a população mais carente mediante projetos sociais a ela vinculados. A coordenadora da associação já foi agraciada com o título de cidadã de Passo Fundo por suas ações na comunidade. Fizeram movimentos para retornarem à Arevi, pois dizem que estavam passando por condições difíceis e pretendiam compor de forma sistemática a reciclagem nessa associação, porém os conflitos com outros integrantes da Arevi que também retornaram impediram que prosseguissem com tal ideia. O grupo possui atualmente 5 componentes.

Associação Passo-fundense de Papeleiros

Provavelmente a Associação mais antiga de Passo Fundo. O galpão foi cedido pelo poder público (não conseguimos saber qual a esfera do poder público cedeu a estrutura para a consolidação da associação). O empreendimento foi idealizado no Bairro Industrial, há pouco tempo estava em atividade por intermédio do trabalho do Sr. Chicão (70 anos) e de sua esposa, pessoas conhecidas no meio da reciclagem e que há anos fazem o trabalho de catação pela cidade. Seu Chicão faleceu no segundo semestre de 2016. Chicão, com a ajuda da comunidade, montou uma biblioteca com livros achados no lixo e mediante doações. Idealizou também um espaço para montar um museu de objetos antigos (maquinas de escrever, ferramentas e utensílios domésticos). Muitas pessoas se sensibilizavam com o trabalho do Seu Chicão, ajudando-o a montar a biblioteca e adquirir outra camionete para transportar os materiais doados à reciclagem. Em determinados dias da semana Chicão parava a sua caminhonete na Av. Brasil, principal

avenida da cidade, para receber as doações da população. Após sua morte, a viúva começou a se desfazer dos livros, vendendo-os a empresas de reciclagem. Esta iniciativa da viúva foi demovida por iniciativa de pessoas da sociedade que conheciam o trabalho do Catador. A ideia em voga é ajudar a viúva no sentido de que disponha de uma renda mensal. Foi aberta uma conta bancária para doações à catadora e qualquer pessoa pode fazer doações. Matéria jornalística no principal telejornal da cidade convidou os telespectadores a aderirem a campanha de ajuda a esposa do Seu Chicão, explicando a condição precária que se encontra a viúva e a importância do legado do catador falecido. A ideia é levar o acervo de livros reunidos no galpão para uma biblioteca escolar da comunidade. O galpão ainda serve de moradia à família.

Recidonária - Associação de Recicladores da Vila Donária

Grupo nunca se constituiu efetivamente. Não tinham galpão, assim que foi concluído o galpão com verba Federal, no mesmo padrão da Arevi, os catadores não se mobilizaram para ocupar efetivamente o espaço. A articulação do grupo estava a cargo da Associação Beneficente Ensine a Pescar - ABEP. Alguns catadores alegam que o pavilhão foi construído em lugar errado, muito próximo de residências, o que gerou atrito com a comunidade. Atualmente a Contraempo está fixada no local, pois o antigo galpão de reciclagem dessa cooperativa foi requisitado pela instituição que cedia o espaço a ela.

Coletivo Urbano

Grupo de pessoas criado a partir do Projeto Social Família Cidadã do Governo do estado do RS. O objetivo era criar as condições de trabalho para pessoas em estado de vulnerabilidade social na Vila Entre Rios e proximidades. O Projeto consistia em dar uma bolsa financeira para cada família e integrá-las aos serviços de limpeza e manutenção na própria comunidade em que viviam e em bairros próximos. Desta forma, o grupo deveria se engajar e definir metas de trabalho agregados que poderiam, mediante organização coletiva, desenvolver trabalhos conjuntos que gerasse renda e independência financeira. A proposta evoluiu, em parceria com a Prefeitura de Passo Fundo que edificou um pavilhão de reciclagem para os integrantes da ação. Os catadores receberam a assistência do Cetap para a evolução dos trabalhos, mas o grupo se fragmentou e não foi levada adiante a proposta assim que os recursos (as bolsas pagas pelo Estado) foram suspensos por outro governo. A estrutura do prédio foi invadida e depredada por pessoas da própria comunidade ao longo do tempo.

APENDICE E- RESPOSTAS ABERTAS – ‘POR QUE TRABALHA NA ATIVIDADE DE CATAÇÃO’ (POR SEXO)

Por que trabalha na atividade de catação?

Sexo feminino

Sem trabalho, por necessidade

- *Sem serviço, estou procurando. Trabalho geralmente em empresas de limpeza, com carteira assinada.*
- *Difícil arrumar serviço. Batia nas casas para pedir serviço, mas já pensam que é pra roubar.*
- *Trabalhava no posto de saúde há 4 anos (terceirizada). Fui demitida.*
- *Comecei esse trabalho para sobreviver.*
- *Comecei aqui em 2005 (na Associação), convidaram, estava sem serviço. Trabalhei na construção civil, como doméstica, baba, jardineira. De novembro a março o trabalho aqui cai muito. O pessoal sai de férias (população) e diminui o material para reciclar. Voltei a menos de um mês.*
- *A gente se aperta. O marido não trabalha (mora nos fundos da casa), ele ajuda as vezes a arrumar os litros (classificar e amassar nos sacos).*
- *Tiro para sobreviver.*
- *Precisava comprar comida para os filhos.*
- *Vi que minha irmã começou a trabalhar na catação e estava ganhando dinheiro, não tinha miséria. Ela e o marido estavam desempregados. Compraram uma carrocinha e começaram a catar na rua.*
- *Por necessidade. Nunca trabalhei de carteira assinada.*
- *Ninguém dava serviço.*
- *Marido ficou desempregado. Tem cateter no coração. Saio na rua pela manhã e volto à tarde (terça, quinta e sábado). Vivemos mais da reciclagem hoje.*
- *Pelo salário. Fiz a ficha e chamaram logo (Cooperativa). Pretendo sair um dia. Ganhar menos, mas trabalhar mais tranquila (é tesoureira da Cooperativa). Se cometer algum erro não dá para voltar atrás, tenho que tirar do bolso. Errei uma vez mas consegui corrigir, coloquei num pendrive a planilha e consertei numa lanhouse o pagamento dos colegas.*
- *Pelo salário e pelo horário. O Irmão do meu marido é da Direção da Cooperativa.*
- *Precisava trabalhar, ajudar a menina e os netos.*
- *Pai e mãe tinham contas para pagar e fui ajudar os pais.*
- *Precisava e gostei do serviço, de ficar na esteira.*
- *Vim porque não tinha outro serviço.*
- *Daí que tiro e ganho o pão para nunca mexer nas coisas dos outros. Comecei a sair com a minha irmã. Ela mora na frente, em outro terreno. Minha irmã não cata mais, está bem de vida. Sempre foi junto com ela. Criou os filhos com este trabalho.*
- *Tive que trabalhar, os pais morreram. Tinha pouco estudo aos 15 anos.*
- *Por necessidade. Tem muito desemprego. Recebo pouco do Bolsa Família. Trabalho de dia para comer à noite. Separei do marido, antes ele me sustentava.*

Prazer pelo trabalho

- *Tinha curiosidade. Não peguei jeito da primeira vez e sai, mas voltei. Entre ‘trancos e barrancos’ não desisti. Gosto daqui (Cotraempo). Já pensou em parar, não voltar mais, mas vou dormir e quando acordo venho trabalhar.*
- *Comecei aqui ganhando 70 Reais (Recibela). Já vim trabalhar sem comer para deixar os filhos comerem em casa. Gosta de trabalhar, gosta de fazer tudo. Pessoal não quer ganhar pouco, preferem ficar pedindo de casa em casa. Vão lá em casa umas crianças pedir. Até dei duas vezes, mas não posso ficar dando, porque não tenho, vai faltar pra mim.*
- *Comecei no PAC (varrendo rua) e catando com o Pai, gosto do que faço.*
- *Acho legal, pra ajudar.*
- *Sempre gostei.*
- *Antes pelo salário, agora pelo trabalho, gosto do que faço. Vi que é importante o trabalho. Fiz amigos, possuem boa convivência na Associação.*
- *Colegas convidaram. Não pretende sair porque gosta do serviço. Antes trabalhava como empregada doméstica, mas a família foi embora para São Paulo e me dispensou.*
- *Gosto. É bom, é perto de casa a Associação.*

Forma de cuidar dos filhos

- *Pelas crianças, tenho que cuidar dos filhos (não pode ter horário fixo). Seria bom se tivesse creche em tempo integral para deixar os filhos.*
- *Não podia trabalhar de carteira assinada, tinha que cuidar das filhas doentes.*
- *Melhor que estar dentro de casa. No inverno tinha que sair muito cedo de casa e deixar na casa de uma filha o meu filho mais novo, de 6 anos. Agora consigo cuidar dele. Também cuido dos netos (mediante pagamento da filha que trabalha fora). Meu marido um dia apareceu com este carrinho e me convidou para catar. Antes tinha vergonha, não juntava as coisas, mas vi que os vizinhos catavam. Aí me acostumei.*
- *Não tinha de onde me sustentar. Filha nasceu prematura e ficou na CTI do Hospital. Não podia abandonar ela. Sai do emprego e foi catar na rua.*

Liberdade para trabalhar

- *Porque os dias que não está boa fica em casa. Trabalhava como doméstica, mas não quis mais. Não assinavam a carteira, trabalhou 12 anos. Não quis colocar na Justiça.*
- *Mãe sempre catava. É um trabalho honesto. Nunca trabalhei de carteira assinada. Agora não penso em trabalho formal. Duas faltas e meia pode ser eliminada da associação (Recibela)*
- *É um meio de ganhar dinheiro, está trabalhando para ti. A reciclagem dá dinheiro. Não me incomoda.*
- *Trabalhei em várias firmas (antiga Cooperativa, Nova Era, PAC). O que mais gostava era ajudar (no processo de reciclagem). Quero trabalhar na usina pela renda que ganho. Não quer trabalhar para os outros. Antes era bagunçado trabalhar aqui. Minha comadre me convidou. Evoluí.*

Convite de parentes e amigos

- *Fui convidada a trabalhar pela minha irmã. Tem bastante amizade aqui. Se tratam bem.*
- *Vizinha convidou para vir trabalhar na Cooperativa.*

- *Trabalhava em casa, tinha um bar, mas entrei em depressão, era um incomodo, ficava sozinha. Daí a cunhada me convidou para trabalhar na Coetraempo para ver gente.*

Falta de estudo

- *Não tenho estudo, acho que não consigo pegar outro emprego. Trabalho de faxina também.*
- *Não tinha outro meio, sem estudo, tive que cuidar dos filhos.*
- *Falta de estudo, me interessei pela reciclagem.*

Ter uma ocupação

- *Pai adoeceu, era pedreiro. Ele está em casa e fica muito estressado. Daí saí para ter uma ocupação fora de casa. Estou a uma semana na Associação, vim trabalhar com o marido que também estava sem trabalho.*
- *Ficava em casa, achei uma coisa para fazer. Nunca gostei de ficar parada.*
- *Deu vontade, me distrai.*

Ajuda das pessoas

- *Porque não consegui outro serviço. Pessoas ajudam, dão roupas. As pessoas ficam loucas quando eu não passo. Perguntam por que eu não vim.*
- *Ganho comida e roupa das pessoas. É pra 'defesa'. Estava com frio e uma mulher ficou com pena de mim e me deu este casaco.*

Ambiente de Trabalho

- *Saí da Perdigão (empresa). Fez ficha e me chamaram na Recibela. Na Perdigão era muito gelado (temperatura do ambiente)*
- *Na Associação é menos sofrido. No Inverno tomava chuva na rua.*

Doente, fora de outros empregos

- *Tenho problema no coração, não consigo pegar em firma e não consigo me encostar. Não consigo trabalhar em firma nos serviços gerais.*
- *Trabalhava no PAC, varrendo ruas, mas entrou o Prefeito e me dispensou. Disseram que era doente, daí falei que mesmo doente ia pra rua juntar papel. Sinto orgulho do que faço. O pai e a mãe me ensinaram a não mexer no que é dos outros. Tinha um bar, mas faliu, nem dei baixa nos papéis.*

Trabalho com a família

- *Pai catava na rua, iam juntos de carrinho.*
- *Antes trabalhei em frigorífico e de doméstica. Pai trabalha aqui também, mas está hospitalizado, teve ameaça de derrame. Vim por causa do pai, fiquei interessada. Antes cuidava de uma senhora.*

Falta do companheiro

- *Perdi o marido e tive que ficar com as crianças. O marido trabalhava numa metalúrgica.*
- *Surgiu uma oportunidade de trabalho. Separei do marido. Falta de estudo, me interessei pela reciclagem.*

Mais rentável

- *Aqui ganho mais do que ganha na rua (Cooperativa). Na rua é muito cansativo. Caminhava muito e depois tinha que separar (classificar).*

Mais conhecimento

- *Queria conhecer os produtos. Não sabia o que era um pet, agora sei tudo.*

Sexo masculino

Sem trabalho, por necessidade

- *Não tinha profissão, não existia serviço. Vim de uma cidade pequena do interior. Trabalhava em granja, serviços gerais, fazia de tudo, roça, cerca, etc.*
- *Não consegui emprego daí fui aos poucos, comprei uma gaiota e um cavalo em prestação.*
- *Perdi a mãe e nunca mais voltei pra casa, vim para Passo Fundo e não encontrei minha avó. Fiquei na rua até uma tia me encontrar por acaso. Ela disse que eu era parecido com o meu pai, por isso que me reconheceu.*
- *Vou ficar por enquanto na Cooperativa e ver o que vai dar. Tem que comer e pagar as continhas. Não tem stress. Trabalhei em Camargo numa empresa de sucata. Em Nova Alvorada nos reuníamos numa galera (grupo) e trabalhávamos num lixão, depois dividíamos. Ficávamos uma semana na casa de um "louco" lá.*
- *Não tinha outro serviço. Não conseguia, passei por todas as firmas para fazer ficha.*
- *Sai da Prefeitura, dei uma cabeçada. Firms escolhem gente mais novas. Fiquei desempregado (na Prefeitura fazia serviços gerais, carpia, pintava, trabalhava no caminhão do lixo). Fiquei 15 anos na Prefeitura, também trabalhei em diversas firmas.*
- *Falta de emprego. Comecei a trabalhar com 17 anos na reciclagem. Minha mãe faleceu. Ficamos sozinhos, eu e a minha irmã, com dois filhos pequenos dela. Tive que ajudar a minha irmã. O marido dela morreu atropelado perto do Bourbon. Ele era catador. Estava de gaiota e o cavalo caiu por cima dele quando o carro virou a gaiota.*
- *Pelo salário.*
- *Não conseguiu outro emprego.*
- *Estava parado, foi demitido da BSBios. Começamos a trabalhar de frete e na catação. Tenho conhecidos que trabalham na reciclagem*
- *Estavam numa crise. Comecei a trabalhar e gostei do serviço.*
- *Estava parado (está recebendo o seguro desemprego). Vou me encostar, me aposentar.*
- *Precisava ganhar alguma coisa.*
- *Firma não pega. Fiz exames médicos, mas não passo nos exames. Filhos não ajudam. Preciso para me manter, pagar a água e a luz. Não sei como iremos ficar depois que vencer o contrato do PAC da mulher (esposa). Não consigo trabalhar todos os dias, vou nas terças, quintas e sábados. Depois descanso, não consigo trabalhar todos os dias.*
- *Fiquei sem trabalho (é servente de pedreiro)*
- *Não tinha serviço. Hoje trabalho mais à tardinha, volta às 9 da noite pra casa.*

Liberdade para trabalhar

- *Não tenho patrão, ninguém me manda, não preciso dar satisfação pra ninguém.*
- *Terminou o outro serviço. Gostei, vou trabalhar quando quero. Antes trabalhava nas granjas, agora passam veneno e não tem mais trabalho de capina. Era do interior.*
- *Morava em Ciríaco. Aqui sou patrão, me mando. Antes trabalhava na LS (empresa de limpeza condominial). Me sinto livre.*
- *Trabalhar para o cara mesmo.*
- *Saí da Semeato (não fez greve, mas demitiram os novatos). Daí me desgostei e comecei a trabalhar por conta. Queria no início ficar numa empresa. Comecei a me dar bem e administrar o meu horário, trabalhando por conta própria.*
- *Trabalho pra mim (tem um bom terreno no Jabuticabal, amplo). Comprei a caminhonete e peguei jeito.*
- *Ganho mais trabalhando como autônomo. Gosto de liberdade, como funcionário ganhava menos. Mulher ficava em casa sozinha. A vida é curta, não dava tempo de ficar junto com ela.*
- *Para parar mais em casa.*
- *Trabalhava como servente de pedreiro, saía das firmas e ficava sem trabalho, daí busquei ter um outro serviço. Pegava também o seguro desemprego. Hoje quero trabalhar por conta, não quero mais trabalhar em firma, pois sou microempreendedor. Conheci um "nego véio" e aprendi a trabalhar com ele.*
- *Trabalhei em firma de reciclagem (na Repasso) e depois fui trabalhar por conta (disse que se deu mal em um determinado momento, pois assinou carteira dos funcionários e eles saíram todos juntos).*

Mais rentável

- *O salário das empresas é muito baixo. Não tenho estudo. Ganho mais fazendo isso.*
- *É mais rentável (trabalhar na catação)*
- *Ganho muitas coisas. As pessoas vão ajudando (sacola econômica, roupa)*
- *Pelo dinheiro. Na empresa ganhava 550 reais por mês. Achava que fazia muito por pouco. No aterro, no morro, ganhava 500 por semana. Trabalhava na hora do meio dia e a noite, pois liberavam o aterro só quando não tinha caminhão. Acampávamos no morro.*
- *Menos incomodação e maior renda. Como mecânico de moto me incomodava muito com os motoboys. Querem as coisas correndo, ficam pedindo melhor preço. Tem muita mecânica de moto na cidade. Ainda arrumo motos, mas para uma clientela. A oficina fica fechada, só abre para alguns. Materiais recicláveis dá mais.*
- *Está melhor agora os preços.*
- *Tenho firma registrada. Trabalhava como verdureiro. Comprava frutas dos colonos e vendia nos mercados. Tinha que pagar à vista pros colonos e recebia 30 dias depois dos mercados. Hoje o que pegar dá lucro (pega o material da rua e quando vende ganha na hora)*

Ter mais uma renda

- *Para ter uma renda a mais. Antes trabalhava na construção civil.*
- *Para não ficar parado e ganhar mais um troco. Quando o tempo está brabo não sai.*
- *Ajudar no salário, ter mais uma renda, a aposentadoria é um salário mínimo. A mulher não trabalha, não deixei trabalhar.*
- *Trabalhava a noite e dormia até o meio-dia; daí, à tarde, começou a catar (dinheiro a mais).*

- *Trabalho com algodão-doce, a catação é um extra.*
- *Se enterte. Quando não tem grama pra cortar, fazem a catação. Se aperfeiçoaram. Gratificante, ajuda.*

Experiência de outras pessoas

- *Outras pessoas que conhecia trabalhavam na catação, disseram que dava um dinheiro.*
- *Deixei de ser servente de pedreiro porque ganhava muito pouco (uns 800 reais). Quando não tinha serviço ficava sem receber, tinha que esperar outro trabalho. Daí perguntei para um vizinho como era catar. Daí comecei a catar e a ganhar mais do que ganhava como servente de pedreiro.*
- *Vi os vizinhos trabalhando nisso e resolveu se "encarnar".*
- *Vi com os vizinhos que dava dinheiro. Saía antes e enchia o carrinho rápido. Hoje é mais difícil. Não é só pobre que cata. Quando vai vender no Sanches (atravessador) vê aqueles carrões parados vendendo material. Hoje sobra pouco pro pobre.*
- *Via que o pessoal achava coisas boas (televisão).*
- *Pagava aluguel e morava num lugar que o bueiro entupia. Ligava para a Prefeitura e eles não faziam nada. Alagava a rua. Um dia limpei o bueiro e coloquei o material que entupia no pátio. Um vizinho viu e deu a ideia de trabalhar com esse material. Antes deixava de pagar uma conta, não tinha dinheiro, daí cortavam a água ou a luz.*

Trabalhar com a família

- *Irmã é aposentada. O Sr. João (atravessador) começou a comprar e começamos a catar pra ele, nos unimos com ele. Ele (João) vai buscar em casa.*
- *Comecei ajudando o pai. Gosto de trabalhar e ter as minhas coisas. O dinheiro é meu. Ajudo em alguma coisa em casa, compro refri, por exemplo.*
- *Era baixa a renda da família. Pai era guarda noturno. Comecei a trabalhar com a mãe, daí começou também outros irmãos. Vendia todo o dia. Gosto da função, separar e buscar nos pontos de coleta. Também fui gari, facilitou para ser catador, conhecia as rotas e onde tinha mais material. Já trabalhei também como jardineiro, pintor, auxiliar de depósito. Na Recibela ganhava uns 1.800 reais, mas sai por desentendimento, por falta de organização da Diretoria. Trabalhei 3 meses no aterro.*
- *Apreendi com o irmão. Agora ele trabalha em obras.*

Pela idade

- *Hoje em dia servente se torna mais difícil pela idade, querem gente mais nova.*
- *Não tem outro trabalho. Já estou velho.*
- *Com a minha idade não consigo outro serviço. Fiz uma ficha e chamaram na Recibela.*
- *Estou velho, ninguém dá trabalho. Ganhava antes 450 Reais descarregando caminhão, trabalhava numa empresa de sucata. Ganha pouco de carteira assinada. Tinha que ir todo dia. Empresa pagava pouco, sobrava pouco.*

Problemas de doença

- *Trabalhava como pintor, mas a tinta começou a me prejudicar. Só tenho um pulmão. Levei uma facada no outro. Já fiz muita coisa na vida, não teve tempo de aprender a ser malandro.*
- *Comecei a ficar doente, é melhor este serviço. Via os outros lidando.*

Gosta do que faz

- *Foi gostando. Achava melhor. Profissão boa.*
- *Sempre gostei de trabalhar*

Menos esforço físico

- *Trabalhava na lavoura em Arroio do Tigre, mas passava mal com o veneno (agrotóxico). Tinha conhecidos em Passo Fundo e vim para cá.*
- *Porque não tive estudo. Nunca trabalhei de carteira assinada. Trabalhava de diarista em várias propriedades de dia e a noite trabalhava de vigia em um silo. Até que um dia chegou em casa e disse para a mãe que não dava mais para continuar a trabalhar daquele jeito, estava muito cansado. Daí fui morar em Nicolau Vergueiro numa olaria. Depois veio para Passo Fundo porque tem mais recurso. A mãe tem 85 anos de idade. Quando vim do exército o pai morreu logo em seguida, tive que cuidar da mãe e de 5 irmãos. Parou de estudar.*

Falta de estudo

- *Um pouco por causa da falta de estudo.*

Ter dinheiro no fim de semana

- *No fim de semana sempre tem dinheiro, vende por semana.*

Trabalho fixo

- *Para ter algo mais fixo.*

Fazia frete

- *Trabalhava de freteiro com o pai, daí o pai não pode mais trabalhar e vendeu o caminhão. Trabalhei com ele até os 33 anos.*

Ganha coisas das pessoas

- *Ganho coisas boas ou acha. Ganho comida, roupa.*

Incentivo de pessoas

- *Formaram a Associação. Dona Heloísa deu cobertura (fundadora do Comitê Contra a Fome). Ela tinha uma entidade no Bairro. Ela é minha madrinha. O galpão foi cedido pelo Estado. Ela tem amigos políticos. Acostumaram a fazer este serviço, não sabe fazer outra coisa. Trabalhei em firmas, na Bertol, Scania (em Erechim) como auxiliar de mecânico.*

Parceria na Associação

- *Por gosto. O grupo é unido. Estão nas boas e piores horas (Cooperativa Recibela).*

**APÊNDICE F – RESPOSTAS ABERTAS – ‘OUTRAS ATIVIDADES REALIZADAS’
(POR SEXO E ESCOLARIDADE)**

Outras atividades realizadas:

FEMININO

Sem instrução ou fundamental incompleto

■ Não executo outros trabalhos	30
■ Pego coisas para vender (roupas, utensílios)	2
■ Ainda tenho o bar, mas só abre à noite. Vendo bebida e jogo (sinuca)	1
■ Cuido de crianças o dia todo. Quando o companheiro vem pra casa, consigo catar à tarde e à noite	1
■ Faço ainda faxina numa casa às sextas-feiras	1
■ Ganhei uma máquina de costura, faço alguns reparos, coisa pequena (ex. barra de calça) ..	1
■ Marido cata, vai buscar as coisas depois das 18 horas. O que sobra não vendem, faço artesanato junto com outras vizinhas.....	1
■ Roço, lavo parede	1
■ Faço serviços gerais nas casas de família	1
■ Tenho uma lavoura em casa (um canteiro), vende tempero pra vizinhança	1
■ Trabalho em casa, cuido da casa e do filho (marido muito ausente, está preso no presídio).	1
■ Trabalho numa empresa para a Prefeitura (Serviplan). Há dois meses que não cato, estou trabalhando na empresa. Tenho que cuidar do emprego	1

Fundamental Completo ou Médio Incompleto

■ Não executo outros trabalhos	6
■ Faço crochê e vendo (nunca trabalhou de carteira assinada)	1
■ Aos domingos atendo minhas clientes, faço as unhas delas (vizinhas). Já trabalhei de camareira e auxiliar de cozinha num hotel	1

Médio Completo ou Superior Incompleto

■ Não. É muito cansativo, estou fazendo a carteira de motorista	1
---	---

MASCULINO

Sem instrução ou fundamental incompleto

■ Não executo outros trabalhos	23
■ Biscate (corta grama, faz jardinagem)	6
■ Quando aparece um serviço, roça, carpi, pinta	3
■ Faz alguns biscates	2
■ Limpeza de terreno	2
■ Pedreiro	2

■ <i>Sou servente</i>	2
■ <i>Trabalho na Bela Vista (empresa de reciclagem). Sem carteira assinada. Enfarda os papelões</i>	2
■ <i>Vendo algodão-doce</i>	1
■ <i>Aposentado. Hoje compro latinhas e depois revendo</i>	1
■ <i>Bico na construção civil</i>	1
■ <i>Servente, abro valeta. Faço apontamento do bicho (jogo do bicho)</i>	1
■ <i>Colho pinhão e trabalho de servente de pedreiro</i>	1
■ <i>Estudo pela manhã, estou na 9ª série</i>	1
■ <i>No fim de semana descarrego carreta de sementes (nos sábados)</i>	1
■ <i>Quando aperta faço escavação, trabalha de servente</i>	1
■ <i>Trabalho na Codepas (empresa de limpeza urbana)</i>	1
■ <i>Trabalho também na Recycle (empresa de reciclagem). Tem uma parceria com o dono. Ele consegue o material sujo e eles desmontam e tiram as peças para reciclar (ganham por produção)</i>	1

Fundamental completo ou Médio Incompleto

■ <i>Não executo outros trabalhos</i>	4
■ <i>Também faço frete</i>	1
■ <i>Transporto móveis na carroça e limpo calçada</i>	1
■ <i>Faço alguns bric com aquilo que acho na catação, negocio as coisas que acho. Nunca mais comprou roupa e sapato. As pessoas dão coisas para mim</i>	1
■ <i>Faço biscate, corto grama, tenho trabalho</i>	1
■ <i>Faço Biscate por empreitada</i>	1

Médio Completo ou Superior Incompleto

■ <i>Não executo outros trabalhos</i>	3
■ <i>Tenho mecânica de moto</i>	1
■ <i>Faço frete e serviços gerais (pintura e elétrica)</i>	1

APÊNDICE G – RESPOSTAS ABERTAS – MAIORES DESEJOS PARA O FUTURO (POR ESTADO CIVIL)

Maiores desejos para o futuro

Solteiro(a)

■ <i>Ter uma casa própria.....</i>	6
■ <i>Crescer mais e dar emprego para a comunidade. Mais emprego e mais ganho.....</i>	3
■ <i>Terminar de construir a casa.....</i>	3
■ <i>Ter mais apoio, são vistos como lixeiros (há discriminação)</i>	2
■ <i>Trabalhar bastante para dar estudo bom aos filhos para serem alguém na vida</i>	2
■ <i>Trabalhar de carteira assinada (se fica doente continua recebendo)</i>	1
■ <i>Que isso dê certo e que consiga trabalhar com as próprias mãos (grupo associativo). Tem muita coisa para melhorar.....</i>	1
■ <i>Voltar a desenhar, era amador. Gostaria de desenhar, mas não tem como pagar um curso.</i>	1
■ <i>Trabalhar mais e ganhar mais dinheiro.....</i>	1
■ <i>Jogar futebol ou cuidar de animais.....</i>	1
■ <i>Trabalhar para dar um futuro melhor para o filho. Trabalha mais por ele.....</i>	1
■ <i>Ter um galpão nosso, está em comodato.....</i>	1
■ <i>Gostaria de ser modelo (manequim)</i>	1
■ <i>Quer concluir a igreja e uma mercearia. Este é o meu projeto. Vai ser pastor.....</i>	1
■ <i>Sumir de Passo Fundo. Meu filho se envolveu em um conflito no bairro. Foi acusado de violência, a polícia está procurando, foi dar depoimentos e constataram que ele não era o agressor. Fiquei muito chateada com uma colega de trabalho que espalhou para os outros que meu filho ia ser preso pela polícia.....</i>	1
■ <i>Ter um negócio de reciclagem perto de casa (conseguir fazer o almoço para a família)</i>	1
■ <i>Por enquanto não tem nenhum</i>	1
■ <i>Não soube dizer.....</i>	1

Casado(a)

■ <i>Poder aposentar-se</i>	3
■ <i>Ter sempre saúde</i>	3
■ <i>Terminar de construir a casa</i>	3
■ <i>Não tem planos para o futuro (pessoas com idade elevada)</i>	2
■ <i>Pagar o INPS para se aposentar.....</i>	1
■ <i>Comprar uma caminhonete para trabalhar com a reciclagem.....</i>	1
■ <i>Ter casa própria.....</i>	1
■ <i>Que isso aqui melhore mais do que já está e que continue mais tempo (Associação)</i>	1
■ <i>Crescer aqui e ajudar as pessoas sem serviço, também nós (Associação)</i>	1
■ <i>Passar a ganhar mais de 2 mil reais por mês. Quanto mais fazer, mais ganha. Vamos ver se chegamos logo. Essa é nossa meta (Associação)</i>	1
■ <i>Viver a vida com mais recursos financeiros. Batalha bastante</i>	1

- *Ter uma empresa pequena de reciclagem, hoje trabalho estocando e classificando os materiais no terreno de casa. Pretende crescer. O Sanches começou pequeno (Sanches uma das grandes empresas de reciclagem de Passo Fundo) 1*
- *Queria ser dono de um ferro velho. Ficar só comprando dos outros e vendendo..... 1*
- *Estudar 1*
- *Quer ver a filha formada na faculdade..... 1*
- *Antes tinha um desejo, mais isso não irá conseguir mais... queria ser futebolista, jogava futebol e depois queria ser cantor, cantar pelo mundo. Agora quero pregar o Evangelho pelo mundo a fora. Que as pessoas vejam a realidade..... 1*
- *Vou lidando até Deus deixar..... 1*
- *Levantar a associação. Quer dar abrigo para mais pessoas trabalharem 1*
- *Gostaria de fazer um curso de Mecânico. Não valorizam muito os funcionários nas empresas..... 1*
- *Melhorar o lugar onde mora. Vivem em terreno ocupado, na beira do trilho. Não é legalizado. Mas o lugar é bom, perto da escola do filho e do posto de saúde 1*
- *Maior sonho é comprar um ônibus e pegar o transbordo aqui (na Recibela) 1*
- *Ver a Recibela ser falada no Brasil inteiro e melhorar o local..... 1*
- *Que o povo recicle em casa para nos ajudar e a natureza. Não é impossível, tem que tentar .. 1*
- *Construir uma sede que possa trabalhar melhor. Maior produção para ter melhor salário. Ter um espaço para cozinha e banheiro decente. Assim as pessoas podem se sentir melhor. Possuem companheirismo na Associação 1*
- *O Sonho é ver levantada a Cooperativa. Muitas pessoas desistiram de trabalhar aqui. Aqui é o nosso sonho. Passaram momento difíceis. Trabalhavam no aterro, depois começamos a trabalhar aqui, mas ganhávamos muito pouco. Estão vendo melhorias, querem operar o transbordo, fazer uma cozinha e um refeitório..... 1*
- *Que a reciclagem seja mais reconhecida. Que as pessoas não ignorem o catador. A reciclagem é fonte de dinheiro mais e mais importante 1*
- *Ganhar um terreno para parar de pagar aluguel. Daí pegava umas madeiras e fazia uma casinha. Faz 5 anos que estamos nesta casa. Já estou há 50 anos em Passo Fundo, vim com meu pai de Carazinho, só não trabalha quem não quer em Passo Fundo..... 1*

União Estável

- *Voltar para o meio rural (plantar, criar animais etc.) 2*
- *Ter mais anos de vida para ajudar os netos 2*
- *Que reconheçam o nosso trabalho. Somos pouco reconhecidos 2*
- *Ter amigos aqui dentro. Falamos que somos uma família (na cooperativa)..... 1*
- *Ter uma vidinha um pouco melhor para dar um giro. Não faltar alimento e saúde para ter as coisas..... 1*
- *Arrumar um serviço de carteira assinada..... 1*
- *Ter uma casa 1*
- *Arrumar a casa 1*
- *Ter uma casa em um lugar civilizado, longe de boca de fumo com muita maldade. Moro num lugar que é uma cracolândia. Tive que sair da casa da irmã na Sétimo Céu porque me juraram de morte, pois bateu num drogado que entrou no pátio pedindo drogas 1*
- *Queria que tivesse creche em turno integral..... 1*
- *Poderia arrumar um serviço mais estável. Como recicladora não tenho férias, etc. (trabalhar de carteira assinada) 1*
- *Pagar faculdade para os filhos, dar maior conforto para a família..... 1*

- *Fazer um galpão bom e crescer. Ter um caminhão mais novo, este dá muito gasto (ideia de futuro é de crescimento e desenvolvimento das atividades na Associação) 1*
- *Futuro justo para todo mundo. Pagarem um preço razoável pelo material 1*
- *Nunca imaginou trabalhar com este tipo de trabalho. É um serviço digno, mas queria ter mais oportunidades, ter serviço melhor para mim e para os meus filhos 1*

Ajuntado(a) / Amigado(a)

- *Comprar um terreno e ter uma casa (lugar adequado para morar) 4*
- *Dar algo para os filhos, o que precisa para as crianças 4*
- *Criar os filhos e deixar uma casa para eles 3*
- *Não sabe 2*
- *Deviam ajudar mais a comunidade pobre..... 1*
- *Quero me aposentar 1*
- *Que possa estar aqui e crescer. Está num lugar que gosta. As pessoas são legais (na Associação) 1*
- *Arrumar um pouco a casa..... 1*
- *Conseguir serviço com carteira assinada (serviço melhor) 1*
- *Está tentando fazer um negócio, adquirir uma chácara que está abandonada. Quero ir morar lá e trabalhar com agricultura. Abrir uma firma..... 1*
- *Que dê pra comprar tudo pra dentro de casa. Comprar as coisas..... 1*
- *Melhorar mais, trabalhar menos. Melhorar a vida, ganhar mais dinheiro. É o que a gente espera..... 1*
- *Ter mais médicos municipais..... 1*
- *Ter uma vida melhor, mais serviços pro pessoal. Tem uns que nem te olham. Ninguém veio de cima, os caras têm casa e carro porque se esforçaram..... 1*
- *Ter uma casa melhor 1*
- *Ter uma condição melhor de vida. Ter seu próprio negócio. Sonho é ter uma fruteira..... 1*
- *Não tem sonho nenhum. Estou ficando velho 1*
- *Melhorar na rua, menos perigo..... 1*
- *Melhorar o preço do material. É difícil valer mais. Não tem sonho. O sonho é dormir..... 1*
- *Melhor sonho que tem é arrumar um troco bom e fazer uma garagem para ter uma reciclagem. Daí só comprar e vender, não precisar sair com o carrinho. Coloquei outras rodas no carrinho pra não machucar a coluna..... 1*
- *Ter saúde..... 1*
- *Pegarmos este transbordo, é o que nós queremos. Já comprou dois carros e está ajeitando a casa (associado da Recibela) 1*

Separado(a)

- *Ter um salarinho, ser aposentada. Assim pararia de fazer isso. Mas nunca vai conseguir, nunca pagou o INSS. Sonho é ter uma rendinha. No trabalho tem câibras, doe as pernas. Queria parar com isso 1*
- *Trabalhar de carteira assinada. Já ficou doente, embora nunca desista da reciclagem (que seja reconhecida). Aqui não temos direito nenhum..... 1*
- *Comprar casa e terreno. Mora de aluguel..... 1*
- *Ir embora daqui. Aqui é rim quando chove, tem muito barro. Antes era uma casa de madeira pequena. Alugava. Depois comprei e comecei a fazer uma casa melhor (de alvenaria). Coloquei os pisos da casa 1*

- *Que as crianças sejam estudiosas, que façam faculdade.....* 1
- *Terminar a casa e melhorar o galpão de trabalho (área coberta para descarregar o material)* 1

Viúvo(a)

- *Quer se aposentar e fazer um barraco, sou um "cigano"* 1
- *Arrumar a casa que está caindo, ficou sem manutenção, cupins comeram a madeira. Quer ver os filhos bem.....* 1
- *Ter a casa própria e ficar com os filhos. Está vivendo de favor na casa da sogra. Ela sempre diz que a casa está apertada, ganhou a casa da Prefeitura.....* 1
- *Toda a vida é fazer uma casinha de material para deixar para os filhos. Não sabe quando Jesus vai chamar.....* 1
- *Deus, Jesus e Amém.....* 1
- *Nessa altura do campeonato, quero viver com mais dignidade em casa, não sonho com nada material, quero as minhas coisinhas. Não estou pagando o INPS* 1
- *Sempre sair de casa com a cabeça erguida.....* 1
- *Trabalhar para dar estudo para o neto.....* 1
- *Melhorar para catar mais. Tá muito triste para o pobre.....* 1
- *Não quer mais nada.....* 1
- *Não sabe, nunca pensou nisso.....* 1
- *Tem muitos planos. Com a indenização do filho (que foi atropelado por um rapaz que fazia pega), quero montar uma coisa para a família trabalhar (restaurante ou mercado)* 1
- *Ver as netas crescerem. Falei pro meu genro, se maltratar a minha filha e netas eu mato ele.* 1
- *Queria ter um terreno grande (maior) e ter uma prensa. Daí prensava e o caminhão vinha buscar.....* 1
- *Não tem futuro com a idade que tem.....* 1
- *Viver bastante. Pra minha idade não é bom ficar catando (filhos querem que ele pare, mas ele não quer parar, diz que vai continuar até quando puder)* 1

APÊNDICE H – RESPOSTAS ABERTAS – FACILIDADES NA EXECUÇÃO DO TRABALHO (POR ASSOCIADO E NÃO ASSOCIADO A COOPERATIVA)

Catadores não associados às cooperativas:

■ Trabalho por conta, não dou satisfação pra ninguém (sem chefe - liberdade para trabalhar).	9
■ Quando acha coisas boas no lixo	2
■ Caminhar. Não é um lugar fechado.....	2
■ Dá pra viver (ajuda a pagar as contas e comprar comida)	2
■ Dias quentes e bons.....	2
■ Serviço igual a outros, tem que trabalhar. Cada vez aprende mais sobre o lixo (tem o que presta e o que não presta para ser reciclado)	1
■ Uma pessoa indica para outra, espalharam vários cartões feitos por computador. Não cata na rua, ligam e vamos buscar. Nosso diferencial é buscar qualquer quantidade de material e pagar em dinheiro. O Sanches só busca grande quantidade e paga em cheque.....	1
■ Trabalhar e selecionar em casa. Vão pegar o material em casa	1
■ Ter um bom cavalo que o ajuda. O cavalo tem 24 anos. Cuido bem do cavalo.....	1
■ Gosta, está acostumada. No Natal ganha muitas coisas, ganha dinheiro. Não faz sujeira nas lixeiras. As pessoas lhe conhecem. Vem conversar e dar coisas.....	1
■ É o que mantem. Dá pro cara se defender, mas não é muito lucrativo.....	1
■ Alguns dias é mais fácil catar (segunda, quarta e sexta). Vem com o carrinho cheio. Uma carga enche dois bags. Sai duas vezes por dia.....	1
■ Tem liberdade, junta quando quer, não tem compromisso, mas não tem desconto (direitos). Se fica doente e não trabalhar não ganha (fica doente, pega muita chuva)	1
■ O serviço é bom, mas cansativo. Mas a gente sai e esquece dos problemas	1
■ Tudo fácil	1
■ Passa nas lojas, conhece o pessoal, fala com todo mundo. É um prazer ser conhecido e falar com as pessoas.....	1
■ Está gostando. É fácil trabalhar com ferro, melhor do que ficar amassando os litros.....	1
■ Pode cuidar dos filhos e da casa.....	1
■ Nunca passou fome, ganha alimentos. Passa fome quem quer. É só pegar um carrinho na Gringa e começar a trabalhar. A vida ensina a gente.....	1
■ Não tem dificuldade. Ninguém incomoda, venda garantida. Vai levando.....	1
■ Gosta do que faz, gosta de parar e conversar com as pessoas. Não é nada dificultoso. Assim não fica velho.....	1
■ O serviço é bonito. Alguns tem vergonha, mas é um dinheiro que a gente ganha.....	1
■ Gosta de buscar, reciclar é ruim.....	1
■ Serviço bom, ajuda a limpar a cidade.....	1
■ Vende rápido o material.....	1
■ Quando acha bastante num local e não precisa andar grandes distâncias.....	1
■ Não precisa força na subida. É só empurrar.....	1
■ O lucro. Agora tá pouco, papelão tão pagando 18 centavos o kg, já pagaram 30 centavos, até mais.....	1
■ Tu sai e ganha o teu dinheiro. Se tu sair aqui com um carrinho vazio e for vender pro Sanches, tu chega lá e vende só com o material que tu pegou na ida. Já ganha os teus 20 pila. Ganha o teu 100 pila por dia. Ganha mais do que se for trabalhar numa firma.....	1

■ <i>O que cata hoje, vende amanhã.....</i>	1
■ <i>Pessoal olha pra ti e não joga lixo na rua (acabam conscientizando). Mantem a cidade limpa, é bom para nós e ainda ganha um troco. Se for trabalhar numa firma não vai ganhar o que ganha na reciclagem.....</i>	1
■ <i>Sabe o que pode ser reciclável ou não.....</i>	1
■ <i>Faz para se distrair, não consegue ficar parado.....</i>	1
■ <i>Tem que trabalhar assim, servente de pedreiro ganha pouco.....</i>	1
■ <i>Classificar é ligeiro. É bom catar na rua. Tudo separado, o pessoal dá coisa.....</i>	1
■ <i>Pessoas seguram o material para me dar.....</i>	1
■ <i>Gosta de separar. Fica mais faceira quando enche as bolsas.....</i>	1
■ <i>Tem tempo para ajeitar o material em casa.....</i>	1
■ <i>Quando vende junta uns trocos.....</i>	1
■ <i>Antes tinha vergonha de pedir as coisas e mexer no lixo. Hoje não tem mais. Algumas pessoas guardam materiais para mim</i>	1
■ <i>Se é bem visto te apoiam, doam coisas. Se é mal visto te xingam. 80% não valoriza o reciclador. Ficam gritando quando abrimos o saco. Não separam o lixo reciclável.....</i>	1

Catadores associados às cooperativas:

■ <i>Fácil trabalhar, não é um trabalho pesado.....</i>	11
■ <i>Gosta do que faz, se envolve.....</i>	4
■ <i>As pessoas se dão bem na associação (há união)</i>	3
■ <i>O grupo dá risada, se diverte trabalhando.....</i>	3
■ <i>Na Associação não se molha, não pega Sol, não puxa carrinho.....</i>	2
■ <i>Aprendeu como trabalhar numa reciclagem, na separação.....</i>	2
■ <i>Bom é quando não vem muita sujeira.....</i>	2
■ <i>Conseguir material, muitas pessoas doam e estão organizando mais o seu lixo.....</i>	1
■ <i>Trabalha por conta, não é mandado.....</i>	1
■ <i>Sem dificuldades. São méritos nossos, a coisa está boa de trabalhar. Precisam mais apoio</i>	1
■ <i>A gente está ajudando a natureza de nossa cidade.....</i>	1
■ <i>Organização das coisas para trabalhar melhor.....</i>	1
■ <i>Ao fazer coleta passeia, faz coisas em lugares diferentes.....</i>	1
■ <i>Trabalhar no meio do pessoal e ter uma renda.....</i>	1

APÊNDICE I – RESPOSTAS ABERTAS – DIFICULDADES NA EXECUÇÃO DO TRABALHO (POR ASSOCIADO E NÃO ASSOCIADO A COOPERATIVA)

Catadores não associados às cooperativas:

■ Chuva e frio	12
■ Trabalho muito braçal (carregar muito peso e puxar o carrinho)	8
■ Quando chove não dá para trabalhar, baixa a renda (caso contrário, podem ficar doentes).....	6
■ Algumas pessoas xingam, chamam de lixeiras (não querem que a gente chegue perto)	4
■ Os containers têm materiais misturados. Falta conscientização da população em colocar o material de forma correta. Colocam vidros quebrados.....	3
■ Subir lombas com o carrinho.....	3
■ Só quando não tem material. Tem muita gente fazendo a catação. É muita disputa.....	3
■ Algumas vezes não se encontra nada.....	3
■ Trazer da rua e colocar dentro do pátio. Fazer a seleção.....	2
■ Pessoas não nos reconhecem, olham com cara de nojo (preconceito)	2
■ Quando vai começar é difícil, hoje têm postos bons, mas diminuiu o material.....	1
■ No inverno tem menos material (o pessoal não bebe tanto refrigerante e cerveja)	1
■ Ir buscar: passa fome, frio e calor.....	1
■ Tempo ruim, não conseguir levar o filho junto.....	1
■ Não fazer o trabalho. Dizer que não tem condições. Devemos colocar na mente e fazer o serviço.....	1
■ Sem dificuldades. Firms guardam o material para doar	1
■ Os protetores dos animais atrapalham, dizem que maltratamos. Eu cuido do meu cavalo, está tudo documentado. Processei um policial que disse que eu maltratava o meu animal. Foi pegando minha égua, daí falei que não era bem assim que ia pegar a minha égua	1
■ Só com um salário não dá pra viver. É cansativo o trabalho. Tem que superar tudo. Arrumar o material em casa.....	1
■ Movimento de carros. Às vezes tem que subir pra calçada. Alguns reclamam que estou ocupando a calçada. Fico quieto porque sei que estou errado	1
■ É mais fácil juntar que classificar.....	1
■ Conhecer as coisas, se especializou no trabalho.....	1
■ Falta de cooperação dos órgãos públicos. Falta valorizar nosso trabalho. Financiar maquinário. Podia pensar o meu material e vender. Estou ajudando. O lixo de uns é o ganha pão de outros. Acho muita coisa no lixo. Tenho um computador que funciona que achei no lixo (mostrou o celular que achou no lixo)	1
■ Quando começou tinha dificuldade, pois não tinha muito dinheiro para comprar. Pessoal juntava muito papelão. Papelão era o que mais dava.....	1
■ Às vezes não tem onde estacionar.....	1
■ Esse trabalho arreventa a gente com o tempo.....	1
■ Não sabe responder.....	1
■ Arrumar pessoas para trabalhar. O serviço é cansativo e não posso pagar muito. Trabalhamos em cima de centavos.....	1
■ Tem que ir de porta em porta. Batendo e pedindo.....	1
■ Se tiver com saúde não tem problema.....	1


- Não tem dificuldade, tem vontade de trabalhar..... 1
- Não tem dificuldade, se acostumou..... 1
- Catar /reciclar - fazer a separação..... 1
- Andar no meio do trânsito..... 1
- Ter que sair e juntar. Já não consegue mais (se sente velha). Uma vizinha tem a minha idade e sai para catar. Está com desgaste na coluna 1
- Se não estivesse doente trabalharia em alguma empresa com carteira assinada. Tem muitas empresas hoje em dia, fica parado quem não quer trabalhar. 1

Catadores associados às cooperativas:

- Trabalhar no meio do lixo e pegar tudo na mão (lixo misturado - material hospitalar, papel higiênico, arames, pneus, etc.) 9
- Quando chove é ruim (puxar os Bags, entra água no galpão) 3
- Nenhuma dificuldade 3
- Quando não tem caminhão (Prefeitura paga o motorista e combustível, mas já ficaram alguns meses sem) 2
- Muitas vezes estraga a esteira e não conseguimos arrumar, não depende de nós (empresa pública de limpeza é a responsável) 2
- Puxar as coisas (materiais). Ter que arrastar algo pesado 2
- População não sabe separar o lixo, vem misturado 2
- Tem que cuidar para não fincar agulha nos dedos. Quando trabalhava na Nova Era furou o dedo. Teve que tomar remédio (foi levada ao Hospital Municipal e na Secretaria da Saúde) . 1
- Precisamos de uma ajuda para levantar a Associação 1
- Quando está muito cheio o galpão 1
- Dia que vão pesar é bem puxado 1
- Dias de chuva e frio na coleta de doações 1
- É bastante frio 1
- Dificuldade no começo 1
- Não ter condições de serviço (equipamentos quando estragam - esteira, patrola, draga) 1
- Espaço para reciclar 1
- Falta mais espaço, queríamos ter mais uma esteira e colocar 50 pessoas trabalhando. Esse é o nosso objetivo 1
- Falta apoio das autoridades de P.F. Divulgar nosso trabalho. Em Santa Cecília, cidade bem menor, tem mais apoio dos órgãos. Aqui 90% do material vai para os aterros..... 1
- O chão da esteira está podre (enferrujado) 1
- Nenhuma dificuldade. Na associação todos trabalham juntos, fica bem mais fácil 1
- Ter que trabalhar ligeiro 1
- Dificuldade em requisitar materiais (depende da sorte) 1
- Quando tem pouco material. Às vezes perdemos alguma coleta 1
- Nada é difícil. Se tem coisa suja, que não ocupamos, já jogamos num saco e colocamos no lixo 1
- Ficar sempre em pé, baixar, levantar 1
- Quando tem que catar nos Bags abaixada..... 1
- Cansa, mas não é como nos outros serviços. Na Perdigão é puxado, tinha que ser rápido 1
- Empilhar materiais é pesado 1

- *O preço aumenta e diminui, mas não vê nenhuma dificuldade 1*
- *Hoje, no momento, a maior dificuldade é a falta de reconhecimento. Para as pessoas somos lixeiros, mas somos um grupo que não deixa poluir o ambiente..... 1*
- *Sextas-feiras tem mais serviço..... 1*
- *Falta condições, falta de apoio. Ter suporte. Queríamos pegar o transbordo do aterro..... 1*


ANEXO A – ATA DE AUDIÊNCIA PÚBLICA




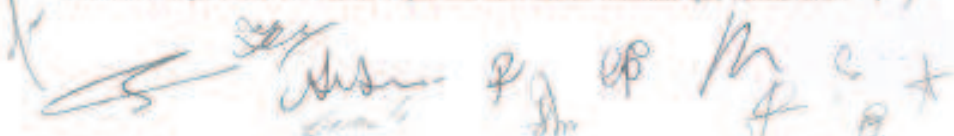
Ministério Público do Rio Grande do Sul
PROMOTORIA DE JUSTIÇA ESPECIALIZADA DE PASSO FUNDO

Ata da Audiência Pública

Aos vinte e cinco dias do mês de março do ano de dois mil e quinze, com início às 14 horas, realizou-se, no Auditório da Promotoria de Justiça de Passo Fundo, sob a Presidência do Exmo. Sr. Dr. Paulo da Silva Cirne, Promotor de Justiça da 1ª Promotoria de Justiça Especializada, e pela Exma. Dra. Fabiana Alves Morsch, Defensora Pública da 5ª DPE, Audiência Pública para debater a prática de poluição sonora e deposição irregular de resíduos na Rua Independência, em especial entre as Ruas Bento Gonçalves e Benjamin Constant, nesta Cidade, a fim de instruir os autos do procedimento IC.00620.00031/2015. As pessoas presentes e as entidades que representam constam na listagem anexa. Inicialmente, o Dr. Paulo agradeceu a presença de todos e esclareceu o objetivo da reunião, assim como a necessidade de que sejam adotadas medidas eficazes para gradativamente resolver os problemas identificados no local, que afligem os moradores das proximidades há muito tempo, sendo que as providências já adotadas não foram suficientes para reverter os problemas daquela região da cidade. Em seguida, a Dra. Fabiana agradeceu a presença de todos, reafirmou a gravidade da situação do trecho, destacando o direito individual e coletivo, frisando a necessidade de equilíbrio no local. Após, o Tenente-Coronel Fernando Carlos Bicca, representante do 3º RPMon, iniciou a fala tratando da proposta de diminuir os índices de criminalidade, destacando a importância do assunto e da participação da Polícia, bem como da frequência dos casos de poluição sonora, sugere a instituição de lei que proíba o consumo de bebida alcoólica em via pública. Depois, o Presidente da Câmara Municipal de Passo Fundo, Márcio Patussi, informou que a Câmara de Vereadores já atuou em outros inquéritos com outras medidas que funcionaram









Ministério Público do Rio Grande do Sul
PROMOTORIA DE JUSTIÇA ESPECIALIZADA DE PASSO FUNDO

momentaneamente. Além disso, declarou estar à disposição para matéria de legalidade e para apresentar medidas. Destacou a importância de implementar uma fiscalização efetiva, deixando o exemplo da administração do Município de Canoas, onde há uma fiscalização integrada de forma permanente. Na sequência, o Dr. Paulo Cirne abriu o espaço aos demais para manifestação. Inicialmente, o vereador Eduardo Pellicioni repisou o comprometimento da Câmara Municipal para buscar a solução do fato, frisou a fiscalização da poluição no local. Em relação à poluição sonora, destacou a possibilidade de dar alternativas aos jovens para lazer, trazendo a sugestão de restrição de horários. Posteriormente, Jandira Cadore, proprietária de imóvel na Rua Independência, destacou a inércia das autoridades para solução do problema em comento, solicitou ajuda do Poder Público, direcionando o lazer dos jovens para outro lugar, refere que tem prejuízo financeiro por não conseguir vender ou alugar o imóvel. Após, Sandra Arend, moradora da Rua Independência, bem como proprietária do restaurante Taikô, relata que testemunhou vandalismo na área, destacou o barulho exacerbado oriundo dos carros e que já entrou em contato com os proprietários dos veículos que causavam poluição sonora. Ulteriormente, Eli Filipe dos Santos, Presidente da Associação Mais Morom, informou que sentiu necessidade da presença do Conselho Tutelar em relação ao consumo de bebidas alcoólicas por parte dos menores, acredita que a solução do fato é realizar Termo Circunstanciado a partir da autuação dos causadores do dano, indicou que está sendo realizada coleta de assinaturas para Projeto de Lei de Iniciativa Popular para proibir o consumo de bebida alcoólica na rua. Em seguida, o vereador Alex Necker destacou o aspecto educativo antes do restritivo, frisou a necessidade de trabalhar de maneira efetiva com os órgãos de fiscalização, bem como a alternativa de restrição de horários dos estabelecimentos comerciais. Logo, Arthur Alexandre Salton, morador da Rua Independência, relatou que não acredita na alternativa educacional para solução do fato. Após, Ademar Marques, representante da Agenda 21, frisou a necessidade de atuação integrada dos

Handwritten initials and marks on the left margin.

Handwritten mark on the right margin.

Handwritten mark on the right margin.

Handwritten mark on the right margin.

Handwritten mark on the right margin.

Handwritten signatures and marks at the bottom of the page.



Ministério Público do Rio Grande do Sul
PROMOTORIA DE JUSTIÇA ESPECIALIZADA DE PASSO FUNDO

órgãos públicos. Depois, Rubens Astolfi, Secretário Municipal do Meio Ambiente, destacou as ações tomadas pela SMAM em relação à poluição sonora, bem como atinente aos depósitos irregulares de resíduos sólidos. Em seguida, Zulmira Mattiello, moradora da Rua Independência, relatou que foram realizadas reuniões anteriormente para tratar do objeto em tela, as quais não surtiram efeito para solucionar o problema, cobrou a atuação da Prefeitura Municipal. Em seguida, Cristian Thans, Secretário Municipal de Transportes e Serviços Gerais, destacou que o problema não é exclusividade da Rua Independência, existindo em demais pontos da cidade, relatou os trabalhos realizados pela STSG relativamente à limpeza do local, frisou a importância de realizar obras de iluminação pública no trecho. Posteriormente, Sandra Benvegnú, relatou a dificuldade em conseguir dormir em virtude do barulho, bem como a sujeira causada pelos transeuntes. Em seguida, Maria Solange, moradora da Rua Independência, solicitou mais civilidade e fiscalização na área, questionou a atuação do Poder Público. Após, Rafael Colussi, empresário, morador da Rua Independência e funcionário da SMAM, frisou os problemas da área, indicou que os estabelecimentos comerciais investigados não ultrapassam a medição sonora. Após, Roberto, morador da Rua Independência há mais de 10 (dez) anos, frisou a sujeira deixada pelos frequentadores do local, relatou que já ocorreram ameaças a moradores que pediram mais silêncio aos causadores da poluição sonora. Em seguida, o Sargento Simor destacou os trabalhos realizados pela Polícia Ambiental, frisando que o problema de poluição sonora é recorrente e tem caráter de saúde pública. Posteriormente, o Dr. Paulo Cima referiu os encaminhamentos propostos pelo Ministério Público e Defensoria Pública: 1) Relatou que no tocante à fiscalização deverá ser elaborado um plano para fiscalização no prazo de 30 (trinta) dias, com a apresentação dos primeiros resultados do projeto em 90 (noventa) dias juntamente com a atuação da SMF, SMAM, Conselho Tutelar, SSP e Polícia Ambiental e Brigada Militar, devendo ser previsto datas de rotina para fiscalização e datas especiais, como vésperas de



Ministério Público do Rio Grande do Sul
 PROMOTORIA DE JUSTIÇA ESPECIALIZADA DE PASSO FUNDO

feriado, assim como data para destruição de aparelhos de som apreendidos;. 2) Foi solicitado que a SMF realize um estudo em relação aos horários de funcionamento dos estabelecimentos, bem como os critérios para concessão ou renovação de alvará para estabelecimentos que utilizem aparelhagem sonora ou música ao vivo alvarás no prazo de 60(sessenta) dias. 3) No que se refere à STSG, foram solicitadas informações detalhadas sobre o prazo estimado para implementação de projeto de melhorias na iluminação da Rua Independência e para limpeza da rua no horário da manhã, para retirada do lixo acumulado; 4) Sobre o consumo de bebida alcoólica na rua, será oficiado à Câmara dos Vereadores, Informando o apoio dos presentes ao projeto de lei de iniciativa popular que será apresentado em breve, com exceção do vereador Alex Necker, que não manifestou posição a respeito do mérito; 5) Será oficiado ao Conselho Tutelar, com cópia da ata, para que efetue fiscalização no local e acompanhe a força tarefa referida no item 1 diante da informação de presença de adolescentes ingerindo bebida alcoólica e em situação de risco na Rua Independência; 6) Oficiar para a Câmara Municipal de Vereadores, a fim de que efetue revisão na legislação que permite à bares situados na rua Independência a utilizar parte do passeio público para controle e saída de clientes do estabelecimento, diante da posição unânime dos presentes de que essa situação é contrária ao interesse público; 7) Extrair cópia da presente documentação e juntar no expediente que tramita na 4ª PJE, que trata sobre as carências de efetivo da Brigada Militar de Passo Fundo, para providências naqueles autos. Aguardar por dez dias o fornecimento de ofício pela PGM no qual o Prefeito Municipal se dispôs a colaborar com o custeio de horas extras para policiais militares. Nada mais.

[Handwritten signatures and initials]



Ministério Público do Rio Grande do Sul
PROMOTORIA DE JUSTIÇA ESPECIALIZADA DE PASSO FUNDO

Após essas manifestações, a presente audiência pública foi encerrada. Nada mais havendo, encerro esta ata, que será assinada pelo Promotor de Justiça da 1ª Promotoria de Justiça Especializada, Dr. Paulo da Silva Cirne, pela Defensora Pública, Dra. Fabiana Alves Morsch,

Fabiana Morsch,
Defensora Pública.

Paulo da Silva Cirne,
Promotor de Justiça.

Adolfo de Freitas,
Procurador do Município.

Gilberto Bedin,



Ministério Público do Rio Grande do Sul
PROMOTORIA DE JUSTIÇA ESPECIALIZADA DE PASSO FUNDO


Secretário Municipal de Finanças.

Cristian Thans,
Secretário Municipal de Transportes e Serviços Gerais.



Rubens Marcom Astolfi,
Secretário Municipal do Meio Ambiente.

Ana Paula Wickert,
Secretária Municipal de Planejamento.



João Darci Gonçalves da Rosa,
Secretário Municipal de Segurança Pública.



Giana Mariano Duarte,
Chefe do Núcleo de Vigilância Sanitária da Secretaria Municipal da Saúde.





Ministério Público do Rio Grande do Sul
PROMOTORIA DE JUSTIÇA ESPECIALIZADA DE PASSO FUNDO



Andressa Dias,

3º Batalhão Ambiental da Brigada Militar.

Paulo Fernando O. Cornélio,
Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas.




Ademir Marques,

Coordenador Executivo da Agenda 21.



Márcio Assis Patussi,
Presidente em Exercício da Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo.

Eduardo Pellicoli,
Presidente da CEBES – Comissão de Educação e Bem Estar Social da Câmara.



Fernando Carlos Bicca,
Comandante do 3º RPMon.

